

UN BEST SELLER MADE IN SPAIN QUE HA ROTO MOLDES



LENA VALENTI

"Lena Valenti y su exitosa Saga Vanir han revolucionado el panorama romántico en lengua castellana".

ME GUSTA LEER

EL LIBRO DE NOAH

SAGA VANIR, VIII

■ Ni el amor ni el sol se pueden tapar
con un solo dedo ■



O LIVRO DE NOAH

SAGA VANIR VIII

LENA VALENTI

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES



Equipe de Revisão:
Tininha, Luci e Nanna Thöryn

Comentário da revisora Tininha: Mais um livro eletrizante da Saga Vanir. Lena mais uma vez surpreende. Vocês terão mais segredos revelados, e mais pulgas atrás de suas orelhas. Esse casal prometia desde a primeira vez que botei os olhos neles. Nanna é uma valquíria porreta e aparentemente, a menos preparada para cair dentro de uma guerra, não é verdade? E assim pensa Noah, pois aquel anjo de candura surpreende a todos, inclusive a seu guerreiro.

Caramba, impossível parar de ler. Noah ressurgue com algo que vinha se vislumbrando nos livros anteriores e finalmente vai atrás de As para que revele seu segredo. Nem tudo é o que parece...

Essa valquíria é o Ó do borogodó e pega esse touro pelo chifre. Os diálogos são muito engraçados. Nanna troca nomes, erra coisas mundanas e nos diverte de montão fazendo isso. E ela frita as joias da família do nosso Noah. Quem mandou se meter com uma fazedora de raios? Hehehe... vocês vão amar este livro!!! Até o próximo Vanir!

RESUMO

O chamam de Noah Thöryn. É o braço direito de As Landin, o melhor amigo do noaiti, e um homem muito importante no clã berserker de Wolverhampton. Disseram-lhe que era filho de um casal de guerreiros e que recém-nascido foi parar nas mãos de As. Agora descobriu que tudo é mentira, e que a única coisa autêntica e real em sua vida é a paixão demolidora que sente por Nanna, a Valquíria intocável de Freyja. Entretanto, aquilo que mais deseja lhe é negado por nornas divinas, e Noah está ficando louco pelo desespero. A isso se acrescentando os estranhos pesadelos que tem desde que foi ferido pela adaga Guddine, sua vida é tudo, menos aprazível. Não obstante, as runas falam com objetividade, e não importa se eles são ou não são compatíveis. Depois de sobreviver milagrosamente na batalha de Machre Moor, Noah deverá realizar uma viagem para descobrir quem é e o que veio fazer em Mirdgard, e é uma questão inegociável que sua companheira em sua aventura seja Nanna. Como poderá suportar estar perto dela e não tocá-la?

Nanna sempre foi a menina dos olhos de Freyja. Era a escolhida pelos deuses para recolher os mortos em batalha no Midgard e tem uma grande peculiaridade: nenhum homem vivo pode tocá-la. Não obstante, o berserker de olhos amarelos quebrou sua palavra e violou sua norma, provocando que a ira de Freyja caísse sobre ela. Nanna não quer saber nada dele, mas a Deusa Vanir tem outros planos para ela, que deverá obedecer se quiser que a perdoe de novo. Começará uma viagem única e reveladora cheia de aventuras, guerra e magia, ao lado do único homem que desejou em sua vida, o que dizem que é importante para o destino do Ragnarök. E Nanna não tem nem ideia de como suportar a atração que sente por ele, sobretudo quando vem acompanhada da decepção consequente de que ele a traiu.

O Ragnarök começou.

Os clãs se reagrupam para lutar juntos.

E em meio da iminente batalha, um berserker e uma Valquíria deverão viajar juntos para descobrir os segretos que as normas e os deuses reservaram para eles, sem saber que o melhor e mais importante de todos será descobrir um ao outro na guerra e na sedução.

Quando o amor e a coragem brilham tanto quanto o sol, não se podem cobrir com um só dedo.

“Desperdiçamos a vida recordando o passado e nos preocupando com o futuro; quando as pessoas não sabem em realidade que o tesouro mais incrível que há é o de ser conscientes neste momento presente. Viver no agora e arrumar a Terra agora. Uma pessoa empática melhorará a vida de outros; mas uma pessoa consciente pode trocar o mundo, tal e como sei que você o mudará. Abraça seu destino e se atreva a desafiá-lo. Nenhum tear é forte o suficiente para não romper-se ante o coração e a coragem de um homem valente”.

Palavras de As Landin a Noah Thöryn

INTRODUÇÃO

Diz a profecia da vidente:

“Haverá uma batalha final entre as forças celestes e as do Submundo. Será uma luta encarniçada que dará origem ao final dos tempos conhecidos. Esta será a última guerra em que os deuses chegarão a seu ocaso e onde demônios e humanos perecerão no dia chamado “O final dos tempos”, o Ragnarök”.

Na visão da völva, Odin, conhecido como “o Pai de todos”, morre pelas mãos do lobo Fenrir, liderado por Loki. Desatava-se o caos e a humanidade desaparecia. Dos deuses escandinavos, só Njörd retornava ao Vanenheim de novo. O resto morria na guerra contra as forças do Mal.

Depois de tão escuro presságio, a völva falava do ressurgir de um novo amanhecer. Um futuro mais brilhante em um novo mundo.

O Ragnarök se origina quando Loki, filho dos gigantes Farbauti e Laufey, que uma vez tinha sido proclamado irmão de sangue por Odin, mais tarde declarado inimigo acérrimo do mesmo e renomado “O Traidor” por todos os deuses, nega-se a se ajoelhar perante a raça inferior humana. Odin quer que os humanos evoluam e cheguem a se converter em mestres de seus próprios mestres, mas Loki se nega a dar uma oportunidade à humanidade, pois, segundo ele, não merecem tal misericórdia.

Quando o deus Aesir escutou da boca da vidente o poema profético sobre seu destino, decidiu tomar uma atitude no assunto para que aquilo não acontecesse. Não podia permitir que a profecia se cumprisse, ele não podia desaparecer, a humanidade não podia ser aniquilada, assim sequestrou Loki, “a Origem de todo mal”, do Jotunheim e o encarcerou em Asgard em um cárcere invisível de rochas de cristal. Odin já sabia que ninguém podia confiar em Loki, pois era um vigarista, um deus transformista que adotava mil faces diferentes quando melhor lhe convinha. Ele mesmo tinha sofrido da pior maneira possível as artimanhas de tamanho enganador e seu querido filho Balder tinha perdido a vida devido a suas maquinações.

Entretanto, Loki através de um de seus famosos enganos, escapou do cárcere e desceu ao Midgard, a Terra, para rir da humanidade e parar o projeto de Odin.

Foi então quando as duas famílias do panteão escandinavo que tinham vivido inimigas em outros tempos, os Aesir, liderados por Odin e os Vanir, liderados por Freyja, uniram suas forças de novo e criaram os berserkers e os vanirios para proteger a humanidade das maldades de Loki, o filho dos Jotuns.

Odin foi o primeiro que escolheu a seus guerreiros einherjars, vikings imortais, e os tocou com sua lança lhes outorgando o Od, a fúria animal, convertendo-os assim em guerreiros berserkers com semelhanças genéticas e instintivas a dos lobos, seu animal favorito. Ele os fez descer à Terra com o objetivo de manter Loki na linha, e durante um tempo foi possível; mas as mulheres humanas eram muito atraentes para eles, assim mantiveram relações sexuais e hibridaram a raça pura berserker.

O deus gigante Loki conseguiu levar para o seu terreno alguns dos híbridos, já que por ser de natureza semi-humana eram muito mais fracos e suscetíveis às promessas e aos desejos que ele

lhes oferecia em troca de unir-se às suas fileiras. Transformou a todos os que foram com ele em lobachos, seres abomináveis e sedentos de sangue que podiam parecer humanos, mas que ao se transformarem, convertiam-se em autênticos monstros assassinos, os chamados homens lobo. Loki conseguia dessa maneira zombar de Odin e de sua criação.

O Midgard então se descontrolou. Cada vez eram menos os berserkers hibridados capazes de ignorar e negar Loki. A Terra entrava em uma época convulsiva de escuridão e guerra onde não havia capacidade para a luz nem a esperança.

Foi naquele momento quando os Vanir, ao ver o escasso êxito que Odin teve para manter Loki na linha, apoiaram o deus Aesir e criaram uma raça própria de guerreiros, que além de tudo pudesse representá-los na Terra. Entretanto, os Vanir não tinham conhecimento sobre manipulação de armas nem tampouco sobre guerra. Eles eram os deuses da beleza, do amor, da arte, da fecundidade, da sensualidade e da magia: não sabiam nada de destruição. Assim fizeram uma seleção com os guerreiros humanos mais poderosos da terra e os mudaram, outorgando a eles dons sobrenaturais.

Os deuses Vanir Njörd, Frey e Freyja escolheram a membros de alguns clãs humanos que então povoavam a terra, e a cada um outorgou dons fascinantes. Mas também, temerosos de que alguma vez pudessem ultrapassá-los em poderes, deram-lhes uma ou outra fraqueza.

Assim nasceram os vanirios, seres que uma vez foram humanos e a quem os deuses acrescentaram uma força sobrenatural convertendo-os em homens e mulheres imortais. Eram telepatas, telecinéticos, podiam falar com os animais, podiam voar e tinham presas como seus criadores Vanir; mas não podiam caminhar sob o sol e, além disso, suportariam a tortura da cruz da fome eterna até que encontrassem seus companheiros de vida, homens e mulheres especiais capazes de lhes entregar tudo aquilo que seus corações desejassem. Mas Loki, conhecedor da insaciável sede vaniria, também os tentou oferecendo uma vida em que a fome poderia resolver-se sem remorsos de consciência. Em troca, eles só teriam que entregar a ele sua alma e unir-se a seu exército de jotuns. Os mais fracos, aqueles que se renderam a sua oferta, aceitaram o trato e se converteram em vampiros, seres egoístas que absorvem a vida e o sangue humano. Assassinos.

Agora, ante o reforço e a ofensiva de Loki e seu séquito, os vanirios e os berserkers que não se venderam a ele se verão obrigados a colocar de lado todas suas diferenças e a permanecer unidos para lutar contra todos aqueles que confabularam para conseguir que o Ragnarök chegue à Terra e se possa destruir assim à humanidade.

Não obstante, na luta desesperada contra o Mal, nem sequer a ajuda destas duas raças de seres imortais é suficiente para a causa. Os vanirios e os berserkers são fortes, mas precisam de aliados agora que se aproxima o escurecer da Terra.

Muitos humanos de almas escuras que estão sob a ordem de Loki uniram suas forças, sabedores de que o Ragnarök se aproxima; segundo eles, a Terra se rege por ciclos, e o ciclo final deve chegar quanto antes para que seu deus, Loki, faça chegar um novo dia. Durante séculos, criaram seitas e organizações que estudam, sequestram e maltratam a seres como os vanirios e os berserkers, e não satisfeitos com isso, tentam provocar essa abertura dimensional, essa porta através da qual Loki poderia entrar em nosso mundo e mergulhá-lo para sempre na escuridão. Organizações como Newscientists, a Seita Lokasenna, bruxos e feiticeiros, lobachos, vampiros e

escória humana decidiram provocar esse parto planetário antes do tempo através da manipulação de mentes privilegiadas de geólogos e físicos quânticos. E é algo que Odin e Freyja decidiram evitar a toda custo.

Até agora os deuses não puderam interceder diretamente no plano evolutivo da humanidade e esperavam um sinal, um acontecimento, a chegada de um novo guerreiro que desencadeasse a jogada mestra e começasse a mover as fichas.

Esse momento chegou.

A deusa Vanir e o deus Aesir enviarão à Terra a todos os exércitos do Asgard e do Vanenheím, em uma tentativa desesperada de igualar as forças e ajudar a vanirios e berserkers.

Freyja dará carta branca às suas valquírias para que por fim desçam à Terra e implantem sua lei. Estas mulheres guerreiras são desumanas, caprichosas e letais, e permaneceram em Víngolf junto à Freyja do momento em que foram concebidas e dotadas de seus dons. A deusa vai dar a oportunidade de liberar sua frustração e abraçar de uma vez por todas sua ansiada liberdade, embora para isso tenham que arriscar-se e deixar para trás a proteção que os muros de Valhalla lhes dava.

Odin, por sua vez enviará a seus einherjars, aqueles guerreiros imortais que não transformou em berserkers. Estes guerreiros uma vez foram humanos e entregaram sua vida honradamente em defesa dos seus e dos deuses. Agora são homens poderosos, com grandes dons, e estão dispostos a tudo a fim de lutar em nome de Odin.

O destino da humanidade está nas mãos destes seres, e nem sequer a tapeçaria das nornas no qual se lê o destino é claro em quanto ao final que da raça humana se refere. Entretanto, os deuses sabem que se o ser humano perder esta batalha desaparecerão com eles, e não vão permitir isso. Há muito em jogo.

Mas nem sequer estes guerreiros que vão lutar pela humanidade estão a salvo da energia da Terra. Uma energia que se move através do amor, do ódio, da raiva, da compaixão e do sexo. O ser humano é visceral, como a realidade em que vive. Valquírias e einherjars descerão dos céus para nos defender, mas como eles se defenderão de um planeta tão carregado de emoções? Protegerão seus corações?

A tapeçaria do destino não está acabada, e cada movimento que se faça na Terra a transforma e lhe dá novas cores e novas formas. Cada ação terá uma reação. Não há maiores estrategistas que os deuses, mas inclusive eles não estão seguros de ganhar a partida contra Loki, porque: o que importam os planos quando está em uma realidade tão imprevisível e volúvel como a nossa?

Uns nos defendem, outros nos atacam.

Uns esperam nossa aniquilação, e os outros se sentem obrigados a nos defender e lutam por nossa salvação, sem ser conscientes de que enquanto nos salvam, algum de nós também podem salvá-los.

Os humanos são a raça fraca, estamos bem no meio, vivendo nossas próprias vidas, ignorantes daquilo que nos rodeia. Mas inclusive a raça inferior pode dar lições às raças superiores, como por exemplo que na guerra e na vingança o mais fraco é sempre o mais feroz.

A batalha final entre o Bem e o Mal está se formando faz tempos, mas desta vez as paixões, os desejos, a amizade, o coração, o amor e a coragem serão fatores decisivos em seu desenlace.

O Ragnarök se aproxima.

E você, de qual lado está?

Comece o Princípio do fim.

Escolha seu lado.

Não existe a luz sem a escuridão.

Não se concebe o bem sem o mal.

Não há perdão sem ofensa.

Não há redenção sem rendição.

Em um mundo de opostos no qual vivemos, uns seres imortais vêm para nos proteger não só de Loki, mas também de nós mesmos.

A linha entre o que é bom e o que não é, é muito subjetiva, muito fina para nós, mas invisível para seres que há milênios estão lutando por uma raça humana que demonstra muito poucos escrúpulos em todas suas ações e decisões. Merecemos ser salvos?

Tudo é possível.

Tudo é permitido.

E tudo é mais real do que acreditam.

Esta é a Saga Vanir.

Bem-vindos ao mundo de Lena Valenti.

PRÓLOGO

Asgard

Árvore Yggdrasil

A Terra.

Um reino médio destinado a albergar o berço de uma civilização com o potencial suficiente para convertê-la em precursora de uma nova era de evolução espiritual.

Isso era o Midgard para eles, para os deuses. Para poder continuar crescendo colocaram todas suas esperanças nos seres humanos.

Neles, que deviam aprender com o tempo a ser um pouco melhores, a decidir se era melhor a tecnologia ou a consciência, se era preferível o materialismo ou o enriquecimento pessoal; neles, a quem deram milhares de anos para que escolhessem deixar de criar armas e máquinas destinadas a destruir, e vírus e parasitas para adoecer, para que centrassem sua inteligência em coisas mais construtivas e benéficas para a mente e o espírito.

Os deuses vanir e aesir tinham decidido acreditar neles, os chamados homens e mulheres dessa dimensão.

Para que? Para nada.

Os deuses não pretendiam converter os humanos em Budas, mas tampouco imaginaram que a baixaza e a indiferença próprias de Loki (ou como os humanos o conheciam, “Satanás”) ia afetá-los tanto.

No final, seu mundo, sua Terra, tinha o que merecia.

O ser humano tinha o que ganhou a pulso.

Sim, era certo que essa raça inferior se defendia naquilo de: “No final pagam justos por pecadores”. Mas os deuses pensavam que se os justos, os que diziam que não tinham feito nada, tivessem decidido fazer algo, se tivessem tido uma décima parte de inconformismo e rebeldia em seus veias, não teriam se deixado ser golpeados dessa maneira. No final, não fazer nada equivalia a ser cúmplice com o mal.

Agora, nem sequer o chamado Armagedon, que sacudia sua superfície e seus princípios, foi provocado pelos deuses.

O início da guerra que se aproximava foi criada pelos humanos com sua ignorância e com suas vontades de mais e mais: mais dinheiro, mais poder, mais anos de vida, mais juventude. Esses poucos que submetiam aos milhões e milhões de pessoas que compartilhavam aquele planeta, esses poucos com inteligência, curiosidade insana e dinheiro eram os autênticos deuses. Os que jogavam e manipulavam conforme seu desejo e enganavam ao mais fraco ou menos poderoso.

E esses menos poderosos que ganhavam em número com diferença, eram incapazes de unir-se para apresentar batalha.

O lema devia ser outro: “Pagam justos covardes por pecadores atrevidos”.

E pagavam precisamente por serem incapazes de se unir e sentir empatia uns pelos outros.

A minoria mais forte tinha conseguido brincar com os princípios universais e tinha conseguido manipulá-los.

Os vórtices da Terra despertavam antes da chamada da lua azul, como assinalavam os hopis. O magnetismo da Terra se modificava, os polos se moviam, as placas tremiam... O ser humano, o mais esperto e poderoso, conseguira abrir portas dimensionais e conhecia as raças superiores que originaram tudo.

Os humanos que puderam ver essas raças decidiram se unir a eles com a promessa da imortalidade e a juventude eterna no horizonte.

E quem eram aqueles que desde outra dimensão observavam a ruína do Midgard? Quem eram aqueles que tinham esperado, equivocadamente, tanto do ser humano? Em algumas culturas os chamavam os semeadores de vida; em outras os homens alados. Mas Odin e Freyja, os autênticos deuses vanir e aesir, sabiam a verdade: eram eles mesmos.

Só deuses.

Os deuses eram deuses; não eram pássaros nem astronautas.

Eram deuses.

E não havia um somente. Havia muitos.

A Resplandecente observava com atenção a primeira guerra aberta que se produziu no Midgard enquanto jogava uma partida de xadrez com Odin.

Uma partida muito especial.

A Escócia tinha sido o ponto de partida da guerra. Nesses momentos, uma parte importante daquele fascinante e belo país evocador de grandes lendas se converteu em um caos infernal. Edimburgo mergulhava no desconcerto e na destruição; ardia e chorava. Havia milhares de mortos entre as vítimas de etones, purs e as próprias da natureza, que tinha despertado, abrindo gretas na superfície da Terra.

Gretas pelas quais muitos caíam, alguns mais válidos que outros.

Odin estava sentado diante del, estudando seu próximo movimento, concentrado e sério. Com um olho posto nos desastres da Terra e outro nos rápidos dedos de Freyja, como se temesse que lhe fizesse armadilhas.

“Tonto”, pensou Freyja. Se fizesse armadilhas, jamais se daria conta disso. De fato, enganava-o fazia eras e ele ainda não tinha descoberto.

Tinham visitado as nornas fazia um momento. Urd, Verdandi e Skuld, as três susurrantes que fiavam o tear do destino, haviam-nos recebido amavelmente, mas em nenhum momento desviaram seus negros olhos proféticos de seu tecer.

— A que se deve sua visita, Alfather? — tinha perguntado Urd, a norna do passado. — Ainda lembro a última vez que veio.

As três mulheres se pareciam muito fisicamente, exceto Skuld, que às vezes fazia funções de Valquíria. As três exibiam umas cabeleiras longas e vermelhas, tinham uma pele pálida e os olhos da cor do carvão. Seus rostos (suas têmporas e suas maçãs do rosto, para ser exato) mostravam xenografias por pequenas e estratégicas linhas cinzas que formavam estranhos símbolos. Os símbolos da adivinhação; as runas em movimento.

— Não quero falar com você, bicho-tesoura. — replicou Odin olhando Freyja de soslaio, como se não desejasse que esta escutasse mais nada.

— A quem visita desta vez? — perguntou Verdandi, que fiava o presente e o interpretava a seu desejo. — Há coisas, Alfather, que neste momento não se podem modificar. — cantarolou de frente ao tear. — Não pode voltar a tocar meu tear. Não permitirei.

Odin lhe dirigiu um olhar de advertência.

— Você fará o que eu te ordenar. Porém, norna, fique calma: não é a você a quem visito.

— Alegra-me saber disso. A völvu anunciou uma profecia e os fios se movem sozinhos para cumprir seu destino. — A inquietante norna piscou o olhar ao imponente deus. — Ninguém pode interceder. É um destino irremovível.

— Reze então para que intercedamos ou você desaparecerá junto com seus fios, Verdandi. — respondeu incisivo. — Você e tudo o que nos rodeia. Acaso gostaria de morrer?

Skuld deteve suas mãos, as quais cruzavam fios e fechavam desenhos e símbolos com experientes pontos de seus dedos. Retirou o cabelo vermelho do rosto e levantou o olhar para cravá-lo no aesir.

Odin e Freyja a olharam ao mesmo tempo, expectantes, esperando que a jovem falasse e lhes oferecesse seu dom.

— Não se pode violar Yggdrasil desse modo. Somos suas guardiãs. Suas raízes vivem e devem ser respeitadas. — explicou Skuld, assinalando com um dedo as raízes que se revolviam sob a terra fértil de seu reino, dançando como dançavam as runas vivas de seu rosto. — Sua sabedoria deve manter-se impoluta. Está aqui em busca de algo que não posso te dar. Eu não sou a völvu.

O deus entendeu aquelas palavras como uma clara negação. Estavam ali por uma razão: Skuld via o futuro. Talvez ela pudesse lhes dizer algo que indicasse a eles quando deviam agir definitivamente.

— O que vê em seu tear? — perguntou.

— Vejo, vejo... — cantarolou a norna com voz cerimoniosa.

— O que vê? — perguntou Freyja.

— Vejo coisas que não controlo nem posso mudar. — confessou, com os olhos cheios de tristeza. — Minhas mãos vagam sozinhas pelo tear e escrevem acontecimentos futuros que não posso modificar.

— Depois de tudo o que aconteceu, depois de todas as fichas que movemos, o futuro não mudou nada? — perguntou Freyja, incrédula.

Skuld entrelaçou os dedos de suas mãos e negou com a cabeça de um lado a outro. Suas irmãs nornas não deixaram de trabalhar em nenhum momento.

— Há leves mudanças. Seus movimentos foram acertados até agora, mas só atrasaram algo inevitável. O futuro continua sendo o que é. Pode ir para um lado ou para o outro, depende da força do rio. Entretanto, há um ocaso para todos e o nosso se aproxima... — Desviou o olhar e se centrou de novo na parte de seu tear. — O que fizemos nos levou ao momento do “agora”. O que acontecerá de agora em diante é... — ficou pensativa enquanto procurava a palavra exata — inexato. Mas o que acontecerá com exatidão...

— Ah, o que está acontecendo com exatidão. — repetiu Verdandi com um sorriso.

— O que aconteceu com exatidão só soube nosso tear. — finalizou Urd.

Freyja girou os olhos e olhou às três mulheres como se não tivessem outra saída. Urd falava quase sempre em passado; Verdandi utilizava sempre os gerúndios do presente... a única que falava com prudência era Skuld, a mais jovem das três, mas sempre o fazia em códigos porque o certo era que não sabia o que ia acontecer.

Yggdrasil tinha criado um vínculo inquebrável com elas. A árvore da sabedoria, a fonte da vida, vivia nessas mulheres e contava a elas tudo o que sabia sobre os reinos. Mas se uma dessas mulheres rompesse o pacto de silêncio e confidencialidade com o majestoso núcleo de Asgard, sua imortalidade e seu dom desapareceriam, e como tal, um dos tempos do universo (passado, presente ou futuro) deixaria de existir.

— Malditas loucas... — murmurou a deusa, aborrecida.

— Diga-nos, pelo menos, se há possibilidade de salvação. — ordenou Odin.

A jovem deu de ombros e as runas de seu rosto se moveram por sua pele, acendendo e apagando alternativamente, como a luz que guia o farol da verdade.

— A morte é nossa única salvação. O fim deve dar lugar a um novo princípio. — respondeu Skuld, puxando levemente um fio dourado e arrancando-o do tear. Este se apagou em suas mãos e se desmaterializou. — Morte e vida. Vida e morte. Um peixe que morde a cauda, não é verdade, Alfather?

— Como? — perguntou Odin. — Como permito que tudo acabe? Como dirijo uma guerra que sei qual final terá? — perguntou raivoso, exigindo respostas. — O Midgard é meu desejo mais rezado. Os humanos não resultaram ser o que eu acreditava, mas continuo tendo uma leve esperança neles.

— A esperança é a última coisa que se perde, suponho. — respondeu Skuld.

Freyja se aproximou de Odin e sussurrou dissimuladamente:

— Vejamos, e se oferecer seu outro olho? Já fez isso uma vez, não?

Odin a fulminou, incrédulo.

— O que? — replicou Freyja. — Já vê pela metade e continua sendo igualmente feio. Colocaríamos em você uns óculos como os do Midgard e te compraria um cachorrinho guia de cegos. Não mudaria nada.

Odin tentou não prestar atenção nela.

A visita às nornas fora totalmente improdutiva.

E, nesse momento, ambos os deuses tentavam procurar respostas aos desvios do destino no Midgard.

Sim. Tinham movido suas fichas como moviam agora as peças do xadrez no qual havia peões na primeira fila, representados por sacerdotisas, índios hopis e outros humanos. Na segunda fila estava o exército mais importante, os pesos pesados: vanirios, berserkers, einherjars, valquírias... E, se a situação exigisse, ali estariam os próprios deuses.

Freyja apoiava o queixo sobre sua mão direita, esperando o movimento do aesir.

Odin moveu o peão e observou a reação da vanir.

— F três. Napoleão Bonaparte disse que o xadrez era um jogo sem par, régio — tocou o remendo do olho — e imperial.

— Sim, é um jogo sem par. — Freyja adiantou seu peão negro. — Como seu olho. — Sorriu elevando os cantos de seus lábios. — E seis. Nos custou muito chegar até aqui, Odin. Nós nos armamos de paciência esperando que os naipes se ordenassem, que as fichas de dominó caíssem uma após a outra e em ordem. — Elevou os olhos tão cinzas e piscou, segura de suas palavras. — Colocamos nossos personagens estrategicamente. Uns são mais importantes que outros, certamente. — Assinalou os peões e o rei e a rainha. — Mas não controlamos seus movimentos. Eles decidiram jogar e repartir o baralho, e nós resolvemos fazer o mesmo: observar e ver até onde podiam chegar.

Odin ficou olhando o tabuleiro. Adorava falar com Freyja, era uma grande estrategista e uma mulher muito prática e sincera. A deusa não sabia, mas ele apreciava cada instante que compartilhava com ela. Embora fosse uma provocadora e uma sedutora inata, não podia deixar de admirar sua desenvoltura e sua vitalidade.

Juntos lutaram por seu plano original. Os humanos deviam erigir-se como os verdadeiros mestres dos deuses, pois eles aprenderiam de uma realidade cheia de tropeços e enganos. Só assim evoluiriam. Unicamente assim os ensinariam sobre os males da soberba e da perfeição que acreditavam ter.

Freyja esteve de acordo com sua ideia. Apoiou-o como não o fizera nem seus filhos nem os deuses dos outros reinos. Ela sempre estava a seu lado.

— Você começou a partida. — continuou Freyja entrelaçando os dedos e olhando-o no rosto. — Quando expulsou Loki devia ter percebido o fácil que era para ele enganar e fraudar. Escapou de sua prisão e fugiu de Asgard em direção à Terra. Seu cárcere de cristal, seu cárcere físico, está em algum lugar. Espera o momento adequado para sair de lá. Fará isso em breve. O tempo já chegou.

Odin assentiu. Freyja não dizia nenhuma mentira.

— Quando Loki começou a recrutar traidores e humanos para seu exército — explicou ele —, decidi incluir uma variante nos planos. Minha Terra, meu projeto, estava vindo abaixo com sua influência, assim decidi mover a ficha. A profecia da adivinha anunciava o fim dos tempos e como seria. Não queria esse final para nós. Por isso criei os berserkers.

— E eu a meus vanirios. Decidi te ajudar.

Freyja esboçou uma careta com a boca, escutando atentamente as palavras do deus.

— Meu primeiro movimento foi colocar As Landin e Ihe dar o cajado do concílio. — disse Odin. — Depois, escolhi Black Country como zona neutra para nossos clãs, e assim criar esse boato de inimizade e incompatibilidade entre eles. Não podia permitir que formassem alianças e nascessem híbridos. Loki poderia usá-los contra nós, manipulá-los e criar uma raça invencível mais numerosa, capaz de acabar com tudo antes do tempo. Não era o momento para que aparecessem. O plano de separar os clãs era premeditado, mas cedo ou tarde haveria uma abertura, uma surpresa que decantaria o futuro e começaria a mover as engrenagens da mudança justa em seu devido momento, nunca antes.

— Esperamos muitos séculos para isso.

— Era a espera necessária. — desculpou-se Odin, movendo outro peão para colocá-lo ao lado do que já tinha adiantado. — G três. Então não era o momento, a Terra poderia ter se visto

envolvida em guerras prematuras e os humanos não poderiam ter desfrutado de seu *carpe diem* nem teriam me demonstrado do que eram capazes. O certo é que essa realidade... esse planeta não é nosso, mas sim deles. Mas, no final os humanos me decepcionaram. Mesmo assim, nós devíamos preservar a paz, até que se abrisse a caixa de Pandora.

— E a caixa da Pandora veio em forma de Aileen, a híbrida de olhos lilás. — Freyja arqueou as sobrancelhas e acariciou o mesmo peão com o qual ela tinha respondido ao movimento inicial de Odin. — Aileen começou tudo. Chegou a Black Country, enfrentou nossos clãs e depois os fez ver que não havia tantas diferenças entre eles. A filha de Thor e de Jade levou umas boas reprimendas, não é? — Freyja recordou os encontros sexuais entre Caleb McKenna e a jovem híbrida. Eram dignos filhos de deuses. — Mas graças aos vanirios e as berserkers se uniram para lutar contra Newscientists e os jotuns de Loki. Foi ela quem uniu o nosso pelotão.

— Aileen vinha acompanhada de duas pessoas chave: Ruth e Gabriel.

— Minha guerreira de almas se apaixonou por seu senhor dos animais. Graças a isso o *noaiti* encontrou de novo seu dom da profecia e entrou em contato com Skuld. A norna lhe deu umas chaves básicas para interpretar, e por enquanto tudo o que Adam recebeu está se cumprindo. Além disso, descobriu quem são seus sobrinhos gêmeos: um é uma bússola de portais eletromagnéticos; a outra uma visionária astral que detecta Loki e a tudo o que esteja influenciado por ele e relacionado com sua magia. Ruth entrou em contato com minha mãe, a que você exilou na Terra para que controlasse o despertar das sacerdotisas e de todos aqueles que tivessem dons. Converteu-a em sacerdotisa constante e a ajudou a manipular seu dom: Ruth caça almas impuras e as devolve ao caldeirão, e é determinante para a guerra, mas também é um farol, uma espécie de guia espiritual que devolve a casa às almas perdidas.

— Sim, é verdade. Não move ficha, deusa? — perguntou Odin, que materializou duas taças de ouro cheias de hidromel. Ofereceu uma a Freyja e a outra ficou para ele.

Freyja aceitou e ergueu o cálice dourado, levantando-o e brindando a sua saúde. Saboreou o líquido áureo e exalou, satisfeita. “*Mover fichas. Tudo dependia disso*”, pensou. Ela já tinha movido muitas. Adiantou o mesmo peão que tinha avançado mais uma casinha.

— E cinco. — anunciou. Oh, sim. A partida estava indo como ela queria. Igual a tudo o que acontecia lá embaixo; ao menos, é o que esperava. — No entanto, para que nossa partida seguisse seu curso, Gabriel teve que entregar sua vida por sua amiga Ruth e morrer no Midgard, para que você pudesse reclamar sua alma de anjo e sua mente de estrategista, e assim poder fazer dele o líder de seus einherjars. Gabriel tinha que pedir seu desejo diante de você, um desejo para alguém da Terra: e pediu que Daanna encontrasse a felicidade. Isso nos deu o tiro de partida. E não só isso — sorriu compreensiva —, os fios do destino se moveram de um modo magistral. Menw McCloud, o curador do clã vanirio de Black Country, esteve presente quando Daanna McKenna, a Escolhida, tentou salvar a vida de Gabriel, dando a ele seu sangue. Por certo, fez isso tarde demais.

— Menos mal. — exclamou Odin. — Se Gabriel não tivesse morrido antes, o sangue de Daanna teria transformado o humano em algo que não nos teria servido de nada. Além disso, para cúmulo, teria alterado todo o futuro. Teria jogado tudo por terra.

— Certo, Caolho. O desejo de Gabriel propiciou que você e eu pudéssemos, por fim, contatar As Landin para que mostrasse a Daanna o que tinha acontecido milênios atrás para que Menw a

abandonasse e a rejeitasse, quando Njörd, Frey e eu transformamos os pictos. Daanna tinha que ir em busca de Menw antes que este se convertesse em vampiro ou se entregasse ao sol; do contrário, nenhum dos dois receberia seus dons. Menw e Cahal eram fichas importantes para nossos ajustes, assim ao cometer o engano de violar as normas contra os romanos, arrebatamos de Cahal McCloud suas emoções. Um druida como ele seria espreitado pelos *seirdrmans* de Loki, e era muito importante mantê-lo separado de seu dom até que fosse o momento adequado; sem emoções, sem sentir, não era nada. Por outra parte, Menw McCloud devia renunciar a estar com Daanna McKenna. A tristeza que sentiu a vaniria ao acreditar que Menw esteve com Brenda fez que Daanna perdesse o seu bebê, um menino que não devia nascer nesse tempo. O curador e Daanna eram os Escolhidos e não podiam se reconciliar até que a engrenagem divina não se movesse como desejávamos. Quando mostramos a eles a verdade, Daanna decidiu que poderia tentar recuperar Menw enquanto ele acabava de encontrar a fórmula das pastilhas aodhan que tanto ajudariam os vanirios sem companheiros. Ao emparelhar os dois, receberiam seus dons. Daanna poderia bilocarse e contatar com todos os guerreiros repartidos; Menw seria capaz de outorgar a Daanna seu próprio dom, sua semente. Uma semente que daria lugar à criação do escudo: seu filho. O bebê dessa mulher será um ponto de inflexão para o dia dos vórtices. Além disso, Daanna, graças às suas bilocações, encontrou as crianças perdidas dos clãs. Entre elas Daimhin e Steven, filhos do casal de druidas bardos e filidhs: Gwyn e Beatha.

Eles também serão importantes, embora não ainda.

— Escolheu os castigos muito bem. Surpreende-me, Freyja.

— Não sei por quê. Passo eras demonstrando que sou mais inteligente que você. — Pôs cara de aborrecimento. — A questão é que todos jogamos e que só precisa acreditar que as decisões tomadas chegarão a bom porto.

— E que o destino esteja de nosso lado.

— E deverá estar, desde que não foda de novo com um transformista e volte a nos roubar os totens. — sentenciou acidamente.

— Eu não fodi com ninguém.

— Sei, claro.

Odin sorriu sem vontade e acariciou sua lança Gungnir, que por fim estava em casa depois de ter passado uma longa travessia no Midgard. De fato, ainda cheirava ao sangue de Noah, de Bryn e de Ardam, que foram trespassados depois de enfrentar Hummus.

Os jotuns, liderados por Hummus e Newscientists, depois de anos de árdua investigação, tinham encontrado a chave para abrir portas dimensionais. Graças a isso, Hummus tinha entrado no Asgard fazendo-se passar por Freyja e tinha roubado os três totens mais importantes: *Mjöltnir*, *Seier* e *Gungnir*. Mas, graças a Odin já os recuperaram graças ao seu exército de valquírias e einherjars.

— Continue, Freyja. Gosto de te ouvir falar sobre o que aconteceu no Midgard. — pediu Odin solícito.

— Não é verdade. Faz isso para que eu deixe de implicar com você.

— É óbvio, bruxa. Agora, continue.

Freyja sorriu, mas dissimulou seu gesto rapidamente.

— No Ministry of Sound, a mesma noite em que As Landin pedia em casamento Maria Dianceht e que Ruth e Adam passaram mau para se reconciliar, Cahal McCloud foi sequestrado por sua cáraid e escondido em paradeiro desconhecido. Já disse que Daanna encontrou as crianças perdidas dos clãs, a maioria deles já crescidos e dispostos a erigir-se em guerreiros vingativos. E Gabriel teve que descer à Terra com minhas valquírias e um par de einherjars para recuperar os totens divinos perdidos. Gabriel se apaixonou por Gúnnr, minha Gunny — disse com ternura —, que era a filha secreta de Thor. Somente o *kompromiss* com seu einherjar despertaria sua fúria adormecida e seus dons, e a conectaria com o martelo *Mjölnir*, porque era o totem de seu pai. Graças a ela e a seu dom de convocar tempestades e viajar através da anti-matéria puderam recuperar o martelo.

— E graças a meu einherjar, Gabriel. É óbvio. É o melhor líder de todos que existiram. Um humano conhecedor da fraqueza de sua raça e que possui suas maiores virtudes: o sacrifício pelos outros e a compaixão.

Freyja deu de ombros sem dar muita importância. E Odin não pôde mais que admirar a preciosa e esbelta forma que estes tinham. Freyja era como um doce divino: delicioso, mas ruim para seus dentes e sua saúde.

— E seu dom despertou. Graças ao dom outorgado de Daanna da bilocação, Gabriel sabia que ao descer, depois de ir aos Quatro Cantos onde estavam os hopis, devia contatar com Miya, um vanirio procedente do clã kofun do Japão e residente em Chicago, lugar no qual sabiam que estava escondido o primeiro totem: o *Mjölnir*. Encontraram sua katana nos túneis da cidade. Então, Róta, graças a sua psicomетria, pôde localizá-lo. Gabriel, que tinha trabalhado nos fóruns de vanirios e berserkers (quando era humano), sabia que havia um IP de um Starbucks da avenida Michigan que se conectava continuamente. E foi assim que encontraram Miya. Este os ajudaria e unificaria aos clãs berserkers de Milwaukee com os vanirios de Chicago.

— Por sua parte, Gúnnr se sacrificou por eles, por seus amigos, e recuperou o martelo antes que este batesse na central de Diabo Canyon e provocasse um cataclismo de dimensões consideráveis. Mas, ao ser filha de Thor, nós a devolvemos de novo à Terra para que liderasse junto a seu engel o exército das valquírias e os einherjars.

— E de passagem ajudasse Bryn a controlar Róta.

Odin suspirou.

— Róta... Grande diaba.

— É uma excelente guerreira e uma grande valquíria. — defendeu Freyja. — Ela podia ter ido com Loki, ceder a seu sangue.

— Róta era filha de Nig, o Nigromante, o melhor aliado de Loki na Terra, até que morreu.

— Claro, e Loki esperava que Róta descesse para levá-la à sua quadrilha. O que não imaginava era que em Róta sobressairia sempre mais o sangue de sua mãe, Sibila, cheia de sabedoria e bondade, que o de Nig, cheio de maldade e vingança. O Vigarista pensou que poderia manipulá-la e utilizou os gêmeos Miyamoto para confundi-la: Miya e Kenshin. Róta sabia que seu einherjar era Miya, porque minutos antes de morrer como humano pelas mãos de seu irmão traidor, ele se encomendou a ela. Entretanto, Miya não podia subir para estar com Róta porque precisávamos dele em Midgard. E Róta, como todas as minhas valquírias, não podia descer. Por

isso o transformei em vanirio e assim não pôde se unir a ela. Miya não recordava Róta, mas ela sim se lembrava de Miya. E aí começou o conflito, pois ela não entendia por que esse esquivo samurai não a reconhecia. Róta foi sequestrada pela Newscientists pelas mãos de Kenshin e Khani. Kenshin sabia que se conseguisse o sangue de Róta, teria dons invencíveis e poderia liderar o exército de Loki com a espada Seier em suas mãos. Por isso queria unir-se a ela. O que nem Kenshin nem Seier sabiam era que Róta lhes daria poderes, sim, mas eram eles quem tinham sangue divino, pois ambos eram filhos do deus Susanoo.

— Esse deus japonês presunçoso. — respondeu Odin com desânimo.

— Pois agradeça a ele por ter entregado a Miya sua espada especial, Kusanagi; do contrário, ninguém poderia ter vencido Seier. E no final Miya o venceu. Assim a espada chegou de novo a Frey.

Odin não podia rebater aquela conclusão.

— Tem razão. — disse contrariado. — Entretanto, o mais preocupante estava por chegar. Meu filho Heimdal havia desaparecido e era o único guardião de Asgard, quem vigiava todas as portas. Sem ele o Asgard estava vencido, pois não havia modo de fechá-lo de novo. Newscientists pressionava na Terra. Estavam a ponto de encontrar a fórmula para criar uma porta dimensional constante e permanente.

— Sim. — Freyja sorriu brincando com a rainha entre seus dedos. — Aqui entravam dois elementos. De um lado, Loki queria Róta por seu dom da psicometria. Hummus tinha uma parte da Gjallarhörn, a corneta que avisava do final dos tempos e que era o totem divino de Heimdal. Se Róta o tocasse e estivesse do lado de Loki, diria-lhe onde se encontrava o guardião e buscariam para aniquilá-lo e assegurar-se de que não voltava para Asgard, já que queriam o campo livre. Entretanto, Róta se mostrou inquebrável e não deixou que lessem em seu sangue, graças aos dons que lhe tinha dado o vincular-se a Miya. Isso salvou seu filho de ser descoberto.

— Meu pobre e inocente filho...

— Sim. Seu pobre e inocente filho que se fez passar por um menino ruivo mudo e doente resgatado dos túneis de Cappel-Le-Ferne. Por outro lado, Cahal McCloud foi resgatado junto com as crianças perdidas e agora tinha sequestrado Miz O'Shane para torturá-la. Ela era sua verdadeira cáraid, a que lhe devolveria seu particular dom. Transformou-a sem sua permissão. E fez bem. Miz era a única que possuía a inteligência para encontrar a fórmula permanente dos portais, e tinha se assegurado de ocultá-la da Newscientists. Quando começou a confiar em Cahal, Miz decidiu criar um... — não lhe saía a palavra — traste de antiprótons.

— Um acelerador de partículas ao contrário.

— Isso mesmo... para rebater de algum modo o efeito do ativador dos portais que queriam manipular Patrick Cerril e Lucius. Enquanto isso, um menino chamado Eon, que era seu esplêndido filho — disse com carinho —, encomendou-se aos cuidados de Cahal e Miz. Estando com eles, ele podia sentir-se a salvo através da cúpula de proteção que tinha criado Cahal ao seu redor, e assim evitar que Hummus não o encontrasse, já que entre filhos de deuses, reconhecem-se. E foi assim que Cahal descobriu que podia ler e ver os ormes, a energia que cria tudo e manipulá-la a seu desejo. Uma física e um captador de energias quânticas se uniam para deter Lucius. E o conseguiram em uma batalha apoteótica em Amesbury. Uma batalha em que Cahal utilizou seu

próprio corpo para atrair os ormes e criar um portal em Stonehenge. Aí Eon se mostrou pela primeira vez, e voltou para casa graças à ponte Arco-íris que Cahal criou. Agora, Heimdal está aqui e fechou a sete chaves as entradas de Asgard. Ninguém pode entrar e ninguém pode sair até que soe a corneta.

— Sim. E Cahal e Miz lutam juntos na Terra. Ele não morreu.

— Bom, sim que o fez, mas perdoamos sua vida por ter salvado Heimdal, não é assim, Caolho?

— Sim. Suponho que sim.

— Ou talvez o fez porque não queria que Miz ficasse sozinha? — Arqueou aquelas sobancelhas loiras platinadas e sorriu malvadamente.

— Não, nada...

— Ah, claro. Está ficando vermelho?

— Não.

— Se no final será um romântico e tudo.

— Mas chegou o momento de recuperar minha lança. — disse Odin, para pôr fim aos sarcasmos de Freyja. — E sabiam que a lança estava na Escócia. Para isso tivemos que deixar que os fios se movessem indiretamente para unir de novo Bryn, a Selvagem, e Ardam das Highlands. Ardam era um excelente einherjar, ia ser meu líder, mas tivemos que fazê-lo descer à Terra para que controlasse as Terras Altas da perseguição de Loki e dos deles.

— Bryn teria descido com ele. Mas enlacei sua alma com a da Róta para que em todo momento controlasse a maldade de seu DNA. Se Róta se tornasse má, poderia ser o fim para nós. Eu a fiz prometer que nunca abandonaria sua irmã. E Bryn, que é fiel às suas promessas e é a mais legal de minhas guerreiras, escolheu Róta em vez de Ardam.

— Isso fez com que meu guerreiro se aborrecesse demais. Clamou vingança até que tivesse uma nova oportunidade.

— E a oportunidade chegou quando Róta, enquanto esteve sequestrada, conheceu Johnson, o híbrido, filho de um berserker e uma vaniria, amigos de Ardam. Johnson os mobilizou a Edimburgo, ao Espionage, e ali encontraram Ardam, o Amo.

Freyja ronronou e passou a língua pelos lábios.

— O Amo... — repetiu solenemente. — Eu adoro como soa.

— A questão é que Bryn se encontrava à sua mercê porque você, antes de descer, deu a Ardam a palavra que exilaria Bryn e a devolveria ao Asgard sem honras. Bryn engoliu seu orgulho e suportou todos seus desplantes para com ela. Adquiriu uma fúria sem igual que serviu para desativar o portal de Amesbury e para ajudar a vanirios e berserkers, assim como a Cahal e Miz em seus propósitos.

Freyja estalou a língua.

— Seu desdém e sua fúria também provocaram que se rompesse o *kompromiss* com Ardam e que arriscasse sua vida para proteger Johnson. Eu sabia que Ardam não pronunciaria jamais essas palavras, pois amava Bryn e a queria a seu lado, embora fosse para odiá-la. Mas quando Bryn fez a *farvel furie*, Ardam morreu por dentro. E então, desesperado, ele me devolveu ela

pronunciando as palavras, não para exilá-la, mas sim para salvar a vida dela. E foi isso o que fiz. Salvei-a.

— Ela te odiará eternamente.

— Pode ser. — assumiu Freyja com tristeza. — Mas fiz tudo pelo seu bem. Agora é mais forte que nunca. Tem o poder de mil Valquírias juntas. É praticamente invencível.

— Sim. Mas Ardam manda nessa relação.

— E isso é uma vitória, Caolho?

Ele riu baixinho.

— Sabe que na realidade não manda o que manda, mas sim o que deixa que o mandem? — Odin franziu o cenho e seu único olho faiscou.

— A questão — prosseguiu Freyja — é que juntos lutaram contra Hummus. Lutaram nos escarpados até o final; até que a lança os trespassou e esteve a ponto de matá-los.

— Sim. Mas não o fez. Salvei-os. Agora ambos são meus. Pertencem-me. Estão gravados com minha runa.

— Pense o que quiser. Mas Bryn continua sendo minha, diga o que disser.

Odin sussurrou algo. Freyja fez com que seu copo de hidromel deslizasse da mesa até cair no chão. O deus o golpeou com a ponta de sua bota e o copo retornou mais cheio que antes a sua mão.

— Não pode ganhar, deusa. No final, tudo o que me pertence volta de um modo ou de outro. — Acariciou sua lança *Gungnir* com a mão livre e moveu outra ficha do tabuleiro com os olhos. — Xeque, vanir.

Freyja focou seus olhos prateados no xadrez e estudou seu movimento.

— Nem tudo o que te pertence volta para você, aesir. — assegurou.

— Até agora sim.

— Você acha? Dois olhos veem mais que um. — sussurrou. Apoiou seu queixo sobre as duas mãos entrelaçadas e continuou olhando o jogo diante dela. — Em que ponto acha que estamos agora?

— Em um ponto de não retorno.

— Um ponto de não retorno...

— Sim. O mundo começa a rachar. A Terra treme, suas entranhas se retorcem, sua pele seca e abre, e dela sangram suas feridas. Os terremotos, os vulcões, os maremotos... Tudo está a um passo de começar. As nornas tinham razão. Por muito que aparentemente tenhamos movido as peças, por muito que tenhamos tentado, o destino continua sendo o mesmo. Aproxima-se o final para todos.

— A guerra já começou. Mas continuamos aqui, jogando uma partida de xadrez.

— A mais importante de todas. — concedeu Odin passando os dedos por seu cabelo loiro.

— No Midgard já perderam muitos guerreiros. Já morreram muitos. Sem contar os humanos que perdem suas vidas um a um pelas garras de vampiros, purs e etones. Já não há onde se esconder. Já não há nada que se possa desmentir. O mundo conhece a realidade tal como é, embora nossos vanirios tenham tentado manipular as informações e as mentes das testemunhas. Já não há escapatória. E, em meio de algo tão claro... jogamos tudo a uma só carta.

— Sempre o fizemos.

— Mas desta vez... nosso tempo acaba. Mandeí Nanna para que recolha aos guerreiros caídos. Agora mesmo carrega Noah. Ela não sabe que ele na realidade não morreu, não é?

Odin sorriu.

— Não. Não sabe.

— Vai levar uma grande surpresa.

— Imagino.

— E agora o que?

— Agora só resta continuar esperando. A ponte Arco-íris se fechou para sempre e só há uma pessoa capaz de colocá-la de novo em funcionamento. Se essa pessoa não acordar... não teremos modo de retornar, por mais que meu filho Heimdal faça soar a corneta.

— Sei. Mas me preocupa deixar tudo em uma partida. Minhas fichas se comportam. As suas parece que não reagem. — assegurou observando o Midgard.

— Arriscarei.

— Eu não gosto.

— Por que? Acaso não gosta do risco?

— Eu não gosto de surpresas de última hora.

— Já não podem me surpreender, Freyja. Inclusive o detalhe mais ínfimo, já o esperava.

Ela levantou seu olhar prateado e deu um meio sorriso.

— O pior não é que não o surpreendam. O pior é que pense que já nada podem fazê-lo, Odin. — Então com um movimento perito de sua rainha, que era ela mesma, a deusa vanir comeu diretamente o seu rei. — Xeque-mate, Caolho.

Freyja se levantou da cadeira triunfante, soberba, e se virou para observar através do seu trono o que acontecia na Terra.

Odin, que continuava surpreso por seu xeque-mate, levantou e caminhou até se colocar a seu lado. Ali os dois deuses manipuladores para uns, protetores para outros, assistiam à destruição do Midgard, que pouco a pouco avançava por suas terras, sem pressa, mas sem pausa.

— Os vórtices se descontrolaram. Cada ponto é uma abertura em potencial. Se os jotuns já não podem abrir portas para nós, eles as abrirão por outros lados. Querem nos destruir, Odin. E o farão arrasando com aquilo que mais lutamos por proteger. Abrirão as portas para seu reino dentro da terra. Um reino que ignoram e cujo senhor é aquele que mais temem. Loki está ganhando. Ganha terreno e não claudica em seu empenho em nos destruir. Não poderão recorrer a nós quando estiverem a ponto de desaparecer. Sentirão-se sozinhos e desamparados... — sussurrou esfregando os braços pelo repentino frio que sentia. — estamos dando as costas a eles.

— Não. Não é verdade. — assegurou Odin guardando a rainha no bolso. — Estamos lhes dando muitas oportunidades de continuar com vida. E a vida é a única que outorga tempo e esperança. Tempo para que todos lutem e colaborem, e para que aquele que esteja destinado a reinar e a encontrar uma saída a ache sozinho e nos dê a oportunidade de intervir. Enquanto a Terra continuar em pé e nossos meninos não decaiam e briguem juntos, tudo é possível.

— Confia neles? — Freyja elevou seu olhar e o cravou no pétreo queixo do aesir.

— Que saída.

— Se não intervir, será um genocídio.

— Se o fizermos, Loki estará certo. O Midgard perderá e não terá razão de ser. Deixemos que procurem a saída correta por si mesmos. E depois, se nos ajudarem a fazê-lo, se todos fizerem seu papel no Ragnarök, então, só então, apareceremos.

Odin pronunciou suas últimas palavras com a vista surpreendentemente azul fixa na valquíria Nanna e no berserker Noah.

— Então, continuamos jogando? — perguntou Freyja, que cruzou os braços ao olhar como Nanna ficava com os olhos arregalados ao comprovar que Noah continuava vivo entre seus braços.

— Até que todas as peças encaixem, continuaremos o jogo.

— De acordo. — respondeu Freyja, que deu de ombros. — Nanna? — disse olhando o reflexo na água de sua valquíria. — Eu te disse que nenhum homem vivo podia tocá-la.

CAPÍTULO I

Machre Moor

Escócia

Nanna se introduziu com Noah nos braços através do funil que havia no céu. Seus raios os levariam ao Asgard, e ali, no Víngolf, de frente a seus irmãos einherjars e a suas irmãs valquírias, por fim poderia apresentar um novo guerreiro.

Seu einherjar. Dela.

Sorriu. Era incrível que esse berserker estivesse destinado a ela; quase se alegrou de sua morte porque isso queria dizer que por fim ele poderia tocá-la, e ela apreciaria cada segundo das carícias desse macho.

Nunca a havia tocado nenhum homem e se sentia uma desgraçada por isso. Suas *nonnes* como Róta, Bryn e Gúnnr sim, foram tocadas.

Mas Freyja lhe tinha dado a virtude da pureza total. Seu corpo, que para ela não era nada do outro mundo, não podia ser tocado por mãos masculinas. Era como um templo sagrado que nunca devia ser violado.

Jamais.

Veja, era óbvio que ela não queria ser violentada, mas sim teria gostado de sentir o toque inocente de alguém. Sacudiu a cabeça.

Os toques não eram inocentes. Ou a tocavam ou não, e isso significava que a tocariam não por muito tempo, não? Bom, também estava bem. Não achava ruim. Ela não poria nenhum impedimento.

Continuou através do funil e chegou ao final.

Que estranho. Não encontrava a entrada de Asgard e o raio continuava conectado a ele... As nuvens prosseguiram com seu pranto limpando a Terra com suas gotas de chuva.

Sim, pensou. A essa porção de planeta precisava de uma boa lavagem, porque depois dos constantes terremotos tinha ficado em muito mal estado.

— Nanna?

A Valquíria olhou para todos os lados. Vamos, pra esquerda, pra direita... a pele arrepiou e por pouco gritou quando viu que quem falava com ela era Noah.

Seus olhos amarelos estavam abertos e brilhavam como se tivesse febre. E tinham se concentrado nela.

A Valquíria abriu a boca e piscou repetidas vezes.

Noah elevou uma mão para acariciar seu lábio inferior, e as orelhas estremeceram e tudo nela se arrepiou. Arregalou seus olhos castanhos ainda mais, quase em estado de choque.

— Posso te tocar. — disse ele, maravilhado.

Ela voltou a piscar, e por pouco não teve um ataque em meio às nuvens até que reagiu e gritou:

— Mas se pode saber o que você faz vivo?!

Soltou-o como se a queimasse e limpou as mãos em suas coxas nuas.

— Não me solte! — gritou Noah. — Não sei voar!

Nanna começou a lançar raios por toda parte, não por nada, mas só pra fazer alguma coisa. Estava tão nervosa que não sabia o que fazia.

Noah tinha se encomendado a ela. A lança o tinha ferido no coração e ele tinha voltado os olhos para o céu e se encomendou a ela. Isso foi assim, não?!

— Agora também sabe fingir que morre?! — gritou para ele, apertando os dentes e indo atrás dele. Do contrário seria responsável pelo assassinato de um homem... Um homem o que?! Vivo ou morto?

Os trovões se pronunciaram e o funil desapareceu.

Nanna não podia acreditar. Gritava *Asynjur* para manter o portal aberto, mas seus raios não a levavam a nenhum lugar.

Que diabos acontecia?

Nanna recuperou Noah a uns mil metros de distância da Terra. Tocou-o e o segurou, e não aconteceu nada. Podia tocar esse homem e esse homem podia tocá-la, mas o castigo de Freyja não chegava. Por que?

— Não compreendo. — murmurou contrariada, segurando-o no céu. — Você tinha morrido. É um Zumbi ou algo parecido?

— Um Zumbi? — Noah não podia entender as palavras dessa garota.

— Sim, um desses mortos vivos que saem na Ethernet...

— Um zumbi. Não, não sou um zumbi. Estou vivo. — respondeu levando a mão ao peito. A lança tinha atravessado seu coração. Sabia. Recordava. De fato tinha o buraco na camiseta e agora a pele estava cicatrizando.

O céu relampejou com uma luz potente que os deixou cegos.

— Nanna? — disse uma voz que ela conhecia muito bem. — Eu te disse que não podia ser tocada por nenhum homem vivo. — recordou Freyja, a onipresente. Seu tom não era de recriminação, mas parecia estar se divertindo.

E foi esse tom o que Nanna menos gostou. Ela apertou os dentes e estremeceu de novo. — É um Zumbi! — gritou ao céu. — Este não conta!

Nesse momento, a potência de mil raios caiu com força sobre o casal. Os dois gritaram, detentos da dor e da agonia.

Nanna perdeu o aperto em seu fio elétrico e ambos caíram.

Freyja lhe disse uma vez que se um homem vivo a tocasse a deixaria uma temporada no Midgard como castigo; além disso, eletrocutaria-a cruelmente, como estava fazendo nesse momento.

O primeiro sempre lhe pareceu tentador; o segundo não o suportava.

Podia ser uma Valquíria, mas tinha zero resistência à dor.

E o castigo de Freyja a estava matando.

Uma voz sussurrante e masculina o despertou.

Havia sentido o impacto contra a grama queimada dos círculos de pedra de Machre Moor e ficou meio inconsciente. A descarga elétrica o tinha deixado fora de jogo durante um bom momento.

Mas essa voz o animou a abrir os olhos. E lhe disse algo. Algo que Noah não tinha entendido nem teve oportunidade de ouvir bem.

O resultado era que tinha os olhos abertos e respirava. Tinha uma dor de cabeça esmagadora que mal o deixava pensar o suficiente para saber o que fazer.

O céu seguia nublado e não havia nem rastro daquele funil quântico que o levaria a outra dimensão.

Pensou que tinha morrido, mas em vez disso tinha revivido nos braços de Nanna, para que um raio muito doloroso o atravessasse de cabo a rabo e o fizesse sofrer a tortura dos moribundos durante... Quanto momento foi? Não importava.

Recordou levitar enquanto o raio o fulminava e torrava seu sangue, esticando os músculos de dor, fazendo-o se sentir desesperado.

E só uma pergunta rondava sua cabeça: se tinha doído nele, o que teria sentido Nanna?

Deu meia volta como um bolinho e olhou a sua esquerda esperando encontrá-la. Depois fez o mesmo para o lado direito, e aí estava.

Nanna, a Valquíria mais esquiva, incompreensível, atrevida e desbocada que tinha conhecido tinha descido para recolher os guerreiros caídos.

Ele tinha caído, certo; a lança de Hummus atravessou seu coração.

Mas de novo o sentia palpitar. Voltava dentre os supostos mortos.

Por quê?

Noah se ergueu sobre joelhos e mãos e sentiu uma potente arcada que deixou seu estômago do avesso.

Tossiu algumas vezes, e se impulsionou para arrastar-se e socorrer a guerreira.

Esta não deixava de gemer imóvel, com os olhos amendoados cheios de lágrimas de estupefação e dor cravados no céu. Um céu que tinha fechado as portas para ela.

Nem sequer podia falar. Seu peito subia e descia como se lhe faltasse o ar.

— Nanna? Encontra-se bem? Nanna?

Ela tremia e tinha os lábios roxos. Sua espetacular vestimenta coberta de titânio e couro se sacudia junto com seu corpo, que não deixava de estremecer.

Ao redor do pescoço tinha aquele colar de pérolas brancas e reluzentes com o qual às vezes tinha jogado.

Noah foi colocar a mão na testa dela.

— Não-n-não me to-to-q-que... i-im-imb...

— Imbecil? Ok, imaginava que ia dizer isso. — Sorriu sem vontade.

Ela tentou piscar para deter as lágrimas que, incontrolláveis, caíam através das pápebras de seus enormes olhos.

Noah se estremeceu. Era tão bonita que o deixava sem palavras. Suas orelhas bicudas, sua pálida pele, aqueles lábios voluptuosos e seu longo cabelo castanho e trançado formavam um conjunto demolidor para os sentidos de um homem.

— Não p-p-po-pode m-me tocar... N-não po-po-pode...

— Shhhh. Nanna, tenho que fazer isso. Vou carregá-la. E vou te levar a um lugar seguro.

Ela nem se alterou. Parecia catatônica, embora podia vê-lo perfeitamente.

Noah tinha o cabelo longo loiro platinado ensopado de barro e de chuva colado à cabeça. Gotejava água do seu nariz e queixo, e cheirava a guerra e a salvação.

Tinha os olhos mais incríveis e belos que jamais viu. Eram da cor do sol, amarelos, meio animais, meio divinos. E suas feições pareciam esculpidas a mão por um adorador da beleza. Seu queixo quadrado, seu brinco na orelha, suas sobrancelhas loiras e espessas, os lábios avermelhados e grossos, para beijá-los... Ela jamais tinha beijado alguém.

E, mesmo assim, embora seu físico sempre a deixava impactada, meio atordoada, agora não podia evitar sentir raiva dele porque a tinha traído.

Tinha-o carregado pensando que se encomendou a ela enquanto morria, seu rosto e suas súplicas apareceram diante dela, pedindo um alívio e embalo. Ela desceu com toda a vontade do mundo para recolhê-lo. Mas o grande cretino estava vivo. Vivo de verdade.

E isso supunha para ela a mais vil das traições para Freyja; com isso se convertia em merecedora do terrível castigo que a deusa a tinha infligido.

Embora o raio tenha recuado, sua fúria continuava fluindo em seu interior e continuava irritando-a, fazendo tanto mal que quase não podia respirar.

Freyja sabia que ela era uma Valquíria que odiava a dor. Sofria-a com dignidade, certo; mas não aguentava tão bem como Bryn, Róta e Gúnnr. De jeito nenhum podia ser tão forte quanto elas.

Talvez por isso Freyja designou a ela a tarefa de recolher homens mortos. Eram homens que nunca poderiam machucá-la fisicamente: desde quando os mortos atacavam?

Entretanto, Noah a tinha enganado.

Aquele moreno berserker de cabelo quase branco a carregou nos braços.

Nanna já não sabia se cada vez que a tocava doía ou simplesmente é por que doía tudo. Mas o único que desejava era que cedesse ao suplício e a tortura.

O céu se cobria de um cinza que arrastava o vento, restos carbonizados do que uma vez foram cidades, bosques e castelos escoceses.

Pouco a pouco tudo se destruía. Pouco a pouco tudo se desvanecia.

— Vamos embora daqui. Esta terra treme. Se não nos apressarmos, é possível que nos engula em suas entranhas, como aconteceu já em Edimburgo com muitos guerreiros.

— Aon... aonde me le... leva? — perguntou Nanna, não sem esforço.

— Ao único lugar que conheço por aqui que é seguro. À Ilha Maree.

Wester Ross

Ilha Maree

Sob o lago Marae, um lindo lugar cheio de magia e de mistério, o jovem berserker Steven tinha construído seu lar. Uma fortaleza dentro da terra que agora servia para que berserkers, einherjars, valquírias e vanirios de todas as partes do mundo tivessem uma proteção na Escócia, enquanto esta sucumbia, pouco a pouco, vítima do início do fim do mundo. Para Noah aquele lugar recordava de algum modo ao Ragnarök de Black Country.

Os sistemas de comunicação tinham caído em todo o país depois dos terremotos. Noah acabava de chegar à entrada das cavernas e esperava que as portas metálicas se abrissem para ele. E o fizeram.

Ao menos as máquinas não julgavam se devia estar morto ou vivo; os sistemas de reconhecimento o identificavam da mesma forma e por isso aceitaram que entrasse.

Quando as portas se abriram, o aroma de desespero, tristeza e adrenalina o golpeou com a força de uma bofetada.

Ele era empático. Podia sentir tudo. E talvez podia ajudar os outros a se sentissem melhor com sua presença, tal como sempre tinha feito.

A guerra nas sete colinas tinha selado o fim de muitos guerreiros.

Por muito imortais que fossem, morriam igual se os tocavam em seus pontos fracos. E eram os sobreviventes os que lidavam com a dor da perda.

Purs, etones, lobachos e vampiros emergiram entre as rachaduras da Terra e encararam berserkers e vanirios de Chicago, Milwaukee e de Black Country. Lutaram juntos para salvar uma parte de mundo.

No final, os bons ganharam essa batalha, mas as baixas também eram muito importantes para ignorá-las. E os danos se adivinhavam irrecuperáveis.

Muitos vanirios, alguns deles “bonecos torturados” de Cappel-Le-Ferne, lutaram até o final com toda a raiva de seu coração. E pereceram com dignidade. Brigando.

Alguns outros do clã kofun de Chicago também correram o mesmo destino fatídico na guerra por proteger Edimburgo e Glasgow.

Wester Ross estava repleta de sobreviventes, poucos, mas sobreviventes no final de tudo.

E dentre esses sobreviventes a energia daqueles que conhecia se elevava entre a de outros.

Se sentia a Ardam e a Generala, queria dizer que estavam vivos. E Gabriel? E Gúnnr? E todos os outros?

Noah fechou os olhos. Nanna continuava em seus braços mergulhada em uma terrível dor que não podia acalmar. Como queria poder ajudá-la, mas não sabia como.

Nanna experimentava uma angústia que o açoitava com violência. Quando lhes dessem proteção, atenderia-a devidamente, mas não agora. Não ainda.

Se entrasse em Wester Ross, devia assegurar-se de que os que se ocultavam em seu interior eram amigos. Não queria mais surpresas desagradáveis como as que tinham sacudido o clã de Ardam nas últimas horas.

Buchanan e Anderson os destroçaram com suas traições. E Noah não permitiria mais nenhum sobressalto. Não queria mais mortes sem misericórdia como as que sofreram em Ailean Arainn. Muitos berserkers como ele perderam a vida sob o peso de uma armadilha própria de ratos sarnentos. Crianças, mulheres, homens e guerreiros... Não deixaram ninguém vivo. E Noah se sentia muito mal ao captar toda a culpa que conduzia o laird às suas costas. Teria que falar com ele para acalmá-lo, porque era injusto que esse guerreiro se sentisse assim. Tinha dado muito no Midgard.

Concentrou-se no interior daquelas instalações e pôs em funcionamento o sentido auditivo dos berserkers para ler e escutar a todos os que ali se encontravam.

Ardam continuava vivo e, aparentemente estava deitado na cama com Bryn. Pelo visto, pela quantidade de feromônios que podia captar, sabia que o einherjar e a Valquíria tiveram uma sessão de sexo das que fazem história.

Gabriel, o líder dos einherjars, continuava ajudando aos feridos. Sentia porque Gabriel era um chefe: desprendia sua energia por onde passava. O engel era, sem dúvida, a grande revelação dos clãs.

Gúnnr, que possuía uma réplica do *Gungnir*, também estava viva. Sentia a energia do totem que ela carregava, e por sua vez, sua própria força que se acentuava com o objeto divino.

Róta e Miya falavam com Jamie e Isamu. A Valquíria de cabelo vermelho se assegurou de que Johnson ficasse dormindo em um dos quartos daquela residência. A eles se uniram Theodore, Gengis, Ogedei e William, que conversavam sobre a necessidade de transferir a fórmula anti-esporos de Isamu a outros mares de todo o mundo. Por enquanto, só o reino Unido estava protegido, e mesmo assim, os ovos mais amadurecidos se desenvolveram até que purs e etones tinham saído ao exterior.

Se aquilo continuasse assim, como os deteriam?

Haveria salvação para eles?

Vanirios e berserkers se uniram para lutar; e nesse luta einherjars e valquírias desceram dos céus para aliar-se. Eram fortes, sim.

Mas os jotuns eram mais e ganharam terreno deles.

— N... Noah?

Ele olhou para baixo e sua voz e seus olhos totalmente abertos o tiraram *ipso facto* de seus pensamentos.

— Nanna?

— Le... ve leve-me até... — Nanna o agarrou pelo cabelo loiro, fechou os olhos e deixou cair a cabeça para trás com a boca aberta. Arqueou-se entre seus braços, e de sua garganta saiu um grito de valquíria, desses que podiam ensurdecer a todos os que o ouvissem.

Os gritos das valquírias por si só eram armas. Principalmente os gritos de dor. E isso era o que rasgava Nanna de cima abaixo. A dor.

Imediatamente, Bryn coberta com uma colcha negra e com o cabelo desordenado no rosto, plantou-se de frente a Noah. Depois a seguiram Róta e Gúnnr, que olhavam Noah com os olhos completamente vermelhos, estupefatas pelo que viam.

Noah tinha morrido.

E o morto estava tocando a única Valquíria que jamais devia ser tocada por homem algum.

— Você estava morto. — disse Róta caminhando apressadamente para eles.

— Nanna... — sussurrou Bryn, angustiada.

— Está sofrendo muito. — Gúnnr esfregou o peito e negou com a cabeça. — Eu te disse que não podia tocá-la!

Lançou um raio contra Noah e este o esquivou.

— Dê para mim. — Róta roubou Nanna dos braços de Noah e a levou correndo a um quarto, seguida por uma preocupadíssima Gúnnr. Bryn olhava o berserker como se fosse um inseto estranho.

— Que me crucifiquem agora mesmo. — disse uma voz masculina.

Noah, ao se ver longe da valquíria girou rapidamente, pensando que Gabriel também o atacaria por ter tocado Nanna.

O engel tinha o cabelo loiro preso em um coque, tal como estava acostumado a usar Ardam, que se uniu à festa segundos depois com cara de poucos amigos, pois aquele alvoroço tinha interrompido o sono reparador com sua valquíria Bryn.

Os dois einherjars não davam crédito ao que presenciavam.

— Nós o vimos morrer. — assegurou Gabriel. — A lança Gungnir atravessou seu coração.

— Como pôde sobreviver a isso? — perguntou Ardam.

Noah não tinha resposta para isso.

Olhou o peito nu e o esfregou. Já não tinha cicatriz.

Dando de ombros tão perdido como eles, disse finalmente:

— Não tenho nem ideia. — respondeu com convicção.

Ardam e Gabriel não acreditavam. Como não saberia por que razão era tão resistente?

— Mas vou averiguar isso. — assegurou Noah. — Por enquanto a única que me importa é Nanna. Algo aconteceu quando a toquei... de repente um raio nos atravessou e...

Os olhos castanhos escuros de Ardam se entrecerraram.

— Porra, tocou Nanna? É a protegida de Freyja. Não pode tocá-la. Nenhum homem vivo pode tocá-la.

— Sei, bom... — disse arrependido. — A questão é que quando ficar bem iremos daqui para...

— Não. Nem pensar. — Ardam deu um passo à frente e o ameaçou com seu corpo. — Não pode voltar a tocá-la. Não pode levá-la. Nanna recolhe os guerreiros caídos. Se ela não estiver, quem diabos o fará?

Noah elevou uma sobancelha loira platinada e olhou o laird com um meio sorriso compreensivo.

— Levarei-a comigo, Ardam. Queira ou não. — disse sem inflexões.

— Por que? — quis saber Gabriel. — Nós precisamos dela aqui.

Noah negou com a cabeça, resolvendo o assunto com um meio grunhido.

— Quando morri, encomendei-me a ela. Ponto final.

— Continua vivo. — replicou Ardam.

— A lança atravessou meu coração. Matou-me. Mas depois... despertei em seus braços. E por essa razão a toquei.

— Mesmo assim... — continuou Gabriel, incômodo.

— Disse não, engel. Levarei-a porque, fora não entender o que está acontecendo comigo nem quem sou, estou absolutamente seguro de uma coisa: Nanna é minha *kone*. E não vou deixá-la aqui. Virá comigo a Black Country. Tenho algo a averiguar ali. — anunciou enigmaticamente.

Gabriel e Ardam olharam para o outro.

O gigante dalriadano estalou a língua.

— Você decide, engel. — disse a Gabriel. — Deixamos ir ou não? É a porra de um morto vivo. E tocou Nanna. Se nós não o fritarmos, logo Freyja o fará. Ou a própria Nanna quando se recuperar.

Noah sorriu incrédulo, um gesto que não passou despercebido para Ardam.

— Não acredita em mim, Noah? — disse divertido. — Que Nanna não esteja nos conflitos bélicos do Midgard não significa que não tenha caráter nem fúria. É uma Valquíria. Sabe como as aborrecem?

Noah meditou suas palavras.

— Ninguém está mais arrependido do que eu por tê-la feito se sentir assim. — assegurou. — Mas se for minha, não poderá me machucar. — replicou com segurança. — Seu *helbredelse* é meu. Conforme tenho entendido nossa relação deve ser de cura, não de agressão. E como berserker, seu *chi*, é meu. Não me faria mal.

— Pense o que quiser... Nanna é bonita, muito divertida e muito cômica e boa. — disse Ardam enumerando suas virtudes. — Mas eu jamais iria querer que se zangasse comigo.

— De acordo — disse Gabriel mediando entre eles —, fica avisado, berserker. De minha parte, tenho que dizer que me alegro de que esteja vivo.

— Obrigado. — respondeu Noah. — Como estão as coisas por aqui?

— Tentávamos estabelecer comunicação com a Inglaterra, mas o sistema elétrico caiu em toda Escócia e Irlanda. — disse Ardam. — Não podemos contatar com ninguém. Estamos isolados.

— Compreendo. Então alguém tem que ir a Inglaterra e mediar com os clãs. A guerra começou. — Ouviu de novo um grito de Valquíria e todo seu corpo estremeceu. Precisava ir ver o que acontecia com Nanna. — Agora, se me desculparem...

Gabriel e Ardam assentiram e deixaram que Noah desaparecesse pelo corredor, assustado e nervoso ao escutar os aberrantes gemidos da guerreira.

Noah tinha decidido. Por pouco que Nanna melhorasse, aconteça o que acontecesse, ele a levaria dali. E ambos viajariam a Black Country.

Hummus o chamava “Menino Perdido” e tinha assegurado que As lhe escondia coisas.

A lança de Odin não tinha acabado com sua vida.

Freyja falava com ele em *futhark* através da lâmina de sua adaga.

Quem era ele na realidade?

Descobriria assim que tivesse o líder dos berserkers diante dele.

As não fugiria dele de novo.

Enquanto isso, a única certeza em sua vida era que seu instinto berserker não falhou quando viu Nanna pela primeira vez.

Todo seu corpo pulsava de necessidade por ela. E se alegrava em saber que tinha pleno direito de desfrutar da valquíria porque era sua companheira.

Nanna saberia e o entenderia.

E se dariam às mil maravilhas, porque ninguém se dava mal com ele.

Era um pacificador, um mediador e uma espécie de psicólogo e confidente entre clãs.

E estava desejando desfrutar de Nanna sem dor nem recriminações no meio.

CAPÍTULO II

— Segurem-na. — ordenou Bryn às suas irmãs.

— Está ardendo. — Gúnnr pôs as mãos sobre o corpo dela, segurando-a pelas pernas e observando como Róta fazia o mesmo com os braços.

Tinham-na deitado em uma das camas dos quartos que davam ao interior do lago.

A luz azulada e aquosa que entrava pelas janelas circulares, como se tratasse do camarim submerso de um navio, contrastava com a palidez do rosto de Nanna e seus olhos avermelhados pelas lágrimas.

— Mas o que há com ela? — perguntou Róta.

— É Freyja. — respondeu Bryn. — Quando colocou Nanna no berço e fez o batismo das valquírias disse a ela que se alguma vez um homem vivo a tocasse sofreria a dor de sua ira. Açoitou-a com seus raios.

Róta e Gúnnr se sobressaltaram. A ira de Freyja era o pior castigo que uma valquíria podia receber.

— Noah é um ressuscitado, isto não deveria contar! — gritou Róta, aflita ao ver o belo rosto de Nanna completamente esvaído.

Bryn sorriu e negou com a cabeça enquanto tirava as botas de sua irmã catatônica e afastava a colcha branca da cama.

— Não importa o que Noah seja agora. — apontou Bryn. — Tem que baixar sua febre. Ajudem-me a despi-la. Se a pusermos sob o jato da ducha e a banhamos com água gelada, talvez... Mas o que é isto?

As três valquírias afastaram suas mãos do corpo de Nanna ao ver que um tipo de hera inexistente naquele quarto, percorria a madeira da estrutura da cama, arrastava-se pelo cobertor branco e cobria lentamente o corpo da valquíria. Rodeava braços e pulsos, e os caules mais grossos envolviam o corpo, até sepultá-la em uma cúpula natural de cor verde e marrom, própria da mãe natureza.

As três guerreiras se entreolharam sem entender o que acontecia.

Até que ao mesmo tempo disseram:

— Freyja.

A deusa curava suas valquírias, feridas pelas flechas dos elfos escuros e suas serpentes venenosas, invocando o dom de sua mãe Nerthus, a deusa da Terra, confinada eternamente no Midgard para ajudar e contatar com os humanos com obrigações divinas. A guerreira Ruth, Maria Dianceht e as sacerdotisas trabalhavam para ela. Nerthus sempre trabalhava com a natureza para manifestar-se; Freyja, às vezes, utilizava seus mesmos poderes.

— Cheira a bosque. — sussurrou Gúnnr.

As quatro valquírias, exceto Gúnnr, foram tratadas em Asgard pela deusa e os caules lenhosos e trepadores de sua hera medicinal. Aquilo aliviaria a dor e pouco a pouco a curaria. No final das contas, Freyja não iria querer ver Nanna sofrer eternamente.

— O que aconteceu?

A voz de Noah alertou as valquírias, as quais ficaram estrategicamente de frente para a crisálida verde sob a qual se achava sua irmã. Olharam-no com olhos avermelhados transbordantes de malevolência e animosidade. Por sua culpa Nanna estava sofrendo a tortura da deusa.

— O que você acha que aconteceu?! — replicou Bryn carregando suas mãos de fios de eletricidade avermelhada e azulada. — Isto é por sua culpa!

Noah observou a Generala, que se aproximava dele com vontade de eletrocutá-lo; então o berserker elevou sua faca *guddine*, cuja lâmina se iluminava com inscrições em *futhark*. Os símbolos se moviam pelo metal.

— É a adaga *guddine* da Nanna? — perguntou a Generala estupefata. — Pode tocá-la? — não compreendia nada.

— Não só posso tocá-la. — assegurou Noah. — Além disso, Freyja me manda mensagens como se fosse a porra de um celular.

— Freyja? — A loira se plantou diante dele e cravou seus olhos vermelhos na arma. — O que te diz minha deusa?

Noah mostrou a mensagem, que ele leu em voz alta:

— Quando se abrir a crisálida, tome-a.

As palavras de Freyja caíram como uma jarra de água fria.

— É uma merda! — espetou Bryn.

Que tomasse Nanna? Não! Nem pensar!

— Não vai tocar em Nanna. — assegurou Róta com seu olhar rubi cintilante. — Antes terá que passar por cima de mim, Bengala.

Noah analisou a situação e deu de ombros.

— Nanna é minha companheira. Minha *kone*. Encomendei-me a ela. Por que não desfrutaria do que nos dá nosso vínculo? — insinuou, provocador. Sob nenhum conceito possuiria Nanna sem seu consentimento. Ele não tinha esse caráter. Embora o ordenasse a deusa, não faria isso. A Valquíria devia aceitá-lo antes, não? Embora o certo era que se imaginar sepultando-se no interior daquela garota lhe revolvía a mente e o excitava de uma forma exagerada.

— Por que não? — repetiu Gunny retirando a franja dos olhos. — Porque sou capaz de te matar, Noah.

— Não pode. — assinalou ele. — Eu a mataria antes.

— Sou a filha de Thor, vira-lata. — rebateu ela dando um passo adiante. — De verdade pensa que ele deixaria que acabasse comigo? Tenho o *Mjölñir* pendurado no pescoço. Não poderia contra mim.

— Posso tocar adagas *guddine*, captar totens sagrados e sobreviver à ponta do *Gungnir*. Não sou fácil de matar. — Arqueou as sobranceiras loiras e sorriu. — E nem sequer sei por quê. Além disso, são ordens de sua deusa. Não vou desobedecê-las.

— Nossa deusa às vezes é muito puta. — Róta apertou as mãos formando uns punhos tensos e trêmulos. — Suas decisões e sua liderança são supervalorizadas. Não vai tocá-la enquanto estiver sob o mesmo teto que eu, zangue-se Freyja ou não.

Noah relaxou o rosto e sorriu com sinceridade. Deixaria de jogar com elas, já tinham demonstrado o que não precisava que demonstrassem; sua lealdade e sua irmandade umas para com as outras, como as mais dignas mosqueteiras.

— Alegra-me ver que Nanna tem umas protetoras tão inflexíveis. Matariam por ela.

— Mataríamos por defender a qualquer uma de nós. — assegurou Bryn. — Não é bom que nos provoque assim. O Midgard nos deixou completamente revolucionadas e fez desaparecer o pouco bom senso que tínhamos. A guerra faz com que não pensemos nem um momento em quem devemos eliminar.

— Relaxem, por Odin. — disse ele começando a rir. — Não tenho intenção de fazer tal coisa. Não vou forçar ninguém. Antes desta, tinha recebido outra mensagem que dizia que devia ir a Black Country e pedir que me ajudem a contatar com Nerthus. — explicou, seguro de si mesmo. — E farei isso, mas tenho que levar Nanna comigo.

O rosto das três valquírias relaxou visivelmente.

— Não vai violentá-la?

— Não, porra. — grunhiu Noah. — Mas preciso disso. Necessito que esteja ao meu lado. Freyja me pede que a leve, embora me diz que não poderei tocá-la até que Nerthus o diga. Não a tocarei quando sair dessa... casca de ovo ou o que seja... Mas não há dúvida de que é minha, e por isso não permitirei que nenhuma de vocês se interponha, de acordo?

— Contanto que não lhe faça mal, o que já fez — espetou Gúnnr, venenosa —, e não a toque, como já a tocou... tudo estará bem.

— Esperarei o que precisar para fazê-lo. Enquanto isso, prometo não machucá-la. — Se Nanna era sua mulher, devia se dar bem com suas amigas.

Bryn franziu o cenho e mordeu o interior da boca como se duvidasse se devia se retirar ou não. Tinha aprendido com o tempo que as decisões da deusa sempre tinham um motivo e segundas intenções. Nada era gratuito. Tudo se fazia por algo.

— Quando se abrir a crisálida, poderá levá-la.

— Bryn! — refutou Róta, discordante. — É Nanna! Sua função é sagrada! Não pode... Não sabemos por que tem que levar Nanna! Se ela não levar aos guerreiros caídos, quem os levará? A Terra se encherá de cadáveres valiosos para os deuses.

— Freyja ordena e por muito que nos contrarie, obedecemos. — disse Bryn, resolvendo o assunto. — Não depende de mim saber quem cuidará agora dos mortos. No final, apesar de todos os inconvenientes, a deusa sempre nos ajuda. E não acredito que esta ordem seja diferente.

— Freyja não nos ajuda. Freyja só nos faz sacanagens. — esclareceu Gúnnr.

Róta e Bryn olharam uma à outra. Elas sabiam de fonte segura o que eram ser fichas e peões da deusa vanir. Entretanto, depois de estudar os acontecimentos sob todas as perspectivas possíveis, não podiam dizer que a Resplandecente não tivesse feito o melhor por elas e para o desenvolvimento do Ragnarök.

— De acordo. — assentiu Róta. — O que sugerir, Generala.

Bryn sorriu. Gunny olhou vacilante a crisálida. Nanna era sua querida irmã. Se sofresse além da conta, Noah pagaria.

— Pode confiar em mim, Gúnnr. — confirmou Noah com docilidade e empatia. — Eu a protegerei com minha vida.

A Valquíria morena suspirou e por fim claudicou, afastando-se da hera.

— Aceitarei sua palavra, berserker. — ela o ameaçou.

— Aceitem. Não as decepcionarei.

— Já fez isso. Tocou-a quando sabia que não devia fazer. Menos vinte para você. — Gúnnr o olhou de esguelha com seus olhos azulados e passou ao longo dele como se perdoasse sua vida. — Vejamos como pensa recuperá-los. E, de qualquer forma, ainda terá que suportar a ira de Nanna.

— Eu ganharei. — disse seguro.

Gúnnr bufou como se não acreditasse.

— Nanna confia nas pessoas e dá tudo assim que te conhece. Mas se brincar com ela, é a pior Valquíria com a qual pode se deparar. Tem muito caráter. Não deixará que a toque até que não ache que já pagou o suficiente por machucá-la.

Noah aceitou a acusação, embora não foi sua intenção fazer isso. Estava desorientado, cansado e voando... Tocou Nanna porque não sabia se o que estava experimentando era um sonho ou era real. As consequências foram terríveis e dolorosas para ela. Mas se cuidaria de não voltar a feri-la.

— A crisálida vai curá-la. A hera anulará a dor. Então quando ela se encontrar bem, os caules se afastarão e se abrirão. — anunciou Bryn, que se afastou da cama para abandonar o quarto. Suas irmãs a precederam. — Estão encarregado dela. Não volte a tocá-la. Não me decepcione. — deteve-se e acrescentou. — cuide dela.

Noah assentiu com a cabeça. Quando esteve sozinho, relaxou e concentrou toda sua atenção na hera que rodeava o corpo da valquíria.

Dele.

Precisaria descansar para estar bem quando despertasse. Fazia muitos dias que não dormia. Despertava com facilidade e tinha pesadelos... mas morria de sono.

Justo ao lado de Nanna estava seu espaço, preparado e livre para ele.

Tirou as calças negras de capoeira, que era a única coisa que cobria seu corpo e o melhor objeto para brigar devido a sua elasticidade. Esse tipo de tecido resistia às suas mutações.

Nu, meteu-se no banheiro do quarto e deixou que a água limpasse seu sangue e sua sujeira. Não havia nenhuma ferida que devesse cicatrizar. Todas estavam fechadas. Inclusive a do peito.

Enquanto a água quente o banhava de cima a baixo, Noah esfregou a carne à altura do coração.

A lança tinha atravessado seu órgão mais vital: seu coração. E o tinha matado.

Entretanto, em vez de estar morto, estava vivo da Silva no mesmo quarto que Nanna: a valquíria que o deixava louco desde que a viu pela primeira vez, na pira de Gabriel.

Sorriu melancólico.

Muito tinha chovido após. Mas em uma coisa não se equivocou: aquela jovem guerreira era para ele.

E para ninguém mais.

Com essa ideia deitou junto a ela, com o olhar amarelo fixo na trepadeira que não deixava ver nem um centímetro da bela pele de Nanna, até que as pálpebras cederam ao cansaço.

O fogo consumia seu corpo.

O aroma de calcinação impregnava suas fossas nasais.

Não podia sair dali.

Não podia se mover.

A fumaça alagava seus pulmões e irritava seus olhos.

Uma e outra vez seu pesadelo se repetia. Noah era consciente de que estava sonhando, mas ao mesmo tempo, a realidade do sono o turvava e, às vezes, inclusive o impedia de despertar e o fazia duvidar de se aquele calvário era autêntico ou não.

As flechas choviam do céu como estrelas fugazes e iam todas em sua direção, com suas pontas presas e iluminadas pelo fogo que continuava incinerando o lugar no qual ele se achava.

E então, o silêncio.

O silêncio chegava acompanhado de um pequeno zumbido no ouvido... Umas palavras sussurradas em voz muito baixa. Palavras que não conseguia compreender, como se fossem herméticas para ele.

E depois abria os olhos de par em par com as pupilas dilatadas e o corpo envolto em suor frio. Como nesse momento.

Custou-lhe acostumar-se à ideia de que continuava vivo e em um quarto, pois estava muito desorientado ainda, mas assim que viu as janelas submarinas percebeu onde estava.

Ergueu-se e olhou imediatamente ao lado direito, esperando encontrar-se com a cúpula de hera; pelo contrário, achou a cama vazia.

Inspirou profundamente e captou o aroma de Nanna: algo exótico e ligeiramente picante. Girou seus olhos dourados e viu a silhueta da valquíria contra a parede em um canto coberto pela penumbra, resguardada da claridade das janelas.

Noah se aproximou dela pouco a pouco, nu. E ouviu perfeitamente como ela tomava ar e sussurrava:

— *Bue.*

Nanna o apontava com uma de suas flechas. Tinha agitado suas pulseiras de titânio e o arco se materializou entre suas mãos. Nesse momento esticava a corda, decidida a atravessar sua pele, se em algum momento esse belo homem se aproximasse.

Esse berserker que se deitou nu a seu lado enquanto ela estava em sua crisálida se recuperando do castigo de Freyja, olhava-a como se estivesse faminto, embora houvesse um pouco de pesar e remorso em seus olhos.

— Está nu.

— Olá.

— Está nu. — repetiu enquanto seus olhos se avermelhavam e se apagavam, como se fossem bipolares.

Noah entrecerrou os olhos e os desviou para sua própria nudez.

— Acabo de tomar banho e me deitei assim.

— Certo. — Esticou mais a corda ao ver que ele dava outro passo adiante. — Bryn e Ardam se encontram bem? Recuperaram-se de suas feridas?

Noah não entendeu a pergunta até que compreendeu que quando os feriram em Machre Moor, Nanna o levou morto e deixou seus amigos embaixo feridos gravemente.

— Ela te trouxe aqui junto à Róta e Gúnnr. Ardam e ela estão perfeitamente bem.

Nanna afirmou com a cabeça, mas não abaixou a arma.

— Alegra-me ver que já está bem, Valquíria.

— Estou? Tem certeza? Porque te asseguro que minha pele e o meu corpo ainda doem pela descarga. E devo isso a você.

— Nanna, não entendo o que foi o que aconteceu, mas nunca foi minha intenção te ferir...

— O que aconteceu foi que me tocou. Foi isso. — recordou acidamente. — E deixa de caminhar para mim. Não se aproxime.

— Não quero machucá-la. — Levantou as mãos.

Ela fechou os olhos com força e os abriu de novo.

— Olha, assim não posso falar. Não estou nada receptiva.

— A que se refere?

— Ponha algo aí embaixo! Não posso estar por tantas coisas de uma vez...! Tenho a ansiedade pelas nuvens e você me desconcentra! — disse irritada.

— Sério?

— Noah... — advertiu com tom mortal. — Estou completamente descontrolada e muito irritada com você. Não brinque.

Noah arqueou as loiríssimas sobrancelhas e sorriu.

— As valquírias não têm ansiedade.

— Eu sim. Fico histérica quando um homem vivo como você se aproxima com esses gestos, como se fosse quebrar sua palavra outra vez, sabendo que se me tocar me dará um ataque elíptico.

— Elíptico? Epilético, quer dizer.

— Tanto faz. — murmurou entre dentes. — Agora me dê uma boa razão para que não o adorne a flechadas, porco egoísta.

— Não a tocarei, Nanna. Não o farei por enquanto.

Ela piscou, como se não o escutasse bem.

— Sinto muito, pareceu-me escutar “por enquanto”.

— Sim, por enquanto.

Nanna apertou os dentes e deu um passo para ele sem deixar de apontar para ele.

— Não há um “por enquanto”, compreende? Entre você e eu há um enorme e explícito “nenhuma vez”. É como um pôster piscando em vermelho de um puteiro de estrada, entende?

Ele negou com a cabeça, sorriu e olhou para baixo.

— Não. Pede-me coisas impossíveis. E onde diabos aprendeu a falar assim?

— Recolho mortos na Terra. Mas os vivos dizem autênticas barbaridades. É inevitável escutá-las.

— Certo. — disse pasmo. — Bom, a questão é que não pode me proibir de algo que não estou disposto a me privar.

— Não posso?! É claro que sim! Se tivesse morrido poderia me tocar! Se tivesse ficado com os olhos fechados e seu coração tivesse deixado de palpitar agora poderíamos nos tocar! Mas não! Porque o senhor adora as intrigas!

Noah adorava escutá-la falar.

Nanna era divertida e espontânea. Parecia tímida a princípio, mas depois, em seu belo rosto infantil e malicioso se podia distinguir como era atrevida na realidade. Gostava do tom e das caras que fazia enquanto movia aqueles lábios tão sedutores, com as recriminações de uma mulher irritada. E seu aroma e sua presença o excitavam. Prova disso era que estava duro e grosso, e que sua enorme ereção apontava para ela, como ela apontava para ele com suas flechas.

— A mim? — repetiu ele, divertido. — É este o que gosta das intrigas. — destacou o pênis.

Nanna olhou sua virilha, engoliu em seco e abriu os olhos de par em par.

— Abaixe-o.

— Como?

— Minha paciência pende por um fio. Sinto a ira de Freyja em mim e agora mesmo meu senso de humor beira a depressão. Desça essa coisa, por Freyja...

O berserker pôs-se a rir.

— Então não aponte para mim com o seu. Abaixe o arco.

— Não é engraçado. Falo sério, Noah. Não imagina quanto me doeu o castigo. Se voltar a me tocar ou a me roçar, ela voltará a me açoitar e... Abaixe isso e deixa de apontar para mim.

— Não posso. — protestou ele, de bom humor. — É culpa sua. Gosta de você.

— Eu não gosto de você. É um mentiroso.

Noah revirou os olhos.

— Sou um Pinóquio? — brincou tentando tirar a importância do assunto.

— Pinóquio era bom. Você é um idiota. Traiu sua palavra. Repeti isso centenas de vezes, adverti-o sobre o que aconteceria se...

— Já disse que não a tocarei de novo. Mas encontrarei um modo de fazê-lo sem que seja doloroso para você.

— Por que vai fazer isso depois de ignorar minhas advertências com tanta desfaçatez?

— Porque não posso suportar estar perto de você e não tocá-la. — respondeu com voz grave. — Porque passo séculos esperando minha *kone*, e agora que te encontrei não vai escapar. Agora não me cabe nenhuma dúvida sobre quem é. Toda esta atração que sentíamos um para o outro, o mistério e a tensão... eles diziam a gritos. Você é para mim.

Nanna estremeceu até as orelhas. Pensou nessa possibilidade. A ideia de tocar sem dor. A possibilidade de que por fim a tocassem.

Gostou de Noah desde que o viu. Adorou, fulminou-a. Soube que queria esse homem para ela, mas para fazê-lo Noah devia estar morto.

O futuro deles dois juntos era o mesmo que o que tinha o Dia da Marmota. Quer dizer, nenhum.

Entretanto, depois de sofrer a ira de Freyja, Nanna estava tão raivosa que seria capaz de matá-lo ela mesma, e não precisamente para estar com ele toda a eternidade, mas sim para fazê-lo sofrer parte da incrível tortura que ela experimentou em seu corpo.

Não havia pior castigo físico que o que infligia a deusa vanir. E era uma verdade conhecida nos Nove Mundos.

— E... a quem pensa recorrer para isso, berserker? Quem conseguirá que você possa me tocar? — perguntou interessada.

— Tenho que voltar para Black Country. Lá falarei com as sacerdotisas. Elas poderiam nos ajudar. Sabem sobre magia e Freyja me ordenou que me acompanhe.

— Não entendo por que Freyja insiste em que vamos juntos... — meditou em voz alta. — Mas, conhecendo-a... Talvez seja parte de meu castigo por deixar que me tocasse... É um pouco puta, em algumas ocasiões.

— Nanna, fui eu, não foi sua culpa... Mas estava tão aturdido como você e sinceramente, nesse momento não recordava em nada a ordem que me deu.

— Algo teve que sair errado. — continuou Nanna, perdida em seus pensamentos. — Se supunha que tinha se encomendado a mim... Sou sua Valquíria e você meu *einherjar*, mas não posso ser sua valquíria se me machucar tanto sempre que se aproxima de mim. É impossível.

— Acredite em mim que sim, é minha. — disse ele, ameaçando-a e dando um passo para ela.

— Alto aí, berserker. — Sacudiu a cabeça. Olhou-o fixamente nos olhos, estudando-o como se fosse um quebra-cabeça sem resolver para ela. — Por que sobreviveu?

— Para começar, sou seu berserker e você minha *kone*.

— Simples tons terminológicos.

— Surpreende-me que não tenha trocado a ordem das letras nessa frase...

— Acredito que vou torr-lo.

Noah se pôs a rir de novo. Não podia evitar.

— Por suas palavras, parece que teria desejado que estivesse morto. — ele a recriminou. — Quer isso? Quer que morra?

— Não! Bom... Sim! — Nanna não sabia mentir. Era transparente e honesta. — Mas é óbvio que nossa relação muda grandemente dependendo se vive ou morre. Morto o cão, acabou-se a raiva, não dizem isso?

— Não posso acreditar no que ouço... Não tenho nem ideia de por que continuo vivo! Mas necessito respostas, e pelo visto, só As Landin pode respondê-las. E você deve me acompanhar. A deusa pediu.

— Já ouvi. — respondeu a contra gosto. — E o acompanharei, não quero desobedecer Freyja de novo. Mas até que não encontre uma solução, não deve colocar uma mão em mim. Deixei de gostar de você.

— Será muito difícil não poder te tocar. — grunhiu para si mesmo.

— Noah... — Seus olhos se tornaram rubis cheios de cólera e desafio.

— Sabe que é muito sexy o modo que seus olhos trocam de cor?

— A mudança de cor não tem que ser boa. Vai se comportar bem? — Apontou diretamente entre suas pernas.

— Supõe-se que não pode me machucar, não? — disse com incerteza.

— As flechas não são parte de meu poder. São um excelente complemento a nosso traje. Se a flecha te tocar, doerá.

— Farei isso. — Elevou as mãos como se estivesse indefeso. — Resistirei. Não colocarei uma mão em você.

Nanna o olhou de cima abaixo.

Finalmente, agitou seus *bues* com conformidade e as flechas desapareceram entre seus dedos; o arco se recolheu como faria um *transformer* até rodear de novo a pulseira de titânio negra e vermelha.

Depois a jovem valquíria colocou as longas tranças sobre um só ombro e inchou o peito para acrescentar:

— Eu as colocarei em você. Agora é minha vez.

— Como diz? O que?

Nanna se aproximou dele, arqueou uma sobrancelha castanha escura e disse com um sorriso de loba:

— Serei eu a tocá-lo. Eu sim posso tocá-lo, não?

Noah demorou uns instantes em reagir e em reconhecer no fino rosto da valquíria, um desejo tão forte e voraz quanto o dele, além de uma profunda necessidade de revanche.

Nanna o desejava, mas diferente dele, ela sim podia tocá-lo.

CAPÍTULO III

— O que acontece, lobo? Você não gosta de se sentir caçado?

Noah elevou ambas as sobrancelhas, surpreso pelo jogo da mulher.

— Me corrija se estiver errado, Valquíria.

— Diga. — disse ela colocando-se a alguns centímetros de seu corpo nu. Podia cheirar sua pele limpa e sentir o calor que desprendia.

— As valquírias são virgens, certo?

— Sim. Mas as que descemos temos a permissão de Freyja para tirar esse empecilho.

— Então — disse ele gemendo, ao notar como os dedos de Nanna percorriam sua clavícula —, não têm nem ideia do que é se deixar levar pela atração física.

— Oh, é claro que sim. — assegurou Nanna. — Entre nós, no Valhalla, deixávamo-nos levar. Nem todas tínhamos einherjars com quem saciar nosso apetite, compreende?

Noah ficou ainda mais duro ao imaginar isso.

— Quando puder tocá-la, será virgem para mim. — disse excitado.

— Parece utopia, no momento. Deve saber que quando estou tão zangada não me deixo levar pela atração física. — Imobilizou-o com um olhar de seus grandiosos olhos. — Eu me deixo levar pela vingança. Agora mesmo não me move o desejo de te tocar. — mentiu, de certa forma. — Me move o desejo de fazê-lo pagar. Por sua culpa, minha deusa me castigou no Midgard.

Noah engoliu em seco ao ver como Nanna abria a palma de sua mão e permitia que uma flecha iridescente de sua *bue* se materializasse ante eles.

— O que vai fazer?

— Não há nada mais vingativo que uma Valquíria. — sussurrou a um passo de seus lábios. Não tinha mau caráter, ao contrário. Mas se havia algo que valorizava acima de todo o resto, era o carinho da deusa. E Freyja sempre a tinha tratado de um modo diferente das demais. Acreditou nela para levar os guerreiros caídos a Valhalla e sempre lhe dava presentes. Deu a ela sua adaga *guddine*, e a tinha enfeitiçado para que ela pudesse tocá-lo sem ser uma deusa.

E também a presenteou com um colar de pérolas que frequentemente tocava quando ficava pensativa. Eram detalhes exclusivos que Freyja só tinha com ela. Mas Noah acabava de jogar por terra essas preferências, e a vanir estaria decepcionada.

— Lembre-se da próxima vez onde colocar as mãos.

Ele não pôde compreender suas últimas palavras até que sentiu como a flecha se moldou até rodear todo o caule de sua ereção, como se fosse uma sucuri que estivesse preparada para espremê-lo.

E estava.

Nanna rodeou seu pênis com a mão, e não pensou em que aquela era a primeira vez que tocava um. Na realidade mal o sentia, porque o calor da flecha e sua eletricidade a privava do verdadeiro tato daquela pele que, presumia, era acetinada e ardente.

— Nanna...! — Noah ficou sem ar e caiu de joelhos.

— Atreva-se a me tocar agora. — grunhiu.

A flecha eletrocutava Noah e o deixava sem forças sequer para se defender.

O berserker revirou os olhos indefesos.

Doía horrores.

— Está torrando meus ovos! Para!

Nanna negou com a cabeça, impávida.

— Posso me equivocar com as palavras. Posso ser confiante e despreocupada. Eu adoro me divertir e fazer brincadeiras. Adoro todos os joguinhos terrestres que têm e gosto do Midgard pelo que é. Mas te direi uma coisa que não sou. Não sou indulgente. — Apertou a *bue* com mais força ao redor do saco. — Nenhuma vez. Acha que poderá me tocar quando encontrar a solução para fazê-lo? Acha que poderá fazer isso porque esse é seu direito como berserker? Não me importa que seja meu einherjar e quão desejosa possa estar que transe comigo, Bengala. Terá que ganhar a graça para me tocar de novo. Ganhe minha confiança porque, agora mesmo, não tem nenhuma.

Depois disso, soltou-o e o empurrou, até que Noah, nu, caiu ao chão como uma bola, dolorido e com as mãos entre as pernas.

Estava vermelho como um tomate e as veias do pescoço sobressalentes.

— Não se queixe tanto. — repreendeu Nanna. — Foram somente uns segundos. Não toda uma eternidade, como a que sofri com Freyja.

— Nanna... aonde vai?!

A valquíria se deteve no umbral da porta antes de sair do quarto e disse:

— Dar uma volta.

— Dentro de instantes teremos que ir...

— Freyja falou comigo dentro da crisálida de hera.

Ele se virou como um bolinho e a olhou do chão onde se achava.

— O que disse a você?

— Pois... — Recolocou bem a *bue* sobre seu pulso e pigarreou com repugnância. — Que você continue sem poder me tocar não quer dizer que outros tampouco possam fazê-lo. Levantou a vedação para outros. Agora já podem me tocar e eu posso tocá-los.

— Como diz? — Suas presas apareceram entre os lábios e seus olhos se tornaram selvagens.

— O que ouviu. Por isso disse que deve haver um engano. Por que acha que você, que diz ser meu companheiro, não pode encostar a mão em mim sem que eu sinta vontade de morrer e arrancar a cabeça? E pelo contrário, todos os outros sim, podem fazê-lo? E se trata precisamente de que é justamente o contrário?

— Não sei ao que se refere...

— Passei toda a vida esperando meu companheiro. Pensava que não o teria jamais. Quando o vi pela primeira vez, senti que todo meu mundo ficava do avesso. Aconteceu isso com você alguma vez?

— Sim. — murmurou ele. — Com você, Nanna.

Ela engoliu em seco e o olhou por cima do ombro.

— Pois eu também senti isso, mas não pode ser verdade. Meu companheiro não me machuca com seu contato e faz com que minha deusa me condene no Midgard. Isso só pode significar uma coisa.

Noah a escutava com atenção, piscando como o faria um animal.

— Tocou-me o homem errado. O menos indicado.

— Pense o que quiser, Nanna. Virá comigo. E enquanto eu estiver a seu lado, não vai tocar a ninguém mais.

— Sei, bom. Essa é uma de suas ordens de lobo alfa?

— E faria bem em não me desobedecer.

Nanna o olhou pela última vez e sorriu, desdenhosa.

— Ponha gelo aí embaixo. Logo o verei.

Depois daquelas palavras, deixou Noah a sós com sua dor.

Que diabos tinha acontecido?

Agora, além de tentar descobrir quem era, devia lidar com uma *kone* ofendida?

Noah bateu sua testa contra o chão e acrescentou:

— Quanto odeio aos deuses.

Depois de se reencontrar com suas valquírias naquele búnker submarino teve uma conversa com Bryn, Róta e Gúnnr no mirante da ilha, cujo horizonte estava coberto de uma negra espessura provocada pelos gases que saíam das rachaduras da Terra.

— Deuses... É como Mordor. — sussurrou Nanna.

— Começou o final dos tempos. A Terra obscurece. — disse Róta olhando o sombrio horizonte.

— *Mas no começo da tempestade* — acrescentou Nanna pondo voz de homem e recordando as palavras de Gandalf no Senhor dos Anéis — *volto para vós*.

As quatro valquírias sorriram. Sentiram tanta saudade de Nanna...

— Então... — disse Bryn sem compreender. — Agora já pode usar suas mãos? Já pode desfrutar dos pecados da carne? Pode ser tocada?

— Sim.

Róta suspirou e descruzou os braços.

— Pois que Odin confesse nossos pecados. Porque não há ninguém mais curiosa que você. — Róta piscou um olho pra ela. — Passará de ser *Nanna, a Intocável*, a Nanna — moveu as mãos como se desenhasse um pôster ante elas —, a *Vadia*.

Nanna lhe deu uma cotovelada e a afastou dela.

— Ouça, Nanni, recorda que há homens que não pode espreitar. — disse Gúnnr marcando terreno e passando os dedos pelo cabelo.

— Não se preocupe, irmãzinha. — Nanna passou um braço por cima dos ombros de Gúnnr. — Já sei que Ardam e Miya estão marcados. Falava-me deles, não? Ou acaso há alguém mais?

Gunny arqueou uma sobancelha e relaxou ao ver o sorriso descarado de Nanna.

— Comporte-se bem, viu? — pediu Gúnnr.

— Uh, Gunny se tornou muito territorial e tem mais caráter que Prúdr quando colocamos para ela os excrementos de troll em vez das almôndegas no jantar das eddas do Bragi. — acrescentou Róta.

Todas se puseram a rir.

— Relaxem. Seus guerreiros não me interessam. — assegurou Nanna.

— Sabemos — apoiou Bryn —, mas te interessa Noah, não é? Por muito que ele tenha feito o que fez, por alguma razão a deusa quer que estejam juntos.

— Aqui há cão preso. — sussurrou Nanna pensativa.

— Quer dizer gato.

— Não. Digo cão. Noah é um berserker, não? Encomendou-se a mim. — ressaltou a Valquíria prendendo uma de suas trancinhas como se não tivesse interesse. — Mas é impossível que meu einherjar me machuque quando me tocar. Assim decidi que não volte a fazer. Acompanharei-o lá onde a deusa me obrigue, mas não estamos obrigados a ter uma relação.

— Mas se é seu einherjar, já criou seu vínculo com você. Se encomendou-se a você...

— É impossível. — grunhiu Nanna inconformada. — Impossível. Não posso ser tão desgraçada para ter um companheiro que cada vez que me toque me deixe em coma. Nego-me. E embora pudesse, eu... agora mesmo estou com muita raiva... Sabem que minha relação com a dor é a mesma que têm Loki e Odin. É uma aversão total. Como é possível que o homem que eu gosto, e ao que se supõe que pertenço, faça-me tanto mal com seu toque?

As três guerreiras a olharam com compaixão.

— Noah é um homem muito correto e empático. — disse Bryn. — Ele nos ajudou muito em nossa guerra por recuperar Gungnir. É especial. Talvez...

— A mim só deu a dor de Freyja. — cortou Nanna. — Eu o ajudei em todas as minhas intervenções. Em todas. — destacou. — Bom, certo — revirou os olhos —, em uma o apunhalei. Mas essa adaga *guddine* lhe serviu muito. E depois o curei de suas feridas, dei a ele meu *helbredelse* em Amesbury quando estava deitado ferido gravemente na copa daquela árvore, vítima do ataque de Hummus. E assim que me pega com a guarda baixa e tem a oportunidade, o primeiro que faz é quebrar sua palavra e me tocar. — Estava aborrecidíssima. — Não é justo.

Visto assim, pensaram as três valquírias, Nanna tinha em seu direito ataques. Embora o trio soubesse perfeitamente bem e por própria experiência que para Noah seria impossível não tocar Nanna, pois tinham um *kompromiss*. Era impossível ignorar a atração e o desejo dos *einherjars* e suas valquírias, ou, neste caso, de seus berserkers por seus companheiros.

— Se Noah for um berserker e te marcar, e todos vimos como marcou o *noaiti* à guerreira, poupe suas promessas de vingança — Bryn se compadeceu dela acariciando suas costas —, porque, assim que puder, e embora você diga não, esse homem a trespassará com sua arma pessoal. Seu instinto não o deixará fazer outra coisa.

— Está me falando de sacanagens? — perguntou Nanna sabendo a resposta de antemão.

— Óbvio. — replicou Bryn. — Vimos as imagens de Adam possuindo Ruth contra a parede no balcão americano de sua casa, no bosque... o desejo dos berserkers por suas fêmeas é o mesmo que o dos vanirios por seus companheiros. Isso os cega, os deixam loucos. É um desejo animal. É...

— Ânsia. — definiram Róta e Gúnnr ao mesmo tempo.

— Ânsia, sei... E em que lugar me deixa isso? — perguntou Nanna, incômoda.

— Em que lugar? — Róta arqueou suas sobrancelhas avermelhadas e sorriu. — Bem debaixo dele. Ah! — Elevou a mão e levantou o indicador. — E de pernas abertas, é óbvio. Acredito, irmãzinha — Róta esfregou as tranças de Nanna entre seus dedos —, que não tem nada a fazer. Já pode se negar tantas vezes como quiser. A raiva não durará eternamente. E se não, olhe a General. — insinuou Róta. — Uma eternidade odiando Ardam e depois de vários dias no Midgard a rejeição se torna amor e adoração. Não demorou nada em foder...

— Róta! — repreendeu-a Bryn.

Nanna sorriu, conhecedora de todos esses detalhes. Freyja adorava passar imagens pela Ethernet para que as demais valquírias vissem o que suas irmãs guerreiras faziam com os homens na Terra.

Nada a surpreendia. Era óbvio que Bryn devia perdoar Ardam, seu amor tinha durado eras no Asgard. Quando se amava tanto, nada parecia afronta suficiente.

O perdão vencia tudo.

— Quando presume que partam para a Black Country? — perguntou Bryn, interessada.

— Logo. Talvez hoje mesmo. Assim que Noah se recuperar.

— Recuperar do que?

— Ah, bom, eletrocutei ovos. — explicou a elas sem dar mais importância.

As três valquírias abriram os olhos de par em par e gritaram de uma vez:

— Fez o que?!

Nanna repassava as marcas das tatuagens dos highlanders de Ardam com os dedos.

Tocava-as e as retocava, como se quisesse consumi-las. Não só o medo a ser tocada a tinha atemorizado, mas sim o medo de tocar também a tinha afetado. As dúvidas a atazanaram durante muito tempo mesmo. E se tocasse e zangasse Freyja? E se pelo mero fato de tocar, depois a desobedeciam e também a tocassem? Seria um desastre... Bla, bla, bla...

Mas agora já não teria esse problema, não? E não sabia de quanto tempo poderia dispor no Midgard antes que Freyja a perdoasse e voltasse a requerê-la. Assim aproveitaria sua estadia ali.

— Está segura de que podemos fazer isto? — perguntou Theo, risonho. — De verdade quer que a toquemos?

William e Theo, obviamente, estavam encantados com a presença da Valquíria.

— E dizem que todo seu corpo está tão duro? — Freyja tinha dado a permissão para tocar a quem quisesse, exceto Noah. Tinha, por fim, o dom do livre-arbítrio; se ela decidisse podia tirar a virgindade que a perseguia fazia eras de forma rápida.

Se não fosse porque sabia que tanto a William quanto a Theo os esperava uma Valquíria no Asgard, possivelmente teria se animado a brincar um pouquinho. Embora nenhum deles era tão esplêndido e radiante como o Bengala de quem torrou as joias da Coroa.

Tinha tanta raiva dele por tê-la traído desse modo, porque tocá-la consciente ou inconscientemente a levava ao mesmo lugar: à ira da vanir. Uma vez sofrido o castigo, pouco importava se tinha feito de propósito ou não.

Agora só tinha que esperar que a cólera que ainda a invadia passasse com o tempo, porque aquele não era seu estado natural. Nem muito menos. Ela não sabia viver com raiva.

Preferia sentir-se bem a estar fascinada. Bryn e Róta se moviam como peixe na água sob o efeito desses sentimentos furiosos. Ela não. De certo modo, parecia-se com Gúnnr.

Os highlanders tinham explicado que Gengis e Ogedei continuavam semeando os mares de todo o planeta com o tratamento anti-esporos que tinha criado Isamu para águas salgadas.

Entretanto, aconteceria o que aconteceu no Reino Unido, sobretudo na Escócia. Se os ovos tinham crescido, as amebas não agiriam nos ovos e estes cresceriam igual. Para que o tratamento funcionasse, os ovos deviam estar em sua primeira fase de crescimento. Alguns estariam e outros não. E os que não, por outro lado, seriam o berço de etones e purs que emergiriam decididos a acabar com a superfície terrestre, tal como fizeram em Edimburgo.

Todos estavam metidos em uma boa confusão. Era a guerra, a maior de todos os tempos.

William e Theo respeitavam muito Nanna por ser quem era, e da mesma forma, riam muito com ela. Quando estavam no Asgard, Nanna lhes contava histórias do Midgard, de como evoluía a humanidade.

Todos a escutavam, aplaudiam suas ideias e prestavam atenção às suas palavras.

Nanna era muito cômica, mas também era muito séria quando tinha que dar sua opinião mais coerente.

— Então... — perguntou a eles atando todos os cabos —, diziam que acham que ainda há um reduto de newswcientists nos Bálcãs e outro na Noruega. Estou enganada?

Conforme a informaram, na Noruega havia uma última sede da Organização, uma que ainda ficava em pé. Ali, conforme descobriram depois de acabar com Mandy, Buchanan e todos outros em Lerwick, estiveram levando até a data os testes da terapia Stem Cells. Gabriel tinha assegurado que em uma das caixas destruídas que incluíam terapia estava o endereço do último centro nevrálgico de toda a corporação genocida.

— O que há nos Bálcãs não é uma sede. É um campo de concentração. Khani, um dos vampiros servos de Loki, admitiu a Gabriel em Batavia, que ali tinham muitos guerreiros que sequestravam e tratavam. — explicou o ruivo William. — Falta nos encarregarmos destes dois obstáculos para que a Newscientists desapareça do Midgard e para liberar a nossos guerreiros. Precisamos tirá-los de lá para que, no caso de que chegue o Ragnarök, prepará-los para a batalha final. Quantos mais sejamos, mais resistência criaremos.

— Entendo. — disse Nanna. Ela não tinha nem ideia de como iam as coisas nesse reino, já que seus assuntos sempre tiveram a ver com os mortos derrotados em batalha. E agora, graças aos dois einherjars, estava a par de como transcorria a vida dos vivos. — Não têm totens a resgatar, mas sim a companheiros. Além de um plano de demolição na Noruega, não?

Theo e William assentiram sorridentes.

— Isso.

— Nanna... com respeito ao de te tocar...

— Sim?

Theo coçou a nuca, duvidando.

— Está segura que podemos fazê-lo? E se Freyja se zangar?

Nanna inspirou profundamente e detectou a essência de Noah. O berserker se aproximava da sala acompanhado de mais gente. Sorriu. Com sorte, ele veria e o tiraria do sério. Virou-se de frente pra porta.

— Claro. Teste para ver...

Theo e William olharam um para o outro. O primeiro deu de ombros e estendeu as mãos para seu longo cabelo repleto de muitas finas tranças. Retirou seu cabelo da nuca e segurando-o em uma mão, o loiro einherjar passou as pontas dos dedos pelo longo pescoço da valquíria.

Nanna olhou à frente impávida, segura de que não sentiria dor.

Theo continuou acariciando-a e estendeu os dedos para frente até deslizá-los por sua clavícula e mais abaixo.

William arregalou os olhos, surpreso pelo atrevimento de seu amigo.

Nanna piscou e olhou por cima do ombro.

— É para hoje, sabe?

Theo estreitou seus olhos azuis e sorriu.

— Fala sério?

— A que se refere? — perguntou Nanna, sem compreender.

— Valquíria, estou tocando seus seios com as suas mãos...

Ela pestanejou uma vez, duas, até que olhou para seus seios. As enormes mãos de Theo a estavam cobrindo e ela não sentia nada de nada. Não sentia dor. Nem prazer. Era como se a tocassem um fantasma. Quer dizer... Não havia carne com carne.

— Theo! — rugiu uma voz conhecida, que entrou na sala como um vendaval.

Noah correu para eles mostrando as presas e com os olhos mais amarelos que nunca. Tinha o cabelo loiro preso em um rabo de cavalo; os músculos se moviam como os de um atleta sob sua pele morena.

Outro homem estava tocando Nanna, tal como lhe disse e não fazia nenhum mal a ela.

O ciúme, desconhecido para ele até esse momento, acertou-o com tal força que não soube controlá-lo.

O romano acabou pressionado na parede contrária a um metro do chão. Sua mão rodeava o seu pescoço e mostrava a ele a aparência de um animal raivoso, a um palmo do rosto.

— Porra, cara... — replicou Theo. — Ela me pediu isso.

— Ela... não... se... toca.

— Foi Nanna. — defendeu-o William. — Queríamos comprovar se podíamos apalpá-la.

— Minha kone não se apalpa, Mel Gibson! — gritou enfrentando-o também.

Theo se pôs a rir ao escutar o apelido, embora continuasse imóvel sob a mão do berserker.

— Solte-o, Noah! — gritou Nanna, que foi até ele.

— Mas ele a tocou!

— Sim! E daí?! Ele pode me tocar... Não... Não me faz mal. — esclareceu em voz baixa. Omitir era o mesmo que mentir? Bom, ao menos era ocultar informação. Não lhe diria que para sua desgraça, o fato de que outro a tocasse era como ver passar o tempo. Não sentia nada. Nada.

— Não pode fazer isso! — gritou Noah encarando-a e soltando Theo de repente. — Não pode deixar seu corpo à mercê dos outros.

— E por que não?! — protestou ela.

— Porque, Nanna. — Noah a prendeu contra a parede. — Não tem nem ideia de como sou. Nunca tive uma companheira, e agora que a tenho, estou completamente fora de mim. As coisas não funcionam assim entre nós. Não devem funcionar assim.

— Ainda resta ver se é meu companheiro. — desafiou-o ela. — A não ser que você goste dos espetos no churrasco ou de nuvens queimadas. Porque é isso no que me converte quando põe seus dedos sobre mim.

— Procuraremos uma solução.

— O que?

— Luvas.

— Não funcionará. Essa ideia ridícula não tem razão de ser em nós. Continuará sendo você quem me toque; contra isso não há nada a fazer.

Noah sacudiu a cabeça, ainda muito aborrecido por sua atitude.

— Darei um jeito. Mas até então, procure não me tirar do sério. Sou meio animal, compreende o que isso quer dizer?

— Que mijará na minha bota?

Ele rangeu os dentes. Seu comportamento o tirava do sério, deixava-o nervoso. Sempre foi o mais pacífico dos berserkers, o que mais bom senso tinha, o que sabia controlar seus instintos melhor que os outros. E agora estava perdido. Não podia entender o que sentia.

— Por isso queria se adiantar, Noah? Basta! Precisamos reorganizar a todos nossos guerreiros. — respondeu Gabriel entrando no salão acompanhado de Ardam e Miya, e interrompendo a discussão do casal. — Para colocar sua companheira no trilho?

— Eu não sou sua companheira! — negou Nanna.

— É claro que sim. — murmurou Noah baixinho. — E não há mais o que falar.

— Comprarei para você remédio para os *parrapatos*. Parece-me que tem muitos.

— São pulgas e carrapatos. — ele a corrigiu, entretido com seu comportamento. — E não sou a porra de um cão, Raiozinho. Seria bom que entendesse isso.

Nanna o desafiou com o olhar, e ele a ignorou escutando Gabriel.

Atrás deles, suas amigas valquírias, que seguiam seus companheiros, olhavam-na atônitas e também divertidas como se adorassem ver sua irmã naquela atitude.

Gabriel falou em voz alta para que todos prestassem atenção.

— Estamos completamente incomunicáveis. Tentamos reparar os sinais satélite que ficam em pé, mas até o momento não houve êxito. Só os vanirios com vínculos sanguíneos podem comunicar-se entre eles mentalmente a longas distâncias, e por enquanto não dispomos de nenhum que possamos levar como ponte entre uns e outros. Os únicos irmãos do clã kofun eram Ren e Aiko, e Ren morreu honradamente em Chicago. — Enquanto Gabriel falava, Noah se

aproximou de Nanna e marcou com os olhos William e Theo. — Aiko está desaparecida, assim como os irmãos vanirios Carrick e Daimhin; não há rastro deles da batalha em Edimburgo.

— Temos este reduto graças a Steven, o líder berserker da Escócia — esclareceu Ardam —, mas ele tampouco ainda retornou. Assim esperaremos um pouco mais até que voltem o máximo possível; depois decidiremos. Enquanto isso, seguiremos fazendo guardas em todo o país. Esperemos que os destroços não sejam maiores e possamos evitar que os servos de Loki matem muita gente.

Gabriel assentiu concordando.

— Nanna e eu devemos ir. Avisaremos aos clãs para tentar criar uma ponte de comunicação viável entre todos. Mas precisamos ajuda para retornar a Inglaterra. A Escócia está paralisada.

— Noah olhou para Gúnnr, esperando que lhe desse uma mão.

Gunny moveu a cabeça em sinal afirmativo.

— Convocarei uma tempestade e os deixarei em seu destino. Para onde devemos ir?

Noah não hesitou nem um minuto. Em meio da guerra e dos fronts abertos que assolavam seu mundo, só algo sobressaía por cima do resto. A necessidade de saber quem era.

— A Wolverhampton.

CAPÍTULO IV

Para Gúnnr não foi nada difícil convocar uma tempestade. O céu da Escócia estava completamente negro e de suas nuvens caía uma chuva marrom e um pouco ácida, fruto da mistura dos gases de dentro da terra e dos incêndios que arrasavam a crosta terrestre.

A valquíria morena de cabelo liso foi esporeada com os poderosos raios de Bryn, que impactavam inclementes em seu corpo. Tinha aproveitado a força eletromagnética para abrir um buraco quântico no céu e utilizar a anti-matéria que se criava sobre os cumulonimbus, um pó dourado que podia te conectar a todas as tempestades ao redor do globo, e que obedecia à intenção de Gúnnr.

Antes de Nanna partir, Bryn foi ao lado de sua amiga e isse em confidência:

— Antes de ir, tome isto. — ofereceu uma pochete de couro negro em cujo interior havia um iPhone de último modelo. — Ardam e Gabriel tentarão se conectar a algum satélite que emita sinais internacionais e que esteja de pé no Reino Unido. Talvez possamos fazer algo com ele. Se conseguirmos nos conectar a seu sinal, poderemos falar entre nós com isto. — Agitou o telefone na frente do seu nariz. — Espero que lá onde estiver, tenha linha e haja cobertura.

— Sei o que é um telefone, Bryn... — assegurou Nanna olhando-a como se fosse tola e pendurando a pochete ao redor da cintura, como uma calça caída.

O vento da tormenta que se aproximava por ordem de Gúnnr agitava seus cabelos soltos e fazia com que tivessem que gritar para serem ouvidas.

— Tentaremos falar por mensagem, de acordo?! — disse Bryn. — Amo você, *nonne*. Cuide-se!

Nanna assentiu e a abraçou com força antes de se agarrar a um fio elétrico depois de gritar *Asynjur*.

— Nanna! — Róta saltou sobre seu fio e fundindo-se em um abraço disse ao seu ouvido. — Ouça, escute-me bem. O Ragnarök já começou e estamos em plena guerra... Não seja tola e aproveite o tempo que resta aqui. — Fez um gesto obsceno com a mão e a boca, como se tivesse um pau introduzido em sua cavidade oral e a língua fosse o extremo desse pau, que golpeava inclemente o interior de sua bochecha.

— O que quer que coma? — disse Nanna sem compreender.

Róta revirou os olhos.

— Fala sério?

Nanna sorriu e seus olhos marotos a delataram.

— Quer que me converta em Marifé Lación.

Róta soltou uma gargalhada.

— Quero que seja feliz e que recupere o tempo perdido. Experimente com o Bengala, porque embora ele não possa fazê-lo com você, você sim pode tocá-lo.

Nanna olhou para Noah pelo canto do olho e depois abraçou Róta com todo seu carinho.

— Farei isso.

— Mantenha-se viva. Para sempre em meu coração, Nanna.

— Para sempre em meu coração, Róta. — Deu-lhe um beijo nos lábios e se despediu de suas duas amigas valquírias, as mais queridas e respeitadas por ela. Sua família.

No alto daquele buraco quântico, Gúnnr e Gabriel esperavam amarrados ao fio elétrico da filha de Thor.

Nanna puxou o seu e esperou que Noah reagisse.

— Vem? — ofereceu-lhe uma mão.

Noah entrecerrou os olhos, perdido.

— Não posso tocá-la. Acredito que você deve vir me pegar. Ou se quiser, salto e...

— Não pode tocar os raios sem estar em contato comigo, a não ser que queira que o fitem.

Quer isso?

— Aposto que você gostaria.

— Não duvide nem um minuto, Bengala.

— Vamos nos dar tão bem... — ele cantarolou dando a entender justamente o contrário. —

Anda, desça e venha me buscar.

Nanna não pensou duas vezes. Deslizou por seu raio, agarrou Noah pela cintura e o carregou até se elevar entre as nuvens e viajar pelo céu.

— Carrego-o como a uma princesinha. — disse ela rindo dele. — Não se queixará, não é? Sou como seu príncipe azul.

— Os príncipes são umas mariconas. Mas aceito ser princesinha desde que você seja uma Maria-Homem comigo. — piscou um olho, amarelo e atrevido.

Nanna não quis sorrir, mas seus lábios se curvaram, desobedientes.

— Espero segurá-lo bem. Não quero escorregá-lo em algum lugar entre o Midgard e o nada.

Ambos subiram até o funil tempestuoso que os esperava para engoli-los e levá-los até a cidade negra: a Black Country.

—E diz que o viu agora? — perguntou Adam a Nora.

A pequena berserker loira chupou seu pirulito enquanto agarrava a mão de seu enorme tio moreno.

Adam, o *noaiti* do clã berserker, obedecia a seus sobrinhos às cegas, como o fazia todo o clã. Um dos gêmeos era uma bússola; a outra uma desenhista astral do futuro relacionada com tudo o que envolvia Loki. E tudo o que viam se cumpria.

Mas não só Nora tinha sonhado com aquilo. Maria e as sacerdotisas leram nas runas que aquele seria um dia de iniciação e revelação no clã.

Nesse momento, Ruth e as quatro mulheres esperavam pacientemente no salão da casa de As, reunidas ao redor de uma mesa sob a luz das velas. Aparentemente, essa revelação tinha a ver com Noah. Por isso o leder do clã berserker, As Landin, também se uniu à espera.

Nora analisou seu desenho. No céu havia um redemoinho; em meio a tempestade, quatro guerreiros apareciam e desciam sobre o totem de Wolverhampton.

— Tem que chover. — murmurou a linda menina com os dentes trincados e as bochechas rosadas. Lambeu seu pirulito de novo. — Quando chover, eles virão. — afirmou com uma segurança esmagadora.

O céu de Black Country tinha avermelhado por completo. A Terra recebeu leves sacudidas na Inglaterra, mas por enquanto não se abria como aconteceu na Escócia.

Entretanto, todos os guerreiros estavam esperando uma nova batalha iminente. Os purs e os etones cresceriam entre as placas tectônicas e o Midgard se abriria de um canto a outro.

O final se aproximava dando passos de gigante.

A única coisa que restava era encontrar um modo de detê-lo.

Nora elevou o rosto ao céu e fechou os olhos. As pérolas aquosas de chuva salpicaram seu rosto.

Adam olhou como as nuvens se enrolavam umas com as outras até desenhar um tornado que se iluminava de maneira piscante golpeado pelos raios e os trovões que o perseguiam sem concessão.

— Já vêm. — sussurrou a menina abrindo os olhos como pratos.

A tempestade chegou com força. Adam agarrou Nora nos braços e a cobriu da chuva.

Do extremo do funil, o mesmo que queria tocar a terra, quatro guerreiros, dois homens e duas mulheres, saíram disparados sobre Wolverhampton e caíram sobre seus pés, bem diante do totem do clã de berserkers.

A menina aplaudiu e sacudiu o desenho diante do seu tio.

— Viu? Adivinhei!

O homem moreno, taciturno, sorriu com carinho para sua sobrinha, que era o vivo reflexo de sua querida irmã gêmea Sonja.

Ela estaria tão orgulhosa de seus gêmeos, pensou, melancólico.

— É a adivinha mais bonita do mundo. — assegurou beijando-a no nariz com ternura.

Nanna e Noah tentaram se erguer, mas ao fazê-lo, caíram tontos.

— Por Freyja, *nonne!* — exclamou Nanna. — Quer nos matar?!

Ela se pôs a rir. Nanna nunca tinha viajado através da anti-matéria. Os efeitos eram os mesmos para todos os principiantes: enjoos, vontade de vomitar, desorientação e vertigem.

— Não acredita que viajar da Escócia à Inglaterra em trinta segundos é fácil? — replicou afastando sua longa franja. — Vai passar.

Gabriel, que tinha desdobrado suas asas tribais, saudou Adam segurando-se no fio de Gúnnr.

— Como vai, amigo? — perguntou Adam.

— Esperava-nos?! — gritou Gabriel.

Adam desviou o olhar negro para Nora.

— Ela nos avisou!

Gabriel sorriu para Nora e levantou o polegar felicitando com esse gesto a criança.

Noah tentou ajudar Nanna a se levantar, mas esta se afastou antes que ele pudesse tocá-la.

— Não! — gritou ela levantando uma mão e detendo-o.

Noah ficou estático ao ver o que esteve a ponto de fazer outra vez. Separou-se dela e permitiu que a Valquíria se recuperasse a seu ritmo.

Enquanto ele se aproximava para saudar Adam e Nora, Nanna olhou para cima e se despediu de Gúnnr.

Esta desceu em um nano segundo até onde ela estava e ficou a sua mesma altura.

— Conecte o telefone e mantenha-o ligado. Assim que tivermos sinal e linha, entraremos em contato contigo.

— Certo, Gunny.

— Ouça, nonne... posso te dar um conselho?

— Claro, espere eu vomitar o café da manhã desta manhã.

Gúnnr a ajudou a erguer-se com um sorrisinho de desculpa.

— Não desperdice a oportunidade. — aconselhou. — Se Noah for seu *einherjar*, encontrará o modo de poder te tocar. Isto não durará para sempre.

— Como sabe? — disse, triste por sua situação. Com Gúnnr não podia fingir.

— Porque nem os castigos nem o ódio duram eternamente.

— Como está tão segura disso?

— Olhe para nós: Róta esperou uma eternidade por Miya. Ardam tentou odiar para sempre Bryn. Gabriel se negou a aceitar que me queria durante muitíssimo tempo... E ao tentar acreditar nisso, cometemos erros. Mas se se negar a isso, em tapar os ouvidos, cometerá o maior erro jamais cometido.

— Por quê?

— Porque, possivelmente, os piores erros de nossa vida são aqueles que por medo de tentar, não cometemos. Tem que se atrever a cometer erros, se não jamais saberá o que poderia ter sido.

Nanna piscou absorvendo as palavras de sua irmã, tão jovem e tão sábia. Gúnnr tinha mudado tanto... estava tão bonita e parecia tão forte que, por um momento, Nanna se sentiu em inferioridade de condições.

— Gunny — Nanna a segurou pelas bochechas —, Gabriel a fez sábia.

— Não. — Gúnnr sorriu e beijou a palma da mão de sua amiga. — Eu já era sábia. Gabriel só me fez feliz. Deixa que Noah tente com você. *Jeg I hjertet, nonne mi.*

— *Jeg I hjertet.* — repetiu Nanna elevando o punho, vendo como sua irmãzinha, a filha de Thor, desaparecia entre as nuvens com Gabriel precedendo-a com seus dedos entrelaçados.

Noah abraçou Adam e Nora.

— Como foi tudo, *kompiss*? — O *noaiti* o saudou com carinho, um pouco estupefato pelo que viam seus olhos. As runas falaram sobre Noah em termos que ele não compreendia. E não tinham falhado.

— Quer o relato longo ou o curto? — perguntou segurando o estômago com uma mão.

— O leder e as sacerdotisas nos esperam. Não temos muito tempo, assim me dê o curto.

Noah deu de ombros, mas não passou por cima o fato de que As Landin deveria recebê-lo e responder às suas perguntas. Não pensava sair dali sem as respostas que necessitava.

— De acordo. Obedeci a mensagem de Freyja: fui à Escócia, recuperamos Gungnir, o totem de Odin. Morri e ressuscitei com uma kone que joga raios. — Elevou Nora e comeu sua barriguinha a beijos enquanto esta se rachava de rir.

— Você morreu? — perguntou Nora.

— Oh, é claro que sim. A lança me atravessou o peito. — Indicou o ponto justo pelo que entrou a ponta metálica.

— A lança de Odin? — perguntou Adam, atônito.

— Sim.

— E quem é ela? — Nora assinalou Nanna, que olhava comovida a cena entre Noah e a pequena.

— É minha companheira. Apresento-lhes Nanna. — disse educadamente.

Nanna deu um passo à frente, revirou os olhos e deu a mão a Adam.

— Ele diz que sou, mas não é verdade. — esclareceu.

— Sou Adam, o *noaiti*.

— Oh — sorriu Nanna de orelha a orelha —, sei perrrrrfeitamente quem é. — piscou um dos olhos para ele. — Não poderia me esquecer de você jamais. — pôs-se a rir. Ela o recordava nu, tomando Ruth. Mas nenhum deles deveria saber nunca.

Adam ruborizou, sem compreender muito bem a que se devia essa atitude.

— Conhecem-se? — perguntou Noah, um pouco desorientado.

— Eu o vi na pira de Gabriel. — mentiu ela.

A menina a olhava como se Nanna fosse um sonho e então clamou:

— Você é a *valeria* que desceu do céu!

— Esta, Nanna, é minha sobrinha Nora. — apresentou Noah. — Sei que se darão muito bem, pois quase falam igual.

Nanna o fulminou com os olhos meio vermelhos, mas se controlou diante de sua família.

— Esse é o cabelo que eu quero! — gritou eufórica Nora. — Sabe fazer trancinhas? — perguntou-lhe erguendo os braços para que a segurasse.

A Valquíria, que jamais tinha pegado uma criança viva entre seus braços, sentiu um afeto direto e sincero por aquela menina. Em sua curta estadia no Midgard devia aproveitar o tempo, tal como tinham sugerido suas irmãs. E faria isso.

— Sim. Sei fazê-las. — respondeu.

— Fará em mim?

— Claro. — respondeu começando a caminhar.

— Sabe aonde vai? Conhece este bosque?

— Não.

— Eu a levo, certo? Você me obedece.

Noah e Adam se entreolharam enquanto elas se afastavam conversando.

— Problemas no Paraíso, loiro? — Adam havia sentido as más vibrações entre a jovem e seu irmão de alma.

— Digamos que não começamos com o pé direito.

— Entendo. — Adam passou um braço pelo seu ombro e começaram a caminhar um ao lado do outro. — Eu sei disso um bocado.

CAPÍTULO V

Quantas vezes podiam jogar seus planos por terra?

Sem martelo. Sem espada. Sem lança.

Com a ponte Bifröst destruída e o Asgard fechado para ele.

Só restava uma opção.

Sua última jogada.

Sua última oportunidade.

Já tinha tudo meio feito, agora só tinha que culminar seu plano inicial, grandemente modificado, mas ainda podia conseguir.

Ele teria ficado encantado em jogar com os totens e que seus comparsas tivessem conseguido seus objetivos. Com os totens teria vencido no Ragnarök sem problemas. Esteve a ponto de conseguir as chaves de Heimdal para abrir e fechar os nove mundos como quisesse. Mas os filhos de Odin e Freyja, esses vanirios, berserkers, einherjars, valquírias e, inclusive alguns humanos irritantes, também jogavam e ele tinha pecado pela soberba. Por isso seu propósito, embora tinha avançado, não tinha acabado.

Mas desta vez se encarregaria ele mesmo de culminar seu próprio destino.

Na realidade, ele teria preferido não se arriscar fisicamente, já que seu corpo, ainda que cheio de magia, era somente um. E se saísse dali para lutar, corria o risco de ser ferido e perecer.

Como Odin e todos seus deuses morreriam de tristeza ao ver que sua Terra, seu projeto de mundo e de civilização mais avançado, caía perante eles, vítima de sua própria ignorância e de sua ambição.

Quando Odin o castigou, relegou-o a uma prisão de cristal que também seria sua proteção eterna. Ele se encarregou de sair do Asgard e descer ao Midgard. E ali, mediante um feitiço, ocultou-se. Invisível para todos. E, entretanto, vivia na mente de todos e cada um dos seres humanos.

Escutava seus pensamentos, sabia como controlá-los ou como explorar aquele lado escuro e maligno que todos, sem distinção, tinham. Inclusive as criaturas do aesir e de Freyja se deixaram levar pela ambição e o desejo humano. Híbrido-se com uma espécie inferior suportava grandes desastres, não?

Muitos deuses se levantaram acreditando que essa espécie nascia boa e tinham apoiado às cegas ao deus Caolho. Acreditavam que essa raça era capaz de conseguir grandes proezas.

Mas a ele ninguém enganava, pois era o mais antigo dos habitantes da Terra.

Ao ser humano o regia o estado de natureza, no qual sempre se antepunha o desejo e a força. Só se preocupavam em aumentar seu poder para outros, porque eram egoístas e porque tinham um defeito a seu ver: a mortalidade.

Os humanos tinham gravado em seu subconsciente a morte como um fato inevitável para eles. Esse medo os tornava malvados em muitos aspectos. Seu escasso tempo de vida lhes provocava ansiedade, que se sentissem inseguros, daí que quisessem sempre mais e mais: mais

dinheiro, mais beleza, mais poder. Isso lhes dava segurança e fazia com que se sentissem invencíveis, e não importava a quem pisoteavam para consegui-lo.

Odin, entretanto, não acreditava nisso.

Ele dizia que eram capazes do pior e também do melhor, mas no final, devia prevalecer o bem. Ao seu ver, o ser humano era bom, mas o que o rodeava o fazia perverso e egoísta em muitas ocasiões.

E o tempo tinha lhe dado a razão. A Terra, o Midgard, sucumbia à destruição, e os humanos caíam um após o outro.

Tinha passado muito tempo até chegar ao tempo do agora.

Primeiro teve que jogar com berserkers e vanirios, e tentá-los astralmente. Por que deviam sofrer daquele modo? Por que deviam sofrer pela ânsia de procurar o amor eterno ou a fome? Durante milênios deixou que a Terra sucumbisse a esse estado de natureza. O despertar espiritual que desejava Odin era impossível que chegasse em seres de natureza tão bélica e rancorosa.

E depois de muito tempo, justo quando o alinhamento planetário que esperava estava a poucos dias de acontecer, justo quando ele acreditou que só devia dar dois passos para fazer chegar o Ragnarök, começaram a aparecer as fichas de Odin: uma híbrida, neta do velho berserker As que uniu os clãs; uma guerreira de almas que estragou os planos de Strike e Lillian, e que era um farol para as almas que ele desejava. O despertar dos Escolhidos...

Então pensou que seria boa ideia roubar esses totens que ele mesmo tinha entregue antes aos deuses. Utilizou os meios da Newscientists, por fim acabados, para entrar no Asgard através de uma porta interdimensional, e assim os roubou.

Mas as valquírias (a filha secreta de Thor, Gúnnr; a filha de Nig, o Nigromante, e Sibila, e a Generala das valquírias) tinham terminado com seus planos.

Uma e outra vez fracassavam. Mas, passo a passo, o alinhamento se aproximava e ele continuava vivo. A vida dava lugar à esperança, não diziam isso os humanos, tão medíocres?

Por isso sabia que era seu momento. O Midgard não tinha visto nada ainda, não tinha sofrido nenhuma décima parte do que sofreria.

E mais, muito mais chegaria, até que nada nem ninguém pudesse detê-los.

Quando saísse dali depois de ter jogado sua última cartada, a sala de espera de sua vingança ficaria finalmente em movimento.

Mas, para isso, só o filho do deus que tinha enfeitado a caixa de cristal devia abri-la. Depois da batalha em Machre Moor, tinha ficado muito ferido gravemente, mas continuava consciente. E não cessaria em se comunicar com ele e em atraí-lo até essa parte do mundo em que se achava escondido: um lugar do mundo onde ele não emitia sinal nenhum.

Um lugar do mundo onde o cristal passava inadvertido.

Fechou os olhos e se comunicou mentalmente com seu receptor as mesmas palavras que passava repetindo desde que Gungnir o tocou.

Agora, com sua última ficha morta, começava a partida final.

“Não se renda agora. Venha a mim”. *“Bjarkan’s laufgroenstr lima; Loki far flærðar tima”*. (A bétula tem ramos de verdes folhas; Loki leva a tempo do engano).

Dentro de seu cárcere, Loki sorriu.

— O engano final.

CAPÍTULO VI

Wolverhampton

A casa de As Landin era um segundo ponto de reuniões depois do lugar subterrâneo Ragnarök.

Atrás do jardim que se mesclava com o bosque ao lado e dos bancos e mesas de pedra, atrás do altar onde Caleb executou um *peanás follaiseach* por ter tratado Aileen tão mal, elevava-se uma bela casa vitoriana.

A majestosa fachada se contrapunha com a deliciosa calidez do interior. Na construção se destacavam a madeira, o *parquet* e a pedra.

Nanna entrou com Nora nos braços. Noah e Adam foram à frente, assombrados com a rápida conexão entre a menina e aquela estilizada Valquíria.

A guerreira de Freyja se sentiu fora de lugar, mas rapidamente seus olhos analíticos decidiram estudar aquele lar e as pessoas que se reuniram sob o mesmo teto.

E conhecia a todas. Ela as viu em suas viagens relâmpagos à Terra ou nas maratonas sexuais da Ethernet que Freyja emitia no salão central de Víngrólfr para todas as suas valquírias virgens.

Ao redor da mesa central do salão, iluminadas pelo fogo da chaminé, estavam sentadas Ruth, Maria, Tea, Dyra e Amaya. Atrás delas As Landin as protegia; moreno, alto, de olhos muito verdes e barba escura. Estava de braços cruzados com as pernas semiabertas, vestido com roupa de capoeira, como Adam e Noah.

Ao vê-la entrar, o líder do clã berserker franziu o cenho, para depois, fruto de uma estranha iluminação, relaxar o rosto como se compreendesse perfeitamente qual era o motivo pelo qual Nanna estivesse ali com eles.

A mais jovem das sacerdotisas, Ruth, era a Caçadora de Almas, famosa por seu *Sylfingir*, o arco dos elfos cujas flechas aniquilavam as almas sombrias que povoavam aquele reino. Além disso, também era um farol para as almas perdidas e abria a porta para o outro lado, uma ponte que os espíritos deviam cruzar para descansar em paz.

Ao seu lado, Maria Dianceht, a sacerdotisa matrona, companheira do líder e fiel apoio de Ruth os observava com atenção, como se quisesse juntar as peças do quebra-cabeças que tinha diante dela enquanto fazia dançar entre seus dedos as runas ancestrais.

E atrás estavam as sacerdotisas anciãs, que elegantes ao seu modo, ainda davam um caldo e ajudavam em temas de adivinhação, feitiços e também iniciações.

— Olá. — Nanna os saudou.

Todos lhe responderam com educação, olhando suas roupas de couro e titânio com curiosidade, enquanto Nora ainda acariciava suas tranças, embevecida com seu penteado.

— Tia Ruth, quero o cabelo igual ao dela. — anunciou a pequena.

— Farei tranças em você depois, querida.

Ruth levantou e caminhou para Adam. Ele a beijou no pescoço, em sua marca, e ela sorriu ao mesmo tempo que segurava Nora nos braços.

— É uma valquíria, suponho. — disse falando com Nanna.

— Sou Nanna. — apresentou-se ela.

— Eu sou Ruth.

— Sei quem é. — Sorriu exatamente como ela tinha sorrido para Adam há uns momentos, como se estivesse dizendo: “Eu te vi pelado; não é nenhum mistério para mim”.

Ruth arqueou as sobrancelhas mogno e olhou a seu *noaiti*, que deu de ombros.

— Ela me olhou do mesmo jeito.

— Por favor, entrem e nos contem como estão as coisas na Escócia. — Maria se fez de anfitriã da mesa, olhando de esguelha para As que seguia com seus olhos verdes fixos na loira de Noah.

— A Escócia está caindo aos pedaços. Esse é o resumo. Quase que prefiro me poupar das explicações. — respondeu Noah, sem piscar.

Seu objetivo era As Landin. Todo o resto, tudo aquilo que havia ao seu redor desapareceu.

Noah se equilibrou sobre As, dando um único salto para chegar até ele; passou por cima das cabeças das sacerdotisas e foi de encontro ao corpo sarado do líder, que o esperava sereno e preparado para seu ataque.

O loiro se colocou escarranchado em cima de As que não se defendia, como se soubesse que merecia a ira do seu guerreiro.

Adam, assombrado pela crueza de seu amigo, foi separá-los, mas As levantou uma mão e gritou:

— Não! Deixe-o, Adam!

Noah, alheio à surpresa do resto, agarrou a gola da camiseta sem manga de As e o sacudiu.

— Não aceito mais nenhuma desculpa. — arreganhou os dentes — Não volte a me dar desculpas esfarrapadas. Diga agora mesmo quem imagina que eu sou.

— É um dos meus, não é suficiente para você?!

— Porra, As! Gungnir atravessou meu coração! Durante uns instantes estive morto e depois... ressuscitei! Continuo vivo! — Um silêncio esmagador caiu como uma louça pesada no salão.

— Deuses... — murmurou Maria.

— Freyja fala comigo em *futhark*¹ através da lâmina de minha adaga *guddine*! — continuou o surto. — Podia sentir o totem e podia tocá-lo sem morrer por isso! A adaga *guddine* de Hummus captava os semideuses, e por isso me encontrou em Wiltshire quando Eon se meteu em meu porta-malas! — Noah se sentia frustrado e fora de controle. — Hummus me disse que você tinha que saber quem eu era!

— Na realidade, eu não sei quem é... — confessou As. — Mas posso dizer de onde vem. Estávamos esperando por isso. — acrescentou calmo, agarrando-o pelos pulsos. — As runas falaram. Eu não sei mais o que ele me disse.

— Ele? Quem?

¹ Futhark são runas antigas.

— Odin.

— Odin? Conte a verdade! — gritou. Queria respostas.

Aniquilada, Nanna analisava o comportamento de Noah, igual a todos os demais. O que Odin tinha a ver naquela inesperada discussão?

— Noah. — Maria se levantou da cadeira e apoiou as mãos na mesa. — Deixa o *leder* e nós te ajudarmos.

Os olhos amarelos do berserker dilataram quando olhou a sacerdotisa. Estava cansado de se sentir perdido. Precisava de ajuda e o irritavam as respostas ambíguas de As.

— Solte-o, por favor. — repetiu Maria.

Suas palavras caíram como um bálsamo sobre ele, e pouco a pouco relaxou os dedos sobre sua camiseta e o deixou ir.

— O que quer dizer com isso de que as runas falaram sobre mim? — perguntou em tom calmo a Maria.

— Bom, ainda não o fizeram explicitamente — esclareceu ela —, mas o farão. Elas nos sugeriram uma constelação ao redor do Menino Perdido. — Levantou uma runa.

— Uma constelação? Menino perdido? Do que está falando?!

— Sim. — Maria assinalou uma cadeira ao redor da mesa para que ele se sentasse. — Esta manhã durante uma sessão, as runas nos disseram que viria um morto em vida acompanhado de uma valquíria — deixou as runas futhark no centro da mesa —, antes que caísse o sol do entardecer. E depois a adorável Nora nos fez esse desenho, e acabou que um desses quatro guerreiros era você com sua Valquíria. Acaba de admitir que morreu e ressuscitou. Nós o esperávamos.

— Eu bem que disse a Freyja. — sussurrou Nanna, que se sentou ao redor da mesa. — É um *zumbi*.

Ruth a escutou perfeitamente, sorriu e a observou como se fosse uma raridade.

Quando todos, inclusive As, estava reunido à mesa, a bela Maria explicou a eles o significado das runas. Colocou seis runas na frente deles e assinalou uma a uma.

— O que é que dizem? — perguntou Noah, intrigado.

— “Chegada iminente de um morto em vida: um menino perdido. As constelações marcarão o caminho para ele seguir às portas do Final dos Tempos”.

Nanna assentia com a cabeça.

— Me desculpe interromper, mas o que é uma constelação?

— É uma leitura de runas de vida e destino em que participam as pessoas próximas ao sujeito que vamos ler.

— E vai ler o Noah?

— Sim. — assentiu a anciã mais velha.

— A constelação se cria com as figuras paternas. — Maria assinalou As. — Os irmãos. — Olhou a Adam. — As crianças de sua vida. — Sorriu a Nora. — E o... amor? — Cravou o olhar em Nanna.

— Não a olhem assim. — protestou Noah. — Sim, Nanna é minha *kone*.

— Mas ambos sabemos que não estamos apaixonados, não é verdade? — disse Nanna como se estivesse fazendo uma confidência. Mas, na realidade, todo mundo a escutou.

— Me dê um tempo. — ele respondeu sem olhar para ela.

— Bom — sorriu ela nervosa —, digamos que estamos nos conhecendo. — assegurou esclarecendo sua situação.

— Não precisa conhecer nada. — ele a cortou. — Quando solucionarmos nosso problema pendente — seus olhos amarelos a comeram —, poderei te demonstrar qual é a natureza da nossa relação. Eu te garanto que não terá nenhuma dúvida.

Nanna piscou pasma pela segurança daquele homem quando falava deles dois.

— Você se refere a nosso pequeno problema? — perguntou inclinando-se para ele. — Porque eu não sei se posso ver uma solução ao fato de que para mim seja como um mata-moscas para os mosquitos.

Adam riu baixinho e olhou para outro lado. Ruth lhe deu uma cotovelada para que se comportasse. Estava claro que aquele casal tinha claras diferenças.

— Deixemos este assunto de lado, tá? — pediu Nanna o mais amavelmente que lhe permitiam seus dentes apertados. Focou seu olhar amendoado nas três sacerdotisas de cabelo branco. — E elas, que papel se supõe que jogam na leitura do Noah? O de seus antepassados?

Maria soltou uma gargalhada, mas em seguida cobriu a boca com a mão.

— Do que ri, irmã Maria? A valquíria te parece engraçada? — disse a mais alta das três, olhando-a com cara de poucos amigos.

Nanna levantou o canto dos lábios e olhou para elas de esguelha.

Maria acendeu as velas e removeu a fumaça do incenso.

— Para a constelação precisamos da colaboração total dos pilares de Noah. Seus vínculos, seu grupo, afetarão também o comportamento das pedras. Concentrem-se. Vamos respirar fundo e deixemos que o dom das runas ilumine esta constelação. — A ítalo-argentina fechou os olhos negros como a noite e animou a todos com um gesto para que dessem as mãos.

As runas jaziam viradas para baixo no centro da mesa.

Nanna fez a mesma coisa, fechou os olhos e deu as mãos a Ruth e a Adam.

— A vida de Noah se representa diante de ti, deusa mãe. — exclamou Maria em voz alta. — Toque com sua magia suas runas e mostre-lhe o caminho. Ajude-o em sua busca; ajude-nos a ajudá-lo.

Todas as velas do salão se apagaram, vítimas de uma brisa misteriosa. Só uma continuou acesa; a que estava no centro da mesa circular.

Os voluptuosos lábios da Maria se estiraram em um sorriso.

— A deusa já está aqui. — anunciou Dyra.

Uma energia a qual não se podia nomear envolveu os presentes. Era uma força divina, uma entidade descomunal que fez com que os outros, mágicos como eram, sentissem-se pequenos.

De repente, as runas de ossos se viraram; mas não todas, só sete. Algumas apareciam invertidas, outras ainda tremiam pela sacudida.

Ainda de mãos dadas, Maria abriu os olhos e procedeu à leitura das pedras.

— A primeira é Ansuz: uma revelação, um mistério que é revelado. Perth: uma iniciação privada; um assunto confidencial; é a chamada da magia, um encontro com ela. Raidho: a runa das viagens iminentes e da migração a outras culturas, mas aparece invertida e quer dizer que é uma viagem definitiva pra você, possivelmente de não retorno... Aqui temos o Pear. — Passou o dedo por cima da runa. — Um reencontro. Aquilo que resiste estará finalmente ao seu alcance e virá da parte de uma pessoa que não vê há algum tempo. — Maria engoliu em seco, intimidada pela próxima runa. — Ehwaz: representa um conflito entre forças opostas. É a runa do confronto e da morte. Daeg — tocou a runa com admiração — é a runa do regresso, da luz... E a última é a runa branca. — Assinalou uma pedra vazia, sem sinal nem letra. — As qualidades e as sentenças das demais runas estão sujeitas ao significado desta última.

— E o que sugere? — perguntou Noah.

— Que não há nada escrito. A runa branca, que também é aliada de Odin, sugere que tudo pode acontecer dependendo das ações que você realize, mas principalmente dependendo do movimento das demais fichas em ação. Talvez sua viagem de não retorno não seja essa. — disse de modo enigmático.

— E que fichas são essas que estão em ação?

Maria se inclinou adiante e entrelaçou os dedos das mãos.

— Só as fichas que estão jogando sabem. Você deve apenas se concentrar no seu caminho.

Noah compreendeu que havia mais guerreiros envolvidos em seu destino.

Adam, por exemplo, recebeu uma profecia da *völva*² que foi se cumprindo uma por uma até encontrar as fichas essenciais para que a mensagem das Nornas se cumprisse. As almas puras e bússolas; Nora e Liam. A *velge*: a vaníria Daanna. O *magiker*: Cahal, o druida do clã vanirio.

Talvez, afinal, ele tivesse relação direta com a volta do deus dourado. Talvez sua viagem tinha a ver com encontrá-lo e ajudá-lo a voltar.

— As constelações marcam um caminho que devo seguir, não é? — Noah se levantou da mesa e olhou para As.

— Sim. — assegurou Maria.

— Em ordem?

— Sim. São correlativas. — Maria se levantou e caminhou para ele. — Desta leitura, Noah, deve ficar clara sua missão a partir de agora. Precisa de uma revelação e uma iniciação mágica para começar sua viagem. Está claro o que deve fazer?

Noah assentiu, mais seguro de si mesmo do que nunca.

A revelação viria da mão de As Landin, não tinha nenhuma dúvida.

Tinha chegado o momento de falar cara a cara com seu líder.

Estava na hora de descobrir os mistérios.

— Vamos lá fora, Noah. — pediu As, conciliador.

— Vai ser sincero?

— Sim.

² Völva é sacerdotisa.

— Já me negou a verdade várias vezes. Não aceitarei uma terceira, principalmente quando todos aqui chegamos à conclusão de que é impossível que revivesse depois que lança de Odin atravessou meu coração. Ou me diz a verdade ou retirarei minha fidelidade a você.

As apertou os dentes e aceitou a ameaça.

As runas eram o meio através do qual se comunicavam os deuses.

Tempos atrás, alguém lhe disse que quando Noah fosse ferido por um totem divino, ele poderia revelar tudo o que sabia sobre sua procedência. E isso significava que a guerra tinha começado e o Ragnarök tomava o Midgard.

Chegara o momento de falar com Noah.

Dirigiram-se ao totem de pedra com cabeça de lobo.

Ambos olharam para ele em silêncio; os dois tão altos, fortes e guerreiros se mantinham em silêncio admirando aquela figura atávica que tanto tinha a ver com eles.

Noah esperava que o mais velho falasse. Daria-lhe tempo, embora cada vez tinha menos paciência para o suspense.

— Sabe que sou o único berserker que teve contato direto com Odin, não é? — disse As finalmente com a cabeça erguida, analisando a pedra do totem.

— Sim. — Noah olhou seu perfil recortado pela noite escura.

— Nessa primeira visita, ele me legou o bastão do concílio para mediar entre vanírios e berserkers.

— Sei.

— Mas essa não foi a última visita que tive de sua parte.

O bengala franziu o cenho.

— Também entraram em contato com você para te dar uma informação sobre a *velge* e assim agir como ponte para mediar com Daanna e conseguir que perdoasse o curador, não?

— Exato. Mas antes dessa, houve outra.

— Outra? Qual?

— Um dia, séculos atrás, justo neste mesmo lugar que agora pisamos, ele voltou a aparecer para mim. — pôs as mãos dentro das calças largas e inspirou fundo pelo nariz. — Ele me entregou um bebê envolvido em um pano e me disse que o protegesse com a minha vida, porque no futuro esse menino seria um excelente guerreiro, chave para salvar a humanidade do fim do mundo.

Noah nem sequer piscou quando As virou para encará-lo.

— Disse que era um menino roubado e que esperava que este desse uma lição a Loki: acertaria onde mais lhe doía, ele me contou. — Pôs uma mão sobre seu ombro para obter toda sua atenção. — Ele me disse: “Cuide dele e o ame como se fosse seu filho, As. E só conte seu segredo quando for ferido por um totem divino, pois este será o sinal de que o Ragnarök chegou ao Midgard e que está na hora dele despertar. Nunca antes”.

— Você insinua que esse menino que Odin te entregou era eu?

— Sim.

— Mas você... você me disse que era filho de berserkers. Que eram amigos seus e que...

As esperou que seu jovem guerreiro compreendesse por que tinha feito o que fez e por que tinha escondido essa informação.

Quando Noah se acalmou, murmurou:

— Você mentiu para mim, As.

— Eu te protegi de você mesmo. Era perigoso que soubesse que Odin tinha te entregado.

Noah passou as mãos pela cabeça e deu as costas para As. Estava nervoso. Queria mudar de forma, correr, fugir de toda aquela mentira.

— As... sou filho de Odin?

O outro deu de ombros e olhou para ele bondosamente.

— Não sei. Não me contou, Noah. Só me pediu que cuidasse de você e que guardasse o segredo.

— Se a adaga *guddine* me detecta é porque sou filho de um deus. — esclareceu ele enfaticamente. — De quem?

— Quisera eu saber. Odin me deu algo mais para você. — As levou a mão ao bolso da calça. Tirou uma caixa redonda e dourada, e a entregou.

— Você a abriu? — Noah tirou de suas mãos.

— Não. — Negou com a cabeça. — Pertence a você. É sua. Não violaria jamais sua intimidade.

Noah acariciou a caixa com seus dedos e abaixou a cabeça.

— Abra-a sozinho, não tem por que me mostrar, certo? Mas Noah, atente às minhas palavras. — Quando o outro levantou seu olhar, ele disse: — Seus pais não eram berserkers, está bem? Mas eu te criei e estou com você há séculos. Para mim é como um filho e nada nem ninguém poderá apagar isso.

— Odin o obrigou a ficar comigo. — grunhiu Noah, furioso.

— Odin me deu responsabilidades. As mesmas responsabilidades que suporta ser o líder de seus guerreiros. É óbvio que o obedeceria. Mas uma coisa deve ficar claro.

— O que?

— Odin não me obrigou a amá-lo nem a respeitá-lo, Noah. Você ganhou isso.

O bengala sentiu que uma bola de dor obstruía sua garganta.

— É da minha família. Dos meus. Não esqueça. E qualquer que seja sua travessia, se precisar de mim, ali estarei.

— Não tenho porra de ideia nenhuma de quem sou, *leder*. — reconheceu, abatido. — Não sei o que devo fazer...

— Então — As o agarrou pela nuca e disse —, essa é sua viagem. As runas falaram, a deusa precisa de você e Odin também. Esta é a revelação que esperava, isso é o que dizia Ansuz, a primeira runa que virou. Seja o que for que há nessa caixa é importante para essa viagem.

— Por que está tão seguro? Por que confia tanto em Odin? — respondeu ele ainda incrédulo. — Pelo que me diz respeito segundo o que vi até agora, desta caixa pode sair um palhaço morrendo de rir ao me ver. Não gosto de seus jogos nem de suas brincadeiras.

— Tudo tem uma razão de ser. Há um motivo e uma explicação.

— Sim — disse Noah —, o fodido aborrecimento dos deuses. Essa é a explicação para suas intrigas e seus jogos.

— Se foram jogos ou não, só saberemos se continuarmos vivos depois deste inferno no qual se converteu a Terra, não acha?

Noah não disse nem que sim nem que não. Para ele os deuses tinham jogado e ainda o faziam; isso não queria dizer que não os tivesse respeito. Mas já não acreditava neles tão cegamente.

Ele sempre tinha pensado que o bem devia triunfar sobre o mal e que os deuses tinham que decantar essa balança.

Talvez estivesse equivocado ao ser tão benevolente.

— Preciso estar sozinho. — deu a volta com o presente na mão e caminhou até sentar no totem.

— É óbvio. — concordou As. — Quando tiver assimilado toda a informação, volte para nós.

— As?

— Diga. — deteve-se e o olhou por cima do ombro.

— Obrigado por cuidar de mim todo este tempo.

Os lábios de As emoldurados pela barba negra se levantaram sorridentes, mas com pesar.

— Noah... não foi uma carga. Ou por acaso acha que não noto o quanto é empático e o que irradia aos outros? Você acalma as pessoas enquanto que nós nos deixamos levar por nossos instintos bélicos. Cuidou de Aileen. Cuidou do Adam quando a fúria o obcecou e quis matar a Caçadora. Ajudou a proteger Mizar... e cuidou de Heimdal quando era Eon. E você agradece a mim? — riu sem vontade, negando com a cabeça. — Não, Noah. Eu é que te agradeço. Foi uma bênção para todos. Vou te deixar sozinho, mas pense e venha: não demore muito.

E com essas palavras, As Landin desapareceu da clareira do totem.

Noah esperou até que o chefe berserker desaparecesse para abrir com mãos trêmulas o presente que o deus aesir Odin tinha deixado para ele.

O que haveria em seu interior?

O que significaria para ele?

— Quem sou para os deuses?

Nanna se sentia terrivelmente conectada com Noah.

Depois de falar com As e as sacerdotisas, e sugerir o que podia significar a runa da iniciação, foi procurar o berserker entre o bosque que rodeava aquele imenso terreno.

Não precisou procurar muito, pois seu cheiro, sua essência, guiou-a até ele.

Noah tinha uma peculiaridade. Seu perfume pessoal a atraía, e embora de certo modo continuava zangada com ele por ter quebrado sua palavra e ter feito com que Freyja a castigasse, o aborrecimento se desvanecia quanto mais tempo passava ao seu lado. Era como se estando um ao lado do outro, todos os males parecessem menores.

O loiro platinado manuseava uma caixa misteriosa que lembrava a Nanna as pequenas urnas que Odin tinha mandado fazer para as crianças para protegê-las das *handböök*, umas guias aladas que eram como bússolas e que levavam até um objeto de valor oculto pelos deuses.

Nanna se agachou sobre o galho da árvore na qual se escondia e aguçou sua visão, mas de novo o rosto cheio de dor de Noah a absorveu por completo.

Não queria incomodá-lo. O guerreiro parecia atordoado, mas ao mesmo tempo, cheio de curiosidade por aquilo que tinha entre as mãos.

A jovem tocou o centro do seu peito. Por que doía aí ao vê-lo assim?

Por que podia sentir o que ele sentia? Era o suposto *kompromiss* que devia se criar entre eles?

Deuses, esse homem se sentia tão sozinho que até a embargava a solidão. As árvores, as plantas e as estrelas tinham que sentir sua tristeza; a escuridão e o silêncio o rodeavam como se estivesse em um funeral. Como era possível?

— Sinto seu cheiro, valquíria. Saia de onde quer que esteja. — ele disse de repente.

Nanna deu um sobressalto. Claro, se ela o cheirava, era de se supor que ele também podia fazê-lo. O vínculo ia em ambas as direções.

— Esqueci que os cães têm o olfato muito apurado. — Deu um salto e caiu de quatro diante dele.

— Para que veio? — perguntou evitando seu sarcasmo.

— Para te buscar. Está há um bom tempo aqui sozinho. A paciência não é a melhor virtude das sacerdotisas, sabe? Estão impacientes.

Desta vez pôde ver melhor a caixa e não teve nenhuma dúvida do que era.

— Ouça, passa muito tempo dando voltas a essa coisa como se quisesse montar um *burro mágico*.

Noah sorriu e deixou cair a cabeça, rendido pelas palavras da Nanna.

— Diz-se “cubo mágico”.

— Que seja. Sabe como se abre?

— Não tenho nem ideia. Estou há um bom tempo tentando abrir a tampa, mas...

— Que tampa? Não tem tampa. — explicou Nanna se aproximando. Arqueou as sobrancelhas perfeitas e olhou para ele como se ela fosse a mais inteligente da classe. — Por acaso não sabe o que é?

Noah piscou uma só vez.

— Tenho cara de saber?

— Deveria.

— Por que?

— Porque os cofres dos deuses só respondem àqueles aos quais são endereçados.

— Pois não sei como fazer... você sabe o que é?

— Claro que sim. — disse — Em Asgard, a diversão oficial entre os deuses de todos os reinos é brincar de encontrar tesouros. Há um torneio para isso.

— Está falando sério?

— Sim. É feito na noite em que celebramos o exílio de Trickster.

— O Trickster... Loki?

— Sim. Para celebrar o momento no qual Odin exilou Loki, os deuses escondem objetos de valor por todo o Asgard e todos os seus exércitos vão em sua busca. No final, ganha o exército que

mais objetos de valor conseguir. E para encontrá-los, antes tem que se localizar os *handbök*. Eu sou uma fanática da noite do Trickster. Adoro encontrar coisas. — assegurou como se fosse uma criança ansiosa.

Noah escutava Nanna atentamente enquanto dava voltas ao cofre liso, metálico e de cor de ouro.

— Isto é uma *handbök*?

— Não. O *handbök* é o que há dentro e o levará diretamente a um objeto divino. Esfregue uma das faces do cubo com seus dedos; se for para você, uma pergunta em letras rúnicas emergirá no metal. — aconselhou Nanna colando seu nariz à caixa.

Noah a olhou e depois a obedeceu. Esfregou a face quente do cubo com seus dois polegares e sentiu que as runas saíam à superfície.

— Olhe... — sussurrou Nanna, emocionada. — A caixa fala com você, Noah. — ela se apoiou em seu ombro, e por um momento esqueceu do rancor que quase já não sentia.

Noah olhou de esguelha seus dedos meio enluvados com os protetores metálicos e percebeu o calor de suas pontas sobre sua pele. Lutou para se controlar, porque o menor contato da valquíria fazia com que suas presas incomodassem por querer marcá-la.

Nanna não se dava conta de que na realidade olhava para ela, esses olhares que os longos cílios emolduravam e ocultavam para todos os que não estivessem tão perto como ele.

Noah se concentrou na frase que aparecia na face que havia na parte posterior.

— Dou voltas e não sou tempo, um segredo sei guardar; se não cuidarem de mim eu me perco. Com meu nome saberá dar?”

Nanna aplaudiu feliz.

— É uma adivinhação! Os deuses adoram as adivinhações! Muitos guerreiros durante o torneio têm que deixar seus cofres porque não sabem as respostas e devem esperar que outros o abram.

O berserker sorriu ao ver o quanto ela estava contente.

— Você gosta dos jogos, não é?

— É óbvio! — Abriu os olhos de par em par. — Nós, as valquírias, adoramos as competições. Mas ouça... se quiser que o *handbök* abra tem que dar uma resposta correta. — esclareceu o animando a se apressar. — E poderia ser agora mesmo.

Noah se concentrou e repetiu para si mesmo:

— Dou voltas e não sou tempo... Não é um relógio. Um segredo sei guardar; quer dizer, oculta coisas. Se não cuidarem de mim eu me perco... É manejável e fácil de extraviar.

— Sim, continua... — ela o animou sem perder a caixa de vista. — Não pode falhar.

— Quanta pressão.

— Siiim... Não é emocionante?

Ele voltou a olhar para ela.

Nanna parecia cheia de luz nesse momento. Seus olhos castanhos e muito abertos se assemelhavam aos de uma menina cheia de curiosidade. E algo, algo nesse momento de contemplação o golpeou no centro do peito, como se o levasse a outro momento ou a outro lugar... “*Que estranho*”, pensou.

— É uma chave. — respondeu ele finalmente.

A caixa se elevou da palma de Noah e levitou diante de seus rostos, dando voltas sobre si mesma. Depois os cantos começaram a se separar e lentamente se abriu como se fosse uma flor, para que algo brotasse e se elevasse procedente de seu interior.

— O que é isto? — perguntou Noah observando-o bem.

— Este é seu guia. — explicou Nanna com voz sorridente.

Noah não podia acreditar.

Diante dele, em posição fetal, feito uma bola, viu uma espécie de fadinha com asas douradas. Toda ela reluzia.

Tinha o cabelo curto e negro. Era uma mulher. Uma mulher de não mais de três centímetros de altura.

— É... Isto é uma fada? — perguntou atônito.

— É sua guia. E não é uma fada qualquer.

— Ah, não?

— Não. As fadas de sua categoria, mulheres e de cabelo curto e negro, têm duas missões. Devem guiar a duas pessoas.

— Nós dois? — perguntou sem compreender.

— Não. Você e mais outra pessoa. Outro ser especial como você. Por enquanto, ela nos levará até o objeto que deve encontrar.

A diminuta fada abriu suas asas e, sem deixar de movê-las, bocejou e piscou sonolenta olhando ao berserker. Sorriu para ele como se o saudasse, e deu uma volta sobre si mesma. Parecia encantada de estar fora do cubo.

— Uma fada?

— Sim. São muito apreciadas pelos deuses, dizem que nasceram do mesmo pó da criação. O mesmo que criou os deuses... não me olhe assim. Eles tinham que sair de algum lugar também, não? Só as valquírias e os bardos podem falar com elas. — disse em voz baixa.

— Uma fada. — repetiu Noah atônito. E então caiu em si sobre o que Nanna acabou de dizer: que a fada “os” levaria até o objeto que devia encontrar. De repente, a valquíria queria ir com ele... voluntariamente.

— Nós? Você disse “nós”? — Levantou as sobrancelhas.

— Sim, Bengala. — Ela estreitou os olhos. — Não perco uma competição nem morta, tá?

— Então... — Seu olhar reluziu com interesse e agradecimento. — Vai me ajudar a encontrá-lo, Nanna?

Ela escutou um pedido em sua voz masculina. Aquele modo de falar a cativou e fez com que se sentisse vulnerável.

— Sim. Vou te ajudar, Menino Perdido.

— Bem.

— Bem.

Ambos ficaram olhando até que Nanna, incômoda, interrompeu o contato visual e disse:

— Devemos regressar. As sacerdotisas devem começar a trabalhar e estão ansiosas por jogar de novo com seus poderes. Querem fazer uma iniciação com você, bengala.

CAPÍTULO VII

As runas tinham falado alto e claro.

A viagem de Noah era iminente e não havia tempo a perder.

A revelação foi dada por As.

A iniciação devia se realizar pelas mãos das sacerdotisas que o esperavam no salão em pé, cobertas com as capas de seda vermelha e suas cabeleiras escondidas pelos amplos capuzes. Nas mãos levavam tochas que acenderiam durante a travessia que fariam pela montanha.

Mas a cara que fizeram ao ver uma fada pela primeira vez na sua vida foi o que mais impactou o berserker.

— É uma fada? — perguntou Ruth, aproximando-se da diminuta mulher alada que percorria a todos de cima a baixo. — Não posso acreditar nisso... Nunca vi uma.

— Porra, parece com uma bola de quadribol. — assegurou Adam assombrado.

— É a Fada Sininho... — Nora, que estava nos braços de As, seguia com seus olhos ansiosos aquele ente da natureza que não parava quieto e voava a grande velocidade de uma ponta à outra do salão.

— De onde saiu? — perguntou o líder berserker.

— Do meu cofre. É uma guia. — explicou Noah — Vai me levar a um objeto que devo encontrar.

As assentiu com a cabeça sem querer fazer mais perguntas.

Maria se aproximou de Nanna com amabilidade.

— Valquíria, precisamos de mais uma mulher para a iniciação. Devemos ser seis. Você nos acompanha em nosso trabalho?

Nanna olhou para Noah e depois às demais mulheres, feliz que quisessem que as ajudasse.

— O que devo fazer?

Ruth se adiantou e abriu seus olhos dourados para lhe confiar em voz baixa:

— Vamos lançá-lo pelos ares. — Piscou um olho. — Foi isso que fizeram comigo.

Nanna não hesitou nem um instante.

— Estou dentro.

— Então deve se despedir de As e Adam. — sugeriu Maria — Os homens não devem assistir.

— E eu o que sou? — replicou Noah, sem compreender.

— Você é o iniciado. Não conta.

— Não há tempo a perder. — As os apressou. — Noah — tomou seu agente pelos ombros — , lembre-se do que eu te disse: para mim, você é como meu filho. Faça o que tenha que fazer. E não pense se é correto ou não. Se o *Alfather* o reservou para este momento, não deve desperdiçar a oportunidade. — Deu-lhe um abraço que o pegou de surpresa.

Nanna comprovou que Noah era um berserker querido e respeitado por todos. Isso era bom, dizia muito de si mesmo e do homem no qual se converteu.

Ele respondeu ao abraço; cedeu ao carinho que sentia por esse homem, embora lhe tivesse escondido sua verdadeira origem. Os anos, a fidelidade e os séculos juntos tinham mais peso que uma mentira.

Quando chegou a vez de Adam, o *noaiti*, preocupado com seu amigo, deu-lhe seu *oks* pessoal.

— Quero que leve isso, Noah.

O loiro o tomou entre as mãos com gesto espantado.

— É sua arma, Adam.

— Quero que você a leve. — lambeu os lábios secos. — Não sei quem se supõe que é, mas a Terra que vá pra merda, Noah. Se Odin o manteve escondido todo este tempo entre nós, também o pôs ao meu lado para que cuidasse de mim. Se não tivesse me ajudado, possivelmente jamais teria recebido a profecia de Skuld.

— Isso não é verdade. Você conseguiu sozinho...

— Não. Não é verdade. Deixe-me terminar. — Adam, com seus olhos negros transbordantes de respeito e irmandade por seu amigo, estava visivelmente emocionado por essa despedida. — Sei que deve empreender sozinho esta viagem e que talvez não retorne, mas não está sozinho. — Apoiou as mãos sobre as de seu amigo, que seguravam sua tocha com respeito. — Não está, lembre-se. Estou com você, em suas mãos — agitou a tocha para dar mais convicção a suas palavras. — Não caminhará sozinho. É meu *kompiss*. Pode ser que seja filho de um deus, Noah, mas tem a um xamã berserker como irmão. Lembre-se disso. — Adam pendurou o *oks* nas suas costas.

Abraçaram-se.

Ruth limpou as lágrimas disfarçadamente e esperou que Nora desse um sonoro beijo no seu tio favorito.

— Tio Noah?

— Sim, pequena?

— Os pós de fada te fazem voar. Você pode voar se a pegar...

Noah sorriu, deu-lhe um beijo na testa e se despediu dela.

— Não deixe de desenhar. — pediu a ela.

— Não o farei. — respondeu a criança.

As sacerdotisas esperaram pacientemente até que Noah disse adeus a todos.

Mas quando foi sair da casa, Aileen e Caleb fecharam seu caminho.

— Pensava que não chegaria a tempo. — disse a híbrida de olhos lilás, sobressaltada e nervosa. Foi direto a Noah e lhe deu um abraço que o deixou quase fora de si. — Ruth me avisou. Não podia ir sem se despedir de mim.

Os olhos de Nanna avermelharam.

Sabia que a híbrida e ele eram bons amigos, mas não suportava que pudesse se agarrar a ele desse modo e que ela não pudesse fazê-lo.

Ela se vestia tão sedutora como sempre: com um bonito macacão negro apertado e botas da mesma cor com salto. Usava o cabelo liso e solto.

E Caleb... bom, Caleb merecia sempre menção à parte. Quando o viam através da Ethernet, todas as Valquírias faziam a *ola*³. Esse homem despertava as fantasias mais selvagens e brutas de uma mulher.

— Está tirando anos de vida de Caleb... — brincou Noah retribuindo o abraço à neta de As.

— Não se preocupe com ele, vai superar. Você vai, então?

— Sim... — deu de ombros —, tenho uma viagem a empreender.

— Não é uma viagem qualquer. Ao que parece, dela depende nosso futuro, não é verdade?

— É o que parece. — respondeu sem acreditar em suas palavras.

Aqueles olhos lilás o inspecionaram de cima a baixo.

Noah era diferente por si só. Sua pele um pouco mais pálida que a de Adam, seu cabelo tão loiro que parecia branco e esses olhos permanentemente amarelos o distinguiam do resto. Era um ser estranho e bonito, e ao mesmo tempo, tão ameaçador como um tigre de bengala. Sim, era o bengala para todos os membros dos clãs.

— Sempre foi especial, Noah. — assegurou Aileen, olhando-o com devoção. — Eu sabia.

Os olhos verdes de Caleb lançavam raios para tudo quanto era canto. Levava seu cabelo negro e liso solto. Pigarreou, incômodo.

— Vieram se despedir de mim? — Noah estava surpreso. — Você também, Presas? Quer que te dê um abraço?

— Claro, vira-lata. — Sorriu amigavelmente. — Vou te coçar atrás das orelhas se for o que quer...

— O que Caleb quer dizer é que sim: em representação dos membros do Conselho de Black Country, viemos nos despedir. É o berserker mais bondoso que conheci. Você me ajudou muito. Ajudou a todos. — explicou Aileen.

Caleb não pôde evitar assentir com a cabeça: Aileen tinha razão. Noah o resgatou de Glastonbury Tor quando os torturaram a ele e a Aileen na cruz. Se não fosse pelo bengala, nunca teria encontrado sua *cáraid* com vida.

— Venho te desejar sorte nessa viagem. A guerra já está aqui, Noah. Talvez não voltemos a nos ver.

— Ou talvez sim. — disse ele.

— Assim espero porque precisamos de você entre nós.

— Obrigado, Aileen.

Ela sorriu, tomou seu rosto entre as mãos e abaixou a cabeça loira para lhe dar um beijo leve e tímido nos lábios.

Caleb enrijeceu visivelmente e todos os seus dentes rangeram.

A energia eletrostática de Nanna explodiu, coisa que fez com que as sacerdotisas se afastassem dela.

— Mantenha-se com vida, Noah. — pediu Aileen. — Todos estamos com você.

— Mantenha-se você com vida. — Se alguém estava em perigo era Aileen. Se Caleb não a matasse, Nanna a mataria. — Agora mesmo está a ponto de ser eletrocutada ou de que te mordam.

³ Ola é o movimento feito uma onda que os torcedores fazem.

Ela não deu importância a ele, mas olhou para Nanna e se desculpou com um gesto contrito.

— Nós já vamos? — perguntou Nanna visivelmente irritada com a situação, sem perdoar Aileen.

Noah piscou um olho pra Caleb; ambos sabiam que as tochas de guerra estavam enterradas há muito tempo e que só havia um homem para Aileen: o líder McKenna.

A princípio Noah custou muito aceitar que Aileen não era para ele. Estava desejoso de ter uma companheira e via na híbrida uma companheira de aventuras e de batalhas perfeita; era uma princesa distinta, bondosa e ideal.

Acreditou sentir amor por ela, mas pouco tempo depois de ser rechaçado, deu-se conta de que o verdadeiro amor estava por chegar.

E viria dos céus, na forma de mulher de orelhas bicudas e olhos exóticos e amendoados.

Agora nada podia negar que Nanna e ele se pertenciam. Talvez ainda não podiam se tocar, mas o *kompromiss* e o instinto despertavam quando estavam muito perto; esperava remediar isso com a ajuda da deusa e das sacerdotisas.

Nanna seguiu o grupo de mulheres encapuzadas que se dirigiam aos carros. Noah a precedeu com um sorriso de orelha a orelha.

A Valquíria ficou com ciúmes.

Era bom que provasse de seu próprio remédio.

Yorkshire

Cavernas de Alum Pot

Tempos atrás, naquele lugar ancestral e subterrâneo da Inglaterra, as sacerdotisas iniciaram Ruth em seu batismo. Ali, a Caçadora conheceu Nerthus e lhe outorgou os dons e preparou seu corpo para a imortalidade.

Nesse momento, cinco mulheres cobertas de vermelho e uma valquíria em suas roupas de guerra caminhavam entre os atalhos escuros do bosque, iluminadas só pelo fogo das tochas, em fila, como em uma procissão.

Noah ia por último e as seguia em absoluto silêncio.

— A deusa gosta de paz e silêncio. — disse a mais alta das sacerdotisas, Dyra. — Deve mostrar respeito, porque ela ouve tudo e já sabe que estamos aqui.

Ele as obedeceu. Seguia suas sugestões e seus conselhos. Elas eram as sábias do clã, as mulheres que trabalhavam a magia, e Noah sempre teve um profundo respeito por elas.

A fada os seguia sobrevoando suas cabeças, e de vez em quando ficava à altura do ouvido de Nanna, dizia-lhe algumas palavras e de repente as duas o olhavam de cara feia e afastavam o olhar.

Noah sabia por que estavam assim. Era empatia feminina.

Esperava que Nanna tivesse sentido tanta raiva e impotência como ele quando Theodore tocou os seios dela diante dele.

Se ver o beijo de Aileen a deixou tão mal como ele então havia valido a pena, porque assim teria sentido de verdade o vínculo que havia entre eles, um vínculo que não podia negar nem ignorar com a facilidade com a que pretendia fazer a valquíria.

Chegaram lá em cima cujos espessos matagais mal os deixavam ver. As mulheres os retiraram e Ruth sorriu ao recordar sua iniciação.

Na época ficou com um medo terrível que a deixassem ali sozinha... mas agora já não temia nada.

Tudo tinha mudado.

No chão, havia um imenso orifício que parecia guiá-los às entranhas da própria Terra.

A deusa sempre estava em lugares que se conectavam com o interior, com o feminino. Como se fosse um útero que levava ao ventre de uma mulher, Nerthus se escondia por trás desses túneis esperando uma nova semente para batizar.

Mas desta vez a iniciação não era feminina. Nessa ocasião as sacerdotisas evocariam Nerthus para que esta entrasse em contato com Noah e o ajudasse a solucionar seu problema. Para que o iniciassem. Ou, pelo menos, era isso o que Freyja disse.

— Nanna, vamos dar as mãos. — ordenou Maria. — Vamos criar um círculo com Noah no centro.

A sacerdotisa *matronae* foi a voz líder na invocação do Nerthus. Quando as seis mulheres entrelaçaram suas mãos, o bosque mergulhou em uma mágica espera; o céu de madrugada, escuro, nublado e taciturno se ofuscou com mais força sobre suas cabeças, como se as acompanhassem na cerimônia; como se desse modo pudesse resguardá-las da vista de seres não convidados a um evento de tal magnitude.

Maria, com seus olhos fechados, levantou o rosto até o teto cheio de estrelas e proclamou:

— Crescente dos céus estrelados, Floreada da planície fértil, Fluente dos suspiros do oceano, Bendita da chuva suave; escuta meu canto, abra para mim a sua luz mística, desperta seus poderes prateados, acompanhe-me em meu rito sagrado! — As demais repetiam cada uma de suas frases. — Crescente dos céus estrelados, Floreada da planície fértil, Fluente dos suspiros do oceano, Bendita da chuva suave, escuta meu canto, abra para mim a sua luz mística, desperta seus poderes prateados, acompanhe-me em meu rito sagrado! Deus benigna, você que é a rainha dos deuses, a lâmpada da noite, a criadora de tudo o que é selvagem e livre; mãe de mulheres e homens; companheira do deus carnudo e protetora de toda a Wicca. Desce, rezo com seu raio de poder lunar aqui sobre meu círculo!

Subitamente, a entrada desse mundo subterrâneo se iluminou. Sua claridade iluminou Noah e às mulheres que o rodeavam.

A *matronae* sorriu vitoriosa, orgulhosa de suas conquistas grupais, ainda que ela fosse a voz cantante.

— A deusa os espera. — disse.

O círculo se abriu para que Noah pudesse sair.

— Nanna — disse Tea, a mais baixa que se dirigiu à Valquíria —, Nerthus não atende a homens. A ela, na Antiguidade, eram oferecidas as virgens. Deve romper o círculo e descer com ele. Você é seu cartão de entrada. Sem você Nerthus não ajudará a Noah.

— Como diz? A que se refere com isso de me oferecer a ela? Isto me soa a sacrifício.

— Não te acontecerá nada. — assegurou Noah.

Ruth arqueou suas sobrancelhas mogno e estudou o panorama nervosa. Não gostava daquilo. As sacerdotisas eram mulheres muito fiéis a seus rituais e sabiam que para que isto funcionasse, tudo devia se cumprir ponto a ponto. Recordava impressionada os comentários que lhe dirigiram a respeito de sua virgindade; disseram-lhe que na Antiguidade se desvirginava a virgens com falos de marfim no interior das cavernas para que a deusa oferecesse seus dons e lhes dessem aquilo que desejavam para suas missões. A pureza era algo prezado para a mãe de Freyja, e era um presente que guardava como um tesouro e que, ao que parece, precisava para aumentar seu poder na Terra.

— Eu não estou tão segura disso. — comentou Ruth baixinho. A deusa as trouxe. Ela recordava Nerthus com uma mistura de pânico e de carinho. Por sorte, ninguém teve que desvirginá-la, mas...

— Irmã Ruth. — Amaya, a mais rechonchuda das anciãs a repreendeu. — Não deve deixar os iniciados nervosos.

— Não, não... Deus me livre. — respondeu ela, sarcástica. — Só era um inciso.

Nanna deu de ombros, rompeu o círculo corajosamente e passou adiante do berserker com a bendita ignorância de alguém que não tinha nem ideia de como funcionavam as coisas na Terra, por mais que a conhecesse.

— Andando, bengala. — disse com um tom despota.

— Muita sorte em sua viagem. — disse Ruth — Seja o que for que aconteça ali embaixo, não se prenam a Nerthus. Obedeçam-na ou não os iniciará. Não descobrirá seu poder.

Dyra e Amaya a olharam agradecidas por animá-los a ignorar Nerthus.

Noah escutou com atenção as palavras da Caçadora. Não tinha pensado em quebrar as sugestões de uma deusa, e menos ainda se o êxito da missão dependia disso.

— Sacerdotisas, Caçadora — fez uma reverência com a cabeça —, obrigado por sua ajuda. Cuidem-se.

— Que sua viagem seja frutífera para todos, Noah. — desejou Maria, sincera. A missão desse homem seria determinante para todos.

— Que a força o acompanhe — acrescentou Ruth piscando-lhe um olho dourado. — Para mim já é um herói, Capitão América. — disse com afeto.

Um homem sozinho não podia com tanta responsabilidade; o certo era que só o fato de carregar esse fardo já o convertia em alguém valente e único.

Os lábios de Noah se estiraram em um sorriso de carinho e respeito por todas, principalmente pela *kone* do Adam.

— Cuide do *noaiti*.

— Sempre o faço, bengala.

Depois dessas palavras, Noah e Nanna se deixaram cair no buraco que abria no topo do chão como uma incisão cirúrgica, como se alguém do céu tivesse disparado até alojar uma bala em suas entranhas.

A fada ficou suspensa, observando a cada uma das sacerdotisas.

Depois de analisá-las uma a uma, meteu-se de cabeça na entrada do mundo de Nerthus: um universo de elementares, de luzes e de sombras.

CAPÍTULO VIII

Nerthus, a mãe de Freyja, a deusa da fertilidade e dos cultos aos sacrifícios; Nerthus, a deusa da Terra, conhecida por muitos nomes; o respeito que levantava fazia a natureza emudecer; Nerthus, de olhos verde esmeralda, cabelo vermelho e encaracolado, de pele leitosa e grisalha, esperava impaciente atrás de um altar de pedra os seus convidados.

Vestia uma túnica vermelha da mesma cor do seu cabelo e segurava entre as mãos de unhas vermelhas um cálice como o Graal dourado com incrustações de cor esmeralda, com a runa Gebo gravada em seu centro.

Atrás dela descansava seu inseparável carro dourado, que era puxado por duas vacas sagradas de olhos vermelhos. Ao seu redor, centenas de chamas flutuantes iluminavam a caverna.

Nerthus tamborilava com suas unhas no metal da taça e olhou a seus dois visitantes.

— Bem-vindos. — saudou-os altiva.

— Nerthus? — perguntou Noah, aturdido.

— Nunca a vi. — apontou Nanna. — Freyja tem seus mesmos traços.

— Bom, eu sou mais bonita. — assegurou a deusa, pretenciosa.

— Claro, se você diz. — sussurrou Nanna com a vista cravada em suas vacas. Pelo menos os animais que puxavam o carro de Freyja eram tigres de bengala e não bovinos obesos.

— Ouço seus pensamentos, Valquíria. — disse a deusa que se separou da proteção do altar de pedra que a custodiava e deixou o graal sobre a superfície.

Nanna recolheu o cabelo trançado em um rabo de cavalo alto e deu de ombros.

— As sacerdotisas me invocaram porque tinham um presente para mim. — espetou a deusa, divertida.

Noah franziu o cenho.

— Não foi assim. As sacerdotisas a invocaram para que me inicie. — esclareceu Noah.

Nerthus desviou o olhar verde para Noah, estudando-o com curiosidade.

— E o farei. Mas para isso vai ter que sacrificar algo, não acha? Ou por acaso pensa que me invocar e que eu ofereça favores é gratuito?

— Legaram um *handbök* para mim.

— E?

— Um *handbök* dos deuses...

— É óbvio que o legaram. — Desviou o olhar para a fada. — Tem Electra com você. Assim se chama a fada que os acompanha.

— Ah... Não sabia.

— Eu sim. — afirmou Nanna.

— Bom pra você. — respondeu Nerthus analisando Nanna com o olhar, dando voltas ao seu redor como se tivesse fome e a jovem fosse sua comida. — É você o presente, linda? — passou a mão por seu rabo de cavalo trançado.

— Não. Não é ela. Odin me deu a... Electra. — insistiu Noah. Nerthus tinha que saber que era um enviado de Odin. Isso faria com que o respeitasse, não? — Tenho uma missão a realizar, uma viagem. E da conclusão dela poderiam depender muitas coisas. Inclusive a salvação deste reino.

— Odin?! — gritou histérica. Seus olhos de diferentes tonalidades de verde se tornaram completamente negros. Seu rosto da cor da neve foi percorrido por diminutas veias azuis, e dentre seus lábios apareceram duas presas superiores. — Odin quer que receba a um enviado seu?!

Nanna ficou boquiaberta. Olhou a forma da gruta e murmurou:

— Reage exageradamente igual a sua filha.

— O que disse, trancinhas?!

De repente, Nerthus pressionou Nanna contra a parede úmida e lamacenta e rodeou seu pescoço com uma de suas mãos, levantando-a do chão.

— Odin me relegou ao Midgard! Se quisesse, poderia te matar nesse instante. É uma valquíria, só preciso afundar a mão em seu peito e arrancar seu coração.

— Não o fará. — Noah deu um passo adiante para defender sua companheira, mas não pôde avançar mais. Nerthus acabava de imobilizá-lo; diante dele tinha um muro transparente que não podia ultrapassar.

— Quietos aí, berserker. De verdade pensam que não sei quem são? — Colou seu nariz ao de Nanna. — Sou a única neste reino que sabe tudo de todos. Freyja é poderosa, Nanna. Mas sua mãe é mais. Assim me mostre respeito.

Deixou-a cair de joelhos e a obrigou a plantar as mãos no chão e abaixar a cabeça.

— Minha filha permite que suas valquírias lhe falem às vezes com pouca submissão. Ela ama muito vocês. Disse que nunca se envolvesse emocionalmente, mas não pode evitar... é... sensível.

“Freyja sensível? Por isso me eletrocutou?” pensou a valquíria com amargura.

— Peça-me perdão. — ordenou a deusa. Depois estendeu um braço para Noah, estirou os dedos e os fechou de repente. Ao fazê-lo, o berserker caiu de joelhos. — Você também, lobo. Desculpem-se e vamos voltar a começar.

Noah e Nanna lhe pediram desculpas, submetidos pelo poderoso mandato da deusa.

— Bons meninos. — Nerthus se pôs a rir e se afastou deles para se dirigir de novo ao altar de pedra. — Levantem-se. — ordenou.

Noah se dirigiu para Nanna, disposto a ajudá-la de novo a se endireitar, mas a valquíria empalideceu e gritou:

— Não! Noah, não pode!

Nerthus arqueou uma sobrancelha e olhou-os por cima do ombro.

— Não pode?

— Não. — esclareceu Nanna. — É uma deusa e diz que sabe tudo... Saberá que se me tocar, sua filha voltará a me castigar sem compaixão.

Nerthus a ignorou e deu voltas ao líquido avermelhado que estava nas profundezas do graal.

— Freyja é tudo menos bondosa. Você é Nanna, a *Intocável*. A guerreira que recolhia os caídos e os levava às fileiras dos deuses. É valiosa para minha filha; entendo que se está aqui, é porque continua sendo valiosa para ela. Porque ela quis assim.

— Por que? — perguntou Nanna não conformada.

— Eu sei a razão — cantarolou — e você não...

— E que iniciação vai dar a mim? — Noah se aproximou da deusa, sem medo nem prevenção.

Nerthus exalou, como se estivesse cansada.

— Não dou meu conhecimento de forma gratuita. Meu poder é divino, mas em algumas ocasiões necessita combustível. Os deuses do Asgard tem fontes que os alimentam de energia. Eu me alimento da natureza deste planeta e dos dons e da pureza das pessoas que vêm a mim. Mas, lamentavelmente, esta terra está se quebrando pelos ardis de Loki. Preciso de uma explosão de energia, agora mais do que nunca, para sair daqui e me juntar a meus exércitos. Minhas sacerdotisas nunca falham e os trouxeram bem a tempo. Mas, bom, tudo estava escrito como sabem... Essas nornas brincalhonas deram umas diretrizes. Ao que parece há coisas que se cumprem ao pé da letra.

— Não se cumpre porque vamos seguir o que decretaram para nós. — opinou Noah. — Cumpre-se por nosso dom para romper as normas e não seguir esse caminho. A *völva*, a bruxa original, predisse o final dos tempos.

— E já não chegou? — disse ela sem deixar de remexer a taça.

— Mas o *noaiti*, o xamã do clã berserker — explicou Noah —, recebeu uma profecia de Skuld, a norna do futuro. Uma profecia que dá lugar à esperança. Nós estamos lutando para que se cumpra sua profecia e não a da *völva*.

Nerthus deu a volta; seu traje vermelho formou redemoinhos aos seus pés.

— Adorável. É adorável sua esperança.

— Por isso estamos aqui. — disse Nanna — As sacerdotisas a convocaram para que nos dê uma mão, Nerthus.

— E o farei, trancinhas. — Meteu um dedo no líquido da taça e o levou à boca. — Mas a ajuda vai em duas direções. As runas falaram de uma viagem, estou enganada, lobo?

— Não, é isso mesmo. — respondeu Noah, utilizando seu corpo para proteger Nanna que tentava afastá-lo com suas mãos. Era extremamente protetor, mas não podia evitar.

Nerthus lambeu os lábios e pediu a Electra que se aproximasse.

— Aonde presume que devo levá-los? — perguntou ao ser alado.

A fada, que era a encarregada de guiá-los até o objeto que Odin tinha escondido para Noah, voou até o ouvido da deusa e lhe deu a resposta.

— Entendo. — A deusa sorriu e bateu palmas. — Eu os ajudarei levando-os diretamente à Terra em que se acha seu objeto. Mas... vocês me ajudarão a sair daqui.

— Como? — perguntou Noah. — Farei o que for necessário.

Os longos cílios da deusa oscilaram ao olhar para Nanna.

— A energia que desprende uma mulher ao perder a virgindade rompe feitiços humanos, sabiam? Por isso se sacrificavam em cavernas. Mas a energia que libera uma Valquíria ao perder a sua... pode romper o feitiço de um deus. Arrebate a virgindade de Nanna para que rompa o feitiço de Odin e eu possa sair daqui.

Nanna empalideceu. Seus lindos olhos se ofuscaram congestionados pelo medo.

— Não. — disse ela negando exaltadamente. — Não, nem pensar.

Noah sabia que nada devia torpedear sua missão. Estava disposto a tudo para não falhar com os seus. Mas Nanna era sua companheira, embora ela se negasse a acreditar, e não suportaria voltar a machucá-la.

— Vim aqui com a esperança de que as sacerdotisas a convocassem para que me ajudasse a romper o *kompromiss*! — gritou Nanna com os olhos cheios de lágrimas.

Nerthus deu de ombros com gesto inocente. Noah se afligiu ao escutar essas palavras da parte de quem devia ser sua mulher.

— Não o quero como companheiro! — repetiu — Me destroça cada vez que me toca!

O berserker se entristeceu por completo, consternado pelo ódio e o asco que despertava em Nanna. Realmente essa mulher o detestava.

— Sinto muito, Nanna. Sinto muito. — disse ele.

— Oh, que terno. — sussurrou Nerthus juntando suas mãos. — É muito bom, Noah. Os berserkers brigam por suas fêmeas e pouco se importam que lhes digam não. Eles têm esse gênio soberbo de Odin que toma o que querem quando querem. Não fará o mesmo com a valquíria? Embora disso dependa a sobrevivência do Midgard?

— Ele não devia me tocar! E o fez quando eu acreditava que carregava um homem morto! Por isso Freyja me castigou! Por isso estou aqui no Midgard enquanto se assolam de guerreiros que não podem retornar ao Asgard!

— Oh, não se preocupe com eles, valquíria. Com certeza que por aqui nos farão falta...

Nanna negou com a cabeça e olhou para Noah com gesto suplicante.

— Por favor, por favor... não faça isso. Prefiro que me mate. Se me matar, Nerthus, minha energia também poderia te libertar.

— Nanna... — sussurrou Noah arrasado. Que deprimente era ser rejeitado daquele modo. Sua mulher preferia morrer a deixá-lo tocá-la.

— Certo... então nada. Todos mortos. Adeus, Terra. Já podem ir... — anunciou para testá-los. — Que perda de tempo...

— Não! Espera! — disse Noah.

— Nem tente, bengala! — assinalou-o com o olhar completamente vermelho e pequenos fios elétricos que bailavam ao redor de sua pele. — Não. Você me ouviu? Sou capaz de realizar uma *farvel furie*⁴ aqui mesmo antes que sofra de novo.

— Mas, Nanna... Você é minha companheira. — ele explicou com olhos tristes e sem luz. — Está sendo injusta.

— Injusta? — Abriu os olhos de par em par. — Não quero voltar a ser torturada desse modo. Não quero que me toque. Jamais. Nunca mais. E se a deusa não vai romper nosso estranho vínculo, eu o romperei, embora seja a última coisa que faça. — assegurou aproximando-se dele e ficando nas pontas dos pés.

— Noah, não deixe que o faça. — recomendou a deusa. — É o Midgard ou ela. Você decide. Não saberá quem é... Falhará a todos os que depositaram sua confiança em você só por respeitar a uma valquíria despeitada que não tem resistência à dor?

Nanna a fulminou com os olhos.

⁴ Farvel furie é fúria do adeus.

— Não seja puta, deusa.

Nerthus sorriu e ergueu Nanna até deitá-la sobre o altar de pedra.

— Não se mova! — ordenou a Noah que já corria para socorrer sua companheira.

Lutou, mas de nada servia. Nerthus, sob sua esmagadora força e seu incontestável poder, tornou a imobilizá-lo. Quem acreditaria que lidar com deuses seria fácil?

— Cadela. Não a tocarei. — protestou ele. — Ela não me deseja.

— Besteira! — A deusa o contradisse. — Minha filha sabia que não podia perder a virgindade antes de me conhecerem. Senão eu não poderia sair daqui. Por isso castigou Nanna. Para que tivesse medo de você.

— Pois conseguiu! — gritou ele vermelho como um tomate com os olhos da mesma cor, a ponto de mudar. — Agora solte-a.

— Não seja ridículo, honorável vira-lata. — Ela se dirigiu para ao altar no qual Nanna lutava para recuperar o controle de seu corpo com resultados nulos. — Sabia que não seria fácil, valquíria. Tem a dignidade e o caráter de seus pais. — murmurou Nerthus, obrigando-a a beber do graal. — Abra a boca, gracinha. Isto é para o seu bem...

O líquido âmbar escorregou pelo interior da garganta de Nanna que não teve mais alternativa que engolir.

— Meus pais? Você os conhecia?

— Preciso de sua virgindade para sair daqui e levá-los aonde precisam ir. — sussurrou sem responder. — Isto vai muito além de vocês. A Inglaterra estremece por dentro e muito em breve começarão os tremores e o caos. Tenho que estar ali fora, entendem?

— Não! Noah! — queixou-se a jovem, atemorizada.

— Noah — repetiu a deusa para atrair sua atenção —, você é a peça que Odin escondia. É a surpresa que ninguém espera. Não sinta que vai fazer mal a Nanna, porque é uma dor inevitável.

— Não o quero! Pode ser outro! Por que ele?! — Nanna chutava o altar, mas embora desejasse com todas as suas forças, era incapaz de descer. Outros homens podiam tocá-la e não lhe fazer mal. De fato, não a faziam sentir nada. Mas qualquer coisa era melhor que sofrer de novo a ira de Freyja.

— Ela não me quer, Nerthus. — disse, derrotado. — Não posso fazer isso.

— Então, o que fazemos, Noah? Deixar que faça a *farvel furie*? Deixar que morra? É sua companheira, lobo. Não quer que esteja contigo? Quer que Loki ganhe?

— Não. Mas não quero que me odeie.

— Oh, pelos deuses... — revirou os olhos nas órbitas. — Já te odeia. Mas vai passar. É isso o que tem que fazer. Esta é sua iniciação; é o que o fará iniciar sua viagem. Não me faça perder mais tempo. Ou pega ou comunico aos deuses que o Midgard vai diretamente à merda porque foi incapaz de desvirginar a sua mulher.

De repente, o corpo de Nanna perdeu suas proteções; suas ombreiras, suas joelheiras, suas malhas e suas botas, e ficou completamente nua no altar.

As palavras de Nerthus golpearam em seu instinto. Era um berserker, mas também era um homem. Como tomaria Nanna sabendo todo o sofrimento que ia acarretar?

— Escute, não é seu tato o que dói... é o castigo do depois, e acredite em mim quando digo que desta vez não chegará. — Nerthus tentou apaziguar seus nervos.

— Não é verdade! — protestou Nanna, chorando desconsolada. Seu corpo deu a volta no ar e ficou de quatro sobre a pedra do cáldo altar. Suas pernas abriram para Noah e lhe mostrou tudo o que tinha para mostrar. — Não! Desçam-me!

O berserker ignorou a deusa, que continuava falando sobre a bebida que deviam ingerir e que tinha em suas mãos. Noah já não prestava atenção nada.

O aroma íntimo de Nanna o golpeou e deixou nocauteado.

Aproximou-se do altar, dela, e ficou preso ao seu corpo fino e elegante.

— Não há lua cheia, Noah. — explicou Nerthus, a quem aquela situação parecia divertir. — Não a machucará muito. Simplesmente toma o que é seu. Eu te levarei aonde precisa ir e vocês me ajudarão a sair daqui. — estalou os dedos e despiu Noah completamente.

— Por favor, por favor... — suplicou Nanna olhando-o por cima do ombro aterrorizada. — Noah... não me faça isto.

Ele olhou para Nerthus, completamente nu. Estava ereto e duro como nunca.

— Por que acha que o castigo não chegará? — perguntou-lhe.

A deusa sorriu.

— Porque Noah... você já morreu. Os feitiços de minha filha podem se desfazer assim que se rompem suas normas. Ela não voltará a te fazer mal. Castigou-a para que mantivessem distância até que viessem para mim e não pudesse arrebatá-la sua virgindade antes; senão eu não teria encontrado um modo de sair deste buraco. E acredite em mim, tenho que sair daqui.

— Mente! Mente, Noah! Ignore-a!

Entretanto, o berserker acreditou.

Talvez o fez porque era incapaz de resistir a Nanna e a seu corpo.

Ou talvez o fizesse por que de verdade acreditava nela, mas... quem detinha um homem apaixonado por sua mulher?

Quem detinha um berserker cuja *kone* estava nua para ele?

— Noah — a valquíria o olhou diretamente nos olhos —, escute bem: não quero que me toque. Não quero estar com você. Não te quero.

— Mas eu sim. — respondeu ele solene. Por que negaria quando era tão óbvio? — A última coisa que quero é voltar a te fazer mal.

— Então, não o faça... — suplicou ela.

— Não posso. — Abaixou a cabeça com arrependimento. — Não posso não te possuir, Nanna. Se tiver que fazer para ajudar aos deuses e a meus amigos, eu o farei. Porque tudo está acima de nós. Mas não tenha dúvida de que o faço porque a desejo e preciso de você. Precisei desde o primeiro dia que te vi.

Aquelas palavras soaram vazias para Nanna.

— Porco egoísta! — Falou com os dentes apertados pela frustração e a decepção. — Por que não leva em conta meus desejos?!

— Eu os levo. Mas... não posso me negar a isto. Se o Ragnarök depender de eu possuí-la, Nanna, vou te possuir.

— Então te prometo que esta será a última vez que falo com você. E esta será a última vez que me toca. — jurou com os olhos cheios de lágrimas. — Quando acabar, pensa que me estuprou. Que não desfrutei do que me fez. E que fugirei de você assim que me recuperar do castigo de Freyja. Não vou querer voltar a te ver. Jamais. *Motbydelig!* Asqueroso!

Noah engoliu em seco com seu olhar fixo em suas lindas asas tribais de cor vermelha. Estava muito chateada, pobre.

— Tome o conteúdo deste graal. — pediu Nerthus, deixando-o sobre o altar ao lado do joelho paralisado de Nanna.

— O que é?

— É a runa líquida da união. Chama-se Gebo. — Assinalou a runa inscrita no metal em forma de X. — Você e Nanna são um casal. Mal escolhido — particularizou irônica —, mas um casal, de qualquer maneira. Isto os ajudará a não esquecer disso.

— Sim, cão. — grunhiu Nanna. — Drogue a nós dois... Só falta isso... Mente, quebra sua palavra, me estupra e me droga. É o maior filho da puta.

— Oh, Nanna. — Nerthus falou com ela como uma menininha. Acariciou seu rosto e o levantou para olhá-la. — Mas... quem disse que vão te drogar? Quem disse que vai esquecer?

— Quero intimidade. — ordenou Noah.

A deusa pôs cara de aborrecimento.

— Por que tanta vergonha? Sexo é sexo. Os deuses não deixam de praticá-lo.

— Por favor. Não a incomode mais. — ele pediu desapixonado.

Nerthus bufou como uma criança a que negaram alguma coisa. Antes de desaparecer disse:

— Não demorem muito. Quando absorverem seu chi, o portal ficará aberto para vocês. Terão alguns minutos antes que se feche.

— E você? O que será de você?

— Eu? — Soltou uma gargalhada. — Já não estarei aqui. Tenham uma boa transa, meus filhos.

Noah queria acariciar as asas tribais de Nanna. Desejava passar os dedos, beijar e lambê-las de cima a baixo.

Quando se imaginou com sua *kone*, nunca tinha pensado que seria sob essas normas e nessas circunstâncias.

Jamais pensou que seria algo ruim arrebatrar a virgindade de sua mulher. De fato, desejava que sua companheira não tivesse sido tocada por ninguém. Mas agora não se importaria que Nanna não tivesse esse pequeno pedacinho de carne que tanto dor provocaria ao penetrá-la.

Na caverna não fazia frio, mas ela tinha a pele arrepiada e coberta de suor frio, porque o temia. Bom, nem sequer temia. Tinha nojo.

— Nanna. — disse com voz pausada. — Não vou te tocar nunca mais depois disso. É primeira e a última vez que te possuirei. — ela prestava atenção com olhos de cordeiro degolado. — Vou tentar ser gentil.

— Quer ser gentil?

— Sim.

— Então meta uma estaca na sua bunda. Isso seria ser gentil para mim.

Noah enrijeceu e apertou os dentes. E então tocou as nádegas suaves e lisas.

E nesse preciso momento, nesse instante de contato inicial e consciente, toda razão e todo bom senso desapareceu da sua mente.

Só existia ela. Seu corpo. E o prazer que ele poderia proporcionar a ambos.

— Pedaco de merda, Freyja vai me eletrocutar por sua culpa.

Mas ele já não a escutava.

Acariciou suas nádegas e abriu suas pernas um pouco mais.

Uma voz longínqua ricocheteava nas paredes de sua consciência e lhe dizia: “é sua primeira vez”, “é sua primeira vez”, “tome cuidado e não a assuste”.

Mas depois a voz de seu instinto, a que fazia que quisesse bater no peito com orgulho ao saber que tinha a sua fêmea submetida diante dele, clamava para que a possuísse: “Não demore tanto, cara! É sua! Tome-a!”.

Noah acariciou suas nádegas e massageou, abrindo e fechando seus globos.

Nanna quis se afastar, mas foi impossível.

O berserker lambeu os dedos e os umedeceu para depois, cego de desejo, acariciar entre as pernas e esfregar esse ponto de prazer que faria com que Nanna relaxasse e se excitasse.

E a silenciou. Silenciou-a em sua cabeça.

Tanto fazia escutar suas súplicas.

Na ponta dos dedos sentiu que ela ficava úmida e se tornava receptiva a seu toque. Percebeu como sua vagina inchava e como o clitóris saía de seu capuz, respondendo a seus estímulos.

Noah sorriu com ternura. Seu corpo não protestava à futura invasão. De fato, parecia desejá-lo tanto quanto ele.

Primeiro, para medi-la, introduziu o indicador e o rodou, para ver o quanto era estreita.

Quando descobriu que era tão estreita como podia ser uma virgem, seu pênis endureceu; não sua consciência, que temia por ela.

— Sei que não quer isto comigo. Com certeza preferiria que fosse outro quem fizesse isso. Como o romano de Wester Ross, não é Nanna? Sinto muito. Sinto ser eu quem a possui.

Introduziu dois dedos e se introduziu até tocar a membrana, que acariciou para fazê-la ceder levemente. Mas depois decidiu que queria sentir como se rompia com a ponta de seu membro e deixou de roçá-la.

Retirou os dedos e os levou à boca.

— Porra... você sabe o quanto é gostosa?

Noah não escutava suas respostas. Sua mente não as registrava. Só podia advertir seu aroma e o tato de sua pele sob seus dedos.

Agarrou-a pelos quadris. Com uma mão segurou seu membro para guiá-lo até a diminuta entrada; com a outra segurou-a pela nádega.

— Vai ser minha, Nanna. Depois, se for o que deseja, poderá fazer o que quiser. Mas sua primeira vez é para mim. — Adiantou seus quadris e empurrou até que a carne se abriu para ele e a cabeça larga de seu pênis desapareceu em seu interior. Ainda ficava todo o caule venoso, mas pelo menos já estava dentro; o resto era só avançar e retroceder.

Entretanto, Noah, perdido nela, decidiu que queria avançar.

Avançar até o fundo para que recordasse dele sempre. Se estava tão decepcionada com ele, que ficasse, mas que soubesse que ninguém a ia possuí-la como ele.

Subiu as pernas ao altar e colocou cada pé ao lado de seus joelhos. Segurou-a pelas nádegas, abrindo-a para ele e então empurrou para dentro.

Sentiu como o apertava e que a carne, lubrificada pela excitação dela, deixava que avançasse.

E seguiu avançando. Até que seu imenso membro foi engolido pelo interior dela. Completamente.

Até que os testículos ficaram tão grudados no seu traseiro que parecia que a tinha penetrado por trás.

Nanna precisava pegar ar.

A dor tinha diminuído. Noah estava tão quieto em seu interior e ela se sentia tão cheia que pensava que se partiria em duas.

Mas o berserker não a machucava. E o castigo não chegava.

Certamente, chegaria mais tarde.

Mas não nesse momento.

Ao lado da sua mão direita, um redemoinho de pó amarelado e brilhante começou a se criar diante do altar.

Nanna mordeu o lábio e seus olhos se avermelharam de prazer.

Ele estava rodando os quadris para se encaixar à perfeição, para que nem um milímetro de seu interior deixasse de ser preenchido.

E o notava tão dentro que tinha medo de que transpassasse seu estômago.

Entretanto, o aroma picante de Noah chegou até seu nariz e a enlouqueceu. Estava dilatando para ele; havia algo, uma substância quente e líquida que Noah emanava em seu interior para que ela pudesse recebê-lo melhor.

O berserker loiro grunhiu e aquilo excitou ainda mais a valquíria.

Ela tinha ficado louca. Tinha passado de odiá-lo e desprezá-lo, a desejá-lo e querer implorar a ele que não parasse suas investidas, que chegasse até onde seu corpo permitisse.

Noah saiu um pouco de seu interior e depois voltou a dar outra estocada que foi, se isso era possível, mais profunda que a anterior.

A valquíria gemeu morta de fome por ele, e grudou sua bochecha na pedra. Ou era a mão de Noah que a obrigou e tinha grudado sua cara no altar?

Não importava.

O pênis de Noah era enorme e delicioso. Não queria que parasse.

Ele leu sua mente, levou os lábios até seu ouvido e disse enquanto dava uma lambida:

— Esta será a última vez que a toco. Prometo. Mas espero que não esqueça.

Nanna franziu o cenho sem compreender, perdida no limbo de sua luxúria particular.

E então começou a verdadeira posse.

Perfurava-a, ele a perfurava como se quisesse cravá-la em algum lugar. Nanna não podia se mover porque estava fixada no altar.

Noah podia empurrar quanto quisesse que ela não fugiria.

As penetrações eram dolorosas e insultantemente profundas, mas não se importou.

Estava inchada, úmida, possuída e se sentia totalmente cheia.

Noah a tinha invadido por completo.

Ele estava inchando e alargando, estava ficando maior. E ela, por incrível que pareça, deixava-o entrar.

O redemoinho a seu lado se abriu por completo e deixou ver umas montanhas altas e cobertas de neves. Para onde deviam se dirigir estava nevando. Os flocos de neve penetravam na gruta, mas nem Nanna nem Noah prestavam atenção ao frio.

Ali fazia muito calor mesmo.

Ela ardia.

Ele queimava.

Depois de dez estocadas mais rápidas e profundas, o bengala ficou profundamente metido em seu interior, até o útero.

E então soltou sua semente.

Nanna gozou com ele, gemendo e soluçando como uma mulher sem controle.

Noah deixou cair a cabeça para trás, cravou os punhos a cada lado do rosto da valquíria e rugiu.

Bramou até que sua voz rugiu completamente, enquanto os jorros de sua semente invadiam e conquistavam a que devia ser sua mulher.

Ela já não o queria.

Ele a desejava sempre. O que fariam?

A porta os atraiu e a neve os engoliu por completo, lançando-os nus junto com suas roupas e seus bens, para outro lugar do Midgard.

Electra os seguiu, ainda impressionada pelo que seus olhos de fada viram.

E então, quando o portal que Nerthus tinha aberto se fechou, os tetos de pedra da caverna começaram a se desfazer e cair.

O altar, com os restos de sêmen e sangue da companheira, partiu pela metade; os fogos que saíam da tocha se desvaneceram.

Do mesmo modo que já não havia nem rastro de Noah e Nanna, tampouco de Nerthus.

CAPÍTULO IX

— Olhaaaaaa! Olha que muro mais alto!

Ele sorriu à menina e olhou para onde assinalava.

A pequena tinha o cabelo castanho muito comprido e muito encaracolado, e seus olhos castanhos claros gotejavam vida e ansiedade.

— Não nos deixam estar aqui. — disse ele.

— Por que não? — perguntou ela compungida. — Vão nos castigar por isso?

Ele se pôs a rir e se deixou cair na grama macia que rodeava aquele edifício majestoso.

— Não. Não podem me castigar. Não gostam que ande perto porque atrás desses muros há mulheres e homens vestidos para a guerra.

— Meu pai me disse que as mulheres lançam raios e flechas...

— E os homens são meio lobos. — disse com admiração.

— Pois que sorte! — disse a menina que se deixou cair ao seu lado e juntou os joelhos com os braços. Apoiou seu queixinho em cima deles e olhou sonhadora para aquele espetáculo visual.

Ele se endireitou e perguntou:

— É uma sorte ser meio animal?

— Não sei... Mas o que é uma sorte é que ninguém possa te castigar. Me castigam constantemente...

Nanna abriu os olhos de par em par.

O que foi isso? Quem era esse menino?

Em seu sonho podia sentir os raios de sol acariciando sua pele; o aroma de hortelã.

Mas ao despertar estava congelada.

Os flocos de água gelada penetravam sob suas pálpebras e molhavam suas pestanas.

Morria de frio, e isso por que as valquírias eram mulheres de habitat úmido e tempestuoso.

Endireitou-se sobre seus cotovelos e viu que continuava nua.

Deuses, continuava nua e entre as pernas estava molhada, e não do gelo.

Desvirginada. Um fio de sangue percorria o interior de sua coxa e tingia a neve sob suas nádegas.

Doíam-lhe o ventre e as virilhas. Era uma sensação incômoda, mas para ser completamente franca se anulasse a ira e recordasse com cada detalhe o que aconteceu, a dor no final se tornava desejo.

Seu primeiro orgasmo tinha fundido seus neurônios; nesse momento, seu corpo, fora estar dormente pela frio, tinha demonstrado que não era nada frígido e que respondia aos cuidados de Noah.

Um homem.

Arrepiou-se ao recordar o que tinha acontecido na caverna. Sua carne mais íntima ainda palpitava sacudida pela poderosa intrusão do berserker.

Tinha perdido a virgindade em um altar de sacrifício à deusa Nerthus. Era imbecil pensar que a mãe de Freyja não pediria nada em troca por ajudá-los. E ela foi muito tola. Claro que pediria algo. Pediu a ela!

Imediatamente depois todo seu corpo ficou em alerta. Noah a havia tocado outra vez, e bem tocada, vamos! Retocada, poderia-se dizer! E, com toda certeza, Freyja estaria esfregando as mãos por uma nova descarga.

Suas orelhas ficaram rígidas e abanaram procurando uma caverna ou um buraco naquele lugar rochoso no qual estava. Precisava se cobrir dos ataques da deusa.

E correu.

Correu movendo as mãos sobre a cabeça como se tivesse um filhote de águia arrancando suas tranças.

Atrás dela, a luz azulada das asas de Electra a seguiram, divertida como se estivessem procurando algo.

— Electra! Uma caverna! Preciso de uma caverna! — clamava Nanna.

Noah olhava Nanna com a cabeça inclinada para um lado, estudando sua nudez e sua atitude.

Era tão bonita. E foi tão dele...

Depois daquele curioso sonho que teve, no qual falava com uma menina humana que nunca tinha visto, veio o mesmo pesadelo de sempre.

O fogo, as flechas, a pele ardendo... a dor. E depois, no meio do sofrimento e envolta nas chamas do desespero, a mesma voz de sempre. Uma voz de homem que ele nem entendia nem podia ler.

Seu humor se tornava murcho com o passar dos dias. Sonhar com uma morte tão desagradável não era do agrado de ninguém. E ele estava sonhando com isso desde que Nanna lançou-lhe a adaga *guddine* no casamento de As e Maria.

Desde então, já não podia descansar.

Sorriu ao ver que Nanna se escondia no chão e lançava raios ao céu, como se pudesse contra-atacar um ataque divino.

— Não se atreva, Freyja! — gritava desesperada.

Depois voltava a correr e saltar, utilizando seus majestosos raios. Mas na realidade ninguém a agredia. Parecia uma louca.

E Noah adorou. Desfrutou desse momento até que o beliscão do pesar pelo que tinha feito recordou que já não seria sua nunca mais.

Essa valquíria odiaria sua presença para sempre.

Entretanto, ninguém poderia apagar a maravilhosa lembrança de ter sido o primeiro. Sua natureza o impedia de forçá-la e demonstrar que ele era o único, assim deixaria que a valquíria escolhesse. Embora saber que não seria o escolhido destroçasse seu coração.

Esfregou o lado direito do rosto. Ardia, possivelmente pela altura em que se encontrava e porque os raios do sol chegavam com mais força, embora o céu estivesse encoberto como estava e nevasse daquele modo.

Estava claro que o clima enlouqueceu e que preparava a sala de espera de uma guerra escatológica.

Noah desceu até onde Nanna se encontrava, cuja nudez o enlouquecia. As botas afundavam na neve. Ele usava tão pouca roupa que acabaria sentindo frio.

Estariam muito longe de um núcleo urbano? Precisava comer, repor as forças, talvez precisassem se abrigar mais... Estavam sozinhos à intempérie e não tinha nem ideia para onde ir.

— Deveria se vestir. Vai pegar um resfriado. — disse lançando sua roupa e todas as suas coisas.

Nanna se virou ao mesmo tempo em que os objetos a acertaram no rosto e no peito.

— Por que o castigo da Freyja não chega? — perguntou enquanto se vestia, confusa. — Não compreendo...

Noah deu de ombros.

— Nerthus já disse: ela te castigou para que tivesse medo de mim e acreditasse em suas represálias, e assim não deixaria que tirasse sua virgindade antes do tempo. A mãe de Freyja precisaria de sua energia para sair dali. Foi tudo um... — não encontrava a palavra. — Foi um jogo de mau gosto.

— Não entendo nada. Nerthus disse que conhecia meus pais... como é possível? As valquírias procedem de mulheres mortais grávidas e alcançadas por um raio. Como ela saberia como era minha família? — calçou as botas e colocou suas joelheiras, protetores de antebraços e suas ombreiras.

— Os deuses e suas intrigas... O que foi, Nanna? Não pensa me olhar nem uma só vez?

Ela ficou tensa e sentiu seu coração pulsar. Quando acabou de se vestir, sem levantar o olhar para ele prendeu a pochete de couro em que guardava o celular que suas irmãs lhe deram para que se comunicasse com elas.

— Olhe pra mim, Nanna. Porra. — grunhiu — Não vou te comer.

Ela decidiu encará-lo; estava cansada de correr e o certo era que só tinha a Noah naquela paragem gélida e solitária.

Forçou-se a falar, tentando controlar suas ânsias para fazê-lo cair do cavalo, para castigá-lo, mas quando o olhou ficou estupefata.

— O que? Por que me olha assim? — perguntou Noah um pouco seco, mantendo a distância. Era melhor para os dois, já que ela não queria saber nada dele.

— Dormiu sobre algum livro ou rocha com indicações nórdicas?

Ele não compreendia a que se referia.

— Do que está falando, valquíria? — Electra deu uma volta ao seu redor e ele a afastou como se fosse uma mosca. — Olha onde estamos. Aqui não há nada. — Abriu os braços abrangendo aquele espaço aberto e branco. — Nem muito menos uma fodida biblioteca.

— Claro, berserker. Eu também percebi que aqui é como uma montanha fantasma, mas isso não tira que tenha o lado direito do rosto marcado com uma frase em *futhark* antigo. Alguém te fez uma puta tatuagem no rosto — disse insegura diante dele —, e a não ser que queira fazer um remake do Bêbado em Las Vegas, isso é exatamente o que tem aí.

— É uma brincadeira?

— Não. — Negou com a cabeça. — Vai desde a testa até o canto do olho.

— E o que diz? — disse ele esfregando a têmpora. Por isso ardia?

Nanna se aproximou do seu rosto. Durante uns instantes seus olhares se engancharam, mas ela desviou o olhar com acanhamento e um pouco de medo.

— Deixa eu ver, diz: “Com vida estou meio ano, sem vida a outra metade; ando sempre pelo mundo sem me cansar jamais”.

Quando acabou, Nanna estalou a língua.

— Não queria mistérios divinos? Aí o tem.

— Está de sacanagem comigo, Nanna?

— Por que deveria? Acha que tenho vontade de brincar com você depois de...? — Não queria mencionar o que aconteceu, então se calou envergonhada. Nem sequer sabia por que razão sentia vergonha, ela jamais foi tímida.

Um músculo palpitou na bochecha de Noah. Com frustração passou os dedos pelas marcas no seu rosto.

— Não vou te pedir perdão, Nanna. O que está feito está feito. Mas te asseguro que não voltará a acontecer.

Ela não sabia o que responder. Suas botas com incrustações de titânio estavam parcialmente afundadas na neve. E se sentia diminuta diante dele. Era uma valquíria dos pés à cabeça, mas tinha a sensação de que Noah engolia tudo ao seu redor.

— Não espero que o faça de novo, nem espero que se desculpe. — assegurou ela. — Gostou muito para se arrepender e ter remorsos, não é?

— Sim. Não vou mentir pra você. — afirmou sincero. Não gostava dos jogos de bem me quer, mal me quer. Tinha cometido um erro e assumia. Mas não era de meias palavras. — Eu gostei. Como você.

— Como eu?

— Sim... Você tampouco deveria mentir pra mim nisso. Você gozou e seu orgasmo foi tão interminável quanto o meu. Mas sei que não gosta da minha companhia e que não quer que te toque de novo, assim não tem por que me acompanhar. A viagem é só minha. Não quero te obrigar outra vez a fazer algo que não deseja.

— Acredito que é muito tarde para ser um cavalheiro.

— Eu não quero ser um cavalheiro. — disse ele passando por ela e procurando o caminho que devia empreender. Por onde começava? — Só quero ser eu mesmo. Quando encontrarmos um modo para que possa voltar para a Escócia com suas amigas, vai fazer isso. — botou as mãos na cintura e olhou para todos os lados. — Poderá fugir de mim. Porra, para onde se supõe que devo ir?

Nanna ficou em pé sem saber o que fazer nem o que dizer.

Podia ir embora assim? Sem mais? E se era tão fácil tomar a decisão, por que não queria?

— Isto é ótimo... me irrita abrir um portal para fazer uma viagemzinha e agora dar com a porta na cara. Ah, sim... É todo um galã. Belo discurso.

— E o que quer, Nanna? — replicou sem dar a volta, procurando uma saída no horizonte. — Que te diga e te faça o que de verdade quero dizer e fazer quando sei que você não acredita em

nós e que não quer saber nada de mim? — Olhou-a por cima do ombro. — Estou me esforçando para ser educado e ouvir suas necessidades.

— Claro. Como escutou na caverna, não é verdade?

— Pense o que quiser. Não... não pude evitar. Tentei, mas... tanto faz! — Deixou cair as mãos com impotência. — Você não vai compreender. Melhor que não tente te explicar mais nada.

— Não, melhor não. — Seus olhos avermelharam de novo. — Quando o telefone que carrego na pochete tiver sinal, vou chamá-las e pedirei a Gúnnr que convoque uma tempestade e me tire daqui.

Ele assentiu.

— É o melhor para você. — disse, embora soubesse que não era o melhor para ele.

— Bem. — Ela ergueu o queixo orgulhosa. — Farei isso.

Electra olhava aos dois sem compreender nada.

— Perfeito. — assentiu Noah. — Agora... vamos começar a caminhar para... ali. — Assinalou um caminho entre as montanhas de pedra escura cobertas de neve. — Devemos sair daqui.

Nanna sorriu maliciosa.

— Está mais perdido que Heidi na *Guerra das Galáxias*, não é?

Ele resmungou e ignorou seu comentário.

— Noah — Nanna revirou os olhos nas órbitas —, tem sua fada guia. Ela te levará ao seu tesouro. E conta com a ajuda de uma valquíria. Junto com os deuses e os bardos, somos as únicas criaturas que podem falar com as fadas.

Ele se deteve, iluminado por suas palavras.

— Pode perguntar a ela onde estamos?

— Não sei... — bateu com o indicador no seu queixo. — Posso?

Ele bufou.

— Sim. Posso sim. Deixa de grunhir, lobo.

Nanna pediu a Electra que se aproximasse e perguntou no seu ouvido onde achava que estavam. A valquíria abriu os olhos surpresa.

— O que acontece?

— Diz que estamos no Jotunheim.

— Como?!

— Espera, espera... — deteve-o para continuar escutando Electra. — Não é o Jotunheim do Asgard. Estamos em uma zona da Terra que chamam de Jotunheim, na Noruega. Concretamente em Lom. Diz que a cidade está a uma meia hora daqui. Ela pode nos levar até lá.

— De verdade? — Noah olhou a Electra, aturdido. — Precisamos de provisões.

— Sim. De verdade. — assegurou Nanna. — Diz que ouve os humanos daqui.

Carvalho. As fadas tinham um senso de orientação e um ouvido que mais de um berserker queria para si.

— Então — Noah fez uma reverência a Electra ao se agachar, mechas de seu cabelo comprido loiro esbranquiçado deslizaram pelo seu rosto e emolduraram suas belas feições —, primeiro as damas.

As duas adoraram aquele gesto.

Noah era realmente atraente, pensou Nanna. Era o homem mais bonito que já viu, inclusive com aquelas marca rúnicas no seu rosto.

A fada ruborizou toda: sua luz passou de azulada para avermelhada.

Noah sorriu, seus olhos amarelos faiscaram e deixou que a diminuta mulher guiasse a travessia.

— Sabe uma coisa, Nanna? — Noah sorriu com o olhar cravado à frente.

— O que?

— É *Ressaca em Las Vegas*.

Enquanto caminhavam e seguiam a pequena e graciosa mulher alada, Nanna cabisbaixa recordava o momento em que Freyja outorgou o dom no berço, quando mal tinha cinco anos.

Certamente tinha levado uma vida tranquila em Asgard, tão tranquila que teria morrido de aborrecimento se não fosse Freyja ter lhe pedido que recolhesse os homens mortos na batalha, homens honrados que seriam recrutados para as fileiras de Odin.

Para isso tinha que descer e viver aventuras.

— Será a única que verá o Midgard, Nanni. — Era assim como a deusa a chamava carinhosamente. — Poderá nos trazer coisas dali, todas as que desejar, mas um homem vivo nunca poderá te tocar. — disse.

— Todas as que eu quiser?

— Todas, pequena. — Freyja tinha acariciado seu narizinho arrebitado com o dedo e tinha sorrido como ela sempre fazia; com absoluta adoração para suas valquírias.

A ela, que era uma menininha, não pareceu ruim que nenhum homem pudesse tocá-la, já que no Valhala só havia meninas e mulheres como ela. Além disso, os homens cheiravam mal e só sabiam beber e gritar.

Não queria ter nada a ver com bípedes com coisas penduradas entre as pernas.

Mas depois ficou mais velha. E seu rechaço de menina se tornou seu inimigo ao se converter em mulher.

Quem disse não aos homens? Por que?

Eram criaturas fascinantes. Um pouco toscas, de acordo. E muito diferentes de uma mulher. Definitivamente se daria melhor com um par menina do que com um que fosse menino. Entretanto, a atração animal e o instinto natural despertava em todas as valquírias.

E nela despertou como uma explosão, sem avisar, quando desceu para recolher Gabriel em sua pira. Viu Noah e seu mundo virou ao contrário.

Soube que esse guerreiro intocável lhe pertencia.

Infelizmente, sua história se complicou demais e agora sua relação era estranha e incômoda.

E, mesmo assim, continuava desejando-o. continuava gostando dele.

Caminhava diante dela com esse cabelo imaculado e nórdico, como se encaixasse nessa terra, como se aquele fosse seu habitat natural.

Tinha um ar distinto. Não sabia quem era, mas fosse quem fosse, não só era importante para ela; era importante para todos. E ela era uma valquíria da deusa vanir. Sabia que também devia atender à continuidade dos deuses.

Nem sequer estava zangada. Depois que ele a possuiu, uma emoção desconhecida até então fez com que disparassem todos os seus alarmes.

Tratava-se do vazio.

O vazio já não era tal. Algo tinha encaixado nela, literal e metaforicamente, de tal modo que parecia estar completa.

Teve aquele homem entre suas pernas. E sua essência, seu espírito, tinha enchido sua alma. As asas ardiam como se quisessem se abrir e não pudessem. Como se quisessem reconhecer quem era ele. E era como se ela, confusa, não permitisse que se expandissem.

De repente, chocou-se contra suas costas. Dura como granito. Perfeita para se apoiar e rodeá-la com os braços.

— Noah? — disse, estranhando. — Por que parou?

Noah levantou a mão direita para que fizesse silêncio.

Girou a cabeça para sua direita. Seus olhos amarelos olhavam sem ver, sinal de que tentava escutar algo.

As letras rúnicas de seu rosto começaram a adquirir um brilho incomum, como se acendesse sobre a pele.

E se a Nanna antes lhe pareceu lindo, agora estava arrebatador.

— Shh, valquíria. — ordenou. — Não estamos sozinhos.

De repente, quatro seres peludos e negros saíram do interior da neve na frente deles.

Noah pensou que eram ursos ou lobos, mas Nanna se encarregou de tirá-lo do seu erro.

— Noah, são trolls!

Electra correu e se escondeu nos sulcos do traje de Nanna, cuja parte externa recoberta de titânio a protegeria dos golpes.

O berserker tirou seu *oks* das costas antes que dois trolls se equilibrassem sobre ele.

Ao primeiro cortou a cabeça quadrada, mas o outro se jogou em cima dele e abriu a boca disposto a morder.

— Não deixe que te morda, Noah!

— Que diabos são?!

— São trolls! — exclamou ela, que lançou um raio contra uma daquelas bestas. — Há muitos trolls no Jotunheim de Asgard!

— Mas Electra disse que não estamos em Asgard!

— E não estamos! Mas quando roubaram os totens, Loki fez descer trolls, purs e etones!

— O que?!

Nanna agachou para se esquivar de um arranhão.

— São os animais de Loki!

— Mas isto é a Noruega! Não é o canyon do Colorado! — Deu uma cotovelada no meio da cara de outro troll que queria atacá-lo pelas costas.

— E o que?! Loki pode trazê-los para onde quiser! Este é o habitat natural dos trolls! O gelo!

As mãos de um troll saíram dentre a neve e agarraram o tornozelo da valquíria, que lutou para se soltar, mas os trolls eram conhecidos por sua força extrema.

Nanna convocou seu *bue*, esticou a corda do arco e com uma de suas flechas iridescentes, atravessou a mão que a prendia. E, mesmo assim, o troll não parava de segurá-la. Pouco a pouco, o jotun de Loki se descobriu completamente.

Seus dentes afiados brilhavam pela baba; seus olhos completamente negros cravaram nela. Seu pelo estava abarrotado de flocos brancos. Então Nanna o eletrocutou com as mãos, mas sua mandíbula já tinha se cravado em sua coxa sem proteção.

Ela gritou porque sentiu o veneno agir em seu corpo.

— Nanna! — gritou Noah. Agarrou o pescoço do troll que tentava mordê-lo e afundou os dedos na carne até tirá-lo de cima. Com ele ainda preso, Noah mudou para berserker.

Seu cabelo ficou mais comprido, seus músculos se desenvolveram e se converteu em um guerreiro enorme vestido de negro, com o rosto tatuado e os olhos vermelhos cheios de fúria.

Rugiu cheio de raiva, e arrancou a cabeça dos ombros do troll.

Um outro tentou impedir seu avanço pelas pernas, pegando-o de surpresa. Mas Noah sem nem pensar, elevou seu *oks* e deu-lhe uma machadada nas costas.

Ele não tinha movido seu machado. Não recordava ter dado essa ordem, mas mesmo assim, a arma o tinha defendido.

— Mas o que...?

Era o *noaiti*. Ele dissera que não estava sozinho, que ele estava a seu lado. Tinha evocado sua defesa pessoal para que o ajudasse.

Esse Adam era o melhor amigo que jamais teve... pensou enquanto erguia de novo o *oks* e cortava a cabeça da criatura.

— Obrigado, amigo. Eu te devo uma. — reconheceu olhando o fio do *oks* e dirigindo-se atrás do troll que tinha ferido a valquíria. — Nanna!

O bicho estava a ponto de mordê-la de novo, mas Noah de um salto foi para ele e o agarrou. Rodaram pelo chão. Um troll era menor que um berserker em desenvolvimento, mas Loki os dotara de uma energia e uma força muito acima do seu tamanho.

Ao vê-los, sentiu-se confiante. Ele nunca esteve em Asgard, não sabia nada sobre o tipo de seres que o povoavam. Não conhecia a força que tinham.

Sabia o que eram os purs e os etones, pois os tinha enfrentado na Escócia defendendo as terras de Ardam.

Mas trolls?

Nunca tinha visto um.

Sempre havia uma primeira vez.

Noah rodeou as costas dele e depois abrangeu seu pescoço com os braços. Apertou bem forte e puxou até sentir como a cabeça do animal se separava do seu corpo.

Tinha matado o último.

Olhou ao seu redor, procurando mais inimigos. Se haviam trolls ali queria dizer que estava no lugar correto, por bem ou por mal.

Ao dar meia volta se encontrou com uma poça de líquido negro que desfazia a neve como se fosse ácido.

Nanna não podia se mover. Tinha o olhar fixo nas nuvens.

Ele correu para socorrê-la.

— Nanna? Está bem?

— Não posso me mexer. Os trolls têm veneno em suas mandíbulas. Se te mordem o paralisam. E quando está paralisada começam a te arrancar as extremidades.

— Ah, sim? Então talvez seja melhor esperar que venha outro e...

— Noah, não tem graça. — ela soltou com toda a dignidade que podia ter uma mulher completamente paralisada.

Para ele sim, tinha.

— Mas eu não posso te tocar. Já sabe... Freyja...

— Você está gostando?

— Por que me pergunta isso? — segurou o riso e pendurou o *oks* nas costas... — Só estou preocupado com você.

— Pode ser que eu não possa me mover. Mas posso sentir dor. E é horrível.

Preocupado, Noah desviou o olhar para sua coxa estraçalhada pelas dentadas. Sem dizer uma palavra, pegou-a nos braços e a esmagou no seu corpo.

— Diga a Electra que saia e que nos leve ao centro de Lom. Vamos nos recuperar. Dentro de algumas horas continuaremos a viagem.

Electra saiu do decote da valquíria. Sorriu e passou a mão na testa. Noah não sabia como interpretar seu gesto. Podia significar: “Porra! Passei um calor!” ou “Porra! Como você teria ficado feliz no meu lugar ou “Porra! Quase nos matam!” ... A fadinha voou dois metros adiante.

Mas para Noah não era rápido o suficiente.

— Electra.

A fada se virou.

— Corra. Os amigos destes não vão demorar a vir.

A fada assentiu concordando e começou a voar num ritmo endiabrado.

Noah saltava para seguir seu ritmo, esperando que Nanna não sentisse muita dor na perna, rezando para que a cidade os recebesse sem problemas.

CAPÍTULO X

Noruega

Lom

Uma cidade fantasma. É o que era.

Carros abandonados em plena estrada. Casas vazias, portas abertas, vidros das janelas quebrados...

Lom estava entre as montanhas mais altas do norte da Europa como um vale cheio de história e beleza; porém, agora só e desabrigado, indefesa perante qualquer ataque ou devido a algum, parecia sem esperança de salvação.

Noah não tinha que ser nenhum adivinho para ver o que tinha acontecido.

Aquele lugar não se chamava Jotunheim por puro acaso.

Muita gente nunca tinha acreditado em lendas nem seres mitológicos de nenhum tipo, mas ele enfrentou cara a cara os trolls, guardiões selvagens da montanha onde ele foi parar.

E não podia negar que estava em território inimigo, no qual nenhum humano poderia lhe dar uma mão. Naturalmente aquela paisagem bela e abandonada era um aperitivo do que aconteceria em cada conclave da Terra no Ragnarök.

Na Escócia e Irlanda tinha começado a greta pela qual entrariam os servos do mal e destruiriam o Midgard, que sempre foi seu lar.

Mas talvez, apenas talvez, se sua viagem desse frutos e encontrasse aquilo que foi procurar poderia deter o final dos tempos. Não diziam isso as runas?

Por isso tinha que continuar.

Curaria a valquíria e prosseguiria seu caminho.

Nanna estava congelando devido à paralisia que tinha afetado seu corpo por causa do veneno da dentada do jotun.

Não havia ninguém ali... podia cheirar. Pressentia.

Percorria o centro daquele inesperado povoado entre uma paisagem irreal, branca e gélida quando se deteve diante de uma igreja de madeira. E não uma qualquer. Era uma *stavkirke*, uma antiga igreja viking com pequenas inscrições rúnicas e talhadas que representavam um dragão no telhado, símbolo da proteção contra o mal.

E mesmo assim, embora aquele lugar se supunha protegido por deuses, tinha sucumbido ao ataque dos servos de Loki.

Entretanto, não havia cadáveres. Era como se os fizessem desaparecer.

Onde estavam? O que tinha acontecido com eles?

Os prédios da cidade eram de madeira escura para se misturar com a natureza que a rodeava; típicas casas de inverno para resistir ao frio, enormes e muito bem cuidadas.

Levantou o olhar e leu: Fossheim Hotel.

Pelo menos, pensou enquanto entrava, não tinha que fazer registros absurdos nem pagar pela estadia.

Fossheim Hotel era sem dúvida um desses lugares idílicos em meio a natureza. Como uma casa de tamanho humano de gnomos e duendes. Ainda cheirava a limpo, sinal de que não fazia muito tempo que as pessoas do povoado emigraram.

Na parte exterior, as mesas de vime da mesma cor que a madeira do prédio tinham quase um palmo de neve, mas não podiam cobrir os copos e pratos que repousavam em sua superfície.

Seja o que for que aconteceu, foi de repente, pegando a todos de surpresa. E, entretanto, não parecia que tinham usado a força para isso. Não os obrigaram.

Dava a sensação de que em algum momento todos decidiram que havia algo muito melhor para fazer que estar ali.

Se tivessem que deixar o carro no meio do caminho, faziam; se devessem abandonar a comida pela metade, abandonavam; se tivessem que deixar a televisão ligada, deixavam... Dali que Electra disse que tinha escutado vozes humanas.

Eram as TVs das casas e do hotel.

Noah abriu a porta de um dos quartos que não esteve ocupado e deixou Nanna sobre uma cama de imaculadas colchas brancas.

De certo modo era como estar um pouco em casa, pois o estilo nórdico o encantava. Seu próprio lar em Black Country era de madeira cálida, colchas nórdicas, almofadas macias coloridas e parquet envelhecido. Certamente sua casa combinava o rústico e o moderno, e aquele hotel era mais para clássico dentro do seu estilo. Mesmo assim, encantava-o.

Entrava muita luz pelas janelas brancas e grossas semicobertas com cortinas de um azul escuro. Na mesinha repousava uma garrafa de vinho sem abrir e duas taças de cristal vazias.

Noah se aproximou de Nanna, que continuava sem piscar e agora olhava para o teto.

Electra revoava por cima de seu rosto e parecia falar e dizer coisas a ela que ele não podia entender.

— Afaste-se, Electra. — disse.

A fada se afastou. Noah inspecionou a dentada da coxa. Dali vinha todo o mal.

O veneno das presas do troll entrou na sua corrente sanguínea como faria o de uma serpente e a tinha paralisado.

Noah a despiu, tirou seus protetores úmidos pela neve e gelados pela baixa temperatura. Deixou-a exatamente como veio àquele universo.

Devia se apressar.

Saiu do quarto e a deixou sozinha.

Nanna não podia acreditar.

Mas esse homem só pensava em tê-la nua?

Ela a despiu, mas o pior era que não sentia coisa nenhuma devido ao frio que atazanava cada um de seus músculos.

E onde diabos se meteu? Por que demorava tanto?

Gostava de olhar? Era isso?

Talvez ficasse excitado vendo uma mulher completamente nua e de pernas aberta, tal como ele a tinha deixado. Quem sabe estivesse se masturbando em um canto... e ela sem poder olhá-lo, pensou sua mente febril.

— Agora vem. — disse a melodiosa voz de Electra, que revoava à altura de seu ouvido.

“O que está fazendo?” “Por que me deixou assim?”

— Agora vem. — repetiu Electra.

As fadas tinham sexto sentido e podiam ver perfeitamente o que se propunham as pessoas.

— Tem que voltar, pois devo levá-lo até seu tesouro. — Deu uma volta sobre si mesma e sorriu.

“Por Freyja... As fadas estão loucas de pedra. Electra... Bem que podia me cobrir com a colcha. Tenho um frio que parecem dois”.

A porta do quarto se abriu com força.

Noah acabava de entrar e deixava cair algo no chão.

Estava carregado com bolsas e arrastava outro objeto com rodas.

Então se inclinou para ela e a olhou diretamente nos olhos.

— Já tenho tudo o que precisava. — disse.

“Por favor... Como é bonito”. Que fosse tão atraente fazia com que botasse tudo a perder: assim tornava mais difícil odiá-lo. Além disso, podiam se tocar... e isso queria dizer que podiam seguir seu *kompromiss* com normalidade, não?

Que loucura... afinal Noah tinha razão: era sua companheira.

Mas ela sabia que seu primeiro encontro amoroso foi tudo menos normal.

Suas asas não se abriram devido à raiva e à decepção; pelo contrário, sim tinha recebido uma potente energia por parte do berserker. Nerthus tinha chamado isso de *chi*. Mas não lhe entregou nem o *chi* nem o *cho*.

E, além disso, sabia o que acontecia em um encontro sexual com um berserker. Em Valhalla se fartavam de apertar a tecla de rebobinar. Ele mordida a sua companheira e a marcava. E aquilo deixava os dois loucos, pois era como ter um afrodisíaco constante no corpo.

Noah não a tinha marcado.

De repente sentiu pesar ao saber.

Secretamente desejava que a mordesse. Entretanto, em vez do lindíssimo berserker de cabelo claríssimo, quem a mordeu foi uma criatura peluda e feia. A porra de um troll.

Mas bem que mereceu por ter sido tão covarde.

— Dizem que as valquírias têm uma relação de cura com seus parceiros. Gabriel me explicou que podem se curar em duas direções. Que na ponta dos dedos — levantou as mãos e as olhou assombrado — temos uma luz que se chama *helbredelse* e que nos cura.

“Eu também te expliquei isso”.

— Se isso for verdade, primeiro vou curar a ferida como você fez comigo na batalha de St. Peter’s Church em Amesbury quando estava pendurado em uma árvore com feridas graves em meu corpo.

“Obrigado”.

— Quando sua ferida cicatrizar, seu corpo começará a aquecer, mas não pode fazer isso muito rápido, pois agora mesmo está mergulhada em um ataque de hipotermia. Eu ajudarei a redirecionar o sangue.

“Gosto de como fala. Gosto de seu tom de voz e como explica as coisas com tanto tato, como se me pedisse permissão. Não sei a que se refere com redirigir o sangue, mas tanto faz.”

— Depois, valquíria, quando começar a sentir seu corpo, decidi que vou te curar aí embaixo...

“Oh sim... Aí embaixo, meu bem... Como?! Porra! Como aí embaixo?!”

— Foi sua primeira vez. Quero fazer com que se sintam bem. Minha saliva vai te curar... Tem que te incomodar um pouco. — Olhou-a entre as pernas e passou a língua pelos lábios.

“Bom, vamos ver... mas, vamos ver... ele está falando sério?”

— Se não falar nada, tomarei como um sim. — deu de ombros, passando os olhos por seus seios, a forma de seus ombros, seu torso, seus quadris, suas coxas... Uma guerreira perfeita, suave e dura ao mesmo tempo. Ele adorava.

“Isso é armadilha, berserker”.

Noah sorriu, levantou as mãos e as pousou na ferida da dentada. Repassou o rasgo com os dedos e observou que através da carne maltratada e dos orifícios mais profundos, emanava um líquido esverdeado. Era o veneno do troll.

— Já está saindo... — disse, impressionado ao saber que era também curador.

Quando o líquido deixou de sair, Noah aproximou seus dedos da ferida, dos quais se desprendiam pequenos raios de luz. A ferida começou a cicatrizar.

Noah piscou. Era fantástico averiguar que podia curá-la sempre que a ferissem. Sentiu-se infinitamente melhor que há algumas horas quando teve que desvirginá-la na caverna de Nerthus. Pode ser que com suas mãos pudesse curar o que havia machucado.

E Nanna começou a sentir...

Seu corpo despertava uma vez que Noah tinha eliminado o veneno.

Mas, com o despertar, a dor da fase do descongelamento (a que fazia que seus vasos sanguíneos recuperassem seu funcionamento normal, a mesma que fazia com que seu sangue bombeasse e esquentasse suas extremidades) começou a incomodá-la.

Entretanto, para sua surpresa Noah se despiu sem deixar de olhá-la, e então a cobriu com todo seu corpo.

E todo seu corpo era muito, já que esses berserkers tinham um tamanho considerável.

A pele de Noah cheirava tão bem... Cobria-a por completo, levava-a a outros lugares e momentos que na realidade lhe eram alheios.

As mãos dele se moveram pelos seus ombros e pescoço, massageando, provocando que voltasse à vida pouco a pouco.

A dor diminuiu ali onde ele a agasalhava com suas atenções.

Nanna piscou. Por fim seus olhos reagiam e seus músculos recuperavam certa mobilidade.

Mas não queria se mover. Não desejava interromper aquilo.

Os humanos diriam que eles eram seres mágicos, mas ela chamava magia a outra coisa. A magia era o que te estremecia sem te tocar, o que mexia seus sentimentos e suas emoções.

E Noah, com seus cuidados e com suas mãos, convertia-a em um ser mágico de verdade.

De repente, seus seios doeram. Noah não hesitou em cobri-los. Tocou-os com uma delicadeza impossível para alguém como ele, feito para a guerra.

Entretanto, Noah era muito mais que um berserker de Odin. Era especial por muitas razões.

Nanna desviou o olhar de seus olhos. Ele, consciente que o estava olhando, retribuiu.

— Olá. — disse com um sorriso. Parecia querer justificar-se: “Só toco seus seios porque quero te curar. Isso sim, o rubor na ponte do meu nariz é de excitação”.

— Olá. — respondeu ela com voz rouca. Nunca ficava sem palavras, mas Noah a deixou muda.

— Dói?

Ela assentiu, porque estaria louca se dissesse que não, isso suporia que ele cessasse seus cuidados. E estava sendo mimada. Depois que Noah fez aquilo como os cavalos, sem qualquer cuidado, estava desejosa que ele mostrasse a outra face, o outro lado daquele homem selvagem.

Ela queria. Necessitava. Se até tinha vontade de chorar!

Por que se sentia assim? Tão segura e despreocupada que ela foi toda sua vida... agora estava perdida e confusa a respeito de tudo.

Como uma criança.

Sim, era caprichosa e às vezes atrevida. Mas não era infantil. E, ao contrário, ao lado de um homem como Noah parecia que não era adulta o suficiente para enfrentar a todos os seus medos. E era uma fodida valquíria!

Ele deixou de massagear seus mamilos com os polegares e deslizou as palmas por seu torso e os dedos pelas costelas, deixando um rastro de excitação sobre-humana, incapaz de resistir, impossível de ignorar.

Ela engoliu em seco e não deixou de olhá-lo em nenhum momento.

— Tenho que fazer isso. Sei que não quer, mas...

— Está bem. Se tiver que fazer — ela o desculpou —, faça-o.

Ele assentiu com a cabeça.

— Meu instinto me obriga a cuidar de você... embora não deseje que a toque. — Seus lábios esboçaram um sorriso de desculpa. — Isso do *helbredelse* é... maravilhoso.

“Sim? Você gosta de cuidar de mim, Noah?”

— Poder te curar e ter a capacidade de diminuir sua dor sabendo o quanto odeia isso é... é... — como não encontrava palavras para expressar tudo o que fazia redemoinhos em seu interior, acrescentou — eu adoro. Quando me curou na árvore estava muito zangado com você porque não me deixava te tocar. Pensava que me provocava de propósito. — explicou. Nunca tinham falado de seus encontros. — Acreditava que a única coisa que queria era jogar e me excitar. Não imaginava que realmente sofreria desse modo quando finalmente o fizesse... e o pior era que te toquei porque pensava que tinha morrido e estava no Céu.

Ela voltou a engolir em seco. Podia ver o arrependimento em suas palavras.

— A questão é que... Embora me apunhalou uma vez, na outra me salvou a vida. Não tive oportunidade de te agradecer. Creio que fazendo isto por você, estamos em paz.

Ela entrecerrou os olhos sem compreender a que se referia com isso de: “Estamos em paz”.

— Não posso te devolver o que tirei de você. Sinto muito tê-la feito passar por algo assim, Nanna. — Deixou suas mãos sobre o ventre liso dela para lhe transmitir calor. — Mas pelo visto, os

deuses queriam que você e eu passássemos por isso. Sua virgindade era muito apreciada por Freyja e Nerthus, como pôde ver.

— E você é alguém importante para Odin. — disse ela. — Parece que é para todos.

— Sim — abaixou a cabeça —, parece.

— E te agradecem tatuando seu rosto. — levantou-se levemente sobre os cotovelos.

Ele sorriu e deu de ombros.

— Acha que minha companheira gostará que eu tenha o rosto marcado? — perguntou.

Nanna custou entender a pergunta. Seus olhos castanhos avermelharam pelo que insinuava. Ele estava tirando-a da equação. Assim, zás! de um estalo. Isso revolveu seu estômago.

— Ei, Nanna? O que diz? — Deslizou os dedos até cobrir todo o seu sexo e os deixou ali, como se aquele fosse seu lugar favorito.

Massageou ambos os lados de sua vagina com intensidade suficiente para esquentá-la. E ela entreabriu os lábios e as pálpebras, como se lhe pesassem muito e lutasse contra o sono.

— Levava esperando a minha *kone* muito tempo. Acreditei que poderiam ser várias...

— O que acontece? Você gosta de todas? — perguntou ela cortante. — Você gostava de Aileen, não é?

Ele não deu importância a seu tom.

— Não. — respondeu — E mesmo que eu gostasse, Aileen estava vinculada a Caleb. Eram companheiros. Reconheceram-se. Uma vez que isso acontece — levantou o olhar de novo e o cravou nela —, o vínculo é inquebrável. Aileen só tem olhos para Caleb.

Ela se arrepiou.

— Queria experimentar isso também... Ao que parece terei que esperar encontrar a uma *kone* que me queira de verdade e me aceite. E que, se puder, não fuja de mim.

Nanna piscou, assimilando cada uma de suas palavras. Noah tinha aceitado tudo o que lhe disse. Noah tinha se rendido.

— Enfim... — acrescentou contrito —, o que quero fazer é te deixar como nova, como se nada tivesse acontecido entre nós. — Com as mãos e muito tato a obrigou a abrir as pernas. — Quer que te ajude a esquecer?

“Não quero esquecer. Não quero. Apenas faça com que eu me sinta bem e vá embora este... pesar que sinto no peito”.

Como ela não respondeu, Noah prosseguiu com sua sedução e seu trabalho.

— Não importa se não me diz. Eu te ajudarei para que não doa mais, certo?

Meteu três dedos na boca e os umedeceu com sua própria saliva para depois voltar a tocá-la entre as pernas e abri-la pouco a pouco com os dedos.

O *helbredelse* começou a agir junto com sua saliva.

A ardência desapareceu pouco a pouco, igual a vermelhidão.

Entretanto, demorou além da conta, o suficiente para acariciá-la com aquela textura deslizante de sua saliva, como se fosse um lubrificante.

Ela deixou cair a cabeça no travesseiro: perdia as forças se ele a tocasse assim.

Noah colocou um dedo em seu interior e deixou que a cura entrasse. Entre sua umidade e a de Nanna, a invasão se fez muito fácil. Um dedo. Dois dedos.

E enquanto isso, o polegar rodava sobre o clitóris inchado da mulher que se retorcia por dentro, e conseguia mover os braços para se agarrar ao travesseiro.

— Recuperou a mobilidade, Nanna? — perguntou sem deixar de martirizá-la com o prazer.

— Então é melhor que me retire antes que comece a se mover de verdade e me mate, não acha?

Impossível. Para ele era impossível deixá-la assim. Era meio animal. Essa parte queria tomá-la de novo. Sentia que estava a ponto de gozar nas calças.

Mas iria.

Faria porque não queria mais reprovações nem que jogasse na sua cara que se aproveitou.

Como ela não respondeu, Noah retirou os dedos. Ela deixou escapar um longo gemido que o comoveu.

Retirou a mão e a limpou de novo com sua boca para depois secá-la sobre a colcha.

— É uma pena que tenha que renunciar a isto, não é verdade? — sussurrou a ponto de perder os estribos e montá-la como um selvagem.

Ela não se atrevia nem a falar.

Tinha os olhos fechados e todo o cabelo trançado esparramado pelo travesseiro.

Noah exalou, esgotado.

— A pessoas deste povoado se foram recentemente por alguma razão que desconheço. — levantou se afastando da cama e agachou para recolher as bolsas de plástico do chão que tinha deixado cair. — As lojas estavam à minha disposição, assim peguei tudo o que acredito que precisaremos para continuar nossa viagem. Entrei no Sport Lom 1⁵ e peguei uns materiais para descanso e neve, pelo menos para que aguente enquanto estiver aqui. — Falava como se importasse bem pouco estar tão nu e juntos. — Não pode ir com tão pouca roupa.

“E diz tudo isso como se há alguns segundos não estivesse dando uma de ginecologista”.

— As valquírias podem aguentar bem as condições climáticas adversas. — disse ela, que se recompôs como pôde daquele orgasmo frustrado.

— Nesse caso, ponha o que mais te convenha. — Lançou sobre o colchão o que tinha pego. — Trouxe comida das cozinhas e das despensas. Coma o que quiser. Deve pegar energia. Neste hotel continua havendo sinal wifi e as linhas não caíram. Quando estiver bem, poderá pegar seu iPhone e fazer essa chamada. Eu entrarei em contato com o fórum de Black Country.

— Que chamada? — respondeu sentada na cama, completamente recuperada de sua gélida imobilidade.

— A chamada de resgate às suas valquírias. Pode ir quando quiser, Nanna. — disse com pesar enquanto ia ao banheiro do quarto. — Não é obrigada a ficar comigo. Nada a retém aqui — deteve-se no umbral da porta —, não é?

Dito isto, Noah desapareceu no lavabo.

Quando Nanna escutou a água correr, sinal de que o berserker tomaria uma ducha, cravou o olhar no vapor da água quente que saía dali.

E sentiu inveja. Inveja da água que orvalhava esse colossal corpo masculino. Ela, em troca, tinha que ficar com o desejo como castigo por ter sido tão estúpida.

Electra cobriu sua boca com as duas mãos e seus ombros tremeram de risada.

⁵ Sport Lom 1 é uma loja de produtos esportivos montanhese na Noruega.

— Está rindo, Sininho tingida de morena?

Electra arqueou uma sobrancelha negra e a olhou como se a valquíria não medisse mais do que ela.

Nanna passou a mão pelo rosto e depois, através de seu rosto envergonhado, cravou os olhos vermelhos no arsenal de bolsas e no carrinho cheio de comida.

De um salto, ergueu-se pelo carrinho e encheu a boca com panquecas com creme e morangos, sucos naturais, frutas e tudo o que ofereciam os humanos como café da manhã.

Ela, como boa valquíria, adorava açúcar e ficava doida com a quantidade de comida lixo que os humanos podiam ingerir.

Era muito ruim, sim.

Mas estava tão boa.

Enquanto levava um muffin de chocolate à boca, abriu as bolsas de plástico cheias de roupa.

E desta vez sim: suas orelhinhas bicudas tremeram de emoção e de prazer, e seu rosto desenhou um sorriso de orelha a orelha.

— Quinquilharias! — Pelo menos consolaria sua decepção com roupa nova.

Pi, pi, pi.

Nanna fazia um tempo que tentava carregar seu telefone. A bateria tinha acabado. Enquanto Noah falava através do computador, ela carregava seu telefone com sua eletricidade, pois não tinha plugs para conectá-lo.

Quando o celular ligou, percebeu que tinha um montão de mensagens no whatsapp:

Bryn, a Selvagem:

Já temos linha!

Gunnyfásia:

O Engel é o melhor. ;)

Rota, a Má:

Nanna? Mas sabe como funciona o telefone? ;)

Gunnyfásia:

Nanna? Diga alguma coisa quando puder.

Bryn, a Selvagem:

Nanna, porra... Sabe como o telefone funciona?

Rota, a Má:

Nanna morreu. Kkkkk

Gunnyfásia:

Não brinque com isso.

Bryn, *a Selvagem*:

Nanna... !!!

Rota, *a Má*:

Se Nanna morrer... quem a recolhe? Kkkkk

Nanna não podia acreditar. Por fim tinha suas irmãs à mão.

Não podia deixar de comer, sentia-se mal, e ainda por cima Noah fazia um tempo que não dizia nada porque estava envolvido em uma conversa com As Landin diante do computador.

Nunca se sentiu culpada, pois jamais tinha feito nada de errado. Nada realmente mal. Mas agora sentia como uma afronta pessoal seu comportamento com o Noah.

Precisava se aliviar. Atualizou o perfil que Bryn tinha preparado para ela e começou a trocar mensagens com elas.

Nanna aparece:

Olá.

Bryn, *a Selvagem*:

Asynjur! Olha, seu telefone tem Internet mas não as chamadas internacionais ativadas.

Gunnyfásia:

Asynjur, Nanni!

Rota, *a Má*:

Está viva!

Nanna aparece:

OK, General. Pegou o mais barato pra mim. kkk. Estou na Noruega.

Rota, *a Má*:

O que faz aí?

Nanna aparece:

É uma longa história.

Bryn, *a Selvagem*:

Na Noruega? Nós vamos pra Noruega!

Nanna aparece:

Vem pra cá?

Bryn, *a Selvagem*:

Claro!

Rota, *a Má*:

Vamos a Trollstigen!

Nannaaparece:

Trollstigen? A escadaria dos trolls?

Gunnyfásia:

O que faz na Noruega?

Nannaaparece:

Estamos em Lom, um povoado abandonado em Jotunheim.

Uns trolls nos atacaram. Por que vêm pra cá?

Rota, *a Má*:

Porque o último reduto dos Newscientists está na Noruega e vamos destruí-los. O endereço nas caixas de Stem Cells que retivemos assinalava a estrada de Trollstigen como lugar de entrega, sem número. Trollstigen está no mesmo parque nacional do Jotunheim, Nanna!

Bryn, *a Selvagem*:

Estamos a ponto de nos preparar para ir até lá.

Gunnifásia:

E o tempo por aí?

Nannaaparece:

Neve. Céu branco e encoberto. Morrendo de frio.

Noah me desvirginou na caverna de Nerthus.

Nanna começou a rir baixinho. Sabia que não demoraria a chegar as reações de suas irmãs.

Gunnifásia:

????????????????!!!!!!

Bryn, *a Selvagem*:

Nerthus? Desvirginada?

Rota, *a Má*:

Descuuuulpaaaa? Toque os pés, irmã! kkkkkkk

Bryn, *a Selvagem*:

Mas se não podia te tocar!

Rota, *a Má*:

Como diabos te meteu a tranca sem te tocar?!

Nannaaparece:

Sim. Eu fiquei puta.

Rota, *a Má*:

Agora não me diga que Noah é ilusionista!

Gunnifácia:

Vou matá-lo. Você está bem?

Bryn, *a Selvagem*:

Calem-se, periquitos!! Vai ver, você que disse. Ele te machucou?

Nannaaparece:

Me machucou, a porra do hímen parece indestrutível às vezes. Nem Iron Maneiras o rompe.

Rota, *a Má*:

kkkkkkkk. Iron Maneiras?

Nannaaparece:

Merda! Iron Man! É o autocorretor!

Bryn, *a Selvagem*:

Tá. Bom. Mas Freyja voltou a te tocar?

Nannaaparece:

Não! Acontece que era tudo um ardil da deusa e sua mãe! Já vou contar isso. A coisa é que me zanguei e disse a ele que: ah, é? Então *arridevici*!!

Gunnifácia:

kkkkkkk. O que é *arridevici*?

Nannaaparece:

Queria deixá-lo, mas Noah tem uma missão importante e acontece que, sim somos companheiros de verdade. E agora? Eu disse que o deixaria, mas não quero ir porque o filho do *Pepote* me pertence... Quero chorar.

Bryn, *a Selvagem*:

O filho do *Pepote*?

Gunnifácia:

Assim eu me mijo! Kkkkkkkk

Rota, *a Má*:

Porra, quem teve a brilhante ideia de dar um iPhone a Nanni?

Bryn, *a Selvagem*:

kkkkkkkkkk

Nannaaparece:

Filho do *Peyote*⁶.

Rota, *a Má*:

kkkkkk. Sim, agora tá explicado. Kkkkkkkkk

Nannaaparece:

Bom, daqui a pouco seguiremos nossa viagem. Continuamos em contato.

Rota, *a Má*:

Espera!!! Não estou vendo as teclas de riso que me dá...

Nannaaparece:

Não tem aqui um símbolo de “vá tomar no cu”?

Bryn, *a Selvagem*:

Tá certo. Tenha o telefone carregado. Diga a Noah que pode ser que a gente se veja aí. Gunnr vai preparar uma boa tempestade pra gente. Asynjur, irmã.

Nannaaparece:

Asynjur!

Rota, *a Má*:

E como é o bengala? É todo um lobo? ;)

⁶ *Peyote* é um cacto alucinógeno, ela se refere que ele é explosivo, sobe direto pra cabeça.

Nannaaparece:
É dinamite *puta*.

Rota, *a Má*:
KKKKKKKKKKKKK
Bryn, *a Selvagem*:
KKKKKKKKKKKKK

Nannaaparece:
Dinamite pura.

Gunnifacia:
kkkkk. Asynjur!

CAPÍTULO XI

Noah ligou para As do telefone fixo do quarto.

Depois de lhe explicar onde estava e o que aconteceu, pediu a ele que o enviasse o mapa dos pontos eletromagnéticos que Liam viu e que tinha preparado Miz; a física quântica, com toda a informação sobre os portais.

Pediu-lhe que o enviasse ao fax do hotel, cujo número tinha na guia informativa dos serviços do resort.

—Como vai, filho? —perguntou As com interesse.

—Estou bem, As. Tenho adivinhações no rosto, não durmo bem e além disso minha companheira não quer estar comigo. Estou de foder.

Ao outro lado da linha, o líder berserker guardou silêncio um momento.

—Adivinhações na cara?

—Sim. Inscrições rúnicas tatuadas.

—Nossa...

—Isso digo eu. Nossa.

—Sinto muito que se encontre assim.

—Bom —respondeu Noah com o olhar fixo na tela do computador do quarto. — Suponho que, na travessia para descobrir a si mesmo, nada é fácil.

—Suponho que não...

—Tem notícias da Escócia?

—Eu sim, tenho —disse Nanna às suas costas, com o telefone na mão.

—Um momento, As. — virou-se. Quando a olhou, ficou sem palavras; entretanto, como estava falando com seu líder, não podia avaliar como estava vestida— Você tem notícias de Escócia?

Nanna assentiu com a cabeça.

—Sim. Acabo de falar com minhas *nonnes* por mensagem. —Mostrou o iPhone dourado entre suas mãos.

Noah franziu as sobrancelhas loiras até que quase pegaram aos olhos amarelos.

—E o que disseram?

—Que vêm ao Jotunheim. Vão para a escada dos trolls.

—Sim, é verdade, Noah. Sua garota diz a verdade.

Nanna sorriu ao escutar como a chamou.

—Vê? Digo a verdade — acrescentou Nanna com autocontentamento.

—Aparentemente—continuou As—, Gabriel e Ardam se aproveitaram do mal estado de Edimburgo e entraram em uma loja de material militar. Já tinham o sinal do satélite manipulado, mas seus telefones não têm suficiente alcance com seu serviço telefônico, assim conseguiram umas *sats/leeve* deThuraya. Com isso podem entrar em contato de quase qualquer parte do mundo.

—Isso não é roubar?

—Escócia e Irlanda estão caindo, Noah. Ou se rouba por vandalismo, ou se rouba por tentar dar uma saída para a humanidade. Fizeram isso por sobrevivência. Os pontos eletromagnéticos dali desapareceram, como se tivessem desvanecido ao se abrir as placas tectônicas. Já não vibram. Pelo contrário, sua energia se dissipou para os outros que ficam em pé. Recuperaram mais intensidade. Estão ativos.

—A terra os engoliu.

—Pois sim, mais ou menos. Agora, Gabriel e os seus têm que mobilizar-se, pois ali não podem fazer nada mais. Por isso vão para a Noruega. Querem afundar a última sede que fica em pé da Newscientists e averiguar qual vai ser o último passo dos servos de Loki. O que há nesse lugar? Por que levavam as caixas de Stem Cells até ali?

—Isto se chama Jotunheim. Se está infestada de servos de Loki, o mais provável é que tenham algo que queiram proteger com sua vida. Há trolls, As. E acredito que não são os únicos jotuns que se escondem aqui. Algo se oculta neste lugar. E talvez seja o mesmo que estou procurando.

—Ainda não sabe aonde se dirige?

—Ainda não. Mas quero fazer um experimento. —Olhou para Electra pelo canto do olho; ela observava seu reflexo em um vaso de vidro rosado.

—Está bem. Tenha muito cuidado, Noah. Na Inglaterra começou a haver pequenas sacudidas sísmicas. Acredito que a rachadura vem para cá. —disse, preocupado.

Noah cravou as pontas dos dedos na palma e apertou o punho com frustração. Se a seguinte guerra se desencadeasse na Inglaterra, ele não estaria ali para lutar com os seus. Em vez de estar brigando ao lado de seus *kompiss*, de sua família e de seus amigos, encontraria-se em outra parte do mundo procurando um maldito objeto. Que brincadeira do destino era essa?

—Resistam, leder. Têm que resistir.

—Se quiserem guerra, a terão. Nunca nos escondemos. E nas televisões já emitem os vídeos dos purs, dos etones, e de nós lutando contra eles. Não tem sentido continuar nos ocultando, embora nos metam no mesmo saco e pensem que somos alienígenas dispostos a acabar com seu mundo. Daremos a cara.

—Retornarei a Black Country assim que puder, As.

—Certo. Mantenha-se em contato.

—Isso tentarei.

Antes de desligar, já que estavam em partes diferentes do mundo e não sabia quando ia voltar a vê-lo, Noah queria dizer algo a quem sempre tinha considerado um pai:

—As.

—Sim?

—Não guardo rancor por você. Entendo por que não me disse nada.

—Sei. Você é incapaz de ter isso. Por isso é o melhor de todos nós, Noah. Sua compaixão e sua misericórdia para outros é o que marca a diferença.

Os olhos de Noah se embaçaram de lágrimas, de agradecimento e de tristeza por não poder estar lá. Ele era tão animal quanto os outros, um autêntico açougueiro na guerra e um selvagem

desumano quando se tratava de não perdoar. Se tinha que matar, matava. Por isso não entendia as palavras de As.

—Pode dizer algo a Adam?

—Claro.

—Diga que é uma honra tê-lo comigo.

Inglaterra

Black Country

Quando As desligou, Maria, sua *kone*, estava atrás dele, com gesto preocupado, acariciando as musculosas costas.

Eles eram os líderes, os mais velhos. Eram eles os que deviam dirigir a seus exércitos a uma luta em que deveriam sair vencedores. Mas a matança de Arran e a guerra em Edimburgo deixavam muitas baixas que lamentavam profundamente, de todo o coração.

—Está bem, meu *mann*?

O chefe do clã berserker cravou o olhar na mão que retinha o telefone.

—Os fronts estão se dividindo, Maria. Escócia e Irlanda caíram, ali já não há nada pelo que lutar. Nada. E agora valquírias e einherjars vão para a Noruega. Justo ali onde estão Noah e Nanna.

—O que é que se preocupa, As?

—Se a chave for Noah, e as valquírias e os einherjars estão na Noruega..., o que faço eu aqui?

A bela e serena Maria sacudiu a cabeça sem compreender.

—A que se refere?

—Tenho a sensação de que não estou onde deveria estar. Sei que devo defender minha terra e minha casa... Que lutarei junto aos vanirios de Black Country, junto a minha neta —disse, confuso— Mas se Odín quis que eu protegesse Noah até que chegasse o momento adequado e ele é tão importante, por que não estou a seu lado?

—Sente que deve estar com ele?

—É somente uma percepção. Odín me pediu que o protegesse com minha vida. E devo a ele. Devo a esse deus.

María compreendia o mal-estar de seu companheiro. As era um homem de honra e de palavra.

—Fez o que devia durante todo este tempo, As. Cumpru sua palavra. Ocultou Noah, seja quem ele quem for, durante séculos. Lutou com ele e o defendeu. Que mais pensa que tem que fazer?

—Suponho que me preocupa...

—Claro que se preocupa. É um líder excelente, senhor Landin. E ama seus guerreiros. Mas deve delegar, deixar que outros venham cumprir o papel que devem desempenhar. Não pode salvar a todo mundo nem pode se multiplicar por outros. —Acariciou-lhe a barba que raspava sua mão. Como gostava de tocá-la.

As tomou a mão de Maria e a reteve sobre o rosto.

—Por que é tão sábia?

—Sou a líder das sacerdotisas. —Sorriu— Alguém tem que levar o bom senso a este clã de loucos.

—É óbvio.

As se inclinou para a pequena Maria e a beijou nos lábios.

—Amo você, bela.

—*Ti amo*, belo.

Maria entrelaçou uma de suas mãos com as dele e o levou ao interior do salão, onde ela e as anciãs, com a ajuda de Ruth, entravam em contato mediante o fórum com todos os grupos mágicos de humanos que povoavam a Terra. Não eram imortais como os vanirios e os berserkers, nem tinham dons de deuses, mas as runas falavam com eles e, além disso, perseveravam e acreditavam em um mundo melhor.

A seu modo, também brigariam.

Até as últimas consequências.

Noruega

Lom

Noah olhava Nanna de cima abaixo.

Belo espetáculo era.

Nos pés calçava abotas de escalar de cor vermelha, Rubber Duck, as únicas que tinha encontrado na loja. Vestia um traje negro de couro e forrado por dentro com pelo de ovelha, para que estivesse bem quente.

Na parte de cima, um casaco negro com suas cotoveleiras e ombreiras de titânio; debaixo, seu espartilho. Em cima, um colete vermelho com o pescoço alto cheio de pelo, preparado para cobrir garganta e metade do rosto.

Usava o cabelo solto e trançado, meio preso. Suas feições se marcavam à perfeição. Os lábios cinzelados, os maçãs do rosto salientes, o nariz arrebitado e aqueles olhos... Aqueles olhos marrons, amendoados e espessos de cílios negros eram uma maldita perdição.

Tinha-a visto de muitas maneiras. De guerreira, de festa... e agora de roupa de inverno, com roupas informais. E todos e cada um desses estilos combinavam perfeitamente com ela.

Estava tão bonita que Noah quis abraçá-la, sentá-la sobre suas pernas e beijá-la até que ambos caíssem esgotados.

—Nossa. Está preparada para continuar a viagem?

—Sim. Eu —levantou o queixo de duende— nasci muito preparada.

O lado direito de Noah se levantou em um meio sorriso.

—O que tem aí detrás?

Nanna segurava algo em sua mão livre, que ocultava detrás de suas costas.

—Escutei um ruído abaixo —disse— Quando fui ver o que era, encontrei isto saindo de uma máquina. —Mostrou-lhe o mapa que tinha enviado As Landin.

Noah se aproximou dela e lhe tirou a folha das mãos.

—Obrigado. Preciso dele. O enviaram por fax.

—Para que? —Ela o seguiu pelo quarto e se deteve quando ele deixou o mapa sobre a escrivaninha. Esticou-se por cima de seu ombro para ver que fazia.

Noah alisou o fax com as mãos e procurou Electra pelo quarto.

—Fada, venha.

Ela apareceu a seu lado rapidamente. Oscilava acima e abaixo, flutuando, sustentando-se com o bater perene de suas asas.

—Acha que Electra pode reconhecer a topografia da Terra? —perguntou Noah a Nanna.

—É um mapa, verdade?

—Sim.

Nanna sorriu.

—As fadas adoram os mapas. Quer lhe perguntar onde está seu objeto para saber para onde nos dirigimos?

Ele assentiu. Nossa, Nanna era muito esperta.

Electra olhou de um para o outro, e revoou sobre o mapa. Com o indicador, tocava seu diminuto lábio inferior. De repente, sobrevoando a área da Escandinávia, deteve-se sobre a Noruega. Uma vez ali, Electra se colocou nas pontas dos pés em um ponto e deu voltas sobre este como se fosse uma bailarina.

—É aí? Aí é onde está o objeto? —perguntou-lhe Nanna.

A fada afirmou convicta.

Noah e Nanna se agacharam para ver que ponto assinalava a mulher alada.

—Galdhoppigen —disseram ao mesmo tempo.

Noah meditou sobre como chegar até a montanha. Era a mais alta da Escandinávia, de todo o norte da Europa.

—Galdhoppigen... Temos que chegar até ali?

—Sim.

—Há um bom lance —assegurou, deslizando seu dedo indicador entre o espaço de Lom e a montanha— Noah...

—Me diga —respondeu mergulhado nas possibilidades que tinham de chegar até ali sem sofrer o ataque de nenhum jotun.

—É consciente de que podem haver mais grupos de trolls e outros servos de Loki que lotam este lugar, verdade?

—Sim.

—E você não voa.

—Muito observadora.

—Obrigada, sou uma lince —respondeu sem um pinga de humor— E por que não voa?

—Perdão?

—Se é meu einherjar, deveria ter asas tatuadas e poder desdobrá-las como fazem Gabriel e Ardam. Isso nos facilitaria poder viajar através das nuvens. Já sabe, fiu!, voando.

Noah escutava com atenção suas palavras.

—Talvez não seja seu companheiro, não diz isso frequentemente? —cortou-a, mais seco que um Marzipan.

Ela apertou os dentes e seus olhos se cobriram de tristeza. Não queria voltar a dizer isso: deu-se conta de que estava equivocada. Mas tampouco sabia como retirar isso, porque a verdade era que, como boa valquíria, o rancor a obcecava, e ainda tinha resíduos de sua ira.

Noah e ela tinham muito que aprender e descobrir um do outro. Ainda tinham que se conhecer, mas não havia dúvida de que estavam unidos, com certeza.

E gostava dele mais do que lançar raios.

—Assim iremos —explicou ele— Sairemos dentro de meia hora. Ainda há luz e é pela manhã: isso reduz os ataques dos nosferatus, no caso de haver. Pegaremos um SUV do ponto de informação de excursões de Lom. Sem fazer excessos nem muito ruído conduziremos até nosso destino. Só são trinta e quatro quilômetros até o pé da montanha. Isso suporá uns três quartos de hora de trajeto.

—E uma vez ali?

—Uma vez ali... você terá que me levar, Nanna —pediu com educação e rogo— Já sabe, fiu! Voando —repetiu suas mesmas palavras. — Sinto muito por você.

—Deixa já de se desculpar, certo? Se tiver que fazer isso, farei, porque mostra-se, como disse Nerthus, que sua missão está acima de tudo e terá que obedecer aos deuses, não? —Arqueou as sobrancelhas.

—Eu adoro que fique tudo tão claro. Quando tiver o objeto, acompanharei você e a levarei até onde estiverem suas valquírias. Irá com elas.

Nanna empalideceu, impressionada pela ordem em seu tom de voz.

—Isso você não vai decidir. —replicou ela.

—Você decidiu na caverna, antes que a possuísse. E seus desejos são ordens para mim. Os berserkers cedem ao que pedem nossas mulheres. Assim que acabar com minha missão, a devolvarei à sua... família. Assim não terei que escutar suas choramingações.

—Choramingações? Vá à merda, Peter Pan. —soltou com crueldade.

Noah sorriu, sem que o sorriso chegasse aos olhos. Deuses, como adorava provocar essa Valquíria. Não havia nada mais reconfortante que encontrar-se com alguém que não cedesse tão fácil nem a sua educação, nem a sua suposta bondade, essa que diziam que irradiava em abundância. A Nanna não agradava completamente. E era fantástico não ter que ser diplomático. Sobre tudo porque sabia que, depois desse desdém e o despeito por tê-la tratado mal, havia um desejo e uma tensão sexual que nenhum dos dois podia negar.

É óbvio que se pertenciam, mas faria que a Valquíria lhe pedisse de joelhos que voltasse a tocá-la. Ele não seria o palerma que iria suplicando.

—Peter Pan? Acha que não quero crescer? Olhe-me, valquíria, sou enorme para você. —encostou seu nariz ao dela e a prendeu contra a parede.

—Acredito que é o eterno menino perdido, não o chamam assim?

Noah sentiu essa frase como uma bofetada.

Sabia. Nanna não tinha nenhum respeito por ele.

Desta vez sim sorriu de orelha a orelha.

—Isso dizem. Por isso faço essa viagem inicial, gracinha. Para me encontrar. —piscou um olho e se separou dela— Encha uma mochila com provisões e se prepare. Partiremos daqui.

Nanna sempre sentiu inveja sã de suas irmãs.

Elas podiam conhecer seus guerreiros, que, além disso, podiam tocá-las.

Entretanto, ela nunca poderia, pois seu trabalho ia além dos desejos carnavais. Nesse momento, enquanto percorria a estrada Rv55 no quatro por quatro que os guiava por Raugberstulsvegen, deu-se conta de que essa ansiedade por ser como elas, esse desejo, acabava de ser repleto.

Talvez não do modo como teria desejado. Adorava ver filmes da Terra e imaginar-se protagonista, como elas.

Teria desejado um *Bonequinha de Luxo*, ou um *Sisi Imperatriz*; mas em vez disso, tinha uma espécie de *Em Busca da Esmeralda Perdida* ou uma espécie de *A Joia do Nilo*, ambas, seus filmes favoritos, por certo. Estava em meio de uma aventura com seu homem, ao que agora devia convencer de que já não pensava como antes.

Noah e ela tinham futuro. Ou, ao menos, o pequeno futuro que restava nesses dias na Terra, até que chegasse o Ragnarök.

Entretanto, talvez, esse crepúsculo dos deuses, esse final dos tempos, não fosse tão dramático para todos. Por isso estava imersa nessa missão.

Por isso, porque desejava mais tempo, queria ajudá-lo e demonstrar que era sua valquíria, sua kone, como ele dizia.

Não queria partir.

A paisagem era angustiosamente bela: branca, verde e azulada por seus lagos congelados. A neve tinha chegado muito antes do tempo por culpa da mudança climática.

Os vikings procediam da Escandinávia. Ali nasciam e estudavam a história dos deuses: de Odín, de Thor, de Freyja. Liam-se grandes fábulas e em seu nome se levantaram impressionantes esculturas.

Mas acreditavam que só era mitologia.

“Música para o fim do mundo, senhores —diziam na única rede independente que pegava a rádio do carro— O Reino Unido está afundando. Será verdade ou só uma montagem a quantidade de vídeos que divulgaram na Internet sobre uma suposta invasão do submundo?”

—Pode-se ser mais tolo? —soltou Nanna— Têm a verdade debaixo de seus narizes e não são capazes de admiti-la. O tempo deles acaba e continuam com usando a venda. Como é possível?

—O Midgard se vai à merda porque o ser humano é fraco. É fácil corromper suas mentes. Mas não é culpa deles... É culpa de sua educação —dizia com o olhar fixo na estrada— Se os ensinassem a cultivá-lo de dentro em vez de querer aparentar o que não são e a centrar-se em suas ambições materiais, provavelmente, Loki não teria nenhuma só possibilidade em um universo como este. Mas fizeram justo o contrário. Os políticos dominam a longo prazo, a mulher se faz mais masculina e com isso se perde a feminilidade e a sensibilidade; as crianças não entendem o

que é brincar sem máquinas, nem sabem o que é conseguir as coisas com esforço. O país desenvolvido ignora ao subdesenvolvido. Os ricos querem ser mais ricos, e os pobres querem ser ricos, por isso esquecem seus princípios e fazem o que for para conseguir isso do outro. E tudo isso, perfurando, escavando e destruindo um mundo tão cheio de vida como este...

—O ser humano é um parasita que acaba matando tudo o que pisa. E te digo, que me fartei de recolher corpos de guerreiros honoráveis e sem vida.

“Devido aos tremores em terras inglesas —explicava o locutor— se esperam maremotos que sacudam as costas de mais de vinte países na Europa. As consequências destas mudanças serão catastróficas. E em tempos apocalípticos, se estiver aí, sozinho, em algum lugar, só podemos rezar... Os deixo com Pray de Tina Cousins. Rezemos todos para que este não seja o fim”.

A música começou a soar. Noah e Nanna não tiveram mais saída que escutar a letra, que falava do milagre da vida, dos campos altos e os frutos das árvores e que devíamos segurar as mãos.

— *If you are the same as me, you breathe the air I breathe*—cantorolou Nanna— *and we don't understand, yeah, we don't understaaaaand...*

Noah a olhou de esguelha.

—Canta bem.

—Eu adoro a música. É um prazer divino... No Asgard só tinha Bragi com sua harpa... — assinalou colocando suas botas sobre o painel do SUV abandonado frente ao hotel e que tinham tomado emprestado— E os elfos que, de vez em quando, prodigalizam-se com suas maravilhosas baladas. Mas... não havia muito mais. Até que Freyja nos deu de presente a Ethernet e conectou com as melodias do Midgard. Assim escutávamos a todos os grandes artistas e cantores que havia neste reino. E eu, de vez em quando, subia alguns CD de grupos de música que eu adorava, e os colocava nos reproduzidores que também conseguia em minhas descidas.

Ele se pôs a rir.

—Não imagino uma Valquíria com um reproduzidor do CD em uma mão e um morto na outra.

Ela o olhou, meio aturdida pelo bonito que ficava quando ria. Quanto mais o olhava, mais bonito lhe parecia. Quanto mais estava com ele, menos vontade tinha de separar-se. Quanto mais a tocava, melhor se sentia.

Noah a enchia de um bem-estar e uma paz fora do comum.

Vestia-se todo de negro, com vestimenta de lã com capuz de pelo grosso e botas brancas da marca Boots. Também usava uma calça negra e folgada, tipo esquiador surfista.

Entre o moreno de pele que era, o loiro e longo que tinha o cabelo e aquelas tatuagens em sua pele... A deixava a mil só de olhá-lo.

E depois estava aquele aroma. Por Freyja... Se podia cheirar melhor? Não. Noah cheirava a deus pagão do sexo e do amor.

—Você gostava de estar no Asgard, Nanna?

—Eu gostava de estar com minhas irmãs... —respondeu ela seguindo o ritmo da música com o pé— Mas quando começaram a descer e me dei conta de que eu jamais poderia ter o que elas tinham, comecei a não gostar —reconheceu com sinceridade— Desempenhar meu trabalho me distraía muito de minha verdadeira desgraça... Róta, Gúnnr, Bryn e eu tínhamos alguma

deficiência. Uma cruz, sabe do que me refiro? E quando retornava de minhas descidas, consolávamo-nos entre nós, e ríamos de quem era a mais desgraçada de todas. Quando elas se foram e fiquei sozinha, dei-me conta de que a mais desgraçada era eu. E eu não gostei de me sentir assim.

O Valhall era um lugar agradável; as valquírias (ao menos a maioria) davam-se muito bem entre si e se amavam muito. Mas..., às vezes, durante as noites, o consolo de uma amiga não era suficiente para acalmar a ânsia sem controle do coração de uma mulher que já tinha encontrado o amor de sua vida: um amor impossível de ter.

—E por que era desgraçada? —perguntou agarrando o volante com força.

Ela afundou o nariz no pescoço de pelo alto da jaqueta.

—Bom... —Tinha que começar a lhe demonstrar que o queria a seu lado.

—Por que, Nanna?

—Porque, uma vez, quando descia para recolher o corpo de um futuro líder dos einherjars..., vi, pela primeira vez, o homem que devia me pertencer. E sabia que jamais poderia o ter, a não ser que estivesse morto.

Noah girou a cabeça e a olhou de cima abaixo. Ela tinha os olhos úmidos pela emoção. Estava falando dele?

—Já sei que, depois de querer que estivesse longe, parece que o que digo não tem... Noah, cuidado!

Ele girou o volante de repente e se esquivou do corpo de uma mulher com uma cabeleira longa. Usava um vestido de seda azul claro. Nem se afastou, esperou que fosse o SUV o que saísse da estrada e ficasse de barriga para baixo na sarjeta.

—Porra! —gritou Noah— Nanna! Está bem?!

Ela fixou os olhos nos pés nus daquela garota, que agora se aproximava deles caminhando com parcimônia, quase em câmera lenta.

Não tinha frio? O que era?

Estavam justo ao lado de um lago congelado; em frente deles aparecia o pico da incrível Galdhopiggen, a montanha onde se escondia o suposto objeto de Noah, uma espécie de totem divino.

Atrás da muito bela mulher com olhos desumanos que se inclinou para olhar se ele continuava com vida, desceram da montanha, como se flutuassem e não pisassem na neve, uma horda de mulheres. Todas se vestiam igual e tinham a mesma compleição física. Todas tinham longos cabelos loiros.

Nanna franziu o cenho, inclinou a cabeça e tirou o cinto de segurança ao ver o que se aproximava deles.

—Quem são? —perguntou Noah sem poder afastar o olhar da mulher que abria a porta do piloto e lhe oferecia a mão.

—Não, não! Noah, espera! Não lhe dê a mão!

—Por que não? —perguntou ele, hipnotizado pela beleza da jovem de olhos azuis.

—É uma *dodskamp*!

Nanna as conhecia muito bem, pois aqueles lugares que ocultavam poderes e tesouros destinados a homens valentes e poderosos, tal e como acontecia no Asgard, estavam protegidos pelas *ninfas agonia*. Eram mulheres de Nerthus, de muitíssimo poder, que esperavam a chegada do renomado guerreiro para que demonstrassem com sua galhardia sexual se eram dignos desse objeto. Mas não imaginava que também estivessem na Terra. Por quê?

Se o homem sobrevivesse e agradasse sexualmente a cada uma delas durante toda uma noite, ao guerreiro revelava o objeto. As agonias obtinham a energia e o poder dos homens que caçavam, fossem em busca de seu objeto ou não. O problema era que o guerreiro que tinham em seu poder se perdia em um êxtase sexual que o deixava louco. Mas não só isso, além disso, podia provocar inclusive sua morte.

Quando Nanna e Electra, escondida no bolso frontal do colete da Valquíria, tentaram sair do carro, três *dodskamp* o moveram como se fosse um pão e começaram a lhes dar umas voltas intermináveis.

Nanna sentiu que o mundo ficava do avesso: teve a mesma sensação que em uma das viagens tormentosas de Gunny.

Queria morrer.

Noah tinha saído e tinha dado a mão a uma ninfa agonia!

Seus olhos se tornaram vermelhos. Quando o carro deixou de dar voltas, Nanna quebrou o vidro e, de um salto, ergueu-se sobre o veículo, que continuava de barriga para baixo.

Escondida como uma fera, cravou seus olhos vermelhos nas ninfas que levavam Noah à montanha.

Maldição. Iam violentá-lo.

E ele não poderia decidir se o desejava ou não, pois os homens cediam aos desejos das agonias.

Nanna não ia permitir isso. Noah não tinha que demonstrar nem às ninfas nem a ninguém sua dignidade. Isso só concernia a ela, a ninguém mais.

Se o tocassem, se alguém chegasse a possuí-lo, então já não se interessaria por mais homens mortos do Midgard, mas sim faria seu próprio cemitério de ninfas agonia.

Sem perder nem um segundo mais, convocou seus raios. Suas palmas se iluminaram de eletricidade e absorveram toda a energia eletromagnética de seu redor.

Tomou ar e, com toda a raiva de seu interior, gritou:

—*Asynjur!*

CAPÍTULO XII

Hummusingressou entre as montanhas.

Depois de ter escutado durante dias a voz guia de seu pai, do que sim o quis, por fim tinham chegado a seu destino.

Gungnir não acabou com sua vida por pouco. Segurá-la e atrever-se a lançá-la em Machre Moor tinha sido mais do que seu corpo imortal estava preparado para suportar.

Eles, os que imaginavam que queriam ser os heróis desse mundo que pisava, os berserkers, os vanirios e todos outros..., davam-lhe uma rasteira uma e outra vez.

O Ragnarök deveria ter chegado já.

Mas cada missão fracassada e cada movimento mal executado os levou a outro tipo de vitória. Porque uma vez todos mortos (e havia uma longa lista: Samael, Strike, Seth, Khani, Seiya, Lucius, Cameron...), depois que nenhum deles conseguiu seus propósitos, seria ele, finalmente, quem vingaria a todos os castigados injustamente.

Seria ele quem tomaria a revanche final.

Seu corpo tentava repor-se das queimaduras de suportar o totem do deus aesir, e tampouco se repunha da punhalada que lhe deu o Menino Perdido entre as costelas, com uma adaga *guddine*.

Tinha sofrido. Chegar até ali não foi nada fácil.

Essas feridas nunca cicatrizavam, a não ser que tivesse uma cura especial para isso, e não a tinha. Devia ser seu deus, só ele, quem o curaria.

E tinha que fazer isso, pois ele foi seu servo mais leal, seu aliado mais competente, sua mão direita. Porque, apesar da dor e do suplício, tinha chegado até aquele lugar gelado e abandonado pelas mãos dos deuses. E estava ali em seu nome.

Para ajudá-lo a culminar a tarefa.

O Menino Perdido, esse guerreiro que tinha a energia de um semideus tinha morrido. Ninguém sobrevivia à punhalada de um totem divino. E Gungnir tinha atravessado seu coração. A morte desse berserker, o único que, aparentemente, podia entorpecer seu caminho, deixou seu horizonte suave e sem contratempos.

Quem era Noah? Nunca saberia. Porque Loki não podia chegar até ele; não o tinha visto jamais. Poucos dias atrás, o deus Jotun detectou uma energia estranha no Midgard. Acreditava que havia outro semideus no reino, outro que não era a filha de Thor, recém-descoberta. Soube que era uma energia masculina, e a chamou “Menino Perdido”. Uma energia que provinha do clã de AsLandin.

Enquanto descia aos infernos gelados, coxeando, agarrando o estômago e segurando-se à parede fria e azulada, recordou o momento no qual se conheceram.

Depois que impediram sua missão com a Escolhida em Capel-Le-Ferne, missão que devia finalizar com Daanna McKenna fazendo-a de berço para sua semente, Noah se intrometeu. Então pôde captar sua força e seu poder. Uma energia latente em seu interior, a mesma que ele tinha.

O Menino Perdido era Noah, sem lugar a dúvidas.

Tinha enfiado sua adaga guddine no peito de Menw, em seu coração. Como resultado, o vanirio tinha morrido *ipso facto*.

—*Não! Menw! —gritou a bela princesa dos vanirios.*

—*Sua vez, Escolhida. Já sabe o que quero. Venha comigo. Quero gerar meu filho em você. Entregue-se a mim e devolvarei a vida a Menw.*

Daanna tentou tirar a adaga do peito de Menw, mas com isso o matava mais.

—*Se continuar fazendo isso, mais vida lhe arrebatava — ele explicou— Somente eu posso tirar a adaga.*

—*Então, tire-a! —rogou a vaniria.*

—*Se isso é o que quer, tire a calcinha e faça o que te peço —ordenou Hummus.*

—*E por que não me chupa?*

Aquela invasão o deixou desorientado: foi a primeira vez que ele e Noah Thöryn se encontraram cara a cara.

—*Olá, Menino Perdido.*

Daanna desapareceu com o curador entre os braços e ele ficou a sós com Noah.

—*Como está, traidor? — respondeu Noah pensando que era um berserker, como ele, mas que se foi ao lado escuro. Quanto equivocado estava.*

—*Traidor? Não tem nem ideia. O traidor maior que existe está entre vocês e se chama As — cuspiu— Sim. Não sabia? Sabe coisas sobre você, Noah. Não perguntou a ele? Ele não te contou?*

E então As Landin apareceu atrás deles, transformado em berserker, disposto a lutar. Aquilo estragou a revelação.

Os túneis de gelo eram horripilantes, pensou Hummus enquanto avançava e seguia pensando no guerreiro semideus que ele matou.

Loki lhe disse em sonhos, já que era assim como se mantinham em contato, que só As Landin sabia quem era esse homem. Se esse guerreiro tinha energia divina, só As, o puxa-saco de Odín, adivinharia de onde vinha, já que nada escapava aos olhos daquele guerreiro.

Noah Thöryn jamais saberia quem tinha sido, se era ou não era importante para Ragnarök. Embora estivesse claro que era, já que Loki desejava sua morte tanto quanto ele.

Justo ali onde o gelo era mais grosso, justo nessa sala subterrena que se assemelhava a um cristal opaco, seu deus o esperava. Requeria dele um último sacrifício. Uma última amostra de lealdade. A última mostra que lhe daria a entrada a seu reino.

Aquele colossal muro não o deixava avançar.

E soube. Soube que tinha chegado. Que estava ante seu rei.

Deixou-se cair de joelhos, colocou suas queimadas mãos sobre a parede de gelo de metros e metros de espessura. Retirou o cabelo da cara.

Com seus olhos prateados tentou vislumbrar o que havia ao outro lado daquela janela gelada. Ali dentro só pôde ver um ponto negro. Nada mais.

Encostou sua testa ao maciço frio e recitou:

—*A bétula tem ramos de verdes folhas. Loki traz o tempo do engano. Aqui estou, pai. Fiz tudo o que me pediu e, sem poder, cheguei até você. Sua voz me guiou. Das vísceras da Terra saem seus filhos para vingar seu nome, para demonstrar que sempre teve razão, que eles jamais*

podiam ser superiores a nós. Chegou o momento de que reclame seu trono. E eu a seu lado, pai. Eu a seu lado.

Hummus se deixou cair, exausto, sobre a superfície daquela caverna gelada, tão perdida no interior da Terra que era impossível de achar.

Mas os filhos, ao final, retornam aos pais, de um modo ou de outro.

De repente, antes de cair adormecido, uma ardência aguda atravessou a parte baixa de suas costas, ali onde tinha sua adaga guddine.

Surpreso, tirou-a de sua capa e se assombrou ao ver que a lâmina metálica de sua arma estava acesa, brilhava com uma cor vermelha. Ardia de raiva.

“Ele continua vivo”, disse a voz de seu pai em sua cabeça.

Hummus olhou por cima do ombro, ao interior da parede de gelo, e voltou a jogar uma olhada à lâmina.

—Noah?

“Sim”.

—Não..., não pode ser. Atravessei o coração dele com a lança Gungnir. Ninguém pode sobreviver a isso. Ninguém.

O silêncio reverberou na sala com a esmagante severidade de um grito.

“Isso é impossível”.

—Juro, pai. Ele morreu. Vi com meus próprios olhos.

“Se isso é verdade, então... já sei quem é ele. Mas, para acabar com o guerreiro, devo sair daqui. Meu espírito tem que escapar deste cárcere. E por isso exijo seu último sacrifício, aqui e agora”.

—Sim, pai. Encontrarei-o e o matarei.

“Não, Hummus. O que quero que faça é que rompa este feitiço que me retém aqui”.

—Como? —perguntou, assustado.

“Eu não poderei sair daqui até que o cárcere esteja completamente destruído, mas preciso de você. Preciso de seu corpo, Hummus. Fará isso por mim, seu pai?”.

Ele engoliu em seco e ficou de joelhos ante o gelo.

—Claro.

“Tome sua adaga guddine e a crave no coração”.

Hummus piscou, hipnotizado pelas palavras do deus da mentira.

—Quer que eu morra?

“Claro, filho. Mas eu cuidarei de você”.

Hummus pegou a adaga pelo cabo com as duas mãos, elevou-a e se entregou como se fosse um sacrifício.

—Farei isso por você. Chegou nosso momento.

Elevou a adaga e a cravou em seu coração. Caiu fulminado sobre o gélido frio.

CAPÍTULO XIII

Noah nem sequer sabia onde se encontrava. Para ele a única verdade era que vivia para e pelo prazer das mãos, das bocas e das ânsias dessas mulheres.

Como as tinha chamado Nanna? Ah, sim..., *dodskamp*.

—Shhhh, príncipe sem trono... —murmurou uma delas mordendo seus lábios e sentando-se aberta sobre ele— Aqui não há nenhuma Nanna. Só existe eu.

—E eu — disse outra colando seus seios às suas costas e lhe mordendo o ouvido.

Essas mulheres o estavam deixando louco.

Seus beijos eram ansiosos. Queriam que possuísse a todas, uma a uma.

Noah empurrou a que tinha em cima dele e se colocou sobre ela, no chão de rocha do interior daquela montanha em que estava. Abriu-lhe as pernas e juntou sua pélvis contra seu sexo.

—Oh, nossa... Aqui temos o instrumento de um deus, não é? —disse a loira, desfrutando do contato do berserker.

—Eu também o quero. —Uma terceira lhe levantou o queixo e o beijou nos lábios, colocando a língua e jogando com a sua.

Noah não sabia o que acontecia com ele. Mas, seja o que for, só pensava em sexo. Sexo com cada uma das dez mulheres que havia ali.

E por que estava ali? Ah, sim! Seu objeto!

—Quer seu totem, loiro das neves? —disse-lhe a que o estava beijando — Pois... terá que me foder para que o dê a você.

Os olhos de Noah ficaram vermelhos, cheios de desejo e paixão por essas mulheres.

E não soube como parar.

Nada poderia detê-lo.

Possuiria a todas. Uma após a outra.

Porque só havia uma coisa que gostava mais que brigar contra os maus: o sexo.

Nanna se agarrou a um dos seus fios, o que a deixaria justo em cima do topo dessa espetacular montanha nevada.

Electra a animava a segui-la. Ela sabia onde estava o tesouro enterrado. Quase seguro que era o mesmo lugar ao que essas harpias tinham levado Noah.

A vista do topo que estavam a ponto de conquistar era a mais bela do Midgard, não havia dúvida. A seus pés, vales, lagos e um horizonte de lenda a faziam pensar sobre quão triste seria que esse mundo desaparecesse. Um jardim apto para a vida e para o amor não podia ser destruído daquele modo.

E ela ajudaria que não fosse assim. Ao menos, tentaria. Mas para isso devia tirar seu berserker do buraco de luxúria no qual o tinham sequestrado.

Nanna retificou sua posição no ar, ficou reta como uma estaca e entrou direto no mundo subterreno das Agonias.

No Asgard também viviam em lugares ocultos nas montanhas. Obviamente, lugares onde os tesouros mais importantes permaneciam à espera de seus descobridores.

Fora fazia frio. Então caiu pela abertura dessa montanha e descobriu que dentro estava pior, devido à forte umidade daquele lugar.

Entretanto, o que ao princípio era um espaço só apto para dois corpos humanos, foi alargando até converter-se no teto de uma espetacular catedral criada pela natureza. Era uma caverna com estalactites nos tetos que desenhavam formas de fantasia e que assinalavam ao chão, como ameaçando a qualquer que ousasse pisar em um lugar sagrado como aquele.

Na parede de rocha havia uma história gravada em *futhark*, que Nanna não estava disposta a ler, pois seus olhos acabavam de divisar Noah, sentado em um trono de pedra, com três mulheres o tocando por todos os lados. E ele deixava!

—Putas! —grunhiu.

Seus olhos marrons se tornaram dois rubis quando Noah se levantou do trono e atirou a uma das agonias ao chão. Abriu-lhe as pernas e se colocou entre elas. Uma segunda o beijou na boca.

Nanna gritou com todas suas forças. Seu coração doía. A raiva por sentir que a estava traindo e que aquelas criaturas estavam tocando o que era seu lhe provocou uma forte dor nas costas, mas isso não impediu que eletrocutasse a duas das agonias que queriam, literalmente, beneficiar-se de seu berserker.

Quando estava a menos de três metros de alcançar Noah e levá-lo dali, a agonia de cabelo comprido, liso e loiro se levantou, ainda chamuscada pelo ataque da Valquíria e lançou Nanna contra a parede da caverna. Imobilizou-a com só um olhar de seus olhos azuis.

—Como ousa nos atacar? —perguntou-lhe caminhando para ela como uma modelo que avançava por uma passarela.

—Como se atreve a tocá-lo, pedaço de...?

A agonia lhe deu um bofetão. Em Nanna explodiram as presas de valquírias na boca. Estava disposta a arrancar a cabeça dessa Barbie *new age*.

—Volta e me tocar e a...!

Outra bofetada mais.

Nanna abriu a palma da mão, sujeita por uma força invisível contra a rocha fria daquela catedral, e lançou um raio à agonia. Esta o esquivou e sorriu.

—É uma valquíria de Freyja.

—Não, sou eletricista e venho fundir seus fusíveis, puta. O que você acha?! —Olhou-a como se fosse tola.

—Entendo... Este homem é seu?

—Sim. Deixem-no. Sua missão é importante.

—Quanto importante? —perguntou a agonia cruzando os braços e olhando Noah— Não será tão importante para não poder ter algumas transas rápidas antes de cumprir seu objetivo, não acha?

Noah estava lambendo o pescoço de uma agonia. Seus olhos se tornaram completamente vermelhos, quase como os dela. Mas os da Nanna estavam assim pela ira e a fúria; os dele, pelo contrário, refletiam desejo e luxúria.

—Noah! —gritou com lágrimas nos olhos.

—Você é dele? Não está marcada. —Cheirou-a— Não te mordeu. Isso quer dizer que está livre. Podemos fazer com ele o que quisermos sem quebrar nenhum coração.

Nanna piscou e fixou o olhar nessa mulher. Mataria-a. Não quebrariam nenhum coração? Quebrariam o seu! Noah era seu guerreiro esperado. Tinha arrebatado sua virgindade!

Talvez não estivessem vinculados como deviam fazer os berserkers, nem tinha as asas dos einherjars, mas... queria dizer isso que não se aceitaram?

—Espere para ver se aguenta uma noite conosco e depois o devolveremos.

—Não! Nem pensar! Ele não precisa passar por isso! É um semideus!

A agonia abriu os braços e soltou:

—Óbvio. Percebemos, filha de Freyja. Por isso queremos seu poder. Somos *dodskamps*. Necessitamos sua energia vital para obter dons. Nerthus convocou a todas. Os grupos de *dodskamps* ao redor do Midgard estão recolhendo presas tão deliciosas como estas. Bom — lambeu os lábios—, não tão deliciosas. A guerra começou, valquíria, e nossa deusa quer a todo seu exército preparado. Não nos culpe por querer estar prontas.

—Mas ele... Ele é meu!

—Seriamente? Quer que o perguntemos?

Nanna olhou para Noah com desespero. Aquilo a flagelava, doía-lhe muito mais que a ira de Freyja.

—Vejamos, Noah —a agonia caminhou até ele, deslizando-se sobre o chão como se patinasse sobre gelo—, pertence a alguma mulher?

Noah estava concentrado em subir o vestido da agonia que tinha em pé ante ele. Estava de joelhos.

O berserker olhou à agonia com olhos pesados e meio sonolentos.

—Como diz?

—Noah, maldição, olhe para mim!

Noah escutou a voz de Nanna e moveu a cabeça, disposto a procurá-la, mas a Agonia o deteve pelo queixo e o obrigou a olhá-la nos olhos.

—Ah, ah... Não, guerreiro. Olhe-me —pediu— Há alguma mulher que ocupa seu coração?

Noah inclinou a cabeça a um lado, envolveu o polegar da Agonia e o sugou, negando com a cabeça. Se havia alguma, acabava de apagar-se da mente dele sob o influxo da ninfa.

—Não, linda.

Ela se virou e sorriu para Nanna, por cujas bochechas rodavam as lágrimas.

—Vê-o? Agora, valquíria, olhe como faz amor conosco.

Levantou o berserker pelo rosto e o guiou de novo ao trono. Fez que se sentasse e ela ficou em cima dele, com as pernas abertas e as coxas repousando nos antebraços do semideus.

Noah grunhiu e afundou o rosto no pescoço da ninfa.

—Não! —O corpo de Nanna se encheu de eletricidade e começou a jogar raios por toda parte, mas essas mulheres os esquivavam como por arte de magia. Se fossem valquírias, seriam excelentes guerreiras.

Então um trovão reverberou nas paredes da caverna.

E, de repente, uma mulher cheia de luz desceu do buraco como se fosse uma virgem envolta em um manto vermelho. Mas o manto não era tal, mas sim era seu longuíssimo cabelo, que cobria meio corpo e se unia à cor da túnica.

As agonias olharam para cima. As dez deixaram de tocar Noah e se prostraram no chão, ajoelhadas com a cabeça agachada, em sinal de reverência.

Era Nerthus.

As lágrimas não deixavam Nanna. Fungava pelo nariz como uma criança.

—Sou sua deusa, *dodskamps*. Afastem-se deste homem. —ordenou assim que tocou com os pés no chão. Dirigiu-se até Nanna, mas não a separou da parede.

—Mas, deusa mãe —disse a líder das agonias—, disse-nos que podíamos obter nossa energia para a guerra de homens não vinculados. E este exemplar não o está. Além disso, tem muito poder para nós.

Nerthus arqueou as sobrancelhas avermelhadas e a olhou com compaixão.

—E, querida, não a surpreende que haja um semideus justo em Galdhoppigen, onde se encontra um tesouro divino?

Ela franziu as sobrancelhas e fez uma careta com os lábios.

—Surpreender-se? Por quê? Você mesma nos disse isso. Os portais estão se abrindo e os seres mágicos se reagrupam, uns para um lado e outros para outros. Você está livre. Por que ia importar-me ver um semideus aqui?

—Porque este, como pode comprovar, Agrimônia, não é um semideus qualquer... —a recriminou com os dentes apertados—, e ela não é uma valquíria qualquer. —Assinalou a Nanna. Em seguida, agarrou o pescoço peludo de seu colete para abri-lo de um puxão e mostrar seu colar de pérolas.

Electra saiu de seu esconderijo e revoou ao redor de Nerthus.

As agonias, de repente, se inclinaram ante Nanna. Mostraram-lhe seu medo e seu respeito.

Nanna as olhou, assombrada. Por que reagem assim?

—É *Brisingamen*! —diziam entre sussurros.

—Este é o colar de minha filha Freyja. Sabem o que quer dizer?

—Sim, deusa.

—O que? O que quer dizer? —perguntou Nanna.

Nerthus segurou pela mão. Desceu-a da parede e lhe devolveu toda sua mobilidade.

—Que qualquer ser mágico do Midgard que esteja do lado da magia vanir ou aesir jamais pode fazer nada contra você. E que pertence a uma futura rainha.

—Como diz? —disse brincando com as pérolas do colar—. Este não é *Brisingamen*. *Brisingamen* é o colar que dá luz. É resplandecente. Este é somente um colar de pérolas.

Nerthus negou com a cabeça.

—Sabe o que teve que fazer minha filha para consegui-lo? Sabe por que o fez?

—Conheço muito bem as histórias de minha deusa. Deitou-se com quatro anões brisingos, quatro ferreiros.

—Exato, e só você saberá por que o fez quando chegar o momento. Por agora te protege da escuridão e faz que os seres mágicos, como minhas agonias...

—Como suas putas, quer dizer? —interrompeu-a Nanna com o olhar fixo no trono no qual repousava Noah, que não perdia de vista os traseiros das seguidoras de Nerthus.

—São ninfas do sexo.

—Não são ninfas, são ninfomaníacas.

Nerthus deu de ombros e sorriu.

—Terá comprovado que a energia sexual entre um berserker e uma valquíria abre portas, verdade? —disse-lhe recordando o episódio da caverna— São criações dos deuses mais poderosos do Asgard, de Freyja e de Odín. Se absorver, outorga muito poder. Não as culpe por desejar o poder de Noah para elas.

—Não as culpo —mentiu— Somente quero que deem seu tesouro ao Noah e que partimos daqui.

A deusa acariciou o pescoço do colete de Nanna.

—Ah, querida... Ouço seu coração pulsar por esse homem? Já reconhece quem é? Não o culpe.

Ela o olhou sem compreender.

—Nenhum homem não vinculado pode suportar os cânticos de minhas *dodskamps*.

—Noah tem um compromisso comigo! —gritou ela, ferida.

—Tem certeza? Não vi nem uma só dentada nesse pescoço branco e longo que tem, preciosa. Não cheira a ele. E ele não cheira a você. Não há intercâmbio de *chi*. É óbvio que ele não tem asas... Que tipo de compromisso consumaram?

Nanna sentiu vontade de chorar.

Tinham consumado um que por pouco a rompe em duas!

—O tesouro —repetiu, olhando para Nerthus sem um pinga de respeito. Só desejava sair dali— O queremos.

A deusa se afastou ligeiramente para deixar Nanna passar, que estava decidida a tirar Noah daquela caverna de bruxas.

As agonias, em especial Agrimônia, olhou-a temerosa de receber um castigo. E Nanna a ponto esteve de pisar a cabeça dela, mas, milagrosamente, controlou-se. Tampouco era plano de matar parte de um exército de Nerthus. Além disso, a deusa não o teria permitido.

—Vamos daqui, minhas filhas —disse Nerthus atraindo as suas agonias— Os deixemos sozinhos, pois os tesouros —sorriu secretamente— são somente daqueles que os encontram.

—Deusa. —Nanna a olhou antes que se evadisse.

—Sim, valquíria?

—Quanto tempo acha que dura o desejo de uma agonia no corpo de um homem?

A mãe de Freyja se cobriu com o capuz de sua túnica vermelha e piscou um olho.

—Tudo o que você estiver disposta a suportar, Nanna. Tudo o que você estiver disposta a suportar. Só você o poderá tirar... e deverá fazê-lo... ou... enlouquecerá.

Dito isto, Nerthus desapareceu junto com suas ninfas. A Valquíria e o berserker ficaram sozinhos, com um sério conflito entre eles.

—Electra —disse Nanna— Marque o lugar do tesouro. Quero sair daqui já —disse sem inflexões na voz, secando as lágrimas com o antebraço. Colocou-se frente a Noah, apertando os dentes para conter sua fúria. Esse homem... tinha apalpado às agonias como se fossem massinha de modelar.

Noah estendeu as mãos até a cintura de Nanna e a colocou entre suas pernas abertas.

—Venha aqui, trancinhas —sussurrou bêbado de luxúria.

Ela esbofeteou as mãos dele e fez um biquinho.

—Electra, apresse-se.

Não tinha recordado quem era ela. Enquanto estava na parede, olhando como beijava a outras, observando como elas queriam possuí-lo, Noah a olhou como se não valesse nada, como se tratasse de um mosquito cravado na parede.

A fada guia se dirigiu até o trono no qual Noah continuava de pernas abertas, sorrindo para Nanna, imaginando tudo o que estava disposto a fazer com ela.

Mas a Valquíria não estava para o trabalho e ele começava a irritar-se porque era o de sempre. Ele a desejava e Nanna fugia.

—Nanna.

—Sim?

—É uma provocadora.

—O que disse? —sussurrou com os lábios apertados.

—O que ouve. Uma provocadora. Você adora me provocar, você gosta que te persiga e adora brincar de caçar. Mas, na hora da verdade, não abre as pernas a não ser que a imobilizem.

Nanna avermelhou de cólera. Suas orelhas ficaram em tensão.

Zás! Deu-lhe uma bofetada que soou em toda a catedral subterrânea.

—Sério? —disse ela aponto de esmagar esse rosto lindo e tatuado com a sola de suas botas.

— Vou fingir que não me disse nada, porque você não gostaria de saber o que penso de você agora mesmo, *ligolô*. Levante-se, pegue o que tiver que tiver e vamos embora daqui.

—Não quero. —passou a língua pela presa— Sente-se em cima de mim... ou me mostre seus seios. Por sua culpa estou pela metade, mais duro que este trono.

Nanna pensou seriamente em colocar um raio pelo traseiro dele, mas depois pensou melhor: não seria uma boa ideia.

—Tem seu tesouro debaixo do traseiro —indicou finalmente, tentando ignorar seus impulsos assassinos— Justo no mesmo lugar onde tem seu cérebro.

Noah soprou e se levantou sob os efeitos dos beijos das agonias.

—É gigolô —espetou, ignorando a vontade que tinha de montá-la como um animal. Por que estava tão excitado?

—Não. É *ligolô* —respondeu lhe dando um empurrão, raivosa e ofuscada pelas imagens que ficaram gravadas em sua retina— Dom Ligolobo! Ligolouco! O senhor Ligolôquerotransar!

Electra saltava sobre o trono, esperando que Noah encontrasse seu objeto, alheia à discussão do casal.

—Talvez, essas agonias não me deixariam tão excitado se não tivesse os ovos carregados por sua causa! —Os gritos reverberavam na rocha e caíam no precipício do abismo que tinha detrás de si a poltrona de pedra— Os mesmos, Trancinhas, que não me deixa descarregar!

Noah, irritado e impotente, deu tal chute no trono que o desmontou. Sob sua base descobriu um pequeno objeto de pedra mais escura, com uma inscrição.

Os gritos cessaram de repente e ambos fixaram sua atenção naquilo que havia a seus pés.

—“Que coisa é aquilo que quanto mais se olha menos se vê?” —leu Nanna em voz alta.

Noah se agachou no chão e passou os dedos pelas letras rúnicas. A pedra se desfez. Então, como por arte de magia, emergiu um objeto circular, metálico e dourado com a runa *Daeg* no centro.

—Aí o tem, Noah —sussurrou Nanna—: seu objeto.

Daeg simbolizava o amanhecer. Era uma runa de luz cuja força interior provocava milagres. Significava a fé por cima de todo o resto. *Daeg* era aquilo ao que alguém se segurava para não cair na escuridão. Era a runa da iluminação e só se outorgava àqueles que com suas palavras ofereciam cura, paz, calma e clareza. Unicamente a verdade podia convocar a *Daeg*. Nunca mentia. Era todo o oposto ao que representava Loki. Quem a possuísse brilharia eternamente por sua luz.

Electra sorriu, orgulhosa de ter feito seu trabalho: pousou sobre o objeto e elevou a mão em sinal de despedida.

—Parte? —perguntou Noah.

Nanna fez uma reverência à fada e lhe devolveu o sorriso em agradecimento.

—Sim, já se vai. Diz que acabou seu trabalho com você. É momento de ir e hibernar com os deuses, até que deus guiar a seu segundo buscador.

Noah olhou para Electra e lhe fez a mesma reverência.

— *Mange takk for hjelpen*, Electra. (Muito obrigado por sua ajuda, Electra).

A diminuta mulher alada, elevou-se até alcançar o rosto de Noah, que o olhava com assombro. Agachou-se e lhe deu um beijinho na ponta do nariz.

E então, nesse momento, a fada olhou para a saída da caverna, iluminou-se e se desvaneceu em uma nuvem de pó dourado.

Nanna se sentiu sozinha imediatamente. Electra era uma miniatura, uma mulher chaveiro, mas era uma mulher e se sentia apoiada.

Entretanto, não havia tempo para lamentações. Deviam analisar aquele estranho artefato.

O estranho era que aquele objeto circular com a runa no meio era algo que Noah recordava ter visto em outro lugar. E não sabia onde.

—É uma chave — explicou Nanna.

—Uma chave?

—Sim. É uma chave que abre... algo.

Noah, drogado e quente como nunca, olhou-a de cima abaixo.

—Suas pernas?

—Sério, Noah... Não estou de humor. Não me diga essas coisas quando as angústias esquentaram seus motores as angústias do Nerthus.

—Agonias. E pense, valquíria. Isto —assinalou o objeto— tem forma de ficha. O mesmo que pode caber nessa rachinha tão bonita que tem.

—Está sendo desagradável, canalha. —apontou para ele com um dedo— Nem sequer lembrava de mim! Como pode me dizer estas coisas agora?!

Ele deu de ombros e elevou os dedos para lhe acariciar o rosto, mas ela o esbofeteou de novo.

—Que não me toque. Eu já vi isto —disse Nanna, que inclinou a cabeça para um lado, estudando a peça metálica que refulgia e que tanto chamava sua atenção. As valquírias adorava as coisas brilhantes. Mas isso era parecido ao ouro— Entretanto, agora... não recordo onde.

—Bom. Eu também —assentiu Noah, ignorando o rechaço de Nanna. Tomou a peça entre seus dedos— É muito liso...

—Posso ver?

Noah o passou, para que ela também o inspecionasse, mas quando as pontas de seus dedos se tocaram, o objeto se iluminou e os cegou. Imediatamente ambos caíram ao chão, inconscientes.

Viajavam. Viajavam a uma velocidade incrível.

Sobrevoavam a Noruega e os fiordes. Continuavam em Jotunheim.

Depois atravessavam umas colunas de gelo, que pareciam gigantes.

Enormes gigantes de gelo, como Jotuns.

E mais tarde se encontravam em um tubo de luz de cristal e chegavam a um lago subterrâneo tão congelado como tudo o que havia nessa terra.

Noah escutou a voz de um homem, as mesmas palavras que nunca conseguia entender.

Até que tudo resplandeceu.

E deixou de ver.

Quando Nanna abriu os olhos soube que o berserker tinha visto exatamente o mesmo que ela. Sentia-o.

Os icebergs, os lagos gelados, o mundo subterrâneo... Tudo.

E para que?

Para que viam o mesmo?

Por que?

—Esteve onde eu estive? —perguntou Noah esfregando a testa e o lado do rosto, recuperando a consciência.

—A caverna de gelo subterrânea?

—Sim.

—Sim, a vi. —levantou-se e limpou as calças.

Noah a observava de baixo, ainda confuso, atirado no chão como um gigante das neves com ressaca por uma noite louca.

—É ali onde temos que ir —disse ele, seguro de suas palavras— A visão foi muito clara. E tem que vir comigo.

Nanna o olhou e voltou a surpreender-se ao contemplar seu rosto.

—Deuses, Noah...

—O que acontece?

—Seu rosto.

—O que?

—Seu rosto. —Agitou o dedo indicador apontando para ele— Estão... voltaram a tatuá-lo.

—Não brinque —murmurou esgotado— O que diz?

—Diz —Nanna se inclinou para ler—: “Sou filho de Mãos de Oleiro. O deus dos Ninfomaníacos Imbecis.”

CAPÍTULO XIV

Os olhos de Noah a olharam como se fossem bipolares. Trocavam do amarelo ao vermelho, sem saber qual era seu estado natural.

—Brinca, não é?

Nanna girou os olhos.

—Claro que sim, American Psycho.

—Então... —levou os dedos a sua bochecha, que picava de novo— O que é o que colocaram?

—*“Sou aquilo que quanto mais se olha menos se vê”*. Isso é o que tem escrito, justo debaixo de sua outra frase. É uma adivinhação com pistas, loiro.

—Não pode ser...

—É claro que sim.

—Mas por quê? Por que tanto mistério? —perguntou-se, esgotado— Por que não podem me dizer quem sou? Estou farto dos segredos. Estou cansado de me sentir diferente dos outros.

Nanna o olhou astutamente, compadecendo-se dele. Mas não o interrompeu.

—Amo a todos meus amigos. Mato por meu clã e minha gente. Mas... por que me encontro perdido e sozinho?

Nanna sentiu que seu coração quebrava ao escutá-lo. A sinceridade de Noah lhe chegava à alma.

—Quando te vi pela primeira vez, pensei que a solidão desapareceria. Disse a mim mesmo: “Ei, olhe, Noah, ela será sua companheira eterna algum dia”. E agora não só minha companheira sente asco por mim, mas sim eu mesmo desprezo minha própria existência, porque sinto que não tem nenhum sentido.

A valquíria se angustiou e optou por ajoelhar-se a seu lado e abraçá-lo, porque era justo o que desejava fazer. Mas em vez disso tentou acalmar-se e falar com ele.

—Se eu tivesse um movimento muito bom preparado em uma partida de xadrez, o reservaria até o final. Não o revelaria muito cedo, porque, se não, todos estariam em sobreaviso. Acredito, Noah —ofereceu a mão para ajudá-lo a levantar-se—, que isso é exatamente o que estão fazendo com você.

Ele ficou cabisbaixo, sem ver a mão que Nanna lhe oferecia. Apoiou um cotovelo sobre um joelho e fixou o olhar no abismo, perdido em seus pensamentos.

Seus olhos ardiam, as mãos picavam, ardiam-lhe as gengivas e, além disso, sentia uma dor constante na virilha. Precisava desabotoar a calça; não podia caminhar com aquela ereção.

Nanna, pelo contrário, parecia preocupada com ele. Estava contrariado e perdido. Não suportava vê-lo assim. Gostava do Noah provocador, que a desejava e que não podia evitar tocá-la. Adorava o guerreiro decidido que ansiava implantar justiça e que nunca se detinha em seu caminho.

Aquele berserker, pelo contrário, parecia que não podia continuar. Como se estivesse cansado de sua própria história. Odiou vê-lo desse modo.

Pensou que, em parte, também estava assim por sua rejeição, assim decidiu que era o momento de acalmar a fúria e apaziguar as águas turbulentas entre eles.

Agachou-se a seu lado e colocou uma mão em sua nuca, acariciando-o e acalmando-o como a um lobo enorme que estivesse ansioso.

—Escuta, Noah —a valquíria massageou o pescoço dele com os dedos de sua mão—, às vezes não acredito tão importante saber de onde vamos. O essencial é saber quem somos em realidade. O que acha que mudará? Continuará sendo o mesmo quando descobrir quem são seus pais. Ou, de repente, se converterá em outra pessoa diferente? Deixará de amar àqueles que são sua família? Não poderá. —Negou com a cabeça, acariciando seus ombros— Não poderia, embora quisesse. Assim faça esta viagem pensando em que seu descobrimento não deveria mudar nada. Nerthus disse que sabia quem eram meus pais. Não vou negar que estive pensando nisso após. Mas isso não vai me impedir de apreciar essa aventura... com você. Embora o odeie com loucura por algumas coisas que me fez. Embora não suporte recordar o que fez com essas ninfomaníacas de Nerthus... —disse com um pouco de medo na voz.

Noah continuou olhando o escuro abismo.

O cabelo loiro esbranquiçado lhe cobria as feições e ocultava seus olhos. Seu rosto, marcado pelas adivinhações rúnicas, adivinhava-se moreno sob o arbusto de cabelo.

Nanna retirou o cabelo do rosto dele e o jogou para trás para ver seus olhos.

Estavam umedecidos, completamente vermelhos. O guerreiro apertava os dentes com tal força. A mandíbula escura e endurecida.

—Ei, berserker —disse ela com doçura—, devemos continuar. —Com a ponta dos dedos acariciou as mensagens de seu rosto. Adorava.

—Vá embora, Nanna.

—Como? —congelou-se com o tom frio que sentiu em sua voz— Não!

—Parta, por seu bem. Aqui já não faz nada. Se não quiser que a machuque de novo, terá que partir agora.

Que ali não fazia nada? Estava louco?! Tinham assistido à visão da *Daeg* juntos. A viagem também era para ela. E não só isso: queria estar com ele, queria que fizessem as pazes, queria que a tocasse e a desejasse como antes.

Não queria nada pela metade. Já não tinha medo dele, assim não partiria dali.

—Ei! —Nanna o agarrou pelo colete e o sacudiu ficando de joelhos— Por que acha que me machucou vê-lo com as agonias?! Heim?! Não vou!

—Nanna, dou vinte segundos para que saia voando daqui ou não respondo.

—Não penso ir! Não pode me expulsar! Sou sua valquíria! É meu companheiro!

—De verdade? Nanna... —rogou ele, com os olhos completamente vermelhos e claros. As presas brancas apareciam sob seu lábio superior— Dez segundos, valquíria...

—O que me fará se não vou? Não me dá nenhum medo! Fico e se acabou! —Olhou-o no rosto, valente.

Ele a agarrou pelo pescoço, enrolando todo o colar de pérolas de Freyja em um punho.

—Tem ideia do que faz?

—É óbvio.

Ele se levantou como uma mola e correndo voando com ela e a pressionou contra a parede da caverna.

Os raios da claridade do dia atravessavam o orifício subterreno e iluminavam aquela gruta oculta nas vísceras do Galdhopiggen.

Nanna nem sequer pestanejou. Não se assustou ao vê-lo assim. Nada lhe dava medo. Não podia experimentar nada mais doloroso que a ira de Freyja. A seu lado, qualquer coisa era menor.

Deu-se conta de que agora tinha uma enorme resistência à dor. Era uma Valquíria dos pés à cabeça. Como suas irmãs.

Mas Noah jamais a machucaria. Não entendia o motivo de tanta agressividade, tanto descontrole. Ele seria incapaz de feri-la fisicamente.

—Cinco segundos. —encostou seu nariz à sua bochecha e inalou profundamente.

—Ou o que, Noah? Não vai me bater. Sai com uma ladainha a outra...

—Bater em você? Não, Nanna. —Seus lábios desenharam um sorriso lupino e predador. — A foderei até te deixar sem sentido e não me importa o que me diz.

Ela abriu a boca, perdida naquela declaração de intenções tão pecaminosas e perversas, tão categoricamente honestas.

Nerthus lhe disse que o desejo das agonias não sairia até que ela o tirasse. Os olhos soltaram faíscas. Queria entregar-se totalmente.

Era seu momento.

O momento que tinha desejado enquanto via como outras desfrutavam disso através da Ethernet.

Engoliu em seco, mais disposta e preparada que nunca.

Cobriu seu rosto com suas mãos e a obrigou a olhá-la.

—Pois me foda, guerreiro. *Jegeryours, min ulv.* “Sou sua, meu lobo”.

As pupilas do berserker se dilataram.

O vermelho carmesim se tornou quase laranja. Passou a língua pelos lábios e piscou somente uma vez, de um modo rápido e audaz, como o faria um animal. Apoiou suas mãos atrás, na parede desigual e cinzenta, cheia de minerais, em que se apoiava a valquíria. Prendeu-a com todo seu corpo.

—Quero que me demonstre —grunhiu para ela.

—Como?

—Que me demonstre que você gosta de mim.

Ela elevou as sobrancelhas marrons.

—Fiquei para que faça comigo o que quiser. Não vou me opor.

—Não! —gritou dando um golpe na parede com o punho— As agonias estão me matando... Quero que me..., que me toque.

Nanna tentou puxar as imagens de arquivo, pois nunca havia tocado um guerreiro vivo como aquele. Mas ardia de desejos de fazê-lo. Tinha material visual da Ethernet gravado no cérebro.

Tudo bem, faria isso.

—Espero que nessa cabeça louca que tem não faça comparações com essas Barbies que o apalparam, porque esta é a primeira vez que...

A língua de Noah entrou em sua boca, e já não pôde falar mais.

O que aconteceu a seguir foi digno de estudo, porque a saliva desse berserker, o beijo do lobo, deixou-a louca e lhe tirou todas as inibições.

Esquentou seu sangue, girou sua cabeça e estimulou sua pele.

Nanna ficou nas pontas dos pés, abriu a boca e empurrou a língua de Noah com a sua.

Ele ronronou e ela tomou esse gesto como uma aprovação, assim continuou beijando-o com toda sua vontade e sua inexperiência.

Noah mordeu seus lábios brandamente, para depois beijá-los e acalmá-los. Ela se agarrou a seus ombros, ficou nas pontas dos pés, segurando-se nele enquanto o beijo se fazia mais e mais profundo.

—Não é suficiente — disse ele tomando ar e falando contra sua boca.

—O que?

—Que não tenho nem para começar. Preciso de você inteira. Dispa-se para mim. Agora.

As orelhas bicudas de Nanna se enrijeceram, mas não ela, que estava disposta a tudo para reclamar esse homem das neves.

Beijou-o de novo. Enquanto se comiam e se sugavam um ao outro, Nanna não perdeu tempo e começou a tirar a roupa.

Primeiro o colete. Depois os cobertores. Tirou suas botas pelos calcanhares e as separou de um chute.

—Que pequena é — murmurou Noah.

—Talvez você seja muito alto...

—Já o veremos quando estiver de joelhos.

Não deu atenção a ele e continuou despindo-se. A calça fora, o pulôver polar também. Ficou somente com uma calcinha que Noah lhe tinha comprado na loja de esportes.

Nua de cintura para acima.

Ele a olhou de cima abaixo. Aproximou com o pé a calça que tirou e a pôs justo diante dele.

—Quero que me prove, Nanna — custava a ele falar, pelo apertado que tinha os dentes. Estava mais que excitado.

Ela assentiu. Não voltaria atrás, não teria medo e... Faria justo o que os dois queriam fazer. Ele queria que o provasse e ela o provaria.

Ao menos, o berserker era atencioso. Não queria que machucasse os joelhos ao estar nua sobre o chão.

Deixou-se cair sobre a calça e ficou à altura da virilha de Noah.

Sim, a altura quase perfeita. Teria que esticar a cabeça um pouco, mas o conseguiria.

Ele continuava com as mãos apoiadas na parede e, pelo visto, não tinha intenção tirá-las dali e tocá-la.

Nanna, sem deixar de olhá-lo, estendeu as mãos até o botão da calça negra de esquiador surfista e a desabotoou. Depois baixou seu zíper e com as mãos estirou a roupa até descê-la pelas coxas.

Em seguida, pegou sua cueca branca justa e fez o mesmo com ela.

Ele agachou a cabeça e estudou a expressão da Valquíria ao vê-lo.

Nanna não podia acreditar o que tinha ante si.

A perfeição masculina em tamanho EGG. Isso era!

Tinha o pelo púbico muito loiro, e o caule era moreno, como sua pele. A ereção apontava para ela, grossa, inchada e venosa. Seu prepúcio rosado estava ligeiramente úmido pela abertura.

Nanna sentiu raiva ao saber que estava assim por outras e não por ela, mas jurou a si mesma que mudaria isso. Faria o possível para que esse homem enlouquecesse.

Colheu-o com as duas mãos e não o pôde abranger nem na largura nem no comprimento.

—Pelos deuses... —sussurrou Nanna. Elevou o olhar avermelhado e se chocou com o dele, que parecia julgar se era ou não era capaz de fazer o que ele desejava.

—Me chupe, Nanna —pediu em uma ordem misturada com súplica— Me chupe, por favor...

Ela estendeu a língua e lambeu sua cabeça como um gatinho. Não precisava que ele suplicasse.

Noah cravou os dedos na rocha até fazer buracos. Esticou-se e só com esse sutil toque da valquíria estava a ponto de gozar.

Nanna abriu a boca tudo o que pôde e sugou com força, lambendo com a língua, sugando a cabeça de seu pênis na boca...

Noah exalou e girou os olhos.

E ela soube que o fazia bem porque se endurecia e crescia no interior de sua boca.

Adorava o sabor daquele homem. Doce e salgado ao mesmo tempo. Todo contraste. Como ele. Moreno e loiro. Forte e suave. Enorme e ágil...

Nanna começou a chupar. Enquanto o fazia, movia as mãos acima e abaixo, como se espremesse um esfregão, ou como se desse gás ao guidão de uma moto. Movia as mãos acima e abaixo.

—Abre bem a boca.

Nanna o obedeceu. Adorava essa parte oculta dele. A parte mandona e masculina. A que escondia com gentileza e amabilidade. Seda e aço.

Quando abriu mais a boca, Noah empurrou metade do pênis em sua interior e ela pensou que sufocaria.

—Não, Nanna. Não se afaste. Disse que me demonstraria que me quer. Isto é o que sou —assegurou tenso pelo desejo e a luxúria que sentia—Me aceite. Quero possuir essa boca que tem.

Ela assentiu, engoliu saliva e voltou a abrir a boca.

Noah entrou polegada a polegada. Nanna se segurou às suas muito duras coxas e tentou afastar-se, mas desta vez ele pôs uma de suas mãos na nuca dela e a obrigou a olhá-lo enquanto o albergava em seu interior.

—Relaxa a garganta —ele pediu sem mover-se— Tem que engolir para não sufocar. Relaxe a garganta... isso, assim. Porra. Sim.

Noah a possuiu, tal e como queria, e Nanna aceitou cada centímetro que tinha para lhe dar, e cada uma das gotas que emanavam dele, com sua essência.

Porque estaria louca se voltasse atrás e retrocedesse. Ansiava Noah.

Ansiava cada parte dele.

—Engula. Assim, linda. Muito bem. Estou gozando... —Sem fazer fortes movimentos, deixou cair a cabeça para trás e gemeu, tremendo, possuído pelo prazer de ter gozado na boca da valquíria.

Nanna apoiou a bochecha em sua coxa, respirando agitadamente, saboreando ainda o gosto da essência de Noah. Por Freyja... E por todos os deuses. Tinha feito! Ela era pequena, ele enorme, e o tinha comido inteiro.

E queria mais.

—Está bem? —perguntou Noah lhe acariciando a cabeça.

—Tenho frio —disse ela. E era verdade, fora nevava, o teto da caverna tinha gelo e aquela parte da gruta estava congelada.

—Ah, não, Valquíria. —Noah desceu a calcinha dela de um puxão, agarrou-a pelas axilas e a levantou até colocar suas coxas em cima de seus ombros.

Ela se agarrou a sua cabeça, impressionada por ver-se naquela posição.

Noah beijou o interior de suas coxas.

—Agarre-se bem a mim.

—Como?

—Se agarre.

Nanna olhou para baixo, e ali entre suas pernas, divisou os rubis do berserker que pela primeira vez sorriam de orgulho para ela.

—Noah... —Ela teve vontade de chorar. Passou-lhe os dedos pela cabeça com ternura.

—Comigo jamais passará frio. Prometo isso.

Noah abriu a boca e a pousou na vagina de Nanna, tão lisa como a de um bebê. Aquilo o transtornou. Via-a perfeitamente. Rosada, pequena e úmida. Perfeita para ele.

Passou sua língua de cima abaixo. Uma vez, e depois outra. E como viu que aquilo era aditivo e que adorava notar que ela se inchava e se umedecia a cada lambida, já não pôde parar.

Porque à margem dos pesadelos que tinha quando dormia desde que Nanna lhe lançou a adaga guddine, também tinha um sonho recorrente. Imaginava-se possuindo Nanna daquele modo. Embora, nem em seus melhores sonhos, Nanna era tão perceptiva e sensível como o estava sendo na realidade.

Noah penetrou a língua por todos os lados, sugou seus clitóris com os lábios e a mordeu com as presas sem chegar a machucá-la.

A valquíria gemia e fechava os olhos a cada contato. Estava-a saboreando como a um doce: seu favorito.

Tinha os olhos cheios de lágrimas. A sensação de ser provada daquele modo era indescritível. Sempre gostou de jogar com as palavras, mas, nesse momento de felicidade absoluta, não encontrava nenhuma que definisse quanto feliz se sentia.

—Por Thor e todos seus trovões... —sussurrou mergulhada no êxtase— Quero gozar.

Noah assentiu e lhe deu um beijo doce sobre sua rachinha, para depois introduzir a língua no mais profundo e fazê-la voar.

E voou.

Talvez tinham aberto outra porta entre mundos porque Nanna se sentia com sua língua no interior como em outra dimensão.

O Nirvana.

E nem sequer a deixou apreciar, pois, quando acabou de tremer e de estremecer, quando seu orgasmo chegava a seu fim e ela passava a língua pelas presas, absorvendo todas as sensações, Noah a baixou e a virou, disposto a tomá-la.

Mas ela reagiu rápido e rodeou sua cintura com as pernas, abraçando-se a ele, agarrando-se a seu cabelo loiro.

—Não.

—Não o que? —grunhiu ele.

—Por atrás não. Quero que me olhe no rosto, Bengala. Quero que me veja e a ninguém mais. Que saiba que sou eu a que está possuindo, a que está aqui com você. E que nunca se esqueça quem sou.

Ele não compreendeu suas palavras até que recordou que, quando a agonia lhe tinha perguntado se conhecia alguma Nanna, ele disse que não. Não entendia por que tinha respondido isso. Em realidade, Nanna era sua companheira, a única.

A droga afrodisíaca das ninfas de Nerthus podia deixar qualquer um fora de si.

Lamentou isso. Beijou-a, tentando ressarcir-la desse momento tão desagradável.

—Sinto muito. —sussurrou sobre seus lábios.

—Isso não me serve —respondeu ela puxando seu cabelo— Faça-me esquecer! Que esqueça de verdade! Que nunca se esqueça como me chamo nem o que sou para você!

Ambos se olharam nos olhos. Pareciam ter um acordo tácito e silencioso entre os dois. Estavam destinados a entender-se e a compenetrar-se. Noah estava decidido a lhe demonstrar quão inesquecível ela seria para ele.

E o irrevogável de sua relação.

Abriu bem suas pernas, segurando-a pelas coxas. Deixou que, pouco a pouco, empalasse-se nele. Queria que apreciasse, que o sentisse.

Mas estava muito descontrolado. Ela, muito estreita e apertada, também precisava aliviar-se.

Empurrou para cima.

—Nanna.

—Não te ouvi. —tomou ar, estremecida.

—Nanna —repetiu, inclinando-se ligeiramente para trás.

Ela inalava pela boca, com o olhar fixo na entrada mágica da caverna.

—O que? —gemeu.

—Esse é seu nome. Agora vou fazer que não me esqueça.

Ela ia responder, mas a estocada profunda e insultantemente violenta de Noah a deixou a ponto de tocar com os dedos um orgasmo demolidor. E já não soube que mais dizer. Seu cérebro era incapaz de construir palavras, muito menos frases ou sentenças que tivessem um pouco de coerência.

Noah a penetrou até o fundo, até o punho, e não pôde nem quis parar. Mordeu-a no pescoço enquanto ficavam tão colados como um homem e uma mulher podiam estar.

As costas de Noah sofreu uma transformação. Algo se gravou a fogo em sua pele e percorreu cada músculo. Ficou quieto enquanto essa tatuagem se desenhava em seus ombros, em suas costas e aguçava a coluna vertebral, fazendo desenhos simétricos a cada lado desta.

—Minhas costas...

—Não pare —ordenou ela; lágrimas saltavam ao sentir-se tão bem possuída— São suas asas, Noah, vê? Não só é meu berserker. É meu einherjar —respondeu com orgulho— Agora, não se detenha... —O segurou pelo rosto para que se concentrasse nela— Me marque.

E ele fez.

O fez uma e outra vez, sem descanso. Sem parar.

Primeiro em pé, depois contra a parede.

Não importava se os machucavam as rochas.

Só importava o prazer.

Um prazer que não era desse mundo.

Acabaram no chão, com as presas de Nanna sepultados no antebraço de Noah, e as de Noah afundados no pescoço da valquíria, tão profundas como estava sua ereção em seu interior.

As pernas da jovem penduravam sobre os ombros dele. Ambos suavam.

Ela não sabia quantas vezes havia tocado o céu. Elevava-a e a fazia cair, uma e outra vez. Viciou-se nisso.

Era viciada nele. Como não ser?

Como pôde, Nanna conseguiu baixar as pernas e as deixar plenamente abertas para que o guerreiro continuasse dentro de seu corpo.

Ali onde ele pertencia.

Noah ficou adormecido sobre ela. A filha de Freyja se deu conta de que não mentia: seu corpo transmitia um calor calmante e apaziguador.

Uma sensação agradável de proteção e amparo.

De verdade e bondade.

Com ele, jamais passaria frio.

CAPÍTULO XV

—Meu pai me diz que me casarei com um rei —disse a jovem de cabelo castanho, vestida com uma vestido vaporoso branco e uma fita dourada sob o peito.

Não recebeu aquelas palavras muito bem.

Estavam sob uma árvore de maçãs vermelhas e grandes. Algumas delas salpicavam a grama esverdeada com tons escarlate. O sol se escondia ante eles, entre as montanhas e os vales que os balançavam com melodias de natureza e fantasia, ocultos, agasalhados como o berço que protegia a um bebê.

—O que quer dizer que se casará com um rei? —perguntou ele.

Ela se apoiou no tronco daquela macieira especial, e brincou com uma fibra de grama entre seus dedos.

—Disse-me que nossa linhagem é pura e que vê em mim a esposa perfeita desse rei.

—Mas você vive em outro reino —ele disse preocupado— Se casar com esse rei, não poderemos nos ver. Viverá onde ele vive.

A jovem sorriu, sabia um segredo que ele desconhecia.

—Aparentemente, nossa aliança faz que os reinos convivam entre si e que o projeto do Alfather siga seu curso. Acaso se incomodaria que outros tomassem minha mão?

Ele sentiu uma raiva incontida em seu interior, e muita decepção.

—Quem é esse rei? —perguntou arisco.

—É seu irmão.

—Meu irmão? —replicou ele, contrariado— Me incomodaria que aceitasse ser a mulher de um homem que não ama.

—Acha que não o amo?

Ele se levantou, com o corpo tenso e a tristeza o embargando por completo.

—Ama-o?

—É óbvio que não.

—Então? Deixa de brincar. Vai aceitar?

Ela se levantou com elegância, expulsou de seu vestido os restos de grama e tomou uma maçã entre suas mãos.

—Pensarei nisso.

—Não vai pensar nada, mulher.

Ela levantou uma sobancelha e jogou o cabelo para trás.

—Pensava que éramos somente amigos e que você queria o melhor para mim.

—E quero o melhor para você.

—E o melhor para mim é... não me casar? —perguntou sem compreender.

Ele a tomou pelos ombros e a apoiou na árvore.

—Pode se casar se quiser.

—Com sua permissão? —Olhou-o, altiva.

—Não necessita minha permissão. Mas deve se casar com o adequado.

—Tudo bem... — Assentiu, decepcionada.

—Conhecemo-nos desde pequenos e acredito que meus sentimentos por você estão claros, princesa.

Ela se manteve em calma, olhando-o, espectadora.

—O que é que me deve ficar claro? Que somos amigos?

—Você não é somente minha amiga.

—De verdade? Nunca me pareceu que sinta outra coisa por mim.

—Não foi por falta de vontade...

—Não acredito em você. —o provocou ela.

—Quer que lhe demonstre isso?

Ele entrecerrou os olhos, a segurou pelo queixo e a beijou. Deu-lhe um beijo doce e casto que, pouco a pouco se tornou em um ligeiramente mais úmido e apaixonado, até que nenhum nem outro puderam tirar as mãos de cima do outro.

Até que tocar-se foi tão essencial como estudar-se e descobrir suas formas, como se o respeito mútuo só tivesse sido um empecilho entre eles.

—Você —disse ele encostando sua testa à dela, enchendo seus pulmões de ar— É minha futura mulher. Sempre foi.

No momento no qual iam beijar-se de novo, a imagem voltou a apagar-se.

As chamas a queimaram como se fosse um retrato, uma foto imprestável. E se encontrou de novo entre línguas de fogo com a chuva de flechas no céu.

Voltava a arder.

Voltava a morrer.

E desta vez Nanna estava com ele.

E jamais experimentou uma infelicidade tão grande como a daquele momento. Ela morria a seu lado, e ele via. Não podia suportar. Nanna era dele, era o mais prezado para um homem berserker; sua companheira de vida, sua companheira por instinto e por escolha.

E começou a gritar e a chorar, morto pelo fogo e pela tortura que supunha ver um ser tão cheio de vida como ela morrer sob o calor do inferno.

Quando abriu os olhos, encontrou Nanna observando-o fixamente, com seu olhar caramelo úmido pelas lágrimas.

Passou-lhe os dedos por debaixo das pálpebras e secou as suas, mordendo o lábio inferior, angustiada tal e como estava o berserker.

Os dois nus, em corpo e alma.

—Chora? —perguntou ela.

—Sim. Você... também?

—Sim —respondeu, contrariada.

A temperatura tinha caído rapidamente. O ar que saía de suas bocas criava vapor da hipotermia. Mas suas peles... ainda ardiavam. E não só isso: ele continuava em seu interior.

—Por que você chora? —quis saber Nanna.

Noah lhe responderia: não suportava ocultar nada mais. Já escondiam muito dele para que também tivesse que ocultar-se da mulher que o aceitou com tal abandono. Entregou-se a ele sem contemplações, por sua plenitude e sua renúncia a levar o controle.

—Desde que me lançou a adaga que Freyja te deu de presente, não posso dormir bem. Tenho pesadelos... Ouço vozes. Mensagens que não posso decifrar, como se alguém me falasse ao ouvido. Em meus sonhos me matam. Morro queimado. E cada vez que fecho os olhos, passo por essa agonia uma e outra vez.

Ela não moveu nem um centímetro de seu corpo. Ficou estática, sepultada sob o peso de Noah.

—Tive esse mesmo sonho. Sonhei que o queimavam. E eu... Eu não podia deixar de chorar. Não... Não o entendo. Era como se me arrancassem a vida. Ao vê-lo ali...

—Eu tampouco. Mas antes...

—Sim?

—Antes tive outro sonho. Estava sob a árvore das maçãs deldúnn, no Asgard —explicou Nanna.

—O Asgard? —repetiu assombrado, com o olhar perdido e a mente mergulhada na lembrança dessa mesma visão. Assim que aquela era a árvore mitológica que oferecia maçãs imortais por parte da mulher de Bragi.

—Sim... Estava com você. Mas você era diferente. Não tão forte nem tão grande. Parecia um príncipe... —sussurrou tocando os lábios com os dedos— Me pedia que...

—Se casasse comigo —finalizou Noah, aturdido.

Ela afirmou porque não soube que mais dizer.

Os dois estavam perdidos. Por que essas visões de umas vidas e um tempo que não recordavam?

—Você tampouco foi como é agora —reconheceu ele.

—Ah, não?

—Não.

—E como era?

—Mais... —A olhou de cima abaixo, embebendo-se dela— Era... mais humana. Sem orelhinhas bicudas. —As tocou com cuidado— Nem presas, nem raios, nem olhos vermelhos...

—Você não era um berserker. Era muito normal —admitiu com o cenho franzido— Belo e arrebatador como agora, sim. Mas não era um guerreiro.

Noah passou a língua sobre o pescoço marcado da valquíria. Teria sua dentada sempre. Sentiria-o ali eternamente. Graças a essa marca, poderia excitá-la com um só pensamento. O sinal palpitaria quando ele estivesse perto, e sempre estaria disposta para ser possuída.

—Quanto momento passamos aqui? —perguntou com voz sonolenta.

Acariciou-lhe as costas nua e olhou para o orifício de saída. Havia pássaros voando em círculo no interior. Eram como morcegos. A claridade ainda iluminava a caverna, sinal de que continuava sendo de dia, e a neve continuava caindo com parcimônia.

—Ainda é de dia —respondeu ela— Passou-se algumas horas. Não mais.

Ele inspirou profundamente, como se assim quisesse ler tudo sobre ela e resolver todos os mistérios a seu redor. Mas só detectou o aroma de sua kone e sua marca.

—Quem é você, heim? —perguntou começando a balançar-se de novo em seu interior— Eu jamais estive no Asgard. Que vida é essa que me mostram os sonhos?

—Sou Nanna. E você? —Soltou um gemido— Quem é você? Eu nunca estive noiva nem casada. Sou guerreira. Nasci guerreira. Talvez o caldeirão das almas nos uniu de novo. É nosso destino estar juntos.

Noah se apoiou nos cotovelos. Então, com a sinceridade do que se sabia perdido na vida, disse:

—O caldeirão das almas —repetiu, incrédulo— Porra, valquíria, não tenho nem ideia de quem sou.

Seus olhos tinham recuperado sua cor amarela animal e divina. O êxtase das ninfas desapareceu. Tinha queimado sua ansiedade no corpo daquela esplêndida e bela valquíria em que estava sepultando-se de novo.

—Bem. Então, descobriremos juntos, de acordo?

A lembrança do sonho o incomodou. Se esse era seu futuro, se Nanna sofria e corria aquele destino, então o melhor seria afastá-la dele. Mas não se sentia capaz...

Nanna o atraiu para ela e o beijou com paixão.

—De acordo? —repetiu, insegura— Me prometa isso.

—Sim. —Noah sabia que estava mentindo.

—Não quebre sua palavra outra vez.

—Não —assegurou ele— Faremos isso juntos. Nanna?

—Mmm? —O prazer e o formigamento formava redemoinhos em seu útero, e começava a deixar-se levar por sua energia.

—Marquei você.

—Sei. —Sorriu satisfeita.

—Sinto ter sido brusco com você... Não podia me controlar.

—Brusco? —disse ela mordendo no ombro dele com força— Eu também tenho presas, lobo. Deixe-me te dizer que você também está marcado. E, além disso, tem umas asas lindas nas costas..., lembrança de nosso estranho *kompromiss*. —Repassou-as com os dedos.

—Eu gosto delas —ronronou, adiantando seus quadris e metendo-se até o punho.

—Argh...

—Direi o que vamos fazer —explicou enquanto fazia amor com ela— Vou enchê-la uma vez mais com minha semente; depois, vamos entrar em contato com o engel. Vamos ajudá-lo a destruir essa sede da Newscientists, a última fica em pé. Alista-se a uma batalha?

—Alisto-me ao que seja que signifique destruição —disse ela com um sorriso.

—É uma destruidora? —perguntou-lhe, dando uma leve mordida na orelha bicuda.

—Sim, o que você quiser...

—Perfeito. —pôs-se a rir ao ver quão manejável era Nanna quando faziam o amor. Sentiu-se feliz.

Podia apaixonar-se por uma mulher que mal conhecia?

Aparentemente, o pouco que sabia de Nanna adorava, mas de verdade era o amor tão fulminante entre companheiros? Por que sentia tanta conexão com ela? O que era o que provocava, além do instinto, aquela ansiedade por tocá-la e desfrutá-la?

Estava se apaixonando? Estava apaixonado já? Por que sentia que tudo entre eles era tão autêntico quando? Nanna não tinha reconhecido que se sentisse atraída por ele.

E, mesmo assim, sua companheira o aceitava. E não havia maior felicidade para um homem como ele. Com sua alma gêmea ao lado, não existia solidão alguma.

Entretanto, em uma parte importante de seu coração, o temor ganhava muito terreno.

Temor de que alguém apagasse a luz daquele quarto calidamente iluminado que lhe tinha presenteado a valquíria.

Nanna convocou os raios para sair dali. Agarrou-se a um fio elétrico e Noah se agarrou a ambos.

Para o berserker era fascinante tocar algo cheio de eletricidade e não sentir nada. Era maravilhoso ter uma companheira que curasse suas feridas e acalmasse a dor.

Quando emergiram pelo orifício da montanha e observaram o mundo do topo do Galdhoppigen, tiveram a sensação de que só existiam eles dois. Parecia que o mundo estava à espera que alguém acabasse com ele. Era tão belo e ao mesmo tempo tão frágil que, se alguém não o protegesse, Loki faria uma massa de pedra, mar e natureza.

Sem dúvida, se a guerra chegasse e o Ragnarök explodisse, como tinha acontecido na Irlanda e Escócia, aquele reino inspirador de lendas e repleto de magia oculta, converteria-se em um campo de batalha.

No horizonte, a consideráveis quilômetros de onde estavam, chamou-lhes a atenção um funil de nuvens inusualmente negras entre aquele mural branco e denso que formava o céu nórdico. Traziam chuva, pois as nuvens tormentosas se apagavam como aquarelas.

—Acha que são elas? —perguntou Noah, abrigando-a, escondendo seu valioso *brisingamen* atrás do tecido acolchoado e lhe abotoando o pescoço do colete.

A valquíria estudou a forma cuneiforme do funil e a quantidade de trovões e raios que o formavam, enrolando-o como se fossem serpentes.

Não tinha nenhuma dúvida, mas o melhor era assegurar-se.

Nannanaaooarece:

O funil de nuvens negras e relâmpagos que vejo no horizonte são vocês?

Rota, a Selvagem:

Não. É Santo Claus e suas renas. Onde está?

Bryn, a Selvagem:

Asynjur! Vem? Vamos encontrar esse edifício dos horrores e torrá-lo.

Nannanaaparece:

O Jotunheim está repleto de trolls. E a cidade na qual nos encontramos está abandonado. Tomem cuidado, porque isto é um pomar de seres sobrenaturais. Havia Agonias.

Gunnyfásia:

Ttolls. Cheiro-os daqui.

Róta, a Má:

Agonias?! Essas porcas come-homens?!

Nannanaaparece:

Sim. Grandes vadias.

Bryn, a Selvagem:

Todas as cidades de ao redor deste lugar estão desabitados. Os humanos fugiram devido aos tremores e aos vulcões que começam a ativar-se. Dentro de nada será uma zona zero.

Rota, a Má:

Venham ao topo! Ao final da estrada! Divisamos um edifício semioculto pela pedra da própria montanha. E é o único nesta maldita montanha de trolls. Deve ser a última sede. Estamos descendo!

Nannanaaparece:

Vamos para lá *info fraco*.

Rota, a Má:

Info o que?

Gunnyfásia:

Asynjur, Nanna!

Nannanaaparece:

*ipso facto

Bryn, a Selvagem:

Hahahaha. Asynjur!

—Sim, são elas. —Nanna guardou o telefone em sua pochete e olhou para Noah, pigarreando— Temos que ir até lá. Levo você?

Ele pareceu avaliar a situação. Se queria ajudar Gabriel e ao resto, tinha que utilizar o transporte elétrico de sua companheira. Ele poderia correr, é óbvio, mas demoraria um pouco

mais em chegar até ali. E, certamente, não tinham tempo. Já tinham perdido muito por culpa da invasão das agonias, embora ao final Ihe tinham feito um maior favor com Nanna.

—Faria-me uma maior honra —respondeu, agradecido.

Nanna abriu os olhos como pratos e sorriu de orelha a orelha.

—Não se incomoda?

—Não. Por que deveria? As valquírias têm raios. Eu sou muito rápido e dou saltos voadores, mas não controlo as tormentas nem posso cortar distâncias com sua facilidade. Não me importa me pendurar em você.

Nanna levantou uma de suas sobrancelhas e sorriu.

—Está caído por mim —cantorolou meneando os quadris.

Noah se pôs a rir e a olhou como se estivesse louca.

Ela se deteve, deixou de brincar e o olhou de frente:

—Não imaginava que um homem tão viril como você fosse tão permissivo com estas coisas —se justificou— Já sabe —elevou a mão e um raio caiu sobre ela, rodeando seus dedos como lambidas. —, os berserkers são muito rudes, muito... machos. — bateu no peito, imitando um gorila.

Noah a segurou pela cintura e se colou a ela, rodeando-a com os braços.

—É tão guerreira quanto eu —reconheceu sem um ápice de dúvida ou vergonha— A virilidade de um homem não se apoia em sua galhardia ou em como tem o pênis grande. A virilidade de um homem —enterrou seus dedos dentro do pescoço de seu colete e tocou a dentada que tinha gravado em Nanna— se demonstra quando, precisamente, não tem que fazer nada para demonstrar o que é. Quer o controle? Eu Ihe cedo isso.

Nanna se estremeceu quando a tocou nesse lugar, tão íntimo agora.

—Obr..., obrigada.

—Além disso, eu sou dos que prefiro te demonstrar que sou um homem de outra maneira.

—Como?

Seus olhos amarelos clarearam.

—Na cama, princesa. Debaixo de mim, em cima, como você desejar... Mas aí mando eu.

Ela engoliu em seco e se avermelhou.

Ter vergonha a essas alturas era algo incompreensível, sobretudo depois do sexo que tiveram no interior da gruta das agonias.

Mas, mesmo assim, avermelhou, porque, ao tocar sua marca, umedeceu-se de novo entre as pernas.

—*Asynjur!* —gritou, levando Noah com ela através dos céus, enquanto este ria roucamente, pois sabia que a deixava muito nervosa.

O engel, Miya, o Samurai, Ardam das Highlands, Róta, Nanna e Bryn o deixavam muito claro.

De nada servia agir com sutilezas quando o mundo começava a cair. Revelados os segredos, quando se sabiam as forças de cada um, a luta cara a cara era iniludível. Estavam decididos a acabar com essa sede e a deixar Newscientists sem nenhum ponto de apoio na Terra.

Sua última sede estava em Rauma, no alto do mirante ao que conduzia o final da estrada. Dali, como desde quase todos os picos das montanhas nórdicas, havia uma visão espetacular da estrada levantada cheia de curvas, assim como da cascata que caía pela ladeira da montanha: chamavam-na Stigfossen.

Gabriel tinha visitado a Noruega uma vez, quando humano. Um amante da mitologia nórdica como ele não podia perder aquela paragem. E não o perdeu. Graças aquilo tirou diploma no crédito universitário sobre mitos e lendas da Escandinávia.

Entretanto, tampouco duvidaria agora em afundar parte dessa majestosa montanha se com isso eliminava o último reduto da Newscientists.

Não hesitaria.

Mizar O'Shane lhe pediu que destroçasse qualquer acelerador que encontrasse naquela superfície, se o havia. Depois de fundir o que queria utilizar Hummusem St. Peter Churchem Amesbury, tinham claro que os cientistas da organização tentariam trabalhar em um novo. E não demorariam para construí-lo, pois sabiam que os pontos eletromagnéticos se tornaram loucos e eram portais potenciais a outros mundos. Se levavam o acelerador a algum desses lugares e o punham em funcionamento, formaria-se uma porta dimensional.

A Newscientists queria abrir as portas a outros mundos, mas para destruir o que habitavam. Que ele tinha habitado durante seus anos humanos.

E não o permitiriam. Ele lutaria até as últimas consequências para evitá-lo, porque, embora parecesse mentira, continuava acreditando nessa terra que uns e outros queriam para si.

Uma terra que nem sequer era do ser humano, embora, imoralmente, tentasse fazer o impossível para possuí-la. Não obstante, ninguém possuía nada.

Assim, enquanto caíam do céu e divisavam o edifício oculto no alto da estrada, chamada a Escada dos Trolls, todos tinham chegado à conclusão de que não iam se apresentar nem iam lhes dar a oportunidade de que seus sistemas os reconhecessem ou os detectassem.

Atacariam. Destruiriam como eles faziam com tudo o que tocavam.

Nessa organização trabalhava a estirpe humana mais ambiciosa. Os mais inteligentes, os mais vendidos, aqueles que utilizaram seus conhecimentos para o mal em vez de o bem; aqueles que trabalhavam para rebater o poderoso, para dar dons divinos a seres que não estavam preparados, seres como eles mesmos.

Sim. Eram humanos os que manipulavam seus computadores e suas provetas.

E eram humanos aos que iam castigar.

Em outra época, pensar em aniquilar teria resultado incômodo. Mas todos, inclusive as valquírias que viajavam com ele, haviam sido humanos em algum momento. E sabiam por que lutavam e para que. No Asgard, sua evolução tanto física como mental, demonstrou-lhes que o ser humano era fraco, um pária, um parasita.

Havia algo que ainda flutuava em sua superfície, como uma capa de invisibilidade que não os deixava ver o que eram em realidade. Uns o chamavam medo; outros o chamavam ignorância. E essa capa não deixava que brilhassem, tal e como Odín e outros deuses queriam.

E tanto uma como outra capa deviam ser erradicadas. O primeiro era lhes fazer ver que a mortalidade não devia assustá-los: todos morriam em um momento ou em outro, por isso a vida

era tão bonita. O segundo, dando conhecimentos que desenvolvessem seu potencial emocional para chegar a crescer a outros níveis.

Mas nem desejavam aceitar que morriam nem queriam morrer. E isso os levava a atuar contra a natureza. Queriam o mesmo que os seres imortais que os protegiam.

Como na Terra não ensinavam nem um conhecimento nem o outro, o humano era o que era. Assim se tinha convertido no que se converteu.

Acreditavam que rezando e orando a um deus já eram bons. Mas a bondade e o crescimento não dependia do deus no qual acreditasse, ao que se entregasse por medo a ficar sem céu.

la muito além de tudo aquilo.

O engel e outros estavam decididos a eliminar a qualquer um que houvesse sob os tetos desse edifício. Eram plenamente conscientes do que faziam e da muito valiosa informação que ocultavam ao resto dos mortais.

E valquírias e einherjars lutavam por salvar seu planeta, e por ajudar a sobreviver àqueles humanos que sim valessem a pena. Mas esses não o mereciam.

Enquanto isso, nessas terras tão lindas como uma princesa de gelo, não faziam seleção alguma.

Não nessa área.

Não nesse lugar.

—Agora! —gritou Gabriel assinalando a sede com suas duas espadas, desafiantes.

As valquírias lançaram seus raios com força contra o edifício. As explosões não se fizeram esperar.

O vento aumentou com força. Os trovões os rodearam e os acompanharam em seu ataque. O clima ficou de seu lado.

Entretanto, o que não imaginavam era que, ao tentar invadir o topo, os arredores da montanha se encheriam de jotuns. Trolls, lobachos e nosferatus que protegeriam aquele último elo.

E, sobretudo, pessoas.

Havia milhares de pessoas. Recém transformadas.

Um exército de vampiros neófitos, dispostos a brigar pelo deus que os tinham convertido.

As pessoas das cidades dos arredores não tinham fugido nem pelos tremores nem pelo despertar dos vulcões. As pessoas foram atraídas àquela montanha para serem convertidas em servos e proteger a Newscientists, ou o que fosse que albergava aquele lugar.

CAPÍTULO XVI

A fumaça dos incêndios se elevava para o céu e dificultava a visibilidade. Mas quando a espessura negra se dissipou, Noah e Nanna observaram que o que havia no pico daquela montanha nevada era uma autêntica batalha campal.

A neve se tingia de sangue negro e espesso.

Os einherjars degolavam cabeças e arrancavam corações. As valquírias eletrocutavam sem compaixão.

Ardam era um animal, um aniquilador.

Miya, elegante e letal com sua espada.

Gabriel utilizava as suas como se fossem tesouras.

—Pelos deuses. —murmurou Nanna agitando suas *bues* com rapidez. — Prepare-se, Noah! Vamos nos deixar cair!

Ele assentiu e se soltou do fio, descendo em queda livre a mais de cem metros de altura. Transformou-se no ar e esperou que suas botas tocassem o chão; quando o fizeram, tirou seu *oks* e enviesou as cabeças de dois vampiros de repente.

Nanna armou seu arco e suas flechas e começou a disparar a torto e a direito.

Como venceriam a toda aquela multidão?

Bryn e Róta lutavam costa com costa sem se separar, rodando ao mesmo tempo, girando em círculos e disparando tantas flechas como podiam. De cinco em cinco! De dez em dez!

— À sua esquerda, Róta! —ordenava a Generala.

Róta a obedecia. Sincronizadas como duas bailarinas, executavam os mesmos movimentos.

De sua parte, Gúnnr se mantinha no céu com suas asas desdobradas de cor vermelha, lançando seu martelo em qualquer lugar e aniquilando qualquer assassino voador que se aproximasse dela.

Nanna observou suas lindas extensões que saíam de suas costas com essas formas tribais inverossímeis. Pareciam asas de fogo, cortantes para aquele que ousasse tocar algo tão divino.

Pensou nisso. Ela tinha as costas marcadas com as mesmas asas. Por que não podia abri-las?

Na caverna onde Noah por fim as fez surgir, desenhadas em sua pele ao longo de cada lado da coluna, daquelas espetaculares costas dignas das melhores e mais duras cargas. Era pensar no Bengala e sentia que suas pernas voltavam a tremer...

Era fácil aceitar que se era fraca por alguma coisa. E quem não seria tendo a esse espécime ao lado? Tão alto, tão bondoso, tão...

Zás!

Suas asas se abriram e se expandiram, insolentes e belas como as de uma mariposa dragão. Nanna virou a cabeça para admirá-las.

A luz que irradiavam iluminou seu rosto. Moveu-as de um lado pro outro, e se encontrou planando no alto como fazia Gúnnr.

As valquírias a viram e elevaram seus punhos, sem deixar de cobrir seus perímetros.

“*Asynjur, nonne!*” gritaram ao mesmo tempo.

Gúnnr se colocou ao lado de Nanna para informá-la de como estavam as coisas.

— Lindas asas, Nanni! — piscou um olho chocolate.

— Obrigada! Não sei como se abriram!

— Ah, é fácil. — Sorriu, sem perder de vista seus inimigos. — Pense em seu einherjar e flás!

Elas se abrirão de repente. Bom, em seu caso, o que é Noah?

Nanna olhou para Noah, que junto ao highlander e ao samurai não deixavam nenhum não morto com vida, por estranho que soasse.

— Noah é...

— Um einjerker? Um berserjar?

Nanna negou com a cabeça.

— Noah é simplesmente meu. Meu companheiro. — sentenciou, impressionada por como se movia.

— Fico feliz! Mas se quer continuar desfrutando dele terá que matar a todo esse enxame aí embaixo. — Assinalou a terra sob seus pés. — Todo o topo está infestado! — explicou a Nanna, lançando raios enquanto seu martelo dava voltas e arrasava os corpos de seus adversários. — Ardam e Miya se encarregaram de arruinar todo o edifício por dentro. Está em chamas e as explosões internas pouco a pouco criarão fortes desprendimentos de rocha. Destroçaram mais três aceleradores que tinham carregados com ósmio. E desfizeram a maquinaria que deixava pronta a terapia Stem Cells. Mas, ao sair — levantou a mão aberta e o cabo do *Mjöltnir* chegou a ela; lançou-o de novo a um grupo de três vampiros que voltavam a se aproximar —, encontramos com este exército.

— Mas se a maioria é humana! — gritou Nanna.

— Não são! — assegurou-lhe Gunny com voz de aço. — Não mais. Eram os cidadãos das cidades ao redor do Jotunheim. Atraíram-nos e os converteram. Agora só respondem às ordens de Loki. Já não há traço de humanidade neles, assim não seja frouxa e torre-os.

Aquilo pareceu uma aberração para Nanna. Os neófitos eram mortais sem nenhuma capacidade de lutar. De acordo que ao serem transformados em vampiros, multiplicavam suas capacidades físicas, mas estava claro que só agiam como cães de caça; sua única finalidade era entreter e morder. Não sabiam fazer nada mais.

— E por que podem caminhar e voar sob a luz do sol? — Nanna atravessou as cabeças de mais dois vampiros com suas flechas elétricas.

— É pela terapia. — respondeu. — Abaixo tinham provetas cheias de regeneração celular. Uma espécie de “código de juventude” que os fazem mais fortes. Durante muito tempo obtiveram sangue de híbridos como Aileen ou Johnson... Há algo nela que permite que os nosferatus não se queimem sob a luz solar. E acreditam que continuam havendo muitos mais como a neta de As. Gabriel obteve relatórios de guerreiros híbridos e clonados nos computadores do edifício. Muitos

deles estão no campo de concentração que têm na Bulgária. É como uma grande comunidade de sequestrados na cordilheira dos Cárpatos. Aparentemente, ali há muitos...

—Tantos quanto as crianças perdidas que a Escolhida libertou de Capel-Le-Ferne?

—Mais. Muitos mais.

Gunny retirou a franja dos olhos, que se tornaram avermelhados quando um dos vampiros tentou atacar Nanna pelas costas. Entretanto, a excelente guerreira de cabelo trançado se virou e afundou a mão no peito da mulher que vinha pegá-la.

Quando a olhou nos seus olhos sanguinolentos, a vampira piscou confusa como que dizendo: “Mas eu não era imortal?”

Nanna negou com a cabeça enojada e arrancou seu coração. A vítima caiu no abismo, cordilheira abaixo, desintegrando-se pouco a pouco. Tal como fez o coração na mão de sua assassina.

—Não tenha compaixão. —sussurrou a Nanna, que sabia das novas sensações de sua irmã. — Não há nenhuma faísca de humanidade neles. O vampirismo é como uma enfermidade, Nanni. Apodrece-lhes o cérebro e arrebatava a consciência. São servos do Trickster. Não há mais. — Carregou seu martelo de novo e o lançou contra outro grupo de vampiros.

Não era fácil trocar de papel, pensou Nanna. Ela recolhia os mortos, não os matava. Agora devia exterminar a seres que fisicamente estavam vivos, embora sua condição tinha que colocá-los em interdição.

Um deles, por suas roupas, certamente fora o mecânico da cidade. Outro era policial. Três adolescentes vestidas estilo Barbie escocesa se lançaram por ela. E um vândalo que já não necessitava bengala lambia suas recém-descobertas presas amareladas.

Nanna não pôde evitar sentir um pouco de pena. Aquele era o destino do ser humano?

Armou seu arco, esticou a corda e colocou três flechas sobre ela.

Estendeu o braço esquerdo adiante; o direito segurou as flechas até colocá-las quase à altura de sua orelha.

Não devia ter compaixão, já não havia nada puro neles.

Zás!

No Midgard haveria três Barbies escocesas a menos.

Noah levantou o *oks* acima de sua cabeça e gritou como um animal.

Que viessem atrás dele. Esperava por todos.

Levava a guerra em seu DNA. Sempre gostou das brigas. Embora tentasse evitá-las, como último recurso se devia lutar. Então era o primeiro na fila.

Nas brigas sempre brigava junto a Adam. Nesse momento, ele não estava ali fisicamente, mas o certo era que o sentia ao seu lado.

Sua tocha carregava parte de seu espírito. Era como se em cada golpe e corte preciso que executava, o *noaiti* segurava parte de seu cabo.

Seu amigo de alma, seu irmão. Jamais falhou com ele. E jamais o faria.

Ardam o olhava, assombrado.

—E me chamam exterminador! É um sacana açougueiro, Bengala!

Noah sorriu. Tinha o rosto cheio de sangue de jotun e pedia mais. Exigia mais.

A Valquíria não tinha entregue o *chi*, mas fazer amor com ela lhe deu forças. Transbordava de energia.

Sentia-se capaz de acabar ele sozinho com todos os monstros que assolavam Rauma. Mas sabia que devia moderar sua euforia.

Nanna lhe deu tanto em tão pouco tempo que parecia incrível ter sobrevivido sem ela durante tantos anos.

—Menos mal! Porque estou até o pau com o bailarino japonês! — Assinalou Miya, que com movimentos secos e premeditados vestido todo de negro como Ardam, movia suas espadas como se fossem leques, sem erros, sem fissuras e acertava justo onde deviam acertar sem se distrair.

—Para você a tortura é uma arte, escocês! Para mim a arte é matar sem que o outro saiba que morreu!

Miya estreitou seus olhos prateados, agachou-se e elevou a espada de frente para trás, para cravar a ponta da katana no coração de um lobacho, cujas fauces estavam a ponto de atravessar seu pescoço. Depois retorceu a lâmina; o lobacho revirou os olhos. Com um movimento rápido e quase imperceptível para o olho humano, Kenshin se virou, colocou a mão no peito do monstro e tirou seu coração, como quem tira uma penugem incômoda na roupa.

Belo grupo.

Um einherjar highlander, um vanirio samurai e o líder do exército de alados de Odin, que não era outro que o príncipezinho Gabriel, um humano cuja sabedoria e cujos conhecimentos de estratégia foram um ponto a favor para todos os guerreiros.

E ali estava ele, um berserker em busca de sua identidade lutando junto a eles como se pertencessem ao mesmo clã.

De fato, se olhar bem, em uma guerra como essa só havia dois clãs: o do bem e do mal.

E embora ambos faziam o mesmo (matar uns aos outros), os objetivos eram bem diferenciados.

Uns utilizariam a exterminação para salvar o Midgard de uma praga infestada de maldade sobrenatural.

Os outros exterminavam para arrancar à espécie humana esse suposto valor que os deuses admiravam neles: a esperança, a salvação e a redenção.

Acabavam de cortar uma mão de Miya.

Assim sem mais. Um lobacho mordeu seu antebraço quando tentava elevar sua chokuto para enviesar o braço que segurava o pé de Róta.

A valquíria gritou com horror ao ver o que o lobacho fez a seu einherjar. Foi para o monstro e lançou um raio tão potente que o deixou chamuscado no final de apenas uns segundos. Quando estava carbonizado, agarrou a espada chokuto de seu vanirio e separou a cabeça lupina do corpo.

Miya tinha o braço colado ao peito e não deixava de sangrar.

Ambos se olharam com preocupação, já que os jotuns não deixavam de chegar e eles eram somente oito. Oito frente a milhares. É certo que a maioria deles não eram peritos na guerra, mas suas dentadas, seus arranhões e seus golpes se deixavam notar, doíam.

—*Oni*, não sei se sairemos desta... —disse o samurai, atraindo-a para si.

— Não me venha com essa, Kenshin. — advertiu-o Róta. — Uma mão vai te fazer falta, mas é impossível que alguém daqui seja melhor guerreiro que você com sua katana. Assim me faça um favor: lute.

— Eu luto, mas você faça o mesmo. — afastou-a e deu um chute na cara de uma mulher vampiro com roupa de padeira que se aproximava deles.

Os dois levantaram o olhar para o céu branco, pintalgado com nuvens tão negras e espessas como seu futuro nesse momento.

Havia tantos vampiros no alto que pareciam nuvens de moscas.

Como pensavam que iam sobreviver?

Os nosferatus se fortaleceram com as terapias. Os lobachos, uns selvagens desumanos e depois estavam os trolls.

Uma dentada deles o deixava fora de combate rapidamente. E o pior era que, embora quisessem se retirar, não os deixavam.

Bryn e Nanna se aliaram para juntas eletrocutar a todos os trolls que assolavam as montanhas. Mas não podiam. Matavam e depois como por arte de magia, reproduziam-se de novo. Apareciam novos batalhões peludos escalando a montanha rochosa.

Gunny tentava convocar uma tempestade para sair dali, mas tinha tantos vampiros ao redor que era incapaz de se livrar deles. O martelo ia e vinha, mas não acabaria com todos.

Gabriel estudou a situação.

Era uma retirada.

Sabiam que o último reduto da Newscientists se converteria também em um buraco negro, uma viagem sem retorno para aqueles que fossem destruí-lo. Por isso estava povoado de jotuns.

O primeiro exército sombrio de Loki, depois dos etones e os purs de dentro da terra, apresentava seu avanço em terras norueguesas. E só era um das muitas que teria aquele deus vigarista.

Milhares de monstros corriam pelo descampado coberto de neve. Avançavam para eles com garras e dentes. E o problema é que eles, os bons, não chegavam nem a uma dezena. Eram somente oito.

Oito excelentes lutadores contra milhares de monstros malucos e inexperientes no combate frente a frente, mas igualmente incômodos.

Ardam arrancava cabeleiras. Ao seu redor tinha um cerco de cabeças que delimitavam seu perímetro. Qualquer um que entrasse ali, acabaria com o corpo separado em dois. Mas se entravam de quatro em quatro, a façanha se complicaria muito mais.

Acabavam-se as forças. As feridas cada vez eram mais graves.

Noah corria com sua tocha na mão e arrasava com tudo o que cruzava pela frente; entretanto, nem seu arrojo nem sua força seriam suficientes.

Talvez nunca pudessem sair dali.

E era seu dever, como líder dos einherjars, encontrar um modo de sobreviver.

Talvez alguns perecessem. Mas havia alguém que devia sair com vida dessa situação.

Aquela não era sua luta. Ele não tinha por que estar ali metido.

Noah era alguém especial para os deuses. Não tinha nem ideia de quem podia ser, mas Gaby não esquecia a profecia do noaiti.

Fosse quem fosse o berserker, ele teria relação direta com o Ragnarök.

Gabriel correu para ele, golpeando e afastando a todos os vampiros que se jogavam sobre ele.

—Noah! —gritou.

O corpo de Hummus, separado do centro da batalha, observava o que estava acontecendo.

Não havia nada do anterior inquieto. Aquela era a essência pura de Loki em seu interior. E parte do que restava de Hummus nesse recipiente, agradecia-o, porque era seu pai quem o havia possuído. E se sentia poderoso. Ele era o “poder”.

—Não quer ser dos meus? Não quer que te leve para casa? —perguntara Loki de seu cárcere. — Então retorça a adaga sobre seu coração e deixe que eu ocupe seu corpo. É o único modo que tenho de sair daqui, por ora: romper o cárcere de cristal e retornar fisicamente levará um tempo.

—Mas morrerei para sempre? —tinha perguntado ele, cravando centímetro a centímetro a adaga divina em seu peito.

—Viverá em mim. Não acha que não há melhor presente que esse? Sou seu pai. O único que o aceitou. O único que viu que o que se fez com você foi injusto. Fui eu quem te tirou o véu dos olhos, não é? Graças a mim pôde ver.

—Sim, é verdade.

Elefoi o filho castigado de Odin: o banido, que não quiseram por ter cometido um terrível pecado contra seu irmão. Na realidade, se soubesse que aconteceria o que aconteceu, jamais o teria feito.

Entretanto, o castigo foi imerecido, muito cruel.

Loki o ajudou a se salvar. Seu pai acreditou tê-lo matado, mas na realidade foi Loki quem o salvou e deu uma segunda oportunidade de viver, com o que evitou que sua alma imortal desaparecesse. Deu-lhe a vida que tinha no Midgard.

—Agora retorça sua adaga, relaxe e me deixe entrar. —disse Loki através do gelo.

Hummus podia ver seu corpo imóvel através das camadas e camadas de água gelada. Ele estava ali. Jamais o tinha visto. Mas estava ali.

— Retorça-a agora ou não poderei cumprir minha vingança. —repetiu Loki com voz implacável. — Agora!

Hummus se sacrificou e decidiu morrer para que Loki tomasse conta de seu corpo e de sua mente.

E agora era ele quem estava em pé sobre os restos do topo a que se chegava através da escada dos trolls. Hummus continuava ali de algum modo, mas era Loki quem mandava.

E o panorama daquele lugar era tão apocalíptico e terrível como ele gostava.

Sim. Sim, senhor.

Era justo o que ele esperava. Era exatamente o que queria.

Os guerreiros de Odin, conhecedores desse último conclave científico na Terra, iriam atrás dele. Tentariam destruir suas instalações sem saber que nessa parte do mundo eles eram mais.

Mais numerosos. Mais ansiosos de sangue e de vingança.

Mais protetores. Sabedores de que ele, seu deus, achava-se justo em algum lugar daquele país, sob o gelo, esperando sair.

Agora o feitiço de seu cárcere já se quebrou. Tinha conseguido. Seu plano, com muitas dificuldades, seguia adiante.

Mas era ele quem pisava no Midgard. E não Odin. Aquele mundo era de sua propriedade, sempre foi.

E demonstraria isso. Mas antes devia resolver o enigma daquele guerreiro loiro, pois não sabia até que ponto poderia incomodá-lo. Tinha que tirar do meio qualquer contratempo que pudesse surgir.

Aquela bela terra estava infestada de seus filhos. E talvez os einherjars e o Menino Perdido pudessem ir ali e acabar com tudo, mas eles se assegurariam de acabar com suas vidas.

Os humanos o chamavam “danos colaterais”. Para obter um objetivo às vezes se devia sacrificar algo.

Hummus inclinou a cabeça. Seus olhos cinza, entrecerrados, observaram atentamente esse ser que irradiava uma energia estranha, sobre-humana. Sua adaga *guddine* se esquentava e o assinalava.

Não havia dúvida. Não havia perda.

Era Noah Thöryn, o protegido de As Landin.

Quem seria na realidade? O que seria?

E por que não o reconhecia?

Era um semideus! Disso não havia dúvida!

Mas era um berserker. Suas presas, seu cabelo comprido loiro esbranquiçado, seus músculos super desenvolvidos. Não era um puro filho dos deuses.

Os deuses não tinham essa complexão, exceto os destinados à guerra como Odin, Thor e Tyr.

Então, quem diabos era? De qual desses deuses era filho?

O corpo de Hummus deu um saltinho e desceu da rocha negra e cheia de neve em que estava.

Ele descobriria em seguida.

—Vá embora daqui. Leve Nanna. — ordenou Gabriel, costas com costas com Noah.

—Como diz?! Não! Nem pensar!

—Noah, somos um elo a mais no Midgard. —Gabriel lutaria até morrer, igual a seus guerreiros, igual às valquírias. — Mas você tem algo a fazer. Vá embora daqui e faça-o!

Noah se virou e encarou o engel.

—Eu não abandono. —assegurou, desafiante como um lobo.

—Obedeça ao engel! —rugiu Ardam atrás deles. — Quase sempre tem razão! Agradecemos que tenha passado para nos saudar... mas deve ir! —Levantou um lobacho com suas mãos por cima da cabeça e o deixou cair até partir sua coluna com sua perna. —E leve Nanna! Com você estará a salvo. Juntos terão uma possibilidade de sobreviver.

—Não! —protestou ele.

—Por que não?! —Róta se levantou acima deles; juntou as pernas e golpeou um troll que ia atrás deles; afastou-o de seu cerco e fez com que se reunisse com sua manada. — Bryn! Aí! —A valquíria assinalou a nova manada que aparecia e lançou uma flecha para eles.

A Generala do ar eletrocutou-os com seus raios muito potentes. Era a mais forte de todas. Isso enchia Róta de orgulho.

Era sua irmã, porra! Viva Bryn!

—Obedeça ao engel! —repetiu Róta.

Noah olhou ao seu redor. Deixá-los? Nem pensar. Com ele teriam mais possibilidades. Era um guerreiro, como Nanna.

Além disso, não foi até ali para abandonar.

Foi ali para lhes pedir um favor e assim poder continuar a viagem sozinho.

—Nanna não pode vir comigo! —explicou a Gabriel com os dentes apertados.

—Por que não?

—Porque se vier comigo morrerá. Trouxe-a aqui para que a levem. Diga a Gunny que convoque uma tempestade. Partam daqui e a levem com vocês. Eu seguirei meu caminho sozinho.

—Faz um bom momento que Gúnnr tenta abrir um portal elétrico. Mas não pode. —Gabriel o agarrou pela lapela de seu colete. — Olhe sobre sua cabeça! Estamos no olho de um furacão de vampiros! Como acha que vamos sair daqui? Hein?! Pegue sua garota e parta!

—Não! Morrerá! Sei!

—Foda-se tudo, Noah! —rugiu Gabriel.

Ao ver que não ia obedecê-lo, deu um salto por cima de suas cabeças, abriu as asas e ele sozinho enfrentou ao enxame de nosferatus que se movia como um bando de pássaros no céu, dispostos a aniquilar Gunny e Bryn.

Nanna observava atentamente a discussão que tinha lugar na planície onde todo mundo matava a todo mundo, onde a neve se desfazia com o sangue quente dos mortos e dos servos de Loki e se salpicava com as feridas abertas dos guerreiros de Odin e de Freyja.

Gabriel elevou o voo como um anjo vingador e lutou junto a elas.

Nanna não parava de lançar raios.

Bryn queimava e atravessava com suas flechas a tudo o que podia.

Róta fazia o mesmo do chão.

Miya cortava e atravessava a todo aquele que se movesse a menos de dois metros de distância dele ou da valquíria de cabelo vermelho. E o fazia com uma só mão!

Ardam... Ardam parecia estar criando sua própria câmara dos horrores. Parecia que queria erigir uma montanha de mortos a seus pés. Seu próprio cemitério.

—Nanna! —gritou Gabriel atravessando as costas de um nosferatu. — Tem que convencer Noah!

—Do que?! —perguntou ela, que armou de novo o arco e agitou suas asas com força para manter-se em seu lugar.

—Não quer que viaje com ele!

—Como diz?!

—Que não quer que viaje com ele! E os dois são indivisíveis! Ele é seu einherjar! E você é sua valquíria! Se os ferirem, terão possibilidade de sobreviver com a *helbredelse*. Assim, qualquer que seja seu objetivo, devem alcançá-lo juntos!

Nanna ficou imóvel por um momento. Nem sequer as asas se moveram.

“Noah não a queria a seu lado?”

Não queria que viajasse com ele. Não queria que viajasse com ele. Não queria que viajasse com ele.

Não era isso que combinaram. Qualquer que fosse seu destino, deviam cumpri-lo juntos. E aquele cão loiro queria quebrar de novo sua palavra?!

—Ele disse isso?!

—Ele teme por você... Quer que a levemos conosco.

Nanna dirigiu seu olhar vermelho e enfurecido para seu berserker lutador e açougueiro.

—Ele teme por mim?! É uma merda!

—Sim... —respondeu Gabriel. — Vão embora daqui os dois. Nós distrairemos os jotuns. Pegue-o e o leve.

Ela fixou seu olhar em Gabriel.

— Eu não abandono minhas irmãs nem a meus amigos. —assegurou fulminando-o.

—Você também? —replicou Gabriel, esgotado. — Não me irrite!

Nanna deu de ombros. Bryn lançou um grito ao céu.

—Dê a ele seu castigo, Nanna!

Ela desdobrou as asas e se atirou rapidamente para o círculo de vampiros que rodeava Noah e Róta.

—E a mim ninguém abandona. —exclamou com voz grave e assustada.

Quando caiu com os pés na frente e um amontoado de fios elétricos rodeando seu corpo, os servos de Loki se afastaram assustados.

—Vamos! —ordenou Nanna a Noah.

O berserker franziu o cenho, surpreso de tê-la à sua frente.

—Não. —respondeu. — Proteja-se. —Colocou-a atrás dele.

—Para que? Para que me deixe?

Ele estalou a língua. Mataria Gabriel.

—Ardam! —O highlander se assustou ao escutar o tom maquiavélico de Nanna, cuja ira era bem evidente. — Pegue Noah e Miya e os leve para cima. —ordenou a valquíria.

Róta a olhou por cima do ombro e sorriu feliz de ter à louca de sua irmã ao seu lado.

Ardam assentiu, pegou Noah e ordenou a Miya que levantasse o voo.

—Vamos fritar a qualquer um que esteja pisando no chão. —disse Nanna a Róta.

Ambas se juntaram ombro com ombro, entrelaçaram suas mãos e se agacharam no chão. Depois encostaram a palma na superfície gelada e avermelhada. Seus corpos atraíram a energia eletrostática de tudo o que as rodeava.

Seus cabelos vibraram com o poder faiscante que emanavam de seus corpos.

Suas mãos e seus dedos se iluminaram. Uma onda expansiva percorreu toda a superfície, eletrocutando e paralisando a todo jotun ou seguidor de Loki que corresse para eles.

Róta jogou o cabelo sobre um ombro, convocou seu arco e disse:

—Porra, Nanna. É pior que um mata-moscas.

Nanna sorriu e respondeu:

—Agora começa a verdadeira extinção. Vamos atrás das baratas.

Quando as duas guerreiras utilizaram seus truques para deixar parcialmente imóveis e impotentes a todos os monstros de seu redor, Ardam, Miya e Noah retornaram a seus postos para decepar todos e cada um de seus inimigos.

Bryn, Gúnnr e Gabriel ficaram nos céus, ocupando-se da nuvem de nosferatus que cada vez se fazia mais e maior.

Era como lutar contra os habitantes de cidades inteiras. Havia milhares.

As flechas, as espadas, as mãos, os raios... Tudo valia para ganhar e vencer.

E em um canto, resguardado do caos e da destruição, Hummus levitava dois palmos acima do chão. Presenciava tudo na primeira fila.

Ele tinha visto chegar de longe o ataque das guerreiras da deusa Freyja.

Valquírias. Sorriu, pois sabia que o destino que correriam no Midgard seria horrível. Morreriam todas debaixo de sua bota ou debaixo do seu cajado. E morreriam chorando, agonizando de dor.

Noah estava alheio a tudo, entretido tirando corações de trolls e lobachos.

Esse seria seu momento, pensou Hummus.

Tinha ao semideus na mira: devia agir com rapidez.

Seus vampiros se encarregariam de comer literalmente a filha do Thor; aquela semideusa cuja réplica do *Mjölnir* trazia para seus jotuns o caminho da amargura.

Mas não lhe importava tanto como esse misterioso guerreiro que tinha diante de si.

Mataria-o como se matava um berserker: arrancaria a cabeça dele pela raiz.

CAPÍTULO XVII

Noah acabava de aniquilar a outro neófito quando sentiu uma queimação à altura da parte baixa de suas costas.

Aguçou os sentidos imediatamente.

Era sua adaga *guddine*, a mesmo que detectava a aproximação de um semideus e que o avisava como um alarme antirroubo.

Deu meia volta para ver o que acontecia.

A lâmina o queimou e tirou a adaga de sua calça.

O cabo, que tinha belas incrustações de pedras preciosas brancas e vermelhas, dava voltas e se retorcia em sinal de aviso.

E de repente, em um piscar de olhos, Hummus se materializou diante dele.

Os olhos cinza e o cabelo negro e solto do lobacho recordou-o a primeira vez que se viram nas cavernas de Chappel Battery. Mas desta vez, Hummus parecia mais fraco fisicamente, embora mais poderoso em presença.

Noah levantou seu *oks*, disposto a cortar sua cabeça e a brigar, tal como fizera com todos os outros.

Não trocava nenhuma palavra com ele. Mas então uma forte dor no peito o distraiu. Seu *oks* caiu ao chão.

Olhou para onde provinha a dor. Ver aquela imagem o impactou.

Hummus acabava de atravessar seu peito com seu punho. Inclemente, segurava seu coração.

Noah caiu de joelhos e o lobacho sorriu como um louco.

—Tem a energia de um deus, mas é um merda. Talvez Odin tenha deixado semideuses pelo Midgard, mas do que servem quando são tão fracos como você?

Noah cuspiu sangue pela boca. Piscou, confuso por não tê-lo visto chegar. Hummus foi tão rápido. Em um piscar de olhos plantou-se à sua frente e meteu a mão no seu peito, como se isso fosse tão simples como fazer um buraco na areia.

Hummus apertou o coração entre seus dedos, decidido a arreventá-lo, a fazê-lo explodir. Noah deixou sair um grito de angústia com tanta força que os guerreiros ao redor deixaram suas brigas por um segundo.

Nanna, depois de atravessar a dois neófitos com suas flechas, virou-se; sabia que esse grito não podia ser de outro mais que de Noah. Quando o viu ajoelhado diante daquele homem, seu mundo desmoronou.

Quem era aquele cara vestido com roupas negras e esfarrapadas que tentava submeter a seu Bengala?

Se arrancassem seu coração, o berserker morreria!

—Noah! —gritaram todos de uma vez, dispostos a lhe dar uma mão.

Entretanto, o lobacho levantou a mão e os lançou à outra ponta da superfície.

Hummus retorceu o coração com seus dedos. Estava disposto a matá-lo. Entretanto, Nanna, que estava do outro lado, lançou-se sobre ele. Deu-lhe um forte golpe nos joelhos e o atirou ao chão.

Noah deveria estar morto: deixou o coração dele como mingau, desfeito; entretanto, o berserker continuava vivo.

—Por que não morre, filho da puta? —rugiu Hummus do chão, lançando-se atrás dele.

Nanna ficou na frente dele para protegê-lo. Rodeou-o com os braços. Tinha o rosto cheio de lágrimas e os olhos vermelhos. Mostrava-lhe as presas como uma fera.

Hummus viu a imagem e pôs-se a rir.

—Ah... ora, ora... o berserker encontrou sua putinha eterna? —Assinalou-a com o dedo e indicou que se aproximasse.

Nanna não o obedeceria. Entretanto, aquele homem a elevou do chão e a fez levitar, arrastando as pontas de seus botas até chegar justo em frente dele.

—E o que temos aqui? —perguntou Hummus analisando-a de cima abaixo. — Uma valquíria apaixonada por um berserker... É isso? —Soltou uma gargalhada. — Eu fico espantado com as invenções dos deuses. Ele a marcou? — perguntou.

Ela cuspiu no rosto dele e olhou para outro lado.

Se havia algo que Loki detestava era a falta de respeito. Se soubesse quem era jamais teria feito isso. Teria se ajoelhado diante dele e teria suplicado por sua vida.

—Sabe que a dentada de um lobacho a uma mulher marcada por um berserker faz com que suas vísceras se contorçam e que quase morra de dor? Onde a mordeu, preciosa? No pescoço? — perguntou roçando sua bochecha com o nariz.

Noah jamais tinha escutado algo assim. Levantou-se com a mão no peito furado e uma dor que fazia com que seus dentes batessem e caminhou capengante para eles.

—Solte-a. — ordenou inclinando-se para um lado, a ponto de cair.

Hummus o ignorou.

—Digo “quase” porque sua companheira pode curá-lo em um momento. —deu de ombros. — Mas claro, você, Menino Perdido, já teria morrido, assim... Deixemos que esta beldade morra de dor. —Pegou Nanna pelo colete, abriu-o para mordê-la bem na marca que devia ter no pescoço. Mas então Hummus se ajoelhou e ficou completamente cego.

Todos os servos de Loki, lobachos, nosferatus, trolls e neófitos levaram a mão aos olhos. Não podiam ver nada.

Nanna se libertou de suas mãos. Noah, que pouco a pouco recuperava-se do mau trato ao qual foi submetido por Hummus, disse:

—É o colar! Não cubra o colar, Nanna!

A valquíria abriu o colete e continuou olhando para Hummus solenemente, decidida a acabar com ele de um momento para outro.

—Não vejo nada! —gritava Loki, que tentava escapar desse corpo. Mas aquela estranha luz que não cessava de brilhar o tinha desorientado, perdido.

Noah agarrou o lobacho pelo cabelo. Com a outra mão segurava sua adaga *guddine* que cravou na altura do seu coração.

—Matem a todos! —gritou o Bengala, que tinha as veias inchadas pela raiva e a fascinação. Foi quando Odin os transformou em berserkers, deu-lhes a fúria própria dos lobos sangrentos. E agora Noah estava mais furioso que nunca.

Hummus esteve a ponto de morder Nanna. Isso não o perdoaria jamais.

O berserker retorceu a adaga *guddine* no coração do lobacho.

—E você é um semideus? —repetiu no ouvido de Hummus. — Não entendo como Loki enviou semideuses tão fracos como você ao Midgard.

— Por... por que não pode morrer? —perguntou Loki no interior do corpo de Hummus.

Quem diabos era? Ele mesmo tinha tirado seu espírito do cárcere de cristal para pôr no de Hummus. Pretendia descobrir ele mesmo e assim, poupar surpresas desagradáveis. Mas não sabia quem era. Agora, se Noah o matasse, retornaria ao cárcere. Desta vez quando saísse dali, o que faria em breve, só teria esse corpo, mais nenhum.

Embora bem cuidadoso, o Ragnarök o merecia. Ver como o planeta parecia sob suas artimanhas seria o fim perfeito para um plano tramado fazia milhares de anos.

—Nerthus me disse que não se pode matar a alguém que já está morto. —Sorriu, soberbo.

O lobacho franziu o cenho. De repente, uma ideia incômoda cruzou sua mente.

—Não pode ser... —sussurrou com os olhos cinzas brilhantes, meio alienados.

—O que é que não pode ser?

—As posições mudaram. —sussurrou jogando espuma pela boca. —Desta vez... o assassino é você.

—E estou orgulhoso de acabar com você, escória. Loki fica sem sua última marionete.

Noah deu de ombros, afundou a mão no peito daquele jotun e tirou seu coração, que se acendeu em sua mão. O Bengala o deixou cair, enojado.

Hummus tinha morrido.

Mas enquanto Loki retornava à velocidade da luz até o cárcere de cristal que já não podia reter seu corpo físico por muito mais tempo, só tinha um pensamento na mente.

O Bengala acabava de matar seu irmão.

E era verdade que ele ficou sem sua marionete.

Por isso, da próxima vez que se encontrassem, seria ele mesmo quem acabaria com a vida de Noah. Agora sim sabia o que tinha que fazer.

Os guerreiros amontoavam os corpos e as valquírias os incineravam com seus raios.

O topo daquele monte da Rauma era um crematório, resultado de uma batalha que acreditavam perdida, mas que, surpreendentemente, tinha acabado com uma vitória esmagadora graças à intervenção de Nanna, a portadora do *Brisingir*.

Nanna não tinha trocado nenhuma só palavra com Noah. Sentia-se decepcionada e triste porque aquele homem tinha decidido render-se e afastá-la do seu lado, embora na caverna das agonias a fez acreditar no contrário.

A valquíria se esquivava dele. Evitava tocá-lo e olhá-lo, pois desconfiava de seus próprios impulsos. Estava desencantada pela atitude de Noah. Sentia tal frustração por não se saber indispensável para ele em sua viagem que só tinha vontade de gritar e de eletrocutar.

Por isso não cessava em seus raios e avivava as chamas inclusive quando já não era necessário.

—Nanna. — disse Róta do outro lado, lançando raios à pilha de mortos. — Sabe o que pensei quando Hummus abriu seu colete e se ajoelhou na sua frente?

Nanna negou com a cabeça, séria e concentrada.

—Pensei: “Esta mulher usa uns tapa-mamilos reflexivos e deixou todos loucos, cegos”.

Nanna levantou o olhar para sua irmã. Seus cílios titilaram.

—Já sabe —continuou a valquíria desbocada—, em plano: “Surpresa! Não visto roupa íntima!”

Só Róta podia arrancar dela uma gargalhada em um momento como esse.

Nanna tentou reprimir a risada, mas fracassou.

—É uma ordinária. —disse.

—Sim. Sei. E você adora. Fiz você rir. —pisçou um olho.

O samurai se aproximou de Róta e disse algo ao ouvido dela. Róta acariciou seu rosto e assentiu com a cabeça.

—Vou ajudá-lo a procurar sua mão. —informou a Nanna. — Espero que não a tenhamos queimado... —Jogou uma olhada à pira funerária.

—Espero que não. Precisamos dela para lutar. —comentou Miya. — Eu a buscaria, mas o cheiro de sangue de troll é muito aborrecido e penetrante, e a fogueira que estão fazendo dilui meu sangue. Não posso encontrá-la.

— Um momento. — desculpou-se Róta. Tomou Miya pela cabeça e encostou sua testa à dele.

Nanna sabia o que estava fazendo. Róta tinha o dom da psicometria. Se tocasse Miya talvez pudesse encontrar seu membro perdido.

A valquíria que tudo vê se separou do samurai e olhou ao seu redor.

—Está por essas pedras dali. —Assinalou um amontoado de rochedos no centro da planície.

Miya exalou agradecido e beijou Róta nos lábios.

—*Arigato, hanii.*

— De nada, meu japa.

Enquanto o vanirio procurava sua mão, Róta continuou queimando junto de Nanna enquanto Bryn e Gúnnr conversavam junto a Gabriel, Ardam e Noah do que tinham descoberto naquele edifício, naquele ninho de humanos de Loki.

Nanna tinha tão bom ouvido como Róta, assim nenhuma das duas perdia detalhe do que diziam.

—Nanna traz o *Brisingir*. —disse Bryn sem ocultar sua surpresa. — E não o faz por acaso. Freyja o deu por um motivo que tem a ver com o aqui e o agora.

—Estou de acordo. —respondeu Gúnnr, limpando seu martelo de restos de jotuns.

— Nenhum de nós pode ver sua luz porque o *Brisingir* age contra as forças malignas de Loki. —continuou a Generala. — Mas conhecendo a deusa, é possível que ela soubesse das dificuldades com as quais encontraríamos neste lugar. Sabia que Nanna estaria aqui e nos ajudaria. —Sorriu, maravilhada. — Como amo essa puta.

—Sim, sei... É uma merda ser bipolar, eu adoro. —replicou Ardam, repassando as feridas de Bryn com seu olhar caramelo.

O highlander estava tão preocupado quanto Gabriel por Gúnnr. Estavam desejando levar suas mulheres a algum lugar para curá-las.

Noah desviou o olhar para Nanna. Sua tensão, suas costas enrijecidas e aquele gesto melancólico e desafiante indicavam que a valquíria preferia comer um cacto a falar com ele.

Mas não pensava voltar atrás. Tinha que convencê-los de que o melhor era que Nanna se fosse com eles.

—Então, acha que Freyja quer que Nanna morra?

Gúnnr e Bryn prestaram toda sua atenção nele.

—Por que diz isso?

—Porque dizem que tudo isto que fazemos já está planejado. —explicou, com certo tom de desprezo. — Freyja conhecia esta guerra e por isso dirigiu Nanna até aqui. É isso o que dizem?

—Sim, mais ou menos... —disse Bryn.

—Então Freyja quer que Nanna morra. Porque se ela continuar comigo, esse será seu destino.

—Eu não morrerei. — disse Nanna atrás dele. —Esqueça de me enviar com eles.

Noah se virou e a olhou diretamente nos olhos.

—Sabe que sim. Sabe que sonhamos o mesmo. Eu sonho com isso faz tempo... e agora você se queima comigo.

—São somente sonhos! —gritou Nanna. — E você é um mentiroso! Disse pra mim que iríamos juntos!

—De que sonhos falam? —perguntou Gabriel, que parecia perdido e tentava manipular seu iPhone.

—Não vou deixar que decida por mim, Noah. —Nanna apontou o indicador para ele e o cravou na ferida do peito, que ainda estava cicatrizando. — No que me diz respeito, sua viagem também é minha. Não vou me afastar.

Noah grunhiu, foi para ela e a desafiou, ameaçando-a com sua altura e sua corpulência. Agarrou-a pelo pulso e a aproximou dele.

—Não faça com que me zangue.

—Olhe como tremo.

Os olhos amarelos dele prometeram vingança perante aquele aberto desafio; os castanhos dela avermelharam raivosos e o empurrou para afastá-lo dela.

—Os sonhos não têm por que ser presságios. —apontou Miya, que carregava sua própria mão amputada.

—Eu adoraria que experimentasse uma vez o que é morrer queimado. Porque te asseguro que sinto tudo. Tudo. E é Nanna quem se queima junto a mim. Não penso permitir isso.

—Você não tem poder sobre mim, cão! —gritou Nanna, angustiada. — Não vai me deixar à margem! Eu também senti esse sonho, mas não penso como você!

Noah foi até ela e ela até ele. Parecia que a qualquer momento iriam brigar. Róta e Miya os separaram.

—Ainda temos o nível alto de adrenalina. — tentou explicar Miya. — Não é bom discutir assim...

—Isso digo eu. — disse Róta, que se divertia ao ver Nanna tão furiosa. — O melhor é foder, não é, *oni*?

—Mas é que não entendem? Se não levarem Nanna agora em uma dessas tempestades que cria, Gúnnr, sua amiga morrerá! É isso o que querem?

Gúnnr revirou os olhos.

—É óbvio que não quero isso —replicou aborrecida por tal insultante insinuação—, mas agora mesmo não posso convocar nenhuma reunião de dois. Olhe meu corpo, berserker. Tenho feridas por toda parte, como todos. Precisamos cura e repor energia. Até então não poderei criar uma tempestade.

—Além disso, aonde acha que vamos? — perguntou Ardam imponente, cruzando os braços ao seu lado com o rosto cheio de sangue. — Por suas palavras parece que nos dirigimos ao Paraíso, mas retornamos a Escócia. Sabe o que é isso agora? É um maldito cemitério, aberto em dois, com gases tóxicos flutuando no ar e lava no interior de suas entranhas. Acha que ali terá mais possibilidades de sobreviver? Ou aqui?

— Contanto que não esteja comigo... — respondeu Noah. Precisava tirá-la dali e libertá-la do possível futuro que a esperava ao seu lado. Não poderia viver se ela morresse por sua culpa. — Ela me estorva. Iria mais rápido sozinho. Tudo seria mais fácil.

Bryn, Róta e Gúnnr abriram a boca espantadas e depois exclamaram todo tipo de impropérios. Isso não se dizia a uma valquíria! Jamais!

—Canalha cínico! —gritou Nanna com os punhos apertados.

Lançou-se em Noah e desta vez as valquírias se uniram a seu propósito, mas Ardam ficou no meio. Tomou Noah pelos ombros e o levou dali. As valquírias tentaram serenar a sua irmã, sem muito êxito.

—Estorvo você, cretino?! —gritou por cima das cabeças de suas irmãs. — Se não fosse por mim, esse lobo com aparência de heavy o teria matado! Salvei seu traseiro!

Róta arqueou as sobrancelhas e assentiu.

—Ali esteve muito bem, Nanni. Nosso gosto pelos diamantes e pérolas está mais do que justificado. Olhe o que fez o colar de Freyja...

—Deixa de chorar, *Rain Man*! —espetou Nanna com dureza. — Não sei quem sou! Não sei de onde venho! —imitou-o, embora as lágrimas a delatavam. — É como Willy, está perdido continuamente e não permite que ninguém o encontre!

Bryn e Róta se entreolharam e riram baixinho.

—É Wally, Nanna. Willy é a orca assassina.

—Não me importa! —A energia eletromagnética de Nanna se elevava com rapidez.

—E o que fará, valquíria?! —Noah a enfrentou, apesar de que Ardam o segurava. — Você não me machuca!

Nanna agitou sua *bue*, desdobrou o arco e carregou três flechas na corda.

—Não! Não!

As valquírias a cobriram completamente, tentando detê-la.

— Me deixem! Vou matá-lo! Presunçoso! Falso!

—Falso? —Ardam olhou para Noah; o lábio com sua cicatriz se elevou desenhando um sorriso insolente. — É todo um macho, não é?

—Vá se foder, escocês. —respondeu Noah, irascível.

—Sabe que suas flechas machucam, verdade?

Noah franziu o cenho e sorriu para Nanna, provocador.

—Quer disparar em mim, valquíria?! Venha! Adiante!

—Não é por nada... —Miya se colocou no meio da linha de fogo, elevando sua própria mão cortada; seus olhos amendoados olhavam a todos ali presentes com assombro—, mas estou sangrando. Estou san...gran...do. Preciso que minha valquíria faça magia e cole minha mão direita.

Gabriel decidiu pôr ordem naquela luta entre casais. Compreendia que as relações não eram fáceis e que o dilema de Noah era muito importante para ele e para todos, mas tal como estavam as coisas, não podiam ficar ali por mais tempo.

—Deixem de discutir! —gritou Gabriel. Tentava pegar sinal telefônico para falar com os clãs e averiguar como ia tudo, mas seu celular como o de todos, danificou-se durante a batalha. Não tinha boa cobertura. Devia informar que a última sede da Noruega agonizava sob o fogo e os escombros e queria saber como estavam indo as coisas na Inglaterra e nos Estados Unidos. — Devemos sair daqui e encontrar uma linha fixa que esteja em pé. Todas as cidades do Jotunheim estão desertas.

—Liguei para As do hotel. —informou Noah, que odiava profundamente brigar com Nanna. Era horrível discutir com ela, mas é que Nanna não queria obedecê-lo. Separou-se de Ardam. —As cidades estão em boas condições e os sistemas elétricos continuam funcionando. Há linha.

Gabriel assentiu.

—Então vamos à cidade mais próxima. Vamos nos recuperar de nossas feridas e permitir que Gunny pegue forças. Então decidiremos o que fazer com sua kone. —Olhou para Noah, conciliador.

—Não há nada a decidir. —repetiu Nanna limpando as lágrimas das bochechas.

Noah negou com a cabeça. Aquela situação o esgotava.

—Façam o que quiserem. —murmurou. — Eu sigo com minha viagem.

—Acompanharemos você até a cidade mais próxima. Ali nos separaremos. Mas você, como nós, precisa que sua valquíria toque e o cure, berserker. Ninguém pode continuar assim, por mais que nos regeneremos rápido. Alguém tem ideia de qual é essa cidade mais próxima? Está escurecendo e em pleno Jotunheim: não quero nem imaginar o que pode vir para cima de nós de estivermos muito à vista.

—Obrigado por sua coerência, engel. —murmurou Miya.

Noah aceitou. Tinha que se acalmar, não podia seguir com os nervos tão a flor de pele. Mas desde que Nanna e ele transaram pela primeira vez estava completamente descontrolado. Além disso, logo se somou o afrodisíaco das agonias a sua tortura; como resultado estava um pouco histérico e zangado com Nanna por não ver que ele, na realidade, morria de medo por ela.

Tirou o mapa que tinha guardado no bolso da calça. Tinha conseguido fazer uma fotocópia da área no hotel, procurando por Internet. Agora tinha um mapa da Noruega.

Noah jogou uma olhada e localizou a cidade mais próxima. Não retrocederiam até Lom. Seguiriam adiante.

—Devemos ir até Storen.

Sim. Talvez ali pudesse encontrar informação sobre aqueles pilares de gelo subterrâneos que tinha vislumbrado em sua visão.

Nanna leu perfeitamente o que queria fazer Noah. Era como se o conhecesse por toda a vida. Intuíu seus movimentos, embora não tinha visto vir seu erro. Não sabia que queria afastá-la desse modo.

Entretanto, ela se adiantaria a seus movimentos. Porque tinha uma ferramenta muito mais eficaz que Internet ou que um mapa qualquer.

Todos acataram a ordem do engel. Com melhor ou pior humor, desceram do topo de Rauma, lá onde a Escada dos Trolls os tinha guiado.

CAPÍTULO XVIII

Wolverhampton

Asdesligou o telefone.

Gabriel tinha resumido o que aconteceu em Rauma: excelentes notícias para os clãs.

A Newscientists tinha desaparecido da face da Terra. Ninguém os perseguiria. Não ficava um só representante de pé.

Desde Mikhail a Hummus, todos tinham morrido. Tinham conseguido lutando juntos, lado a lado. Raças em outros tempos inimigas, descobriram que se criassem uma coalizão eram mais fortes.

Não obstante, o planeta estava repleto de ovos de purs e etones a ponto de eclodir. Noruega estava a transbordar de trolls.

Os habitantes escandinavos cediam às ordens dos vampiros e se convertiam em um deles. Isso aconteceria à maioria dos humanos, pois eram fracos mentalmente.

Os portais de toda a Terra palpitavam e vibravam, abertos àqueles que tentassem ativá-los e usá-los como ponte; além disso, os mais poderosos, depois que os portais de todo o Reino Unido se desativassem como resultado do que aconteceu na Escócia e Irlanda, estavam nos países nórdicos, tal como tinha mostrado Miz. Era como se essa energia tivesse viajado para outro buraco de igual vibração.

E em vez de escolher os portais da Espanha, ou os da França, ou os da Inglaterra, ou os da Ásia, África ou Estados Unidos, a energia eletromagnética desses lugares se deslocou até os países gelados. E era justo ali onde Noah tentava descobrir o que tinha que fazer.

Justo no lugar no qual a equipe de Bryn e de Gabriel foram lutar.

As terapias anti-esporos só conseguiram matar aos embriões que não se desenvolveram o suficiente. Cedo ou tarde, todos os ovos já desenvolvidos se abririam. Então tudo tremeria, como já começava a fazer a Inglaterra.

Como já acontecia no resto do mundo.

Os vampiros eram mais fortes que antes. Aparentemente, como informou o engel, a fórmula criada pela Newscientists do Stem Cells tinha ajudado aos nosferatus a suportar a luz do sol. Se sua fórmula percorresse todo mundo, os vampiros saíam cedo ou tarde.

Mas agora, eram exércitos sem líder: Hummus morto, as sedes destroçadas, Loki desaparecido e perdido como uma entidade mental. A quem obedeceriam? Quem seria o chefe dessa rebelião?

Algo não encaixava.

Caleb McKenna saiu ao alpendre onde se encontrava As Landin, que perdido em seus próprios pensamentos, tentava averiguar o que estava acontecendo.

Ele, como líder vanirio de Dudley e membro do conselho Wicca, tampouco podia adivinhar qual seria o movimento dos servos de Loki. A ordem direta era destruir, é óbvio, mas um exército sem estrategista estava condenado ao fracasso. E duvidava de que Loki realmente tivesse planejado tudo aquilo tão meticulosamente para nada.

—Isto não acabou. —sentenciou Caleb.

As assentiu com a cabeça e olhou ao companheiro de sua neta. Era um grande companheiro com o que podia lutar. As estava orgulhoso de tudo o que tinha obtido até então.

Custou a ele manter as diferenças afastadas, mas no final, vanirios e berserkers se fizeram amigos, pois tinham um objetivo em comum.

Um novo tremor, leve e imperceptível para o ser humano, mas sensível para seres tão instintivos como eles, sacudiu o jardim do lar de As e toda uma cidade e um país.

—Os sismos são cada vez mais potentes. —murmurou As.

—Sim. —Os olhos verdes de Caleb inspecionaram o céu nublado. — Acha que devemos ficar aqui?

As esfregou a barba de três dias.

—Estamos feitos para a guerra. —respondeu. — Cedo ou tarde este país ficará assolado pela força dos servos de Loki. Eles estão aí. Esperando sair. Aguardam nas entranhas da Terra, como um vírus. Até que o planeta já não os suporte e tenha que abrir-se para deixá-los ir. Quando isso acontecer, deveremos nos defender como pudermos, porque este mundo já estará perdido.

Caleb pensou em Aileen. Ele não estava ali para salvar os humanos. Ele, em todo caso, lutaria por defendê-la. E a Daanna. A todas as pessoas que amava.

—Se Hummus era um semideus e agora está morto —disse Caleb—, se era a mão direita de Loki porque não podia sair do cárcere de cristal em que está metido, o que se supõe que acontecerá agora? Onde está Loki? O que será dele?

As se perguntava a mesma coisa.

Loki era um vigarista, um deus maligno e mentiroso que adorava confundir os outros. Mas aquilo não podia acabar assim. Não era normal. Um deus com tanta soberba como o jotun, amaria ser o líder dessa rebelião e dessa destruição. Supunha-se que tudo era para conseguir abrir os reinos e que ele emergisse de lá onde estava oculto.

Mas sem aceleradores e sem mãos direitas... o que aconteceria?

Por isso Maria e as sacerdotisas não deixavam de ler as runas: para ter algo que as iluminasse naquele futuro escuro e confuso.

Aileen e Ruth, por outro lado, tentavam entrar em contato com todos os guerreiros através do fórum, embora cedo ou tarde algumas cidades ficassem incomunicáveis. A mensagem era clara. Todos deviam se tornar fortes e defender seus clãs. Resistir.

A híbrida saiu ao alpendre com seu cabelo negro e macio, com aqueles estranhos olhos inteligentes que não perdiam nada. Segurava uma infusão na mão e uma folha na outra.

—Aqui temos algo. —disse intrigada. —Lorena e Anna nos passaram isso do Ragnarök.

Os dois guerreiros giraram ao mesmo tempo.

—Do que se trata?

A jovem se aproximou e mostrou toda a conversa nas mensagens privadas do fórum.

—Não vão acreditar nisso... Alguém nos fala dos Bálcãs. É um homem, um guerreiro vanirio.

—Me deixe ver. —disse Caleb. — Tem que rastrear o IP e assegurar que se comunica dali.

—Diz que estão a caminho de Shipka. Na Bulgária. E nos pedem ajuda para escapar.

—Escapar? Como entraram em contato?

As e Caleb leram as mensagens. Aquele homem dizia que estavam presos clandestinamente e que necessitavam que alguém os tirasse de lá. Que os humanos da Newscientists abandonaram aquele lugar para matar a todos, que eram centenas de guerreiros e que em breve, se ninguém os ajudasse, morreriam.

—A comunicação não é muito boa. —explicou Aileen. — O sinal é fraco e se perde de vez em quando.

—Nos Bálcãs, a caminho de Shipka. — repetiu Caleb sobressaltado. — É o campo de concentração? Estão lá?

—Sim. Estão lá. —Aileen engoliu em seco. — Temos que tirá-los de lá. São muitos. Morrerão se não os ajudarmos.

O *noaiti* apareceu pela porta. Seus olhos negros estavam repletos de determinação e seu gesto era sério.

—Leder.

—O que? —perguntou As, surpreso pelo que acabava de saber.

—Necessitamos do druida. —disse com segurança. — As runas falaram.

Asgard

Valaskjalf

De seu trono, Odin observava o presente dos nove mundos. Ao seu lado estava Freyja, sentada com gesto inquieto, trêmula. Mal acreditava no que estava vendo.

Foi uma enorme surpresa, inesperada inclusive para eles. Por isso mandou seus corvos para que revistassem a tumba de seu filho assassinado: queria assegurar-se de que o que seus olhos viram não era verdade.

Hugin e Munin não demoraram nada em retornar com arrepiantes notícias para o deus aesir.

—Odin. — pediu Freyja pálida, sem deixar de observar o abismo que havia aos pés do trono dourado e do qual se podia ver a atualidade dos reinos.— Me explique agora mesmo como é possível que Loki esteja a um passo de sair de seu cárcere de cristal. Está enfeitiçado, não é? Se me lembro bem, selou sua cápsula para que jamais pudesse sair. Eu estava lá.

E assim era.

Loki foi castigado com o sofrimento eterno depois de ordenar matar a seu filho Balder. Isso foi o que originou a guerra entre ele e o Trickster.

Mais tarde, descobriu que Loki o odiava por considerar que o ser humano merecia um respeito e que tinha potencial para ser mais sábio que qualquer um dos deuses. Aquela razão forao principal motivo pelo qual tinha decidido matar a seu querido e bondoso filho. Para lhe dar uma lição e demonstrar que ninguém, nem sequer seus filhos, eram tão bons.

Quando Balder morreu, nenhum deus ousou a falar. Ele era o Bem. Por isso, quando ele desapareceu, a escuridão e o medo alagaram o Asgard. Depois a vólva anunciou o Ragnarök. Aquilo dava início ao crepúsculo dos deuses: começava a mãe de todas as guerras.

O aesir recordava esse dia como se fosse ontem.

—Selei sua cápsula com um feitiço. Se rompesse o feitiço, romperia seu cárcere e ele seria libertado. —explicou, com o olhar perdido e fazendo estalar seus dedos.

Freyja se levantou do trono que havia a seu lado. Estava tão tensa que poderia se quebrara qualquer momento.

—Conjurou que Loki só sairia de seu cárcere se matasse de novo a seu filho. E assegurou que isso não aconteceria jamais. Loki sairá antes do tempo de lá! —Assinalou a Terra. — E ainda não estamos preparados! Explique-me isso.

Ele afirmou com a cabeça, tomou ar pelo nariz e se levantou.

Seu manto negro ondeou atrás de suas costas; seu cabelo loiro e preso açoitou seu ombro com força. Tudo tinha se complicado.

Aquele maldito vigarista tinha uma carta secreta na manga, uma que ele não teria esperado jamais.

—A tumba de Hödr está vazia. —respondeu.

Ela bateu os cílios e depois cobriu a boca com a mão.

—Fez matar ao Hödr. Ele morreu. Nós o enterramos sem honras. Deitou-se com a maldita gigante só para conceber seu assassino! Como é possível que continue vivo?!

Odin parecia tão confuso quanto ela.

Sua lenda e sua história o perseguiriam eternamente.

Todos amavam Balder.

Tinha muitos irmãos e meios-irmãos. Seus favoritos eram: Thor, Vidar e Hödr.

Thor era o deus do trovão.

Vidar era o deus da justiça e da vingança.

Hödr era seu confidente e amigo, o deus da intuição.

Balder era o filho caçula de Odin. Respeitado. Cheio de luz e de sabedoria. Cheio de bondade. A encarnação do bem em todos os reinos conhecidos e por conhecer.

E Hödr era cego. Eles o amavam, mas não tanto quanto a Balder, que era um modelo de virtudes.

Balder era imune a tudo o que povoava os reinos. Dele se dizia que nada poderia acabar com sua vida. O deus da luz era eterno.

Um dia os deuses brincavam de lançar coisas em Balder, sabedores de que nada o machucava nem nada podia tocá-lo nem feri-lo. Balder ria e os provocava para que continuassem com seus jogos.

Mas Loki, que conhecia sua única fraqueza, escondeu-se atrás de uma árvore e sussurrou a seu irmão Hödr que lançasse uma flecha contra Balder.

Hödr obedeceu, pois sabia que a seu irmão protegiam todos os elementares e que era imortal. Assim carregou a flecha que lhe deu Loki e atravessou o peito de Balder.

Este caiu morto imediatamente.

O Asgard mergulhou na loucura e na desolação. Se tinha morrido o deus da luz, o que seria deles?

Odin, raivoso e enfurecido pelo que isso comportaria aos deuses em um futuro, decidiu castigar Loki e Hödr.

Todos os deuses exigiam que Hödr pagasse pela morte de seu irmão. Assim Odin possuiu a gigante Rind e conceberam um filho: Vali.

Vali se fez adulto em um só dia e assassinou Hödr.

Odin apunhalou Loki quando tentou se transformar em salmão e escapar pelo mar. Agarrou-o pela cauda e o meteu em um cárcere.

Para mantê-lo em cativeiro e recordar o que tinha feito, Odin matou aos dois filhos que o Vigarista teve com Sigyn.

—Agora saberá como dói que te arrebatem um filho. —sussurrou Odin.

Frente a ele, o aesir com seu cajado transformou Vali em lobo e este comeu seu irmão Narfi. Utilizaram as vísceras de Narfi para amarrar Loki a três colunas de pedra branca, convertendo as ataduras em ferro. Odin, sem misericórdia, pediu a Skadi, a deusa do inverno, que gelasse o cárcere e o convertesse no maior bloco de cristal no qual, em seu interior, Loki sofreria diariamente terríveis dores, já que as vísceras de seu filho continham veneno de víbora e este percorreria seu sangue cada dia de sua vida. Isso faria com que o jotun enlouquecesse de dor.

Odin observava o cárcere impassível, decidido como nunca a acabar com o Trickster. Seus olhos ainda seguiam chorando a perda de Balder.

Encostou sua testa no cristal e conjurou o feitiço com a ajuda da deusa Freyja, perita em magia seidr.

—Daqui não sairá até que de novo um filho de Odin se atreva a matar. E isso não acontecerá. Nem depois. Nem antes. Nem no final. —proclamou o deus aesir.

— Você se acha bom, Odin? — perguntou Loki atrás do cristal. — Você, o deus que tudo sabe, acredita que um reino inferior ocupado pela raça humana deve ter uma oportunidade de crescer e de serem superiores a nós. E por quê? Quando fica demonstrado que você não pode acreditar nesse tipo de bondade se seus próprios filhos se matarem entre eles.

Loki piscou com seu olho azul cristalino.

—O que pretendia matando Balder, Loki?

— Demonstrar que nem sempre tem razão. Demonstrar aos deuses que você também se equivoca. Seus filhos, que são deuses poderosos, também são assassinos e acha que esses

pigmeus daí embaixo —assinalou o Midgard— serão melhores. Melhores que nós? Está louco, Odin!

—Você manipulou tudo! Você os enganou! Meu filho Hödr não sabia que a flecha que você lhe deu era a única capaz de matar Balder.

—Não sabia? —perguntou fazendo-se de inocente. — Está seguro?

—Foi você e suas mentiras o que acabou com a morte de meus dois filhos. Balder e Hödr morreram. Olho por olho. — apontou para o seu tapa-olho. — Agora Narfi e Vali também morreram. E me assegurei que nunca volte a sair daqui.

Odin se virou e se afastou daquele lugar com Freyja seguindo seus calcanhares.

—O Ragnarök já está escrito! —gritou Loki, que soltou uma gargalhada. —Acredite que eu sairei daqui.

—Não. Não poderá. Espero que apodreça toda sua eternidade.

—Não me dê as costas, Odin! — gritou Loki, encadeado às vísceras de seu filho. — Sou tão deus quanto você e também posso decidir meu destino!

—Seu destino é viver encadeado às suas mentiras. —espetou por cima do ombro.

—Não, Odin. Meu destino é recordar a você que seu projeto é e será um fracasso. Quer ver como afundo aos humanos? Porque é isso o que farei!

Odin franziu o cenho e escutou Loki.

—Vou ensiná-lo que não se pode confiar em uma raça inferior à nossa sem dons, cheia de ignorância e egoísmo.

—Você é tão egoísta quanto eles. Se me demonstrar isso assim, fracassará.

—Então. —disse Loki fazendo desaparecer seu cárcere. — Serei seu único deus. O de verdade.

Loki ocultou o cárcere no Midgard e decidiu fazer dele na Terra, um lugar onde os homens e as mulheres que o povoavam eram fracos, aos que podia manipular com seus truques e suas ideias.

Odin não pôde averiguar jamais onde se ocultava, daí que nunca o encontrassem, pois Loki era um feiticeiro e conhecedor da magia negra e tinha criado um efeito de invisibilidade ao redor de seu cativeiro.

Entretanto, na atualidade, tudo tinha mudado.

Agora, ao começar a romper o cárcere que o prendia, já sabiam onde se ocultava Loki e, infelizmente, nem Odin nem o resto dos deuses podiam sair do Asgard e detê-lo, já que tinham fechado as portas dos nove reinos à espera que tudo saísse tal como tinham planejado. E deviam esperar que a ficha final abrisse tudo.

As fichas se moviam corretamente. Algumas mais tarde que outras, isso sim, mas seguiam seus instintos e faziam o correto.

Não obstante, a surpresa que tinha oculta o Vigarista deixou a todos parcialmente fora de jogo.

—Odin. — Freyja pôs a mão sobre seu ombro. — Que diabos disse seus dois corvos?

—A tumba de Hödr está vazia. Havia uma nota gravada em pedra.

—De quem é a nota? —perguntou Freyja, que já sabia a resposta.

— De Loki.

—E o que diz?

—Que Hödr não morreu. Que devolveu sua vida e que o tinha levado ao Midgard para que liderasse seu exército até que pudesse sair de seu cárcere. Que agradece por emprestar meu filho. Que o chamaria Hummus, ensinaria-lhe tudo o que sabe; ele somente saberia que seu pai Odin o rejeitou. Por isso, de agora em diante, seria seu filho.

Os olhos de Freyja escureceram. Em seu rosto aflorou pequenas veias e suas presas lutaram para explodir na boca, embora ela tentou controlar-se.

—Hummus era Hödr?

Odin assentiu e passou o dedo pelo olho, que estava a ponto de derramar uma lágrima.

—Não pode ser. —sussurrou ela, impressionada.

—É. A tumba de Hödr está vazia e o feitiço do cárcere de cristal está se rompendo.

—A profecia da völvá assegurou que Loki escaparia do cárcere. —murmurou, surpresa. — A bruxa tinha razão.

—E eu tentei criar um feitiço para que isso não acontecesse jamais. Supunha-se que para isso Loki tinha que matar meu filho. E me assegurei de que isso não acontecesse. E menos no Midgard, onde não há ninguém de meu sangue. —Deu um chute em uma pedra, que caiu ao abismo.

Freyja entrecerrou os olhos e inclinou a cabeça para um lado. Não podia acreditar.

—Pois é óbvio que se equivocou. Loki acaba de matar seu filho. Outra vez.

—Sei.

—E isso onde nos deixa?

—Em uma situação nada boa. Para que a gente desça ao Midgard, alguém tem que bater à nossa porta; do contrário não poderemos ajudá-los e a guerra penderá claramente a favor dos jotuns.

— Isso é assim, porque você quer assim.

—Não! —replicou Odin. — A Terra é meu projeto. Meus guerreiros estão lá lutando por mim e por eles. Lutando por esse reino. Estou convencido de que podem fazer com que as coisas mudem... tudo depende deles! Não vou fazer armadilhas como Loki!

Freyja beliscou a ponte do nariz e relaxou seus ombros esbeltos.

— Heimdal fechou a porta de Asgard. Loki não poderá vir até nós. Em todo caso, só destruirá o Midgard. Mas tinha assumido que isso era o mais prezado para você. Não podemos sair daqui a não ser que alguém nos abra de fora? E diz que eles são os que têm que abrir? Vê como seu projeto se converte em uma bola de fogo e morte?

— Se vejo, espero que alguém faça que ressurja de suas cinzas. Como uma fênix.

—Fala como um sonhador em vez de um visionário.

—A salvação depende deles, não de nós. Sempre foi assim.

—Mas... —Freyja se virou entristecida, observando como o reino dos humanos se rachava pouco a pouco— perderão.

—Não perderão. —assegurou Odin. — Ainda resta jogar minha última ficha. —assegurou caminhando para ela e colocando-se a seu lado. — E também a sua.

—É o deus que tudo sabe, que tudo vê... que probabilidade temos de vencer? Se nós não descermos para lutar, nossos exércitos não poderão com Loki. Nem sequer Nerthus e seus seres mágicos poderão fazer nada contra eles. Não são suficientes.

Odin a olhou. Embora fosse alta, passava dela uma cabeça e meia.

Seu cabelo loiro era tão brilhante como o sol. Percebeu seu perfume. Sentiu um repentino e fugaz ataque de ternura por ela.

Freyja amava a seus guerreiros tanto quanto ele respeitava aos seus.

—Não sei. Não sei o que acontecerá. Mas desta vez, mais do que nunca tenho fé nos meus. Enquanto houver vida, há esperança.

—Se você diz...

—Como vai sua ficha? Acha que conseguirá?

—Continua viva. — respondeu direta.

—Não a perca de vista.

—Nunca fiz isso. — assegurou a deusa cruzando os braços, estudando os movimentos de suas guerreiras e de todos os que deviam intervir na batalha ganhadora contra Loki.

O deus Transformista jogou com todos. Com paciência e consciência, enganou Odin e ao resto dos deuses.

Mas Odin acreditava que ela não sabia seu segredo.

E sabia. É obvio que sim, sabia. Arriscou um olho para ver o que lhes proporcionava o Ragnarök e depois agiu em consequência.

Odin contava tudo a Frigg, sua querida e venerada esposa. E uma noite confessou a ela o que tinha feito.

Mas o que Odin não sabia era que Frigg tinha contado o segredo a ela, a amante desejada e almejada, aquela que não podia ter jamais.

Freyja, sabendo tudo o que sabia, não ficou de braços cruzados e agiu justo como tinha feito o deus.

Jogou com perícia e habilidade, pensando em que se as coisas saíssem errado, como saíram com a surpreendente revelação de Hödr, certamente haveria uma segunda estratégia preparada.

E tinha. Mas isso era algo que ninguém devia saber, nem sequer o viking.

A Resplandecente não desejava ver o projeto do Midgard afundar sob as mentiras de Loki. Queria que os humanos sobrevivessem, embora fosse graças às mentiras deles.

—Ouça, Caolho. — Freyja não desviou o olhar do abismo dos nove mundos.

—O que?

—Deu-se conta de que se Hummus era Hödr foi ele quem penetrou no Asgard e roubou os totens...?

—Não siga por aí, vanir.

—Deu-se conta de que se deitou com seu próprio filho? — perguntou com um sorriso diabólico em seus lindos lábios.

—Não me deitei com ninguém. — replicou, seco.

—Ah, sei... — A deusa levantou uma mão e a deixou cair como se não tivesse importância. — Esse transformista te fez algo para que deixasse de prestar atenção a sua lança Gungnir. E tendo

em conta que estava disfarçado de mim, imagino que ficou louco, não, aesir? — Olhou-o de esquelha. — O que te fez?

Odin a olhou de soslaio e deu meia volta.

—É odiosa.

—Não tanto quanto você. —soltou, provocadora. — Não vá, não fique envergonhado e me conte o que te fez.

—Vou para minha esposa. Ela sim, vale a pena. — respondeu para machucá-la.

—Claro que sim. Ela vale a pena, tanto como Jord, Gridr, Rind e... quem mais? Ah, sim! Gunnlod! Todas as que passaram pelo seu quarto e com as quais teve filhos por conveniência, não é verdade, Odin? Todas menos eu! —recriminou-o com dureza.

— Cale-se, Freyja.

—Frigg sabe que fodeu alguém que se fez passar por mim?

Odin se virou e a olhou de cima abaixo.

—Está raivosa. Tem ciúmes? Atire-se a um par de anões, aposto que tiram sua ardência.

Ela lambeu os lábios e negou com a cabeça.

—Não tenho ciúmes. Mas me dão pena.

—Minhas mulheres? Elas estão muito contentes.

—Sim, me dão pena. Porque o pai de seus filhos não pode amá-las porque está apaixonado por outra mulher.

—Amo Frigg! —apontou um dedo para ela. — Não cruze a linha. Frigg é minha escolhida. Nem elas nem você. Só Frigg.

Freyja sorriu com tristeza.

—Ama Frigg porque suportou as condenações a seus filhos? — apontou ousada. Sabia que esse terreno era perigoso para ambos. — Por que dela nasceu Balder? Por que a ama?

—Por muitas razões que você não pode compreender.

—Acredito que as compreendo. Teve dois filhos com ela. Um morreu pela mão do outro. O segundo, você o matou.

—Eu não matei Hödr!

—Fez com que seu filho o fizesse! Deitou-se com a gigante Rind de Vestsalir para que desse à luz a Vali, um filho que mataria seu meio-irmão cego em um dia! Não teve compaixão de seu filho cego que não sabia o que fazia!

—Está se metendo em um campo minado. Hödr sabia o que fazia. Você não o conhecia. — respondeu com os dentes apertados, a ponto de perder a paciência.

Freyja assumiu que talvez Odin tivesse razão nisso. Ninguém conheceu Hödr realmente. Era um deus tímido e introvertido. Mesmo assim, continuou com seu ataque pessoal.

—Mas sei por que diz que escolhe Frigg. Não é por amor. Acha que Frigg o ama o suficiente para te perdoar, acha que o perdoou e se sente em dívida com ela pelo que aconteceu, como se em troca de que Balder e Hödr morreram, você decidisse ficar com ela. Duas perdas irreparáveis em troca do melhor presente do Asgard, não? Mas me escute bem, Odin: nem você a ama nem ela te perdoou.

Odin, afetado, não sabia o que dizer. Sabia que havia algo de verdade nas palavras de Freyja.

Não queria vê-la mais. Não podia suportar que em parte tivesse razão.

Ninguém além dele sabia o que tinha sofrido com as mortes de Balder e Hödr.

E agora, ao ver que Hummus era na realidade seu filho cego, a ferida se reabria de novo.

O passado retornava com força.

Odin abaixou a cabeça e elevou Gungnir com suavidade para deixar cair sua ponta contra o chão de mármore. Quando a ponta tocou a superfície, o deus desapareceu.

Deixou Freyja a sós, que sabia que o que havia dito não estava bem.

Embora fosse uma verdade como um templo.

CAPÍTULO XIX

Noruega

Storen

Storen, como todos os povoados de montanha noruegueses, estava sobre um vale verde rodeado de imensas e exuberantes árvores. Os rios Gaula e Sokna confluíam no mesmo povoado.

Também naquele lugar os humanos brilhavam por sua ausência.

Aquela vila desenganada e rodeada de descuido mantinha seu encanto bucólico. As casinhas estilo cabanas familiares de madeira escura e tetos cinzentos de pedra, conferiam uma paisagem campestre que também evocava ao relaxamento.

Entretanto, a igreja central da cidade e as lápides cinzas que a rodeavam não diziam que aquele fosse um lugar de sonhos.

Não. Storen, nesse momento, era um ponto inerte e desabrigado de vida humana, apto para fantasmas e para histórias antigas e tenebrosas.

Nessa paragem, os guerreiros decidiram se deter no hotel que levava o nome do próprio povoado.

Os casais deviam curar suas feridas e se retiraram à intimidade dos quartos.

Nanna entrou com Noah em um compartimento à parte. Nenhum dos dois queria falar muito. A forte discussão que mantiveram no monte Rauma ainda durava. Não estavam com humor.

Decidiram ficar na parte interna do hotel, onde não houvesse uma cama que permitisse pensar em outras coisas mais instintivas entre eles. O desejo, como a raiva, eram emoções que fluíam com total liberdade entre valquírias e berserkers.

E nenhum deles queria arrumar suas diferenças com uma transa.

Assim Noah tomou Nanna pelo pulso e a sentou no sofá acolchoado de couro marrom. O carpete do chão era vermelho. Ao seu lado havia uma lareira que ela não demorou a acender com um de seus raios. Atrás deles, uma janela deixava entrar a luz da escura noite branca da Noruega.

Por sorte, a neve não tinha impregnado em suas roupas; ao menos para isso estavam preparados, muito mais do que para se relacionarem entre eles. Mesmo assim, tinham múltiplas feridas por todo seu corpo que deviam curar.

Noah colocou as mãos na cintura e a olhou fixamente no rosto. Não precisava pensar o que dizer a ela. Sabia perfeitamente que Nanna não podia ficar com ele.

—O que posso fazer com você? —perguntou, intranquilo.

Nanna elevou a cabeça e apertou os lábios, frustrada.

—Por que não entende que não tem que fazer nada comigo? Isto é algo que concerne aos dois. Nerthus nos deu de beber a Gebo recorda? Gebo é a runa da união. Por que acha que nos deu isso? Para que agora você adote o papel de protetor e me envie para casa para fazer o trabalho da escola?

Noah negou com a cabeça e se agachou na frente dela, entre suas pernas. Apoiou os cotovelos nos joelhos dela e suspirou.

—Nanna. Tenho a sensação de que meu sonho é real. Mais real do que eu me sinto.

—Estive nesse sonho, recorda?

—Sei. E acredito que sabe que é verdade. Podia suportar ver minha morte, embora me deixasse louco. Mas não ver a sua, compreende?

Nanna olhou para outro lado, porque não suportava sustentar o olhar amarelo do guerreiro. Era tão cru que chegava ao seu coração.

—Noah, por que tem tanto medo por mim? Não faz nem três dias que você e eu começamos a nos vincular... Sou uma guerreira.

Ele não sabia dar uma explicação coerente: a verdade era que sentia que amava Nanna mais do que a si mesmo, e não se conheciam muito para isso. Mas assim era.

—As relações sobrenaturais estão marcadas por emoções que não têm explicação. — deu de ombros e se queixou um pouco ao fazê-lo. — Como berserker, saber que minha companheira está em perigo me tira do sério. É muito difícil dar com sua *kone*... Não é questão de arriscar sua existência em uma aventura que imagino que é somente minha.

—Adam e Ruth lutam juntos. O *noaiti* aceita sua companheira. —apontou, lastimosa.

Por que doía tanto que ele não a quisesse ao seu lado em sua aventura pessoal? Acaso pensava que não estava preparada? Que suportasse mal a dor (agora menos) e que nunca se envolvesse em guerras não queria dizer que não soubesse lutar nem estar à altura das circunstâncias.

—Ruth é a Guerreira de Almas. Seu papel é fundamental no Midgard. Se Adam não a quisesse ao seu lado, eu mesmo a arrastaria para que lutasse no meu.

Nanna o escutou. Aquilo foi como uma espetada, como se aquela declaração fosse uma adaga direta a sua honra como guerreira.

— Claro, entendi. —respondeu, ferida. — Por essa regra de três, Aileen luta porque é uma híbrida muito forte. Daanna porque é a Escolhida e faz bilocações; Gúnnr porque é a filha de Thor.

— Cada vez elevava mais a voz, ofendida pelo que Noah estava sugerindo.

— Nanna, não quero dizer que...

—Róta porque tem o dom da psicometria e é útil para todos; Miz porque é inteligente e um cérebro ambulante... e eu?! —gritou. — Eu o que sou?! Não sou nada?! — levantou-se zangada, com vontade de partir dali. — Tenho o *Brisingir*! —abriu o colete e mostrou seu lindo colar tão valioso. — Isto nos salvou!

—É óbvio que é importante e valiosa! E é minha! —disse Noah sem se mover nem um centímetro de sua posição. Não a deixaria sair até fazê-la entender que era a coisa mais bonita que tinha em sua vida. — É tão difícil que entenda que preciso que viva?! Não quero te perder! Agora não! Se continuar comigo morrerá!

—Mas você não controla isso! Ninguém faz! A gente vive ou morre quando tem algo pelo que lutar! E eu... —Os olhos se encheram de lágrimas. — Quero lutar com você. Por você. Por que me exclui disso?

—Porque eu não valho o que você pensa. — ele se justificou. — E se algo tem valor para mim, se agora algo importa para mim, é estar com você. Não vou permitir que se arrisque a morrer por mim. Nunca.

Nanna negou com a cabeça. As lágrimas rolaram por bochechas. Como umas palavras podiam ser tão belas e tão más ao mesmo tempo? Não levava em conta suas necessidades. Colocava na frente o medo que sentia de perdê-la.

Não era justo. Era lindo, sim. Mas não era justo.

— Diga que entende isso. —Noah a levantou, segurou pela cintura e encostou seus lábios à sua têmpora. — Não chore, por favor.

Nanna lambeu os lábios. Não o entendia, mas assentiu para que ele ficasse calmo.

— Irá com eles? Eu te suplico. Sei que estará segura e a salvo porque carrega o *Brisingir* em seu pescoço. Isso te protegerá. Em minha visão, já não o tem. Se continuar comigo talvez o perca... Freyja não iria querer isso, não entende?

Ela voltou a assentir, fazendo-se de menina dócil quando o que na realidade queria era demonstrar a ele de que massa de mulher era feita. Tudo no seu devido tempo.

—Boa garota. — Noah a abraçou e escondeu entre seus braços, contra seu peito. Respirando mais tranquilo e amando-a mais por ajudá-lo a acalmar sua angústia.

Nanna se deixou mimar.

Ele abriu o colete dela, tratando-a com ternura. Tirou e o deixou cair pelos ombros. Passou os dedos pelo seu rosto. Iluminaram-se. A *helbredelse* fechou os machucados do belo rosto de Nanna.

Toda ela deixava Noah penalizado. Tinha vontade de comê-la e de fazer amor com ela com toda a paixão que sentia, mas ao mesmo tempo tinha medo de ser muito brusco e selvagem.

E seu lado animal rugia por estar no leito com sua *kone*.

Depois lambeu sua marca do pescoço e a valquíria estremeceu.

Noah sorriu. Era tão deliciosa e sensível.

Descobriu seus seios depois de tirar aquele sensual espartilho íntimo de valquíria. Curou os cortes que tinha pelos ombros e pelos braços. Logo a segurou nos braços e se sentou no sofá com ela no colo, com as pernas abertas em pleno contato de sexo com sexo.

—Por que já não tem nem um corte? —perguntou ela passando as mãos pelo rosto e o pescoço dele.

—Cicatrizo rápido. —respondeu ele sem dar importância.

Nanna tirou a jaqueta dele. Tirou o casaco justo que tinha furado à altura do peito. A pele estava lisa, como se jamais tivesse sido atravessada pelas garras de Hummus.

—Você cicatriza mais rápido que o normal.

— Agora. Desde que estou com você. —assegurou Noah, cobrindo os seios nus com as mãos.
— Antes não cicatrizava tão rápido.

— Estou vendo... —tocou os mamilos dele, duros e enrijecidos. Inclinou-se para um deles e o lambeu. — Eu te faço mais forte?

Noah ficou tenso e gemeu.

— É o que parece.

—Está sensível aí?

—Estou sensível onde quer que me toque. —Noah se deixou tocar.

A valquíria tinha vontade de experimentar. E ele não seria tão tolo para não permitir.

Nanna sorriu e sugou seus mamilos.

—Porra.

Noah se apressou em descer as calças e tirar as botas dela. Quando esteve nua sobre suas pernas voltou a relaxar, encantado com os carinhos e os cuidados da jovem.

Nanna tomou a cabeça de Noah e a guiou a seus seios. Queria que fizesse o mesmo.

Noah abriu a boca e recebeu seus duros seios em sua língua. Tomou entre os dentes e sugou como se pensasse que deles pudesse obter leite. Fazia o mesmo uma vez atrás da outra. E outra.

Ela tinha os olhos fechados. O cabelo comprido e trançado caía pelas suas costas marcadas com aquelas espetaculares asas tribais, aquelas que diziam a gritos que era uma mulher forte feita para lutar, embora Freyja não tivesse apostado nela.

Com colar ou sem ele, Nanna era uma valquíria, embora Noah não quisesse ver devido a seu alto sentido de proteção, que era a companheira mais forte que poderia ter.

Sua companheira perfeita.

—Faça amor comigo, Noah. — sussurrou no ouvido dele; seus dedos entrelaçaram com seu cabelo loiro como o sol.

Os olhos do berserker se tingiram de vermelho paixão. Seu peito ronronou e depois não demorou para liberar-se das calças e em se mostrar em todo seu esplendor.

Tomou Nanna pelas nádegas e a sentou na sua ereção, deixando-a cair lentamente até que ela foi se empalando pouco a pouco.

A valquíria se surpreendia de quão bem encaixava nesse homem apesar de ser tão grande, tão diferente dela. E embora não coubesse bem, ele fazia tudo para se meter inteiro, porque era como gostava. Nada de pela metade. Possuía-a por completo.

Noah fez amor com ela marcando seus seios com suas presas, segurando-a pelo traseiro, deixandoas marcas de seus dedos nele.

Nanna se deixou cair para frente e segurou nas costas do sofá, juntando testa com testa.

Adorava Noah.

Adorava descobri-lo pouco a pouco.

Mas odiava essa parte dele que se preocupava muito pelos outros e que não deixava que fizessem o que tinham que fazer.

E mesmo assim, sentia que o amava mais por isso. Mas devia aprender que nem sempre as coisas saíam como ele esperava. As pessoas que o rodeavam o amavam e estavam aí para ajudá-lo. Não podia prendê-las e esperar que não lhes acontecesse nada enquanto ele quebrava a cara pelos outros.

Nem pensar.

Nanna balançou os quadris ao compasso do berserker, assumindo parte do controle.

—Mais devagar, preciosa... —pediu Noah apoiando a cabeça no respaldo do sofá, olhando-a através de seus cílios loiros e seus olhos vermelhos.

—Não. Não quero. —protestou Nanna.

Espremeu-o, demoliu-o, deixando aos dois esgotados.

E no momento em que gozou, primeiro ela e depois ele, os dois desdobraram suas asas, que iluminaram o salão de vermelho e dourado.

A confusão e a beleza embargaram Noah. Ficou aturdido, mas sem perder nenhum detalhe dessas asas espetaculares e ameaçadoras de sua valquíria.

Jamais tinha visto nada tão belo.

Nanna era bela, terna, desafiadora e... provocadora, como poderia ser uma mulher dos infernos com olhos e asas vermelhas e umas presas feitas para perfurar e marcar seu território.

Ela sorriu com doçura ao ver as asas dele.

Douradas.

Como não? Alguém tão especial como esse guerreiro devia ter umas asas diferentes, banhadas a ouro.

Noah se levantou com Nanna nos braços, assombrado ao sentir suas asas desdobradas nas costas.

—Nossa... —disse Nanna passando os dedos por suas extensões luminosas. — Olha, um cão voador.

Noah se pôs a rir e estudou seus novos complementos. Moveu-os pra cima e pra baixo, para um lado e para o outro, voando com Nanna pelo quarto. Ela não parava de rir ao comprovar o pouco controle de Noah.

—Tem que deixar de tocar com os pés no chão. Permita que as asas o sustentem...

Noah se deteve, iluminado pela alegria de saber que poderia voar.

Nanna inclinou a cabeça para um lado.

—Você gosta? — acariciou o seu queixo. A risada o fazia mais jovem, muito mais infantil.

Noah negou com a cabeça.

—Eu gosto de você.

Beijaram-se outra vez, decididos a se entregarem um ao outro de novo até que alguém os interrompeu.

Gúnnr abriu a porta como um vendaval, com os olhos cobertos por sua mão esquerda.

—Juro que não vejo nada, mas têm que descer para ver isto!

Noah cobria a nudez de Nanna com suas asas. Parecia que a valquíria se resguardava em uma manta elétrica de cor ouro.

—Do que se trata? —perguntou o berserker.

—Acredito que têm que ver isso. São enviados de Nerthus; dizem que devem proteger à portadora do Brisingir e ao berserker marcado pela Daeg. Suponho que são vocês, não?

Noah e Nanna olharam um ao outro, estupefatos.

—Desçam já! É um espetáculo! —clamou Gúnnr, que deu meia volta e fechou a porta às suas costas.

Noah deu um último beijo em Nanna e ambos correram para se vestir de novo e conhecer esses estranhos que diziam ser seus protetores.

Que Nerthus sáísse da caverna em que estava presa no Midgard tinha comportado várias mudanças. Os mundos mágicos da Terra, aqueles com os que ela conectava e se comunicava, abriram-se respondendo ao seu chamado.

A deusa da Terra, a mãe dos elementares, acabava de convocar a seus exércitos e os animava a sair um atrás dos outros. A guerra era iminente.

Como consequência, nos arredores do hotel, cobrindo a ampla planície e o estacionamento, no qual não havia nem um só carro, para surpresa de todos estava um clã do reino de Nerthus.

Chamavam-no o povo das Huldre.

Os humanos tinham mil lendas sobre eles, em especial os escandinavos. No princípio dos tempos, quando os mundos e os reinos mágicos ainda não se fecharam e os mortais acreditavam nos mitos porque os viram de verdade, os seres como os elfos, as fadas, os duendes, as bruxas, etc., tinham lugar no Midgard e ajudavam aos terrestres em suas tarefas domésticas.

Mas quando Loki desceu e obscureceu as mentes dos homens e das mulheres, seres como o reino das Huldre, considerados guias humanitários e inspiradores da criatividade, independentes das hierarquias divinas, foram perseguidos e espreitados, até que não tiveram mais saída que ir se abrigar sob Nerthus, embora isso supusesse esconder-se durante toda a eternidade, dever favores à deusa mãe e desaparecer para preservar sua vida, convertendo-se em seres neutros que não estavam nem do lado de um, nem do outro.

Nanna, como todas as valquírias, conhecia suas histórias, mas nunca os viu, já que no Midgard, ocultos como estavam, eram invisíveis para todos. E os huldres não existiam no Asgard, pois nasceram no Midgard.

Eram elfos terrestres, muito diferentes aos do Asgard e também aos elfos escuros do Jotunheim. Tinham a tez terrosa, algumas cobertas de musgo e ramos, ao mais puro estilo dos faunos. Seus olhos eram absolutamente negros e suas feições se afilavam, como os extremos de suas orelhas, bicudas e largas, que sobressaíam de seus cabelos vermelhos e lisos. Vestiam-se de verde com cinturões dourados e largos e pulseiras da mesma cor.

Nanna se fez lugar entre Ardam e Gabriel, que não se moviam de onde estavam, flanqueando a porta do hotel.

Nunca tinha visto os huldres, então se aproximou deles com a curiosidade de uma criança.

Quando a viram aparecer com o colar de pérolas e com Noah atrás dela — não perdia seus passos —, abaixaram a cabeça em sinal de respeito e fincaram um joelho no chão.

—*Til din disposisjon*. “A sua disposição”.

—*Surripie takk*. —responderam os dois ao mesmo tempo.

O que parecia o líder daquele esquadrão se levantou antes do resto e olhou Nanna de cima abaixo, para depois fixar seus olhos negros e misteriosos como a noite em Noah.

—*Daeg*. —sussurrou.

Sim. Noah estava se acostumando a ser reconhecido por essa runa, embora não sabia qual era sua origem.

O huldre leu as inscrições em *futharkno* rosto do berserker.

— Está marcado por seu destino. —disse com voz serena e uniforme.

As valquírias ficaram rendidas ao tom daquele elfo, que sorriu.

—Primeiro as agonias e agora vocês. — respondeu Noah. — O que fazem aqui?

O tipo assentiu com a cabeça e seu cabelo liso se moveu para frente e para trás.

—Não somos os únicos seres que estamos saindo à luz. Nerthus convocou a todos os seres mágicos do Midgard, ocultos durante tanto tempo para que Loki não acabasse com eles. Na realidade, estávamos à margem dos conflitos entre Odin e o Vigarista. Chegamos aqui pela própria natureza. Os elementos nos criaram e não somos servos de ninguém. Mas Loki nos perseguiu e nos caçou porque não queria que o ser humano tivesse influências místicas de nenhum tipo. Não queria que nada nem ninguém vertesse luz sobre eles. —lamentou, olhando a todos seus guerreiros. — Tivemos que nos ocultar para nos manter com vida. E para isso pedimos proteção à deusa Nerthus, a mãe de Freyja. Estamos em dívida com ela. —assegurou levando o punho ao coração. — Além disso, agora temos um inimigo em comum.

—Loki. —apontou Noah.

—Sim. Loki. Seremos os protetores do *Brisingir* e do *Daeg* em sua travessia. Nerthus nos assegurou que sua viagem —olhou para Noah— é mais importante do que qualquer frente que se abra neste território.

Nanna esfregou nervosamente as pérolas de seu colar. “*Sim. E nessa viagem, ele não me quer*”.

—É uma honra que nos acompanhem. —respondeu Noah. — Qual é seu nome?

—Kherion.

Noah lhe ofereceu a mão, mas ele negou com a cabeça.

— Não podemos tocar o *Daeg*. —respondeu. — De fato, não podemos deixar que ninguém o faça. É sagrado.

—Isso não serve para mim. —disse Nanna contrariada.

—Não, valquíria. — desculpou-se com educação. — Nós nos referimos aos adoradores de Loki. Não deixaremos que se aproximem de vocês.

—Eu gosto disso. —disse Nanna.

—Quando prosseguem a viagem? —perguntou Kherion. — Devem se apressar, pois o mal espreita sob a Terra. Nós o sentimos. —Jurou entrecerrando os olhos. — Loki acorda de sua letargia. Quer sair.

Os guerreiros franziram os cenhos e seus rostos refletiram uma total determinação, pareciam completamente alerta.

—Partiremos o quanto antes possível. Dentro de algumas horas. —disse Noah com convicção. — Eu ficarei aqui e eles...

—Partimos para a Escócia. —respondeu Ardam. — Há guerreiros perdidos. E queremos recuperá-los.

Bryn olhou para o chão. Não sabiam nada de Steven. A Generala sabia que Ardam se preocupava com ele e queria encontrá-lo. Era como seu irmão e não aceitava seu desaparecimento.

Ela não conhecia muito Steven, mas o pouco que sabia dele, gostava. Era íntegro e responsável. Um guerreiro adulto em seu pleno esplendor.

Além disso, se sua intuição não falhava, a linda vaniria com olhos de anciã, uma das meninas perdidas resguardadas por Daanna McKenna, tampouco tinha retornado a Wester Ross. E nem ela nem ninguém perdeu o aroma da vinculação que tinha desprendido Steven ao vê-la entrar em seus condomínios.

Seja onde estiverem, Bryn não tinha dúvida de que estavam juntos. Vivos ou mortos, mas juntos.

— Essa terra está afundando. —certificou Kherion.

—É verdade. — repondeu Ardam com voz firme; um músculo palpitava em seu queixo. — Mas enquanto houver guerreiros que continuem com vida entre suas gretas, não os abandonarei. É meu clã.

Noah admirou Ardam por sua fidelidade. Como Gabriel, que sorriu com orgulho ao escutar suas palavras.

—Gúnnr está preparada? —Noah olhou para Gabriel e a valquíria. — Ela tem que abrir o portal.

Os dois assentiram, um apoiado no outro.

—Não quero importuná-los antes de fazer sua viagem, mas... meu povo está carente de energia vital. —assinalou Kherion, envergonhado e com tristeza. — Pedimos permissão para deixar que nos reponhamos nesta... —olhou ao hotel, sem encontrar a palavra adequada — fortaleza.

—Se repor? —perguntou Róta, que parecia babar ao escutar Kherion falar. — Como?

Os huldres obtinham sua energia e seu poder da alegria. Eram seres que cantavam à vida; eram os adoradores da música, das danças e da desinibição.

Quando esses seres mágicos, híbridos entre elfos e faunos, pediram-lhes para usar suas instalações, nenhum dos oito guerreiros imaginou que o que precisavam era montar uma festa.

E não uma festa qualquer. Não.

Os huldres, homens e mulheres, cantavam e dançavam como se estivessem possuídos.

E bebiam. Bebiam *akvavit*, um licor norueguês que conforme contavam o tinham roubado os humanos de Úras, o huldre que controlava as essências dos elementares das plantas.

O pub do hotel tinha garrafas de *akvavit* para tomar e dar de presente, porque se converteu na bebida da Noruega por excelência. Os humanos o guardaram em garrafas de cristal e o chamaram de *Linie*.

Aparentemente, essa espécie de elfos precisava absorver as essências dos grãos do paraíso, o cominho dos prados, o cominho, o eneldo, o coentro e a erva-doce para repor energeticamente mais rapidamente, pois diziam que a base dessa bebida, cujo nome significava “a água da vida”, eram as essências básicas dessas plantas.

Ligaram o aparelho de som do pub e dançavam no exterior do jardim nevado. Ao seu redor tinham preparado fogueiras com combustível e troncos da despensa do hotel. As valquírias as acenderam com seus raios.

Davam círculos sobre si mesmos. Gritavam e cantarolavam as canções que se aprendiam em décimos de segundo, como se já soubessem suas letras.

—Kherion. —chamou Ardam falando com o elfo que não deixava de beber e se mover ao ritmo da música. — Não estão fazendo muito ruído?

—Estão protegidos. — respondeu sério, como se não tivesse uma garrafa de *Linie* na mão. — Os huldres estão acostumados a criar rituais de música e a que o ser humano não nos ouça. Limpamos este lugar. Nenhum jotun pode nos ver. —Olhou a sua gente, que se repunha da dura letargia clandestinamente. Suas peles foram adquirindo uma nova cor, seus olhos, negros pela escuridão, clareavam-se pouco a pouco, deixando que se visse neles um tom esmeralda como da grama cristalizada. A cor da esperança. —Me dê sua taça. — pediu.

Ardam olhou seu copo de vidro azul e que estava vazio. Essa bebida era bastante boa, mas nada a ver com o bom uísque escocês.

—Beba para nós, einherjar. Sua energia nos ajuda a melhorar com mais rapidez.

—Não preciso estar mais enjoado. —assegurou. — Além disso, em breve faremos uma viagemzinha um tanto tempestuosa com a filha de Thor. Quero ter a cabeça boa.

—Não se preocupe com isso. Nós o ajudaremos a sarar. —explicou Kherion.

—Fazem desaparecer a ressaca? — perguntou Ardam atônito, chamando Gabriel com a mão. Tinha que escutar isso.

— Sim. Mas em trocapreciso que vocês dancem. São seres sobrenaturais. Têm muita energia e vai bem recebê-la. Ajudem-nos e nós os ajudaremos depois.

Gabriel que tinha escutado toda a conversa sentado no capô de uma caminhonete negra abandonada na entrada do hotel, arqueou suas sobrancelhas loiras e sorriu a Ardam.

—O que acha, engel? Montamos uma festa de despedida do Midgard?

Gabriel desenhou um sorriso de orelha a orelha e disse:

—Vou atrás de Gúnnr.

Ardam viu como Gabriel corria e entrelaçava os dedos com Gunny, para levá-la ao centro do círculo dos elfos e começar a dançar com ela.

O highlander procurou Bryn com seu olhar de Kohl; quando a localizou, seduziu-a com um sorriso de menino mau.

A Generala, que falava com Róta e Nanna, excitou-se assim que viu como ele caminhava para ela com essa segurança e essa autoridade que fazia com que o mais líder de todos os líderes fosse um inferior ao seu lado.

Ardam se plantou diante dela e ofereceu sua mão virada para cima.

—Me deixe quente como uma moto, valquíria. — ordenou. Seu piercing refulgiu iluminado pelo fogo das fogueiras.

Bryn mordeu o lábio inferior. Envolta em seu traje de Generala chefe evoluída como um *digimon*, pousou sua mão sobre a dele.

—Podemos?

—Podemos.

—Vamos, dalriadano.

Nanna tinha muito claro o que tinha que fazer.

Tinha falado com suas irmãs e esperava o momento correto para executar seu novo movimento.

Mas tinha que procurar a oportunidade, fabricá-la do nada.

E faria isso.

Ardam e Bryn, e Gaby e Gunny dançavam no centro dos huldres, que pareciam extasiados ao receber tanta paixão e beleza por sua parte.

Os elfos todos eram tão hedonistas como os deuses. Alimentavam-se da divindade e a magnificência do reino humano, divino e terrestre. E o que eram duas valquírias e dois einherjars, a não ser uma criação bela e gloriosa dos deuses?

Jamais tinha visto Ardam e Bryn dançando daquele modo.

Ele bebia e dava de beber a ela, enquanto meneavam os quadris e se roçavam. Um contra outro, de cara, de frente, de costas, prodigalizando-se beijos e carinhos que nunca se davam em público.

E Gabriel e Gunny?

Outro espetáculo a mais da natureza. Sua muito linda *nonne* provocava o príncipe dos einherjars, e ele ficava louco.

Miya se aproximou de Róta pelas costas. Estava falando com Nanna e com sua garrafa de bebida.

—Deixa o *aktivit* um pouquinho, anda. —Nanna tentou roubar a garrafa de Róta, que a olhou com cara de poucos amigos enquanto sorria malevolamente a Miya. Deu-lhe um beijo úmido e muito melado nos lábios.

O samurai grunhiu, agradecido.

—O que quer, vanirio?

—Dança comigo. —ele ordenou. — Tem que ajudar os elfos a se reporem. E, aparentemente, os deuses nos permitem desfrutar de uma dança antes da guerra final. Quero que dance comigo.

Róta deu um gole em sua garrafa e a ofereceu a Miya.

—Não, obrigado. —O samurai assinalou a garrafa de saquê que tinha deixado vazia sobre o suporte de vasos da entrada.

—Você fez isso?

Ele assentiu com o olhar fixo em sua boca e em seus seios.

—Sim.

—Será divertido ver um japonês dançar. —argumentou enquanto se pendurava nele e rodeava sua cintura com as pernas. — Pelo fim do mundo! —gritou a valquíria levantando o punho.

Todos a escutaram e a aclamaram quando ambos entraram no círculo, unindo-se a seus amigos.

—Akvavit, portadora do *Brisingir*.

Nanna se virou e se encontrou com Noah.

Seus olhos brilhavam com a luz da certeza e da antecipação. Nem sequer tinha que pedir a ele que dançasse com ela. Já tinha um sim inclusive antes da festa.

Ele a segurou pela cintura e a colocou a seu corpo.

—E o que disse? —perguntou ela.

—Disse aktivit.

—Bom, parece o mesmo... —disse dando de ombros.

As notas de Burn, de Ellie Goulding, alagou a rua e o jardim em que os huldres e os guerreiros dançavam para tomar energias e dar o último empurrão a uma guerra declarada.

Nanna os olhou com um sorriso de desejo nos lábios, mas Noah só olhava para ela. Só tinha olhos para ela.

Nanna se deu conta e o olhou de esguelha.

We, we don't have to worry about nothing Cause we got the fire, and we're burning one hell of a something They, they gonna see us from outer space, outer space Light it up, like we're the stars of the human race, human race.

(Não temos que nos preocupar com nada. Porque possuímos o fogo, e ardemos em uma espécie de Inferno. Eles nos verão do espaço exterior. Nos iluminemos, como se fôssemos as estrelas da raça humana.)

—Não somos as estrelas da raça humana. —disse Noah, acariciando-a com seus olhos. — Mas você sim, é a minha.

Nanna sentiu que se desfazia.

Conforme dizia a canção, Noah entrelaçou os dedos com Nanna e encostou sua testa à dela, começando a mover os quadris e a balançar ao ritmo da música, os dois ao mesmo tempo, em sintonia, como se fizessem amor.

Nanna sentiu vontade de chorar. Nesse momento, a ponto de partir e de que o Midgard caísse em uma guerra injusta, sentia-se mais feliz e completa que nunca.

Suas irmãs estavam com ela. Em uma festa, com seus companheiros, tal como desejavam em Valhalla. E riam. Pareciam tão felizes quanto ela.

Apoiou-se em Noah e se agarrou a seu cabelo, que o prendeu em um rabo de cavalo alto que destacava suas feições e o fazia ainda mais arrebatador se possível.

Era tão fácil dançar com a pessoa pela qual estava apaixonada. Quando dois vibravam na mesma sintonia jamais se podia perder o ritmo.

Nanna levou a garrafa para a boca do berserker e o fez beber. Noah obedeceu sem deixar de olhá-la.

When the lights turned down, they don't know what they Heard Strike the match, play it loud, giving love to the World

Quando as luzes se apagaram, eles não souberam o que tinham ouvido. Acenda o fogo, acenda-o mais alto, dando amor ao mundo.

—Sentirá minha falta? —perguntou ela.

—Cada minuto que passar sem você. Já sinto sua falta, *min valkyr*. Mas é o melhor. Preciso sentir que está viva. E tenho a sensação de que a meu lado a vida se vai. Não posso me permitir isso.

"Oh, Noah. Está tão enganado".

Não discutiria com ele nem o faria mudar de opinião, assim sorriu agradecida por sua preocupação e deixou que ele a levantasse e beijasse, levando-a rapidamente até o centro do círculo para dançar junto com os outros, que levantavam os braços ao céu como se cantassem aos deuses que deviam ser juízes do destino de todos.

We got the fire, fire, fire. And we gonna let it burn burn burn burn We gonna let it burn burn burn burn...

(Temos o fogo, fogo, fogo. E vamos deixá-lo arder, arder, arder. Vamos deixá-lo arder, arder, arder.)

Deixariam acender o fogo de suas paixões e de suas essências para ajudar os huldres a recuperar suas forças.

A única coisa que esperava era que a nenhum deles ardesse muito o que Nanna tinha pensado fazer.

CAPÍTULO XX

— Ei, Kherion. — Miya chamou o elfo em meio a tamanho ritual energético. — Venha aqui, queremos comprovar algo.

Kherion se aproximou deles sem deixar de beber *Linie* e os olhou um a um.

— O que manda?

— Escuta isto. — aconselhou Ardam. — Miya, faça as honras.

O samurai obedeceu e pigarreou.

— Duas elfas estão passeando pelo bosque. — contava Miya a Kherion, movendo sua mão recuperada. O hudriel não sorria. — Então, de repente, um grupo de orcs que nunca esteve com uma mulher, divisam-nas entre as árvores. Os orcs vão atrás delas para violentá-las, assim as elfas fogem apavorada, correndo tudo o que podem e mais. Ao fim de algumas horas, param cansadas de tanto correr enquanto os orcs, incansáveis estão a ponto de alcançá-las. E uma diz à outra: “Não pare ou nos pegarão”. A outra esgotada, olha para ela quase sem ar e solta: “Prefiro ter um orquinho a ter um enfarte”.

Kherion piscou, seus lábios não se ergueram nem meio milímetro. Seus olhos verdes brilhavam.

Ardam chorava de rir.

— Que sacana! — dizia.

Miya, que adorava provocar, olhou de esguelha para Kherion e o provocou com outra brincadeira.

— Imagine Aragorn vigiando o Muro do Abismo de Helm. Então, ao longe, vê uma terrível nuvem de poeira. Como não vê nada, pega Legolas e diz: “Legolas, amigo, você que tem os olhos penetrantes da bela gente, diga-me o que vê atrás daquela nuvem de poeira?” Legolas olha à frente e responde: “Vejo um grande exército de homens”. Aragorn assente e pergunta de novo: “Mas os que vêm são de paz ou de guerra?” E Legolas responde: “Pois eu acredito que vêm festejando e brincando porque têm o rosto pintado, gritam e estão dando saltos”.

Ardam, Gabriel e Noah puseram-se a rir com força, enquanto o hudriel os olhava como se tivessem algum problema mental.

— E... dizem que são guerreiros? — perguntou com aquela voz que deixava a pele dos homens arrepiadas e o sangue quente às mulheres.

Os quatro assentiram, seguros de sua natureza.

— É somente um experimento. — disse Noah apaziguando. — Os elfos dizem que se divertem bem nestas festas, mas não vejo nenhum rir. Não sorriem.

Hudriel olhou o berserker, a esse que tinha vindo proteger.

— Eu tampouco espero não ver a nenhum jotun rir quando vierem atrás de você, não quero que me confundam e pensem que vêm festejando e permita que coloquem uma lança pelo seu traseiro. — respondeu com uma educação e uma serenidade prodigiosa. Dito isto, dirigiu-se a Miya. — Qual é o país que primeiro ri e depois explode? — disse de repente.

— Hã? — respondeu Miya franzindo o cenho.

—Ja... pão⁷.

Depois dessas palavras, o hudriel se reuniu com sua gente e continuou obtendo energia da música e suas danças.

Gabriel e Ardam não podiam deixar de rir de suas respostas.

— Conseguiu? — perguntou Róta, escondida no banheiro do hotel.

Nanna entrou com a chave *daeg* de Noah na mão. Tinha tirado enquanto dançava com ele *Never be alone*, de Deepside Dee Jays.

— Consegui.

— Não se deu conta? — desceu da pilha de madeira e mármore.

— Agora está falando com os outros. Está com Activia até as sobrelhas. Está tão bêbado que se dissesse que seu pai é Drácula e sua mãe Morcítia acreditaria.

Róta riu. Não precisava retificá-la sobre o nome da bebida nem da mulher do vampiro. Ela a entendeu perfeitamente. Estava acostumada às suas livres mudanças morfológicas.

— Na realidade — disse a que Tudo Vê —, eu não fazia isto antes. Encontrava pessoas através de seus objetos. Mas o sangue de meu Kenshin, o descendente de Susanoo, me fez mais forte e multiplicou minha capacidade. — esfregou as mãos.

A porta de carvalho se abriu. Atrás dela apareceram Gúnnr e Bryn com as bochechas ligeiramente rosadas e os olhos sonolentos.

— Você a tem? — perguntaram.

— Tem. — respondeu Róta abrindo a mão para que Nanna desse a ela.

— Disse a vocês que cuspiasse as bebidas. — repreendeu-as Nanna dando a chave esférica à ruiva. — Não as ensinaram nada os filmes que eu levava a Valhalla? O álcool não se ingere, cospe-o em outra garrafa que finge beber.

— Pediu-nos que os fizéssemos beber para que não se dessem conta de nosso ardil. — Bryn revirou os olhos. — Só escapou das nossas mãos um pouquinho. Tem certeza de que quer fazer isto? — perguntou.

Não estava certa. Estava muito certa.

E suas amigas a compreendiam perfeitamente, por isso a ajudavam com seu desafio.

Elas tinham passado por dificuldades com seus companheiros.

Gabriel acreditava que Gúnnr não sabia lutar e que era fraca. A valquíria sofreu até demonstrar a ele que estava errado.

Miya pensava que Róta era a encarnação do mal (e disso não havia dúvida), mas sua amiga tinha força suficiente para se contrapor a esse lado escuro e dar uma lição de fidelidade, amor e amizade não só ao samurai, mas sim a todos os que alguma vez duvidaram dela.

Ardam passou uma eternidade no Midgard desejando vingar-se de Bryn, odiando-a com todas as suas forças, porque não sabia a verdadeira razão pela qual Bryn o exilou. E Bryn deu tudo por ele e por suportar seus castigos.

⁷ Trocadilho em espanhol, usa a expressão Já, como usamos o Ha para indicar risada.

Assim, se havia mulheres empáticas com ela nesse reino, essas eram suas *nonnes*, por isso estavam dispostas a lhe dar uma mão, mesmo sabendo que isso a colocaria em perigo. E por isso ela as amava com todo seu coração.

Só tinha aquela oportunidade, aquela vida no Midgard antes que o Ragnarök cravasse as mandíbulas em seu destino. Sua decisão era trapear Noah.

Ela estava disposta a lutar por ele e por sua própria credibilidade.

E demonstraria ao Bengala.

—Faça sua magia, Róta. —pediu, nervosa. — Não tenho muito tempo. Devo me apressar.

A valquíria assentiu. Fechou os olhos e acariciou o círculo dourado com a runa gravada no centro, que sobressaía ligeiramente da superfície lisa do objeto.

Róta ficou muito tensa enquanto viajava para onde a levava seu dom.

— Um enorme fiorde... percorre o Jotunheim e...

—Seja mais concreta. — animou-a Nanna. — Estamos na Noruega.

—Rodeiam-no muitos escarpados... —continuava Róta com os olhos completamente negros, perdida em sua visão. — É uma geleira enorme, tão grande... espere... Há algo... São túneis de gelo, cavernas subterrâneas. —Róta tomou ar. — Peguei. Estou no topo. A entrada está ali.

—Onde? —Nanna se sentia inquieta e ansiosa.

Róta saiu de sua visão e seus olhos se tornaram turquesa de novo. Pouco a pouco recuperou a normalidade. Suspirou e se apoiou no balcão do banheiro, um tanto tonta.

—O que? O que viu?

A valquíria filha de Sibila sorriu a Nanna.

—O que procuram está em Jostedalsbreen. Em suas entranhas.

Nanna piscou.

—Viu o que era?

—Não. — negou ela com as mãos no estômago. Esse tipo de visão revolvia suas tripas. — Seja o que for o que abre esta coisa, está selado. Muito bem selado.

—E agora o que? —perguntou Gunny.

—Agora —Nanna guardou a chave no colete, recolocou bem as *bues* e prendeu o cabelo trançado em um coque alto— vamos sair e dançar. Preciso que me cubram. Gunny.

—Sim? —Gúnnr estava preocupada com Nanna. Sabia que o que tinha a fazer era algo que não podia evitar, mas nem por isso deixaria de sentir medo por sua irmã.

—Os huldres já estão quase recuperados. Não demorarão nada em tirar a bebedeira dos guerreiros. Então me enviem pra longe, tem que convocar a tempestade.

Bryn a segurou pelo ombro.

—Está segura de que isto é o que deve fazer?

Nanna assentiu com convicção.

—Não me ocorre outra coisa. Não vou abandoná-lo sozinho porque ele acha que é o melhor.

—Mas, Nanni... —Os olhos da Generala se entristeceram. — E se Noah tiver razão? Que uma pessoa sonhe algo mal pode ser um pesadelo. Mas que duas pessoas sonhem exatamente o mesmo pode ser uma profecia.

Nanna assumia isso. Tinha chegado à mesma conclusão que sua líder, mas não voltaria atrás.

—Vivi rodeada de morte, recolhendo seres que pereciam na Terra sem uma oportunidade de se salvar, mas que lutavam com coragem. Esta é a primeira vez que vivo de verdade. Se morrer, que seja rodeada de vida, aparecendo em precipício e estando em meu lugar. E sinto que meu lugar é ao lado dele.

As três valquírias se entreolharam e não ousaram contradizê-la, porque nenhuma delas concebia a batalha final estando separadas de seus guerreiros.

Eram um.

E elas ajudariam para que Nanna e Noah continuassem sendo um.

Em Valhalla quando Nanna estava junto delas e os deuses convocavam um torneio de caçadores de tesouros, as quatro valquírias participavam juntas e se convertiam nas líderes de todas as guerreiras.

Uma vez que adivinhavam para onde deviam ir e onde se ocultava o tesouro, faziam um círculo com uma delas no centro. Então ativavam sua energia elétrica que circulava ao redor delas e ia parar, condensada, na valquíria que estava no meio: no pilar.

Depois as três que formavam o triângulo impulsionavam o pilar com seus raios e a elevavam o máximo que podiam através dos céus. Esta se iluminava como uma estrela e servia de guia às demais valquírias. Assim as conduzia até o objeto procurado.

Os elfos dançavam em êxtase. Ardam, Gabriel, Miya e Noah brindavam uns com os outros e gritavam como selvagens, como se dessem ânimos para o último combate, como se entre eles procurassem o modo de se tornarem mais fortes, de chegar a ser invencíveis.

As valquírias se entreolharam. Ficaram dançando em círculo, cantando e movendo seus quadris ao ritmo de uma música que só elas conheciam, seu hino.

Cantarolavam-na em silêncio para que só elas escutassem.

No fundo outra canção soava, mas não a ouviam bem enroscadas uma na outra como estavam.

—Quando sentir que seu coração está escondido —cantavam olhando as quatro com Nanna no centro, controlando pelo canto do olho para não chamar muito a atenção dos einherjars—, e ver que está se quebrando... Quando as nuvens se forem... estará bem aqui comigo.

Nanna fechou os olhos, agradecida de ter umas irmãs de orelhas bicudas tão especiais e leais como elas.

Não queria olhá-las nos olhos porque sabia que as três estavam tão angustiadas quando ela.

Talvez nunca voltassem a se ver.

Talvez Nanna ficasse pelo meio de sua viagem e não pudesse demonstrar a Noah que era a melhor companheira para encontrar o que estava procurando.

Talvez sua aventura acabasse ali.

Mas enquanto sentia os fios de eletricidade de suas *nonnes* inundando-a, banhando-a de força e carinho, não pensou em nada do que perdia se isso não saísse bem.

Sentia-se tão cheia de amor que pensou que não havia modo melhor de viver sua vida do que amando a todos com a mesma intensidade.

O que ganhou esses dias no Midgard era impagável.

Queria ajudar Noah porque o amava.

E o amava com a certeza de alguém que sentia que podia passar mil vidas eternas mais ao lado da pessoa que melhor conhecia. E essa pessoa era ele, embora na realidade não sabiam quase nada um do outro. E, entretanto, tinha a sensação de que nunca se separaram, de que sempre estiveram juntos.

—Eu estarei aqui, justo a seu lado, em cada passo que dê. —cantavam cada vez mais alto. Nanna se iluminou: uma onda expansiva cresceu ao redor do círculo. Abriu os olhos e com o *Daeg* na mão, sorriu para elas. — Serei sua força e seu escudo. Serei quem a protegerá da chuva.

Nanna piscou com os olhos cheios de lágrimas.

Deviam se separar. Elas iriam à Escócia, mas ela ficaria na Noruega, ajudando o homem a quem amava.

Bryn engoliu em seco e com lábios trêmulos, perguntou-lhe:

—Está preparada, *nonne*?

Nanna assentiu com a cabeça.

Róta e Gúnnr sorriam e choravam ao mesmo tempo.

—Estaremos ali, bem ao seu lado. Embora não nos veja. —repetiu Róta. — *Jeg I hjertet, nonne mi.*

—*Jeg... Jeg I hjertet.* —repetiu com uma bola de angústia atravessada na garganta. —Amo vocês.

—E nós a você. —respondeu Gúnnr, emocionada. — Mantenha-se com vida, Gunny.

—Sim.

— Nós a veremos no final do caminho. —assegurou Bryn, que lhe ofereceu toda a energia de seu coração.

— Eu as espero ali.

De repente, Nanna absorveu tanta luz e energia que se elevou como um foguete ao céu e desapareceu entre as nuvens. Atrás dela deixou uma esteira elétrica, a ela, às suas amigas e a seu amor na Terra.

— Ei, sabe de uma coisa? — disse Ardam, que tinha o braço por cima de Noah. — Steven me contou outra piada sobre os elfos.

Quando Noah viu o rastro de Nanna entre eles e depois fixou seu olhar amarelo em suas amigas que não paravam de chorar, soube que algo estranho tinha acontecido.

Separou-se de Ardam e caminhou até elas, que ficaram em alerta quando o viram aparecer.

—Aonde foi? —perguntou com os olhos vermelhos pelo álcool e as pupilas dilatadas.

Róta respondeu por suas irmãs.

—Agora voltará. Foi procurar uma coisa.

Noah estreitou os olhos e cortou o passo das três guerreiras.

—Afastese, Noah. —ordenou Bryn.

— Não. Não até que me digam aonde foi. — respondeu.

Gúnnr escapou e correu para falar com Hudriel e Gabriel para pedir ao elfo que tirasse suas ressacas, pois abriria um portal para sair dali e retornar à Escócia.

—Disse-nos que voltará em seguida. — respondeu Bryn séria.

—Partiu? —Noah sentiu que o invadia a ansiedade. — Foi embora?! Onde está?! — rugiu. Olhou por cima do ombro e viu Gúnnr e Gabriel, que falavam entre si. Gabriel parecia plenamente recuperado do *Linie*. A valquíria lhe dizia que convocaria a tempestade dentro de uns minutos. Mas não podia convocar nada se Nanna não estava ali. Correu para eles como a alma que leva o diabo.

—Ei! Não pode criar a tempestade!

—Ah, não? —perguntou Gúnnr.

—Não até que Nanna retorne! Tem que ir com vocês!

—Nanna não está aqui. —respondeu a filha de Thor. — Não queria nos acompanhar.

Noah não soube o que fazer, dominado pela raiva. Isso não podia estar acontecendo. Pensava que Nanna ficaria a salvo, protegida dele e seu destino. Mas, em vez disso, com a ajuda de suas amigas, escapou.

—Isto não tinha que ser assim!

— Escuta uma coisa, berserker. —Bryn se colocou ao lado de Gúnnr. — Às vezes as coisas não são como a gente ordena. Quando dá ordens deve se assegurar de que o outro vai te obedecer e quer fazer o que você indica.

— Disse para mim que faria isso!

—Mentiu para você. — respondeu Róta, flanqueando suas irmãs. — E se visse de verdade como Nannaé, teria percebido que ela não deixaria nunca seu trabalho pela metade.

—Seu trabalho? —Noah se equilibrou sobre elas, mas Ardam o segurou e afastou. — Seu trabalho é manter-se viva! É sua obrigação! E por sua culpa, por deixá-la aqui, morrerá!

—É sua decisão! —replicou Bryn. — Ninguém pode fazer nada contra isso. Não entende? — Olhou-o, condescendente. — Pensam que protegidas estamos melhor. Mas somos valquírias. Nosso habitat natural é o campo de batalha. Não fugimos dele. E menos quando nossos einherjars lutam em nosso nome.

—Onde está?! —exigiu saber, com as presas expostas e o rosto coberto pelo desespero.

—*Daeg* —Hudriel utilizou sua voz calmante—, se a portadora do *Brisingir* continua no Midgard, nós a encontraremos.

—Como?! —replicou Noah, fora de si. — Onde imagina que foi? Sou eu quem tem a chave! —Procurou no bolso interior de seu colete. — Sou eu quem possui o objeto que... —Seu rosto empalideceu. Quando se deu conta do que aconteceu, mal pôde se mover. — Não posso acreditar nisso.

As valquírias sentiram pena dele.

Gúnnr se colocou em sua posição, preparada para a descarga de Bryn, decidida a convocar a tempestade sem a presença de Nanna.

—O que foi, Daeg?—perguntou Kherion, que pareceu se solidarizar com ele.

—A valquíria me enganou. Roubou-me. Leva o objeto.

— Noah... Nanna quer ficar aqui. — esclareceu Róta, que parecia compadecer-se dele. — Se quer ir atrás dela e acompanhá-la na viagem, que é a mesma que a sua, deve encontrá-la. Dirija-se a Jostedalsbreen. Ela vai para lá disposta a te demonstrar que não é um estorvo.

— Claro que não é! — respondeu ele.

— Você disse isso a ela! — exclamou Bryn. — Meça suas palavras de agora em diante! Nanna é tão valiosa quanto você. Não rechace sua ajuda. — Esquentou as mãos, disposta a lançar sua potência contra a filha de Thor. — Siga-a e continuem juntos. E cuide dela.

— Vocês a conduziram à morte! — gritou, seguro de suas palavras.

— É sua decisão. — disse Bryn de novo. — Nós somente a ajudamos a cumprir seu desejo. Inclusive uma guerreira deve decidir ao lado de quem quer morrer. E decidiu morrer ao seu lado. A não ser que você o evite. Mas como, Noah, é o que esperamos todos. Os dois devem sobreviver.

Noah passou os dedos pelo cabelo, despenteando-se. Esfregou sua cara com desespero. Precisava estar sereno.

Sentia tanta impotência e tanta raiva que tinha a sensação de que ia explodir.

— Kherion.

— Sim, Daeg?

— Me ajude a me sentir melhor.

Kherion pôs a mão na têmpora dele e Noah relaxou o rosto. A ressaca e a dor de cabeça desapareceram imediatamente, mas não a ira, que cozinhava a fogo lento em seu interior.

— Prepare seu povo. — pediu com serenidade, olhando ao céu estrelado, nublado e cinza. — Vamos imediatamente. — Abriu suas asas, mas Kherion o deteve.

— Não deve fazer isso, Daeg.

— Por que não?

— Porque toda esta terra está vigilante. Os jotuns se ocultam e controlam todos os fronts. A portadora do *Brisingir* não devia ter utilizado os raios das Valquírias para viajar.

— E não fez isso. — disse Bryn com calma. — Só utilizou nossa energia para dar um salto no espaço. Nada mais.

Hudriel a escutou e depois se virou para Noah.

— Não deve viajar com suas asas. Iluminam a noite e estes céus cheios de neve são refletivos e espessos. Saberão que se aproxima e o pegarão.

— E como a alcanço?! — disse impotente. — Leva muita vantagem sobre mim. Sabe-se onde está!

Kherion assentiu. Entendia bem sua ansiedade.

— Meu povo tem outros recursos. Nós o acompanharemos e ajudaremos.

A noite tinha transcorrido, começava um novo dia sem Nanna. Iria procurá-la. E quando a encontrasse daria seu castigo.

Noah era bom até que algo o aborrecia de verdade. E nunca se sentiu tão ofendido como nesse momento, quando Nanna tinha traído sua confiança rindo dele e o roubando na sua cara.

Por outro lado, sabia que era o pior dia para brigar com ela, pois quando a nova noite caísse, haveria lua cheia.

E as luas e os berserkers eram aliados terríveis para suas companheiras.

CAPÍTULO XXI

Corria sem parar.

Deixava atrás cumes abruptos e montanhosos, salpicados por extensas geleiras. O fiorde que nomeava Róta se estendia através dos parques do Jotunheim e Jostedalsbreen, e os transpassava como braços frios e gelados que os abrangiam. Estava claro que eram de sua propriedade.

Os mares congelados rodeavam aquela terra cheia de cadeias, as quais Tolkien se inspirou para seus livros. Vales orientados de norte a sul, verdes e cobertos de neve. Vales solitários desprovidos de gente que pudesse comandar nesse julgamento final que todos esperavam, por muito lutassem para evitar.

Nanna sabia. Sabia que muitos dos habitantes dessas comarcas eram agora membros dos exércitos de Loki. Cedo ou tarde os enfrentariam. A valquíria já não queria pensar em que uma vez foram apenas humanos. Agora eram o inimigo e não teria compaixão.

Levava a chave de Noah em sua mão. Não a soltaria jamais.

Só devia encontrar a geleira de Jostedalsbreen e entrar pelo topo. Róta disse que em suas entranhas se escondia o que estavam procurando.

Pois bem, demonstraria que ela o acharia e que sobreviveria à sua busca.

As costas recortadas serravam a paisagem tão mística e maravilhosa. Não podia compreender como havia jotuns nela. Mas Loki sempre dava um jeito de enganar. Disfarçava-se de algo bonito e depois mostrava sua feiura em todo o esplendor quando já era tarde demais para escapar da armadilha.

Cachoeiras e falésias à distância atraíam sua atenção, recordando paisagens de Asgard ou do reino dos elfos.

Pensou em Noah.

Certamente recebeu mal sua deserção.

Mas fazia aquilo por ele e por ela. Pelos dois.

Tinha o *Brisingir*, que se iluminava assim que havia jotuns ao redor: deixava-os cegos e de joelhos. Ninguém poderia lhe fazer mal.

Ela sobreviveria, encontraria seu tesouro e Noah se sentiria orgulhoso.

O problema era que não conhecia essas terras, e tudo o que a rodeava era parecido, como se estivesse constantemente no mesmo lugar.

Esperava que a chave indicasse onde deveria ir, como chegar até ali; pensava que seria como uma adaga *guddine* que esquentava quando havia algum deus perto. Mas nem a runa gravada na chave nem a própria chave se esquentavam nem acendiam.

Isso queria dizer que estava longe de Jostedalsbreen?

Noah e os hudriels seguiam o rastro da valquíria.

Estava anoitecendo rapidamente.

Cada rocha parcialmente queimada ou cada passo muito comprido e afastado gravado na neve indicava a eles que ela tinha passado por ali.

E seu aroma. Seu aroma característico de algo doce e picante ao mesmo tempo como um doce ácido, guiava-o atrás dela. Quanto mais perto estava, mais penetrante era seu aroma.

Noah não a deixaria escapar.

Deuses, estava tão assustado de não tê-la perto...

Não que não confiasse em sua capacidade. O que acontecia era que acreditava muito em seu sonho e o atormentava pensar que não havia uma saída melhor para os dois que se queimarem juntos.

Como? Quando? Onde? Não sabia.

Mas aconteceria. Sua visão era tão real como uma profecia.

Por que Nanna não podia compreender que não queria que ela sofresse esse destino?

Comportando-se desse modo fazia-o sofrer!

— Ela continua viva. — informou Kherion.

Noah não precisava escutar esse tipo de informação. Suspeitava que se acontecesse algo a Nanna ele o sentiria, de tão unidos que estavam.

— Como sabe?

— O vento nos diz. — respondeu correndo a seu lado, tão veloz quanto ele.

Noah piscou, confuso.

— Sabe onde está a cada momento?

O hudriel assentiu.

— A natureza nos conta tudo o que precisamos saber e a tem à vista. E nos esconde quando mais precisamos. — disse sem mal mover os lábios. — Temos esconderijos, mirantes e refúgios. A deusa Nerthus selou muitas cavernas para que os servos de Loki não pudessem entrar. Os elementares sempre estarão do nosso lado.

Noah o escutava com atenção, observando que nenhum galho nem rocha caíam sobre o Kherion nem sua gente, enquanto ele devia manobrar para não cair ou dar de cara com seus saltos vertiginosos.

— E o que diz o vento?

— Diz que o fiorde de Sognefjord percorre o parque de Jostedalsbreen, igual ao do Jotunheim. É um fiorde cheio de poder cujas profundezas ocultam muitos segredos.

— Sei. — respondeu Noah, recordando o que viu na gruta das agonias. Seja o que for que essa chave abria estava sob o gelo. — Agora me conte onde está Nanna. Podemos chegar até ela? Mas tudo naquele paraíso era gelo.

— Podemos... mas se congelará. — assegurou Kherion.

— Não ficarei congelado. Farei o que tiver que fazer para chegar até ela.

— Viajaremos através do fiorde. Devemos pedir permissão para entrar em suas águas. De verdade que quer fazê-lo?

— Por Nanna? É óbvio. Por favor, faça o que tiver que fazer. Eu te seguirei.

Kherion ergueu a mão para deter toda sua gente.

Fechou os olhos e tocou uma pocinha de água que repousava sobre uma rocha gelada. Esfregou o líquido entre seus dedos e sussurrou uma espécie de prece.

— A água nos dá sua permissão para encontrar a portadora do *Brisingir*. E também para te levar até ela. É a primeira vez que um berserker experimenta o transporte dos hudriels.

— Sinto-me honrado por isso.

Seu povo falou agradecido em seu idioma élfico. Kherion disse a eles que se deixassem cair na água congelada que havia ao pé da montanha. Queda livre.

O hudriel olhou a Noah com admiração.

— Me agarre pelo antebraço.

Noah obedeceu.

— Está preparado? Isto não tem nada a ver com qualquer coisa que tenha experimentado antes. Não há nada mais poderoso que a Mãe Terra. Você dá saltos poderosos e muda. Nós utilizamos o clima, a flora e a fauna para nos fazer mais fortes. Esses são nossos dons.

— Estou preparado.

O berserker respirou fundo e assentiu com a cabeça.

Kherion saltou pela falésia que rodeavam. Juntos se deixaram cair nas profundezas geladas.

Seu povo inteiro os seguiu.

Nigardsbreen

Na Noruega o dia não era muito claro.

Chamavam de “a noite polar civil” ou “noite branca”. Durante o dia, se, além disso, o céu estava nublado como então, a luz escasseava.

Mesmo assim, havia claridade. Não muita, pois o sol se escondia rapidamente. Então Nanna sabia que era o tempo perfeito para os nosferatus e todas as criaturas noturnas de Loki que assolavam aquelas montanhas para sair e matar.

Estava sozinha e continuava sem encontrar a tal da montanha que Róta tinha mencionado. Sem um humano a quem perguntar e seu famosíssimo senso de orientação que brilhava por sua ausência, estava perdida.

— Deuses... — sussurrou em voz baixa, caminhando sobre a imaculada e pura neve que ninguém tinha pisado em muito tempo. — Estou mais perdida que o famoso Noé no Titanic.

Não parava de esfregar aquele objeto ovalado entre seus dedos. Então recordou o que disse Noah sobre colocá-lo entre suas pernas.

Começou a rir.

Como estaria? Teria ficado muito chateado por sua fuga. As valquírias a lançaram bem longe, o suficiente para ganhar meio dia de diferença.

Mas já sentia sua falta. Como era possível que não se sentisse bem sem ele?

Antes, quando não estava vinculada e estava sozinha, era feliz, não?

Observou a runa gravada e negou com a cabeça.

Não. Antes não tinha nada com que se importasse como se importava com Noah. Vivia despreocupada, sem mais ocupação que recolher cadáveres na Terra.

Agora tudo era diferente.

Deveria agradecer a Noah o fato de ter se vinculado? Esfregou a marca do pescoço com frustração. Noah estava pensando nela e não muito bem, porque a marca ardia e tinha vontade de arrancá-la do pescoço.

Zangada com a situação, atirou a chave contra o tronco de uma árvore. Ricocheteou e caiu na neve.

— Faça alguma coisa! — gritou como se fosse uma pessoa. — Mostre qual é o caminho! Que diabos é?! Que diabos abre?! Acenda, trema... mas me ajude! Não sei por onde seguir... — Agachou de novo para recolhê-la. — E... e estou congelando!

Nanna ouviu um grunhido às suas costas. Um galhinho partiu sob a bota de alguém.

Deu a volta procurando a origem desses sons.

E encontrou algo que jamais queria ver de novo.

Trolls.

Atrás dos trolls havia dois humanos. Bom, o que antes eram humanos. Tinham a boca manchada de sangue. Atrás deles, entre as densas e frondosas árvores, deixaram uma trilha de sangue de um par de cervos mordidos e degolados.

— Porra, os Cullen estão aqui... — murmurou controlando seus movimentos.

Era normal que os nosferatus bebessem sangue de animais, já que todos os humanos das comarcas da Noruega e ao redor de Jotunheim foram transformados para brigar ao lado dos jotuns.

Os nosferatus e as criaturas de Loki tinham saído dispostos a eliminar qualquer um que ousasse pisar naquelas terras e não tivesse prestado juramento a seu deus.

Nanna podia com cinco. Disso tinha certeza. O que não tinha tanta certeza era de poder com dez. É que mais cinco tinham aparecido às suas costas.

Devia agir rápido e com determinação.

Suas mãos se carregaram de eletricidade.

Lançou dois raios a dois trolls. Quando dois dos nosferatus que estavam atrás dela tentaram agarrá-la, deu um salto mortal para trás. Caiu bem nas costas deles. Evocou as flechas elétricas da *bue*. Atravessou as colunas deles, direto no coração.

Entretanto, ainda ficavam seis por eliminar. A esses seis se uniram mais quatro lobachos. Voltavam a ser dez.

Dez contra ela.

Nanna pensou em Noah. Suas asas tribais desdobraram. Os jotuns ficaram estupefatos.

A valquíria levantou voo com um sorriso.

Em sua fuga não quis utilizar nem raios nem asas, já que não queria chamar a atenção dos servos de Loki.

Desta vez devia usar todos os seus recursos para escapar ou eles a agarrariam e matariam. E pior, roubariam a chave de Noah.

Nanna deu a volta e ficou suspensa no ar. Abriu o colete e mostrou o colar de Freyja.

— Sou a portadora do *Brisingir*, jotuns! — gritou esperando que a luz que ela não via cegasse os monstros que a esperavam entre abetos e neve.

Os trolls babões a olhavam de baixo. Um deles curvou um lábio disforme para cima, um sorriso sinistro que não pressagiava nada de bom.

O nada de bom era que o *Brisingir* não fazia nada a eles.

O pior chegou em forma de machadada na altura das costas.

Um nosferatu escondido entre as nuvens com aparência de lenhador frustrado a cortou com seu feixe. Suas asas retraíram pelo ferimento e a dor terrível.

Nanna ia cair na geleira que havia a centenas de metros debaixo dos seus pés.

Uma vez ali, deveria escapar de seus perseguidores. Não seria nada fácil.

Já não podia voar até que a ferida cicatrizasse. Além disso, para isso precisaria de Noah.

E Noah não estava com ela.

Porque ela o enganara e o deixara pra trás.

Aquilo era um fodido desastre.

Acaso a liberdade podia ser uma extenuante e tempestuosa sensação de estar congelando? Nem sequer sentia o corpo. Só havia dor. A louca sensação de que não tinha nenhuma extremidade completa, mas doía tudo.

Noah era balançado pelos braços do fiorde de Jostedalsbreen. Kherion se comunicava com ele mentalmente, informando sobre cada sensação que podia transpassar ao berserker e contrariá-lo.

Agora é água gelada como ele.

Ele? Perguntou Noah.

Sim. Ele. — respondeu Kherion. — Cada elemento que povoa este reino tem vida e é uma entidade individual. A água gelada permite que viaje através dela. O fiorde de Jostedalsbreen passa pelo vale frio de Niversgreen. A água nos diz que a portadora do Brisingir acaba de cair nele e tinge sua água de sangue.

O coração de Noah disparou.

Mas, continua viva?!

Sim, permanece com vida. Os servos de Loki depararam com ela. Não permitiremos, Daeg. Jostedalsbreen nos levará até sua mulher.

Leve-me mais depressa! Pediu ansioso.

Kherion permaneceu em silêncio, mas seu apelo foi ouvido pelos hudriels.

Seu corpo não absorveu a neve que cruzava seu caminho sob o gelo. Seus ouvidos e a cabeça doíam. Sentia que os olhos iam explodir.

Nanna tinha caído de pé no vale gelado. O gelo tinha quebrado pelo impacto da valquíria. Agora uma água tão fria como a morte emanava de suas gretas. A superfície gelada do vale se faria pedacinhos. Mas ao que parece, isso era algo que nem os trolls nem os lobachos que iam atrás dela se importariam.

A valquíria tinha contado que a cercavam uns quarenta servos do Enganador, cada um mais feio e horrendo, cada um mais sádico.

Os nosferatus voavam a dois palmos do gelo com os corpos inclinados para frente. Tinham as presas completamente expostas. Suas caras de ódio refletiam uma absoluta determinação de acabar com sua vida.

Nanna se protegeu como pôde de seus ataques. Lançava raios, cravava flechas, dava murros e, se precisasse, também mordia.

Mas uma mulher, por mais forte que fosse e por muito valquíria que se considerasse, poderia com dois homens com dois dedos de suas mãos, talvez inclusive matasse a cinco jotuns. Logo acabaria com mais cinco, se ela se propusesse e esgotasse suas últimas forças.

O que jamais poderia fazer, a não ser que fosse Bryn, *a Selvagem*, era acabar com quarenta jotuns de repente. Ela poderia tê-lo feito se o colar tivesse funcionado, poderia inclusive ter matado a vinte ou trinta, se não tivesse recebido a machadada nas costas.

Em inferioridade de condições eles ganhariam dela, mas Nanna lutaria até o fim e protegeria aquilo que mais importava. A chave e seu coração.

Se lhe tirassem o coração, morreria.

Eles a estavam mordendo, golpeando, mas ela não se renderia. Não sabia como podia escapar dali. Talvez se aquele gelo tão grosso quebrasse todo, poderia mergulhar na água e escapar por baixo de sua camada.

Os trolls odiavam água. Aquela superfície era mais própria de purs e de etones.

E aí, como se Nanna os tivesse convocado, o vale vibrou e sua camada de gelo estremeceu, tiritando como se o próprio vale não soubesse o que se aproximava.

Um nosferatu com profundas calvas e rosto azulado agarrou-a pelo pescoço e a levantou. Retirou o cabelo de seu colete ensanguentado e estendeu os dedos até o *Brisingir*.

— Meu senhor quer isto... — murmurou, alheio ao tremor sob seus pés.

Nanna abriu seus olhos tão inchados e lhe cuspiu o sangue que saía da sua boca.

O vampiro a esbofeteou e puxou o *Brisingir* para arrancá-lo do pescoço, mas a joia de Freyja queimou seus dedos.

Sibilou, disposto a aguentar a dor. Entretanto, antes de fazê-lo, recebeu uma mensagem de Loki, uma mensagem mental que dizia que para poder tirar o *Brisingir* ela devia morrer.

Sem avisar, afundou os dedos em seu peito e o puxou.

Nanna sentiu uma enorme sensação de perda. A dor foi insuportável.

Então soube: ia morrer.

Justo quando fechava os olhos, o gelo sob os sapatos negros do nosferatu explodiu.

De seu interior emergiu Noah, jorrando água ao seu redor.

Arrancou Nanna dos braços do vampiro e a fez desaparecer em um abraço protetor, dando as costas a todos.

As runas de seu rosto se acenderam com uma espécie de luz amarelada, como se prendessem.

Os hudriels acabaram por romper o gelo de vários centímetros de espessura que cobria essa área do vale.

Saltavam com elegância sobre os pedaços de gelo e utilizavam uma espécie de bastão largo de madeira e metal que recordava os *bô* japoneses. Eram parecidos com uma vara.

Golpeavam com eles, imobilizavam e atravessavam os corpos dos trolls e dos lobachos. Já que não voavam, não podiam alcançar os nosferatus, mas não importava: podiam lançar seus bastões para o alto, mas logo voltavam às suas mãos. E os lançavam com tanta força que pareciam autênticas estacas voadoras.

Era uma guerra.

Noah deixou Nanna ferida gravemente sobre um pedaço de gelo sem quebrar. Abaixou-se e acariciou o rosto ensanguentado. Assegurou-se que seguia com vida. Assim era, apesar do horrível buraco que trazia no meio do peito. Esses filhos da puta tentaram arrancar seu coração.

— Sua... idiota. — grunhiu.

Precisava matar, era isso exatamente o que pedia seu corpo. E quando se sentia assim desaparecia toda essa bondade que os demais tanto admiravam nele.

Abriu o colete da valquíria e deixou que o colar fizesse seu trabalho.

Os monstros cederam à sua luz, exatamente como tinha acontecido no monte da Rauma. Isso lhes deu a oportunidade de acabar com eles.

Noah se levantou com lentidão. Sentia o corpo tenso e descontrolado pela mudança de temperatura. Além disso, já não estava debaixo d'água. Agora se encontrava do lado de fora para matar a todos os que queriam fazer mal a sua estúpida e repugnante *kone*.

Gritou e seu corpo mudou.

Deu meia volta. Suas asas se desdobraram. Não voaria muito alto, não ultrapassaria as montanhas que beiravam o vale. O que acontecia ali, ali ficava. Voaria apenas o suficiente para matar os vampiros neófitos que se atreveram a morder a sua Nanni.

Foi um por um.

Aquelas criaturas não tinham nenhuma oportunidade de sobreviver a ele.

Era um berserker com asas de einherjar. Era invencível.

Aproveitou-se disso e da cólera que o embargava para arrancar cabeças e corações. Não teve piedade.

Os nosferatus caíam como moscas. Alguns se desfaziam no céu; outros no gelo.

Muitos gritavam aterrorizados pela força de Noah e suas artimanhas violentas.

Enquanto isso, os hudriels faziam seu trabalho.

Reduziam os trolls e os lobachos sem dramalhões, sem decorações. Um golpe aqui, outro lá, sempre em pontos vitais que acabavam com a imortalidade desses seres. E todos caíam: um atrás do outro.

Quando o vale ficou infestado de corpos de hudriels feridos e jotuns mortos, Kherion ficou olhando para o céu. Deu um pequeno passo para trás como um dançarino para deixar que o último corpo de nosferatu que Noah tinha degolado caísse logo diante dele e desaparecesse sobre a água, a neve e o gelo.

Pronto. Era o último.

Noah aterrissou junto a hudriel. Ainda tinha as asas abertas, o cabelo solto e o rosto cheio de restos de um sangue que não era o seu.

— Invocarei o restante dos guerreiros do meu povo. — combinou Kherion, que pendurou seu bastão retrátil nas costas. — Não nos deixarão sair daqui. Mais cedo ou mais tarde chegarão os reforços.

— Preciso levar Nanna a um lugar seguro.

— Pediremos à montanha que nos revele uma *hule*. — Com o antebraço limpou uma bolinha de sangue do queixo.

— Uma *hule*?

— As cavernas sagradas de Nerthus. Ali poderemos nos esconder e recuperar as forças antes de prosseguir a viagem. Enquanto isso, deixarei uma mensagem ao vento para os meus. Precisamos de mais gente hudriel conosco.

Noah se sentia muito agradecido com Kherion e seu povo. E os admirava. Era uma honra lutar com eles.

— Como dará essa mensagem?

— Só têm que escutar nosso som.

O berserker olhou ao seu redor e recolheu Nanna. Sentia-se bastante cansado. O cabelo loiro lhe cobria parcialmente o rosto. Sustentou a valquíria com um braço e com a outra mão livre levantou o *oks* de seu irmão Adam. Então lançou um grito de vitória e guerra.

Kherion fez o mesmo.

Os hudriels ergueram seus bastões e gritaram com o berserker e seu líder elfo pela conquista do vale de Niversgreen.

CAPÍTULO XXII

A mãe de Freyja foi muito inteligente. Era uma deusa, assim sabia como proteger e dar proteção aos seus na guerra que com tanta violência tinha começado na Terra. Utilizava grutas na montanha, cavernas sob as raízes das árvores ou inclusive cavernas atrás das misteriosas cascatas que povoavam a natureza. Para vê-las, para detectá-las, devia estar acompanhado do povo hudriel.

Felizmente para Noah e Nanna, Kherion e os seus estavam com eles e lutavam do lado deles.

Graças ao elfo de cabelo vermelho e reto que tinha aqueles olhos de esperança, frios e inteligentes, o casal pode se resguardar sob o abrigo das pedras de terra de Niversgreen.

Umas cavernas entre suas montanhas com várias guaridas em seu interior.

Ali ninguém os encontraria nem incomodaria, ou até que eles mesmos decidissem sair, ou até que a própria Terra se abrisse ou se partisse em duas.

Os huldres iluminaram a gruta com a ponta de seus bastões que se acendiam conforme sua vontade como se fossem tochas. Eles as cravaram no chão, iluminando cada corredor escuro e cada canto daquele lugar.

Kherion se agachou diante do corpo de Nanna, que seguia inconsciente devido aos ferimentos.

— Por que não usou o *Brisingr*? — perguntou o elfo, preocupado.

Noah olhou para Nanna de soslaio enquanto acabava de preparar seu cantinho para curá-la. Tirou toda a roupa que cobria a parte superior de seu torso e a utilizou como cama para a valquíria.

— Não sei. — respondeu. — Preciso que nos deixe sozinhos, Kherion.

O elfo assentiu com a cabeça e se afastou daquele lugar privado e improvisado.

Noah se ajoelhou ao seu lado sobre a pedra fria.

Em algum lugar no interior daquela montanha devia haver um lago subterrâneo, já que não deixava de ouvir o som de umas gotas caírem sobre uma espécie de lago.

O berserker tinha vontade de sacudi-la e de pedir explicações.

Ela o traiu. Matou-o de susto, porra. Sentia-se decepcionado com ela e consigo mesmo por não ter previsto isso.

Noah esfregou suas mãos, esquentou-as e começou a curar Nanna. Cada corte aberto e sangrando, cada mordida dilacerante e venenosa, cada arranhão... fechou um por um com perícia e muita paciência. Não queria deixar nem um arranhão em sua pele imaculada.

Suas costas, onde antes ostentou longos trechos de pele cortada, agora parecia linda com suas asas douradas. Absolutamente relaxada.

Observou-a e se embebeu dela.

Era tão bonita. Tão pequena. Tão sua...

Noah sentiu que seu corpo ardia... e sabia por que.

A luta, os ferimentos, o medo... e o desejo animal. Era um momento ruim para reclamar a alguém, mas a lua estava no comando e brilhava no exterior, dando lugar a uma noite calma e protegida no interior da montanha.

Precisava relaxar e esperar que Nanna se recuperasse.

E estava desejando que despertasse porque queria desabafar e fazer com que a valquíria entendesse que o que ela fez foi errado. Seu animal interior queria ficar bem com sua companheira.

Noah fechou e abriu os dedos de suas mãos. Eles ardiam por tocá-la em sua intimidade.

Maldito instinto berserker. Aí estava, chamando-o em voz alta.

Cobriu-a pelos dois: por ela e por ele.

O que seria deles?

Não podia suportar pensar que Nanna corria perigo ao seu lado.

E com o desejo de que nunca voltasse a colocá-lo naquela situação, com a adrenalina desaparecendo de sua corrente sanguínea e deixando-o parcialmente esgotado, Noah relaxou e caiu no sono.

Nanna não entendia nada.

Fazia amor com aquele homem. Entregava-se a ele.

Amava-o.

Recentemente se comprometeram sob a sombra da macieira.

E nunca teria imaginado que ser tocada daquele modo pudesse enchê-la de luz. De paz. De calma. De plenitude.

— É minha mulher aqui e em todos os reinos. — ele dissera. — Sinto por meu irmão, mas ele não pode te amar como eu. Você sempre foi para mim.

Ela sorriu. Duas enormes lágrimas rolaram por sua bochecha.

— Nossos pais queriam que eu me enlaçasse com um dos dois. Escolhi você. Mas você não sabe como é a força do seu amor. Sua convicção é que seus sentimentos por mim não são recíprocos. Entretanto, eu te asseguro, que jamais poderia amá-lo como a você. — Entrelaçou seus dedos com os dele. — Será meu marido, aqui e para sempre.

Ele ergueu sua mão e beijou seu anel. Um anel metálico e dourado com a runa da eternidade e o Gebo gravadas uma ao lado da outra.

— Meu pai — disse ele — me contou que o Gebo é a runa da união mística e do trabalho em equipe. Nada nos sairá bem se estivermos longe um do outro. Somos um. Nunca fuja de mim. Nunca minta pra mim.

— Nunca fugirei de você. Nunca mentirei pra você. — Ela beijou o anel dele.

Depois veio o fogo.

O luto.

O pranto. As lágrimas e a morte.

Ela se queimava com ele. Morria com ele.

Ao seu lado.

Nanna abriu os olhos chorosos e compungidos, e olhou pra frente.

Noah estava apoiado na parede de rocha, diante dela. Tinha um pé sobre o muro e brincava com sua chave, lançando-a e agarrando-a no ar, sem perder de vista nenhum dos movimentos da valquíria que acabava de acordar.

Prendeu o cabelo em um rabo de cavalo alto. Seu rosto moreno mostrava as tatuagens rúnicas que se viam perfeitamente, acendendo e apagando na escuridão.

Não parecia contente. Justamente o contrário: um ser irritado e abatido. Parecia não ter dormido há dias. E pior que era.

Os pesadelos não o deixavam dormir. Atemorizavam-no e carcomiam sua alma e sua saúde. Daí a sombra tão pronunciada sob seu olhar amarelo.

— Está bem entre as chamas, princesa? — perguntou sem muito interesse.

Seu tom e sua atitude deixavam Nanna nervosa. O metal da chave golpeava secamente sobre a palma da mão do guerreiro no ritmo do ponteiro de um relógio, como uma contagem regressiva. Era uma que a convidava a fugir e escapar dele.

Nanna olhou para baixo e cobriu sua seminudez. Só estava de calcinha.

— Como sabe que sonhei com isso outra vez?

— Simplesmente sei. — respondeu dando de ombros. — Não estou enganado, não é?

Ela negou com a cabeça e colocou sua camiseta íntima, que estava dobrada sobre sua roupa no chão.

Ele tinha o tórax nu. Nanna se deu conta de que estava sentada sobre sua camiseta e seu colete.

— Também sonhou com uma noite de núpcias. — adivinhou ele.

Ela o olhou sem piscar, mas não negou tal afirmação.

— Sim.

— A mulher com quem se deitava parecia com você. Mas não era você. — assegurou. — Você é valquíria... e tem um corpo diferente do dela. Mas... — olhou-a de cima abaixo. — É diferente.

Sem saber se isso era bom ou mau, disse a ele:

— O homem com quem se deitava parecia com você. Mas não era você. Você é um mandão arrogante e machista. Ele era apenas um humano.

Noah não se moveu de onde estava, mas Nanna sentiu a ira como uma chama ardente que emanava dele.

— Por que não usou seu colar? — perguntou secamente.

— Usei. — respondeu ela levantando-se lentamente. — Mas o colar não funciona.

— O colar funciona. Como acha que matamos os jotuns do vale?

— Eu me descobri. — explicou ela. — Mas não houve luz nem fogos de artifício. Meus perseguidores nem se alteraram.

— Não minta pra mim! Diga que se esqueceu! Está enferrujada no que diz respeito a guerra, valquíria! Reconheça!

Isso ofendeu Nanna. Deu dois passos decididos para ele.

— Sou perfeitamente capaz de me defender sozinha! Sou muito consciente das armas que tenho em meu poder!

— Já vi! — rugiu. — Não entendo como sobreviveu! Ah, sim! Acontece que te salvei!

Nanna o empurrou. Ele a agarrou pelos pulsos e a virou até apoiá-la na parede da caverna.

— Percebe o que poderia ter acontecido com você?! Poderia ter morrido, estúpida! — gritou a um palmo do seu rosto.

— Não me insulte! Isso te demonstrará que não pode me perder de vista! O colar tampouco teria me protegido se eu tivesse ido com minhas *nonnes*! Porque só funciona se estivermos juntos! Como no sonho! Noah, que merda! Deixa de tentar cuidar de mim! Levo eras protegida por Freyja! Sabe quanto é isso?! — Ela agarrou seu rosto, lutando contra o forte aperto de seus dedos. — Não entende?

— O que tenho que entender, Nanna? Que mentiu para mim? Que aproveitou o momento no qual dançávamos juntos para me roubar o objeto?

Ela se arrependeu de ter feito assim, mas acreditava que era o melhor. Ninguém a afastaria dele nem de seu destino. Eles deviam lutar juntos.

— E se os sonhos não são proféticos? E se forem lembranças de outras vidas? — sugeriu ela. — Fomos almas em outros tempos. Almas não vinculadas nem a Odin nem a Freyja. E se...

— Não! Não sei quem sou! Mas se eu tivesse vivido uma vida com você eu a recordaria!

— Noah... — sussurrou. Estava a ponto de começar a chorar. — Nerthus nos deu de beber a runa Gebo. Cria vínculos e nos obriga a trabalhar em equipe. Converte-nos em um...

— Não é verdade!

— Sim, é! — colocou sua enorme mão sobre o peito na altura do coração. — O nosferatu puxou meu coração. Podia ter me arrancado ele. Acredite em mim: tentou. Mas não conseguiu! Não morri! Que explicação dá a isso?! As Valquírias morrem se arrancam seu coração!

Ele piscou confuso, olhando sua imensa mão sobre o pequeno torso dela.

— Ele quis arrancar seu coração? — pensar nisso o arrasou.

— Sim. Mas não pôde. E depois... só lembro de acordar aqui. Curada por suas mãos. — disse com voz baixa. — Pensa, Noah. Você não morre nem atravessado pelo totem de Odin, nem tampouco sob as garras de Hummus. Não conseguiu arrancar seu coração, igual ao nosferatu não conseguiu comigo. O que acha que isso significa?

— Diga-me você... Tudo isto está me matando.

A lua. A lua começava a fazer das suas.

— Acredito que depois de beber a runa... sua imunidade me tornou imune também. E creio que se não estivermos juntos — passou os polegares pelas bochechas —, nem o *Brisingir* nem a chave *Daeg* funcionarão. O colar acendeu quando estava ao meu lado, não antes.

— Mas... por que? O que significa tudo isto? — Não conseguia encontrar explicação para nada do que lhe acontecia.

— Porque esta, embora não queira, é uma viagem para descobrir quem é você. Mas também para averiguar quem sou eu para você. — Sentiu um pouco de medo ao dizer, por isso deixou cair as mãos. — É dos dois.

— Mas, Nanna... pode ser que não tenha retorno. — explicou Noah, triste e cabisbaixo ao entender os riscos que Nanna estava disposta a correr por ele. — Pode ser que não consiga o que vim fazer. Se isso acontecer, se for verdade que estamos unidos, poderia cair comigo. Este maldito lugar está infestado de inimigos. Não nos deixarão chegar a nosso objetivo facilmente. Estou disposto a lutar, mas não a arriscar sua vida. Não quero isso!

— Mas eu sim! É minha decisão! — disse, cansada de que ele se sentisse seu escudeiro.

— Por que?! — exclamou dando um golpe na parede, acima da cabeça de Nanna. — Quem é você, Nanna?!

— Não sei!

— Por que deveria ficar comigo quando os outros me deixaram fazer este caminho sozinho?!

Sentia-se fora de controle: a lua cheia estava sobre suas cabeças.

Um berserker com *kone* sob a influência do astro noturno era incapaz de raciocinar. Seu instinto se impunha ao seu bom senso. Tornava-se um ser carnal. Um ser de contato físico, demolidor e brutal. Selvagem.

Noah se sentia frustrado com ela. A valquíria ia contra ele quase sempre.

— Porque os outros te amam, mas aceitam as ordens dos deuses! Mas nenhum deles sentem que te amam como eu para te desobedecer e te enfrentar!

Ele mostrou as presas e jogou seu lábio superior para trás. Seus olhos ficaram vermelho cólera e rubi paixão, brilhantes como duas lanternas dessa cor.

Nanna se sobressaltou por sua imagem e sua bronca. Estava repreendendo duramente com sua linguagem corporal, como um selvagem que tentasse intimidá-la com sua presença física mas sem chegar a tocá-la.

— Você me ama, valquíria?! — repetiu ele.

Nanna piscou. Havia algo em Noah que já não era dele. Era um instinto violento, uma atitude animal. Algo que a deixava tensa, mas que gostava da mesma forma.

— Sim, disse isso. — assegurou sem retirar seu desafio.

— Então se me ama foge agora mesmo, porque não estou com humor para ser carinhoso contigo. Você me decepcionou. Enganou. Riu de mim.

Ela negava com a cabeça ante cada uma de suas acusações. Simplesmente quis demonstrar que podia ser sua companheira e que podia contar com ela.

— Você ficou louco porque te desobedeci e não fiz o que você queria, como todos os outros aos que engana com sua voz e suas habilidades com as pessoas. Mas não pode me tratar assim.

— Por que?

— Porque sou sua companheira. E sou a porra de uma valquíria. Não preciso de um pai. Já tive um e nem sequer o conheci. Assim deixa de brigar comigo como se fosse uma menininha. Não sou.

— Nanna... ou vai agora mesmo ou verá o quanto posso chegar a ser feroz quando me irritam.

— Não me dá medo.

— Foge, porra! Vá! Saia daqui! — Golpeou a parede com seus punhos.

As aletas de seu nariz se moviam com tensão. Seu corpo mudava sem sua permissão. Suas feições se afilavam.

Para Nanna passou a ser o animal mais bonito que já viu em sua vida. A marca do pescoço ardeu e a cobriu com a mão.

— Sai fora!

Nanna apertou os olhos com força, mais excitada que assustada. Em seguida se enfiou pelo interior do túnel, obedecendo os desejos do berserker.

Mas o fazia por uma simples razão: Noah a desejava e sabia que se a alcançasse ele a possuiria. Porque era um berserker. E os berserkers amavam a caça.

Então continuou avançando pelo túnel até chegar a uma gruta ampla onde havia um lago no centro. Ali viu estalactites e estalagmites. A caverna estava iluminada pela luz da lua, que brilhava no alto e penetrava através de um de seus orifícios no teto.

A mesma lua que esquentava o desejo de Noah.

Nanna se escondeu atrás de uma imensa rocha cinzenta e úmida pela frieza.

Olhou de um lado a outro, temerosa pela sensação da caça, mas não pelo que pudesse acontecer depois.

Estava mais do que preparada para tudo o que o berserker tivesse para lhe dar. E demonstraria isso.

Deu um passo para trás com todos os seus sentidos em alerta e os olhos bem abertos.

Por onde apareceria o lobo?

Deu mais outro passo e se chocou com um tórax duro e ardente. Sua pele queimava de verdade.

— Este é seu modo de se esconder? — disse Noah ao ouvido e a imobilizou pelas costas.

— Talvez só quisesse que me encontrasse.

— Sabe o que vou fazer com você?

— Sim. — respondeu Nanna sorrindo por dentro. — Vai dar uma lição por não te obedecer.

— Isso.

Levantou o olhar para o teto da caverna e viu a lua enorme e brilhante em todo seu esplendor. Uivou e abriu a boca. Girou a cabeça de Nanna para um lado e a mordeu de novo em sua marca.

Era sua, sua e sua.

Quando sentiu suas presas atravessarem a pele, gemeu de prazer. Tudo se encaixava perfeitamente. Depois a lambida curadora de sua língua. “Deuses, é perfeito”, pensou Nanna. A posse. A territorialidade. A força desse homem. Tudo era incrível, mais do que tinha imaginado com a Ethernet.

— Isso. Morda-me. — animou ela, desejosa dele.

Noah fez com que se apoiasse com as mãos na rocha e se colocou atrás dela.

— Nós, os berserker, ficamos maiores durante o frenesi. — disse retirando as tranças de sua nuca com o nariz. — Acha que vai aguentar? — Tirou a camiseta dela pela cabeça e a deixou só com a calcinha.

— Me teste, lobo. Veja quanto dou de mim. — Olhou-o por cima do ombro, mas ele a obrigou a olhar pra frente e a grudar a bochecha na rocha.

Não queria que o visse assim. Era a porra de um animal sexual e ela era seu brinquedo. Sua fraqueza.

Ajoelhou-se atrás dela e afastou a calcinha para um lado. Afundou seu nariz em sua vagina e sorriu.

— Está chorando por mim.

Nanna não contestou. As pernas tremiam pela antecipação.

Noah botou a língua pra passear e lhe deu uma lenta e quente lambida de cima a baixo. E logo repetiu o percurso uma vez atrás da outra. Depois enfiou a língua em seu interior e fez amor com ela como se fosse seu pênis.

A valquíria estava a ponto de escorregar e de alcançar um orgasmo rápido e mortal. E o fez. O berserker a enviou a contar estrelas. Então, bem quando desfrutava de suas capturas, ele arrancou sua calcinha molhada e colocou nas suas costas. Depois a agarrou por debaixo das coxas e abriu suas pernas. Levantou-a e a segurou no ar.

— Ainda estou gozando. — disse ela, impressionada.

— Bom... Agarre-se na rocha. — ordenou.

Nanna obedeceu.

E enquanto seus músculos internos se convulsionavam, Noah guiou a ponta de sua ereção para sua entrada. Colocou seu pau até a metade. Era muito maior do que o normal.

— Argh! Noah, espera!

Ele não esperou. Ele era assim. A valquíria já sabia.

— Você vai gostar... — assegurou ele em meio a um grunhido.

Abriu-lhe mais as pernas e empurrou para cima, até ficar completamente sepultado em seu interior.

Nanna se pôs a chorar sem ar.

Ele se deteve abruptamente, lutando contra as ordens de seu animal que dizia que continuasse com a posse.

— Nanna... — suplicou em seu ouvido.

— Estou gozando outra vez! Isto é demais! — disse ela chorando. Apoiou a cabeça no ombro do guerreiro e desfrutou de seu segundo orgasmo, desta vez mais forte que o anterior.

Noah sorriu sobre a bochecha dela e começou a se mover.

— Vai me sentir até na garganta, linda. — disse ele.

— Mmm... que romântico é. — respondeu provocadora.

— Quer que te faça chorar outra vez? Chorar de verdade?

— Tenta.

E a possuiu. Moveu-se sem pausa, com um ritmo brutal. Golpeava-a sem parar, profundamente, entrando nas profundezas do seu útero até o âmago. Empurrava, desfrutando do contato final de seu prepúcio contra aquele lugar sagrado no qual deixaria sua semente.

Nanna apoiou os pés nus na rocha e deixou que Noah se metesse até onde ele tivesse vontade. Quem era ela para dizer que parasse? Estaria louca se o fizesse! Era a experiência mais brutal de toda sua vida e queria desfrutar de cabo a rabo, melhor dizendo.

Sentia tal sensação de posse, tão completa, que não seria contra ele em nada que tivesse a ver com sexo. Jamais. Estendeu os braços por cima de sua cabeça e se segurou no cabelo loiro de Noah.

Este a mordeu de novo em sua marca. Deslizou uma de suas mãos, que a seguravam pelas nádegas, até seu clitóris. Massageou-o em círculos com certa tensão. Sentiu o momento preciso no qual ela começava a gozar de novo. Encadeava um orgasmo com outro com uma facilidade surpreendente.

E ali, em meio da força de seu estrangulamento, Noah se foi com ela. Gozou em seu interior, inundando-a, cravando-se em Nanna e inchando até o limite para marcá-la para sempre. Por dentro e por fora.

A fogo.

Ela gritou com ele e desabou sobre o corpo de Noah, que não aguentou a sensação de pequena morte e caiu no chão com a valquíria.

— Será um líder. — disse o homem loiro com a cabeça grudada ao ventre da jovem.

Estavam em um leito de grandes colunas. Em um palácio cheio de luxos, coberto de ouro e cristais brilhantes.

— Será uma rainha. — assegurou ela com um sorriso.

— Não. Não é possível. Meus genes só trazem machos. — explicou ele olhando através da janela com olhos risonhos. Lá fora, as cascatas e as nuvens davam vida a uma tela perfeita.

Ela soltou uma gargalhada.

— Não é verdade.

— Sim é. Pergunte a meu pai e vai te dizer a verdade.

— Já sei a verdade — ela respondeu penteando o cabelo com os dedos —, mas na minha família só nascem mulheres. Assim decidi que será uma mulher.

Ele beijou sua mão e riu dela, incrédulo. Mas seria ele quem tiraria sua ilusão.

— Seja o que for, todos vão amá-lo. Terá seu senso de justiça e de respeito. — Deu-lhe um beijo no ventre nu e pousou sua mão curvada sobre o umbigo.

— Perfeito. De mim, meu intelecto. E de você vai tirar este cabelo cheio de cachos loiros e seu rosto lindo e cheio de bondade.

— De mim o físico. Vê? Formamos uma grande equipe, não é?

A bruma escureceu tudo.

Então, de repente, ambos desapareceram daquela cama confortável cheia de amor e bons desejos, e se viram os dois envoltos em chamas.

As flechas povoavam o céu escuro.

Atravessavam a madeira e seus corpos.

E os dois morriam queimados.

Um ao lado do outro.

Juntos.

Noah abriu os olhos. Aquele sussurro ainda os acompanhava.

Dizia-lhe algo. Desta vez dentre suas ininteligíveis palavras, detectou pela primeira vez um tom. Um tom interrogativo. Estava perguntando coisas a ele?

Entretanto, não entendia o que dizia, assim não podia responder.

Quando focalizou o olhar, comprovou que Nanna chorava sobre seu peito. Aquilo chegou à sua alma. Levantou os braços e a abraçou, cobrindo-a e tentando acalmar seus soluços.

— Me parte o coração te ouvir chorar, Nanna. — Seus olhos pareciam tão atormentados quanto os dela.

Estavam no chão da caverna.

Continuavam nus, mas não tinham frio. O berserker irradiava um calor fora do comum, mas nada estranho aos de sua espécie.

— Não sou eu. Não pode ser eu. — disse ela chorando.

Noah levantou a cabeça e tomou seu queixo.

— Por que não?

— Porque as valquírias não podem ter filhos... — Duas enormes lágrimas rolaram por seu queixo e caíram sobre o peito do Noah. — Não podemos. — repetiu.

Noah secou as lágrimas com os dedos e acariciou sua cabeça, compassivo e enternecido com sua reação.

— E você quer tê-los algum dia?

— Eu... eu adoraria. — assegurou ela. — É óbvio que sim. Não sabia que eu gostaria... mas senti a sensação de ter vida dentro de mim no sonho e é tão bonito... — desatou a chorar. — Eu sentia... meu... — acariciou seu ventre com nostalgia.

Noah pensou que também gostaria que Nanna pudesse conceber um filho dele.

— Mas não posso. — esclareceu ela. — Freyja não queria que suas guerreiras tivessem relações com os homens e nos fez virgens e estéreis. Tudo ao mesmo tempo. — acrescentou com amargura. — Em Asgard não se podiam ter relações sexuais.

Noah arqueou as sobrancelhas loiras. Imaginou um pôster do estilo “proibido fumar”, mas com a advertência de “proibido fornicar”.

— Mas agora já não, não? Já não é virgem, não?

Nanna o olhou como se estivesse louco.

— Pois não sei... perguntou a meu hímen? Creio que o deixei em algum lugar entre a Inglaterra e a Noruega.

Ele começou a rir.

Que curioso despertar de um pesadelo de vida e morte rodeado pelos braços e pernas de Nanna falando da parte bonita de um sonho, sem se deixar levar pela negativa.

— Por que não quer falar do que acontece conosco depois? — perguntou ele, brincando com suas trancinhas entre os dedos. — Vai ignorar?

Ela negou com a cabeça e beijou seu mamilo moreno.

— Porque decidi que não penso morrer queimada. E você tampouco. Matarei as nornas se for preciso para que tenham outro tear. Este que nos deixaram eu não gosto.

Noah achou graça do comentário, como se ela pudesse fazer isso. Mas ambos sabiam que não podia. Era doloroso reconhecer que tinham sonhos comuns onde pareciam adotar outras vidas, e depois morriam juntos.

O melhor seria não voltar a falar do assunto, mas Noah não podia esquecê-lo.

Ele não queria morrer, e menos agora que tinha o amor de sua vida ao seu lado.

— Nanna.

— Mmm?

Noah tinha o olhar fixo na lua, que quase não se via através do buraco. A noite e a vida seguiam seu caminho.

— Não volte a mentir pra mim. E não volte a fugir de mim. — percebeu que repetia de algum modo as palavras que trocaram no sonho anterior.

Nanna esfregou sua bochecha contra seu peito e levantou o olhar, realmente arrependida.

— Não queria te deixar. Não queria que me afastasse de você. — explicou ela ainda afetada.
— Que sentido tem encontrar meu einherjar se não posso lutar ao seu lado?

Noah não podia sentir mais admiração por ela. Inclusive, sabendo que corriam um futuro incerto juntos, Nanna continuava ali com ele.

— Sente que ama o homem do sonho? — ele perguntou de supetão.

— Sim. — respondeu sincera. — Apesar de não estar segura de que sejamos nós... Sim, tenho a sensação de que algo bonito cresce dentro do meu peito. E você ama à mulher?

— Sim. Sinto que a amo, mas é uma sensação diferente da que sinto agora... por você.

Nanna se endireitou sobre um cotovelo e se apoiou nele.

— É algo estranho de explicar. — disse ele.

— Sei como se sente. Eu sinto coisas por esse homem, mas é algo tranquilo e pacífico. Não tem nada a ver com esta loucura nem com esta sensação de sufoco que sinto estando com você. —disse ela.

— Dito assim parece desagradável.

— Eu me sinto assim porque temo não voltar a ver você. Estou pensando que talvez um dia já não possa te tocar... Eu desci tarde, a um passo da batalha final e do suposto crepúsculo dos deuses. Não sei quanto nos resta. Mas quero continuar vivendo isto com você. Até o final.

Noah sorriu, pegou seu rosto e a aproximou de seus lábios.

— E se eu te disser que me sinto igual? E se te disser que morro quando...?

— Perdão, Daeg. — Kherion os interrompeu. O elfo estava de costas para eles, pois não queria ver nada indevido.

Noah colocou Nanna atrás dele e olhou para Kherion, assegurando-se que não visse nem um centímetro da pele da valquíria.

— O que foi, Kherion?

— É a Mãe Terra.

— A Mãe Terra? Está falando?

— Sim.

— E o que diz?

— Que este lugar começa a abrir. Temos que fugir daqui e prosseguir sua viagem. Não dispomos de muito tempo mais antes que nasçam os filhos de Loki.

— Que nasçam os filhos de... — Noah franziu o cenho e se levantou nu, completamente alarmado. — Os ovos. Vão eclodir.

CAPÍTULO XXIII

Inglaterra

Wolverhampton

Miz O'Shane e Cahal McCloud foram ao chamado de Caleb e As Landin.

Enquanto isso, no Ragnarök, Adam e Ruth ficaram encarregados das comunicações externas junto com as humanas e alguns dos guerreiros que ainda se recuperavam das consequências que teve para eles o que aconteceu em Cappel-Le-Ferne. Nora e Liam iam com eles a todos os lados. As crianças do resto dos clãs, junto com seus pais, também se esconderam com eles naquele local sob a terra e centro nevrálgico de operações.

A Inglaterra se sacudia, vítima de novos tremores. E o mesmo acontecia em todo mundo. Os canais de informação de última hora, os mais atrevidos, falavam de hecatombe mundial e de que o núcleo central do planeta se esquentava. Por isso as placas dos gelos dos polos se desfaziam e a Terra se movia e mudava seu eixo. Os vulcões, superaquecidos com origem de lava muito profundas, ferviam com rapidez e muitos explodiam com uma força descomunal. As pessoas das cidades ao redor tinham fugido, embora em todo mundo teve tempo de fazê-lo.

Homens, mulheres e crianças... Os seres humanos eram fracos ante o verdadeiro poder da natureza.

Os terremotos se estendiam por todo o planeta. Havia mais de um epicentro. Diversos maremotos tinham assolado algumas costas.

Entretanto, ainda se esperava o pior.

Porque, para o resto dos clãs, aquilo não era uma reação à mudança climática tantas vezes anunciada. Sabia que tudo tinha a ver com os ovos já crescidos de etones e purs. Se fizesse cambalear a base de uma torre, toda a torre corria o risco de cair. E isso era o que estava acontecendo com o Midgard.

Daanna McKenna e Menw McCloud trabalhavam lado a lado junto com Beata e Gwyn e Inis e Lone, preparando os fronts. Controlavam onde se abriam os portais eletromagnéticos através do painel informativo que seguiam via satélite.

As Landin e Maria Dianceht explicavam com sigilo e diligência o que deviam fazer segundo a mensagem das runas.

—Não compreendia muito bem o que era o que tinha que fazer —disse As— Eu, como vocês sou um líder. Caleb e minha neta são os líderes vanirios. Eu e minha mulher, lideramos o clã de Black Country. Sei que na Escócia há mais berserkers e que nos Estados Unidos também há clãs. Mas me corresponde tomar as decisões mais importantes, pois estou em pleno centro ativo das manipulações e as soluções que podemos dar ao Ragnarök. Não lhes negarei que a ação que devemos empreender é arriscada. Mas acredito que é o único que nos toca fazer. As runas falam de que devemos acompanhar o *Daeg*. E para isso só podemos viajar até ali por meio de um portal, e nos pediram que chamemos o druida e à leitora de portais. Eu somente conheço um druida —assegurou olhando Cahal McCloud— e a uma conhecedora dos portais eletromagnéticos. —Sorriu

para Miz— As runas asseguram que vocês sabem o que fazer para chegar até o Noah. E me acreditem que devemos chegar até ele, porque ele é a chave.

Miz e Cahal se olharam um ao outro, apoiados no corrimão de madeira do alpendre. Ele se vestia com roupas de guerra, com botas, camiseta cinza escura, calças negras e vários acessórios afiados. Era um homem de magia, mas sabia lutar como o melhor. Usava o cabelo solto, apenas preso com uma borracha que servia de diadema. Miz estava apoiada sobre ele, como se fosse um muro.

E ele era. Era seu muro, seu pilar pessoal. Assim se sentiam um em relação ao outro.

Sua história não tinha sido simples, mas, como todos, tinham superado suas dificuldades e agora lutavam juntos a favor da salvação dos humanos.

Miz calçava sapatos de salto com caveiras negras com brilhantes da mesma cor, jeans elásticos também negros, e uma camiseta de alças, coberta com uma espécie de jaqueta escura que chegava até a coxa. Tinha o cabelo preso em um rabo de cavalo alto. Tinha os olhos maquiados com o Kohl escuro.

Os dois, loiros e vestidos com tons negros chamavam muito a atenção. Eram como anjos da morte.

—O que acha que sugerem as runas, Ossinho? —perguntou-lhe Cahal com seriedade.

Miz desdobrou um mapa que tinha oculto no bolso da jaqueta.

—Preciso de uma mesa.

Caleb lhe indicou uma pequena e branca que havia no outro extremo do alpendre. Ela alisou o mapa na superfície e observou todos os círculos concêntricos que salpicavam a geografia terrestre.

—Todos os portais estão abertos, alguns em maior ou menor medida. Entretanto — assinalou Escócia—, os portais que havia aqui desapareceram. Cheguei a pensar que sua energia se dissiparia e se repartiria com equanimidade por todos os países. Entretanto, por algum motivo, a energia desses portais foi diretamente parar aqui. —Colocou uma de suas unhas, pintadas de negro, sobre a Noruega, em um ponto do Jotunheim.

—Que apropriado —murmurou As— O parque nacional de Jotunheim.

—Sim —respondeu Miz— A questão é que essa zona está muito carregada com vários subportais. Acredito que uma força superior os está manipulando, porque seu comportamento não é normal. Tentam nos despistar.

—Como? —perguntou As, entrecerrando os olhos.

—Há um portal fixo, que não varia nem em densidade nem em energia. Esse portal está no fiorde de Sognefjord. Passa pelos dois parques de Jostedalsbreen e do Jotunheim como se fossem dois braços. O portal se concentra em dois pontos. No monte do Jostedalsbreen é onde mais forte o faz. O lugar coincide com os sinais de Liam. Ele vê estes pontos como os mais fortes na Noruega.

—Se Noah estiver lá, em Jostedalbreen, tudo aponta a que devemos utilizar esse portal.

—E como viajaremos até ele? —perguntou Caleb, curioso.

Cahal sorriu com orgulho.

—Subestima-me, brathair.

—Cahal manipula os ormes, recordam? Pode abrir um portal com seu próprio corpo — explicou Miz, um tanto contrariada— Mas é perigoso para ele. Seu corpo cria uma espécie de explosão que põe sua vida em perigo.

—Freyja o chamou: “morte por explosão” —apontou Cahal olhando para Miz, que estava tentada a lhe dizer que não o fizesse.

Maria e Aileen a entendiam perfeitamente. Miz temia por seu companheiro.

—Desde o portal que abriu para te levar ao Heimdal —disse ela em voz baixa, e seus olhos verdes o olharam suplicantes—, não abriu outro mais. Não tenho um acelerador a mão para poder o ajudar —se desculpou.

Cahal a rodeou com o braço e falou com sua boca colada à têmpora.

—Freyja me disse que você era meu modulador. Eu condenso energia. Às vezes posso morrer por isso, mas você é quem me põe na linha.

—E o faço! —protestou ela.

—Sei, preciosa. Mas sou o druida de meu clã. E minha ajuda deve ser de proveito para todos. Agora necessito que me ajude de novo. E o devemos fazer por todos.

—Não te pediria isto se não fosse tão essencialmente importante —disse Caleb, que, como sua líder, parecia pedir perdão com os olhos— Mas Cahal é fundamental para isso. Noah vai precisar de nós, isso dizem as runas. Ou o ajudamos, ou ficamos aqui vendo como chega o fim do mundo. Multiplicam nosso número por milhões, compreende? Não temos nenhuma possibilidade, mas, parentemente — Caleb se assegurou de que suas palavras fossem certas, procurando o beneplácito de As, que assentiu—, Noah é o mais importante de todos.

—Claro que o compreendo, Caleb. Não sou estúpida —replicou ela, um pouco aborrecida. — Mas é a vida de meu cáraid a que está em jogo. Eu gostaria de ver você se fosse Aileen quem estivesse ante este discurso.

—Uf, a mim não —assegurou a híbrida, que olhou para outro lado.

—Eu estarei bem, Miz — respondeu Cahal— Você se encarregará de me trazer de volta.

As e outros esperavam que a alquimista lhes desse permissão para utilizar seu homem nessa viagem. Não tinham outra solução.

Miz sabia que era o correto, mas odiava pensar que a Cahal acontecesse algo errado e que ela não pudesse fazer nada para evitar isso. Ainda recordava com ansiedade o que aconteceu em Stonehenge. Ainda sentia a destruição emocional de acreditar que o tinha perdido para sempre.

—Miz. —Cahal a segurou pelo rosto. — Esse é nosso momento. Não é nem o seu nem o meu. É o de todos, como clãs que estamos contra o mal que criou Loki no Midgard.

—Sou egoísta a seu respeito —se desculpou ela— Não sei o que pode acontecer se você mesmo criar um portal. Desconheço as probabilidades... —Ela movia as mãos, nervosa.

—E eu sou egoísta com relação a você. Mas não duvido, nem por um momento, que não há ninguém mais feroz que você para me devolver a meu estado sólido. Sua energia e sua vinculação me ajudarão a retornar. Confia nisso, por favor.

Miz e Cahal se abraçaram com força, ignorantes do que outros pudessem pensar. A alquimista esfregou a bochecha contra o musculoso peito de seu cáraid e disse:

—De acordo. O portal da Inglaterra continua sendo Stonehenge. Esse não se apagou nem se apagará jamais. Vamos até ali e abramos essa maldita ponte.

CAPÍTULO XXIV

Nunca se cansaria de gritar.

Por cada dia mundano, por cada ano impedido, por cada século enclausurado. Um grito por cada um deles.

Com cada rugido de seu violento coração seu cárcere se rompia. Tinha quebrado o feitiço por fim. Hummus morreu sob suas manipulações. Por isso já não serviam as palavras de Odín contra seu cativo.

Assim gritava. Gritava pela milésima vez.

O gelo se rompia a seu redor. O veneno das vísceras de seus filhos doía como nunca, mas logo sairia dali.

E quando sáísse já sabia o que tinha que fazer.

Uma valquíria carregava o Brisingir com ela. Um dos guerreiros berserkers de As Landin, o Menino Perdido, era invencível.

Aparentemente, ambos viajavam juntos.

Mas ele já sabia como ia matá-lo.

De nada serviria tudo o que tinha pensado fazer se havia um semideus como Noah Thoryn sobressaindo-se cheio de si pelo Midgard.

Não ia permitir. Por isso, antes de fazer nada, acabaria com ele.

Os últimos cinco metros de gelo se romperam, e o gelo no qual vivia cativo desde que desceu ao Midgard acabou por abrir-se como um dique.

A luz verde de seu totem iluminou o cristal gelado. Então pôde sair através do corte de onde emanavam litros de água semicongelada e neve.

Quando saiu ao exterior, alagado por parte da água que emergia do imenso cubo de gelo no qual se deixou prender por vontade própria, caiu de quatro.

Apoiou-se em seu cajado *laevateinn* para sustentar-se pela primeira vez sobre seus dois pés no Midgard.

Fechou seus olhos, azul escuros, e penteou o cabelo, de mechas vermelhas, negras e verdes. Depois soltou uma gargalhada que escutariam até no Asgard.

Chamavam-no Transformista. E estavam certos.

Ninguém conhecia sua verdadeira imagem. E era essa. Mais mundana que divina.

Pareceria um gótico pela rua e poderia se misturar com os miseráveis humanos sem nenhum problema. Eles não se dariam conta —ignorantes e cegos mentais como eram— de que ele atraía a morte e o fim.

Entretanto, sua aparência era o de menos. Tinha sido deusa, animal, inseto, planta e inclusive anciã. Qualquer papel tinha sido bom para provocar suas confusões e levar a cabo suas artimanhas. Mas seu objetivo estava, por fim, a ponto de cumprir-se.

A Terra pereceria sob seu mandato.

Abriria o portal a seus reinos imediatamente, mas antes devia acabar o que, pelo visto, não tinha acabado em seu momento.

Centrou seu imenso poder em localizar o berserker.

Encontraria-o. Roubaria o colar da deusa e arrancaria o coração de ambos.

Niversgreen

Noah estava pedindo a Kherion, enquanto amarrava as botas para neve, que se fossem. Terminariam a viagem sozinhos, tal e como a começou.

Temia pelo povo mágico dos hudriels. Estavam envoltos em batalhas contra os jotuns por ele e por ordem de Freyja. Mas deveriam estar à margem.

Agora estavam no olho do furacão. Não lhe parecia justo que ninguém morresse por ele.

—Não entende, Daeg — falou Kherion— É por sua necessidade de proteger outros pelo qual não o deixaremos —disse, solene.

—Poderia fugir? Protegerem-se?

—Onde? Já não há possibilidade de escapar, *Daeg*. Quando a Terra mudar, já não será a mesma. Já não poderá nos proteger. Mas será nosso dever cuidar dela. Por isso estamos aqui.

Kherion lhes explicou, com a estranha calma de seu povo, que, se a Terra se abria, eles estariam acabados.

—Se isso acontecer, as grutas, tal e como as conhecemos, desaparecerão. As montanhas trocarão por dentro, resultado das rachaduras e os tremores. Enquanto continuarem vivas, enquanto falam conosco, devemos as utilizar. Nós conhecemos seus caminhos e deixam que vamos através deles. Deixem-nos que os defendamos até o Jostedalsbreen. A montanha nos disse que no topo mais alto da geleira, na Brenniba, há um refúgio recém criado por Nerthus. Mas, devido aos tremores, a geleira pode romper-se e selar a entrada. Acredito que é ali onde devem ir.

—E como vamos fazer isso? —perguntou Nanna.

—A natureza nos levará —respondeu Kherion— *Daeg* e a portadora do Brisingir são agora o mais prezado para nós. Seria uma honra os levar até ali.

Noah e Nanna, já completamente vestidos, estavam em pé no centro dos hudriels, que permaneciam em silêncio. Escutavam as palavras de seu líder, com o que estavam plenamente de acordo.

O que Kherion queria transmitir era a necessidade que sentiam os hudriels por ajudar à missão de Noah. Sabiam que sem ele, talvez eles não tivessem continuidade de vida em um mundo afundando.

—*Daeg* traz esperança a nosso povo —assegurou Kherion— Traz esperança a todos os elementares que sulcam a superfície e as entranhas deste universo. Loki quer acabar com todos. Nós queremos continuar vivendo. Há um claro conflito de interesses e de princípios —assegurou Kherion— E tudo isso acontece por vocês. Nerthus nos disse isso. Queremos ajudá-los. Só resta lutar contra aquilo que nós não gostamos e ajudar aos que nos agradam. Verdade? Nós gostamos de você e da portadora do Brisingir porque procuram o mesmo que nós.

—Vencer Loki? —perguntou Nanna subindo o zíper de seu colete.

—Não. Proteger o Midgard até que já não possamos resistir mais. Então, e só então, procuraremos o confronto. E nós, se nos permitirem isso —levou um punho ao coração—, lutaremos a seu lado.

Havia palavras que enchiam o coração de humildade e agradecimento.

As de Kherion tinham repleto a caverna vazia e tinham iluminado os espíritos do berserker e da valquiria.

Era espetacular saber que outros clãs, sem conhecer-se de nada, uniam-se para lutar até a morte por um ideal comum.

—De acordo, Kherion. Não vou rechaçar sua ajuda —disse Noah pondo uma de suas mãos no ombro do elfo— Como vai nos levar?

Os lábios de Kherion pareceram esticar-se em um sorriso que até então não tinha gesticulado.

—O vento nos disse que toda esta terra até a geleira que procuram está infestada de jotuns. Estão por toda parte. Têm esta montanha cercada. Buscam-nos. Agora estamos ocultos em um refúgio de Nerthus, assim não podem nos encontrar. Mas se os tremores continuarem, o feitiço da caverna desaparecerá e deixará de ser um lugar sagrado para nós. Encontraram-nos e não poderemos nos ocultar por mais tempo. Por isso, antes que chegue esse momento, devemos aproveitar o que os elementos nos sugerem e fugir daqui, sem olhar para trás.

—Como, Kherion? —Noah fechou os dedos sobre a chave.

—Devemos viajar pelo ar. Nem raios nem pegadas no chão nem asas. Vocês não podem desdobrar suas extensões. Se o fizerem, eles os encontrarão, pois desprendem luz e se refletem no céu.

—E então? —Nanna não compreendia o que iam fazer. Se não podia utilizar seus meios de transporte, como iam chegar até o Jostedalsbreen?— O que sugere?

—Cobriremos vocês, criaremos uma nuvem a seu redor que se mobilize até seu destino e sairemos daqui como se fôssemos névoa. Podemos chegar até a geleira passando despercebidos se o vento nos levar. Os jotuns não verão nada estranho. As montanhas estão jogando fumaça do interior de suas cavernas, porque suas vísceras se movem. Não suspeitarão. Em todo caso, se o fizerem, nos asseguraremos de os deixar em seu lugar antes de batalhar.

Noah e Nanna avaliaram sua situação. Aquela parecia ser sua única via de fuga. Do contrário, embora por agora não podiam matá-los, se podiam minguar suas forças em um confronto com os jotuns. O tempo os apressava. Queriam chegar ao final de sua viagem o antes possível.

—Então, Kherion —Noah entrelaçou os dedos com Nanna—, nos levem.

Kherion assentiu, de acordo, como se aquele fosse seu principal trabalho na vida. Organizou seu povo em um círculo enorme, todos segurando os ombros um do outro. O berserker e a valquíria estavam no centro, segurando as mãos.

Os hudriels emitiram todos os tipos de sussurros em élfico, fecharam os olhos e procederam a sua mudança de estado.

A caverna já estava às escuras, posto que tinham recolhido seus cajados, que serviam de tochas; levavam-nos ao redor da cintura, flexíveis como se fossem um cinturão.

Enquanto os hudriels invocavam e continuavam seu canto, Noah aproximou Nanna até ele. Juntou sua testa à dela, acariciando o dorso das mãos com os polegares.

—Está nervosa? —perguntou-lhe.

Nanna elevou o olhar e negou com a cabeça.

—Só tenho vontade de saber que diabos abre essa chave.

—Aconteça o que acontecer, estou muito orgulhoso de tê-la aqui, comigo. Estou agradecido por isso —se justificou— Sei que nunca te disse, mas..., sem você, esta viagem nunca teria sido a mesma.

Ela sorriu e encostou seu nariz ao dele.

—É óbvio que não. Salvei-o muitas vezes.

Noah sorriu e os cantos de seus olhos se encheram de ruguinhas.

—O mesmo digo.

—E sabe o que?

—O que?

—Espero poder te salvar uma e outra vez, berserker, porque isso significará que continuaremos vivos.

Ele assentiu e engoliu em seco. Depois a abraçou, sepultando-a entre seus braços e apoiando-a em seu torso. Nanna era uma peça que talvez não encaixasse no Midgard, pelo diferente que era do resto, mas sim encaixava perfeitamente em seu coração. E, bem pensado, ele tampouco encaixava muito em tudo aquilo, precisamente pelo mesmo, mas não havia dúvida que sim o fazia em seu coração.

Ambos estavam perdidos na vida.

Os hudriels foram se apagando e acabaram convertidos em uma fumaça branca que rodeou ao casal e o elevou por cima do chão. O povo de Kherion, envolveu-os e, sob essa forma gelada, branca e um pouco espessa, saíram pela entrada da caverna.

A nuvem percorreu o topo da montanha em que se ocultaram, como se fosse uma nuvem baixa das muitas que infestavam os Montes escandinavos. Depois levantou o voo, pegou altura e se uniu às nuvens reais que cobriam o céu.

Nanna se congelava, mas encontrava calor no corpo de Noah, que parecia esquentar-se para ela, para mantê-la aquecida. Sabia que estavam viajando a uma velocidade vertiginosa.

Não demorariam para chegar ao topo do Jostedalsbreen, a vários quilômetros de Niversgreen.

Mas, por céu, aquela distância não era tão grande. No final de pouco minutos chegariam, como o rápido voo de um avião.

Ambos podiam sentir a companhia dos hudriels, sua mansa calma, sua proteção. Rodeavam-nos como um manto quente, protegiam-nos daqueles que queriam espreitá-los...

Entretanto, não poderiam escapar de todos.

O céu estava cheio de Nosferatus que também se escondiam entre as nuvens noturnas esperando encontrar algo estranho.

Nanna e Noah os viam, mas os nosferatus não os viam. Os hudriels os cobriam com suas presenças etéreas em formas de nuvem.

E, mesmo assim, um dos nosferatus jovens, com roupas de casaco e um gorro de lã na cabeça, cabelo loiro e os olhos cheios de sangue, seguiu o movimento da nuvem que passava sob seus pés.

Quando percebeu que nem o movimento nem a consistência do nimbo era de tudo normal, avisou a dois nosferatus mais para que seguissem seu rumo.

A valquíria seguia o movimento dos vampiros, como Noah. Ambos seguiam em silêncio, como um par de emigrantes em um trem de refugiados.

Esse trem devia levá-los até o topo do Jostedalsbreen, mas não sabiam se chegariam a tempo, antes que os descobrissem.

“Já vejo o topo —comunicou Kherion— Estamos a um passo”.

“Acredito que estes se deram conta de que a nuvem não é uma nuvem”, disse Noah.

“Então, antes de que nos descubram, utilizemos um elemento surpresa —sugeriu Kherion— Se os nosferatus colocarem a mão aqui, a nuvem desaparecerá e os hudriels sairão à luz, nos materializando como o que somos. Mas estamos a poucos metros de conseguir nosso propósito. Proponho dissolver a nuvem, que Nanna mostre o Brisingir e deixe cego a todo ser ao redor. Durante esses segundos, os hudriels os protegerão. Vocês devem voar até o topo e encontrar a entrada que Nerthus reserva ali para o Daeg”.

“Mas vocês ficarão à mercê dos jotuns quando a luz os deixar de incomodar —disse Nanna— E se superam em muito em número”.

“É o que devemos fazer, portadora do Brisingir. Essa é nossa função. Os proteger e ajudá-los”, resolveu o outro com tom firme.

“De acordo”, assentiu Noah.

“Mas... Noah! Os matarão!”, gritou Nanna.

O corpo de um nosferatu penetrou na nuvem.

Os hudriels gritaram enojados pelo mínimo contato escuro e putrefato. Então se materializaram como seres élficos de carne e osso.

Kherion, que cobria a Noah e a Nanna, olhou a valquírias por cima do ombro. Seus olhos verdes cintilaram com decisão.

—É nosso dever! Faça o que tem que fazer! Estão a cem metros do topo de Brenniba. Sobrevivam e deem uma oportunidade a todos!

Nanna olhou para Noah, horrorizada.

—Será um genocídio! Uma exterminação!

—Viva! —urgiu-a Kherion, que desceu ele mesmo o zíper do colete— Com sua vida, vingue a nossa!

Os nosferatus se dirigiam para eles.

Abaixo, no declive da geleira do Jostedalsbreen, centenas de trolls e lobachos corriam esperando pegar os corpos dos hudriels que, indevidamente, cairiam ao chão.

A luz do Brisingir brilhou com força através de suas pérolas.

Os jotuns ficaram imóveis ante seus raios.

—Nos deem a oportunidade de cumprir com nossa função —pediu Kherion, olhando Noah com solenidade— Vão aonde lhes reclamam e culminem sua viagem! Porque aqui... aqui acaba a

minha, amigos! —Kherion caía pouco a pouco à Terra, ao chão congelado e aos montes cheios de neve, dedilhados com manchas negras imóveis. Tirou o cajado do cinturão, que se tornou duro. O elfo tomou o *bô* com as duas mãos e caiu de cabeça, estirando seu corpo como um homem bala.

Os hudriels adotaram a mesma pose e rugiram com a mesma valentia que seu líder. O seguiriam até onde precisasse.

Noah desdobrou suas asas e levou Nanna com ele. Ela chorava desconsolada pelo sacrifício dos elfos. Mostrava o Brisingir em todo seu esplendor, tentando cegar a quantos mais jotuns melhor.

Mas nem o berserker nem a valquíria esqueceriam jamais aquela mostra de entrega e de amor incondicional do povo élfico de Hudriel. Caíam ao Midgard como flechas, dispostos a acabar com a ameaça daqueles seres demoníacos; dispostos a defendê-los porque essa era, nem mais nem menos, sua obrigação.

Sob seus pés, Noah divisava um parque emoldurado por espetaculares gigantes de gelo. Montanhas escarpadas de cor cinza escura, fiordes, rios e vales gelados, bosques verdes e espessos. A paisagem mais idílica jamais imaginada se tingia do sangue de uns e outros. Do bem e do mal.

Ali, naquela geleira no qual deviam entrar Noah e Nanna não poderiam lutar. Tinham uma missão: encontrar o lugar que a chave abria.

Noah não estava acostumado a fugir, mas não havia outra opção.

A chave começou a arder entre os dedos justo quando sobrevoavam Brenniba.

Queimava-lhe a palma.

—Porra! —grunhiu.

—O que acontece?! —perguntou Nanna, alarmada.

—Porra! Porra! —O medalhão circular parecia querer escapar, como se tivesse seus próprios impulsos.

O medalhão os guiaria para algum lugar: uma força magnética diferente, tão potente que ninguém podia lutar contra ela, levaria-os para o lugar indicado.

—Segure-se, Nanni!

—O que?! —gritou ela sem deixar de mostrar o Brisingir, com o colete completamente aberto e as pérolas em uma mão.

—Segure-se! Vamos chocar contra a montanha!

Noah protegeu Nanna com seu corpo. Com o punho estendido como se fosse Superman, atravessou as duras camadas de gelo, tão grossas quanto inquebráveis. Entretanto, Noah entrava com facilidade. O medalhão ardia e desfazia o gelo em décimos de segundo.

Estavam penetrando no interior da geleira. Nada parecia capaz de detê-los. De repente, o gelo deixou de cortá-los com suas arestas: seus corpos caíram até outro lago imenso e gelado. Um fosso maior que qualquer uma das cavernas nas quais estiveram.

Noah sofreu o impacto. O gelo do lago os arrastou. Derraparam até criar cubinhos de gelo a seu redor. Como consequência, deixaram uma profunda e clara marca no chão.

Não sabia onde estavam, mas tinham chegado a algum lugar. O medalhão palpitava, iluminando ligeiramente a sala com uma cor branca azulada. A runa de seu interior se iluminava a fogo.

Noah e Nanna se levantaram depois do impacto.

A colisão tinha sido brutal, mas não lhes importou: tinham encontrado o que procuravam.

Noah estudou o medalhão. Parecia unido com aquela caverna: movia-se e se iluminava da mesma cor e do mesmo modo que a chave, ao mesmo ritmo.

Atrás de uma das paredes de gelo, lisas e sólidas, havia uma imensa luz que palpitava. Era como o pulsar de um coração. Ouvia-se um estranho som metálico.

—Olhe, Noah —disse Nanna, que o segurou pela mão e o levou até lá.

No gelo tinha gravada a runa Daeg. Justo no centro do símbolo, que era como um relógio de areia em horizontal ou um X, havia uma abertura redonda e metálica. A seu redor, emoldurando essa abertura, viram um círculo com pequenos orifícios.

A mão de Noah saiu disparada, vítima da força magnética daquele buraco: a medalha se encaixou perfeitamente no espaço metálico do gelo.

Noah retirou a mão de repente, respirando nervoso e agitado, como Nanna. Ambos estavam ansiosos, esperando os foguetes.

Ele a afastou um pouco, para protegê-la. Entretanto, Nanna bateu no braço dele e deu um passo à frente.

—O que acha que tem que acontecer? —disse, histérica.

—Pois não sei...

—Espera um momento...

—O que acontece?

—Espera um momento. —Nanna se dispôs a contar as bolas de ao redor da chave circular. Trinta e três. Trinta e três buracos— Certo —levantou os braços e dirigiu a mão para sua nuca.

—O que acontece, valquíria?

—São trinta e três bolas. O Brisingir tem trinta e três pérolas brilhantes —respondeu, tirando-o do pescoço— Não pode ser casualidade. Nada foi até agora.

O extremo do colar se levantou como se fosse uma serpente e começou a encaixar-se nos buracos, como por arte de magia. O círculo de esferas se iluminou, igual à chave. Atrás daquele muro algo fazia ruído. Era como um motor, ou como portas metálicas que se abriam e fechavam ao mesmo tempo.

—Os dois objetos são chaves —apontou Nanna— E algo tem que abrir.

—Terá que girar ou algo assim? —Era a primeira vez que via chaves como essa.

—Não. Tem que pressionar o medalhão para dentro.

—Ah.

Noah agarrou a mão de Nanna e a pousou sobre o dorso de sua mão direita. Engoliu em seco e a olhou diretamente nos olhos.

Ela piscou e sorriu com aqueles olhos castanhos tão cheios de amor.

Ele sorriu com os seus, tão amarelos.

—Gebo nos uniu. Esta é uma viagem de dois —explicou Noah.

—Sim. Assim é.

Tudo começou a mover-se. As partes de gelo se rachavam e caíam a seu redor. Começavam os terremotos. E viriam um detrás de outro.

—Então... Vejamos o que acontece se colocarmos isto para dentro. Abramos a porta.

—Abramos a porta. —Nanna lhe deu um beijo na bochecha.

Nesse momento, os dois empurraram ao mesmo tempo: a caverna se iluminou.

Uma luz elétrica alagou ao casal e o gelo os absorveu para o outro lado que não viam.

Todos estavam chorando. Todos.

Não havia ninguém que não chorasse por ele.

Sobretudo ela. Não suportava aquela perda. Era superior a suas forças.

Sabia que todos a procurariam. Seu pai. Seu sogro. Seus cunhados. Todos.

Mas o que não sabia nenhum deles era como se sentia em realidade. Caminhava, respirava e vivia. Mas era como uma morta em vida.

Que futuro teria sem ele? Seu belo loiro, seu particular deus bondoso tinha morrido do modo mais incrível.

Ele, que alardeava sempre de que nada nem ninguém poderia feri-lo jamais.

Pois alguém o tinha feito.

O mais inesperado. O menos pensado.

Ele o tinha matado.

E de passagem também a assassinou, pois já não tinha vontade de viver. Não queria uma vida eterna sem seu companheiro.

As flechas começaram a cair do céu. Seu navio, a nau mais bela de todos os reinos, flutuava no mar, iluminado pelo reflexo das chamas.

Todas caíam sobre sua pira cerimoniosa.

Ela se levantou entre o fogo, oculta atrás de seu leito, beijou seu amor nos lábios e permitiu que o fogo e as flechas acabassem também com sua vida.

Ao longe, ouviu o pranto dos seus, que presenciavam que se sacrificava por seu companheiro.

Onde fosse seu navio, onde fosse seu marido, o seguiria. Isso era a única coisa que deviam entender.

Diziam que amar não era olhar um ao outro nos olhos, mas sim os dois olhar na mesma direção. E eles sempre foram um. Uma equipe, com as mesmas necessidades e inquietações.

Agora os dois olhariam para a eternidade que lhes proporcionava a morte.

Noah a olhava aniquilado, em pé ante ela. O sonho tinha mudado.

Ele chorava e ela também, ao pensar naquela nova experiência vivida astralmente.

Seu navio, aquele que tinha visto em sonhos, aquela incrível nau futurista, tinha-a ante si. De fato, ambos estavam em sua proa, frente a uma pira funerária em que não queria olhar.

O navio era metálico, com formas desafiantes e inscrições gravadas tanto em *futhark* como através de desenhos de dragões. Era tão longo como um edifício de trinta andares. Não chegava a

ver o final, mas, ao longe, sim que se via uma imensa sombra alargada, imóvel e congelada. Era um gigante. Um impressionante gigante.

Tudo aquilo estava sob o gelo, como era possível?

—Não posso acreditar nisso... —sussurrou ele esfregando o rosto.

Nanna se levantou e limpou as lágrimas dos olhos. Esses amanheceres tormentosos a estavam matando.

—Não pode ser... —Cravou os olhos na pira, a mesma em que, no sonho, ela se deixou queimar. Trememente, aproximou-se.

—Olhou? —perguntou-lhe.

Ele assentiu com a cabeça, tão pálido e choroso como ela.

—Há dois corpos queimados. Um homem e uma mulher.

Nanna não aguentou mais e se inclinou para observar seu conteúdo.

Os corpos estavam calcinados, mas nos dedos anelares tinham os anéis de Gedo e o símbolo da eternidade.

—O que significa isto? —cobriu o rosto, chorando por eles, por seu destino. Era o casal que recordavam em seus sonhos. Jamais teve uma experiência desse tipo, por isso não compreendia como se sentia tão vinculada a essa mulher— E se eram nossos pais?

Noah a olhou com cara de poucos amigos.

—Então se supõe que você e eu somos irmãos.

—Uf, que asco. Obviamente, não somos irmãos.

Noah levantou as sobrancelhas como se dissesse: “Obviamente, meu bem”.

—Há algo positivo em tudo isto. O que está claro é que o que víamos em nosso sonho — explicou Nanna— não era nossa morte. Era seu destino. —Assinalou aos corpos queimados na pira— Eram eles os que morriam. Nem você nem eu. —aproximou-se de Noah e o puxou pelo queixo para olhá-lo melhor— O que há na sua boca?

—Minha língua queima—respondeu, estalando todo o momento contra os dentes, estudando cada detalhe do navio. Aquele navio era espetacular. Mas o que se supunha que devia fazer com isso?

—Deixa eu ver, abre a boca.

Noah a obedeceu e mostrou a língua.

—Mas por todos os deuses! —exclamou sem saber que cara pôr.

—O que acontece? —respondeu fechando a boca de repente.

—Tem a língua cheia de runas. Runas ininteligíveis.

—Merda... —soprou, cansado de tudo aquilo— Olhe, este é um navio que imagina-se que devo conduzir, verdade? É como um navio de guerra.

—Sim.

—Então me ajude a encontrar o leme, Nanna. Terá que fazer algo com isto. Deve haver um modo de ligá-lo.

A valquíria botou mãos à obra, disposta a registrar todo o navio por fora. Enquanto isso, Noah analisava suas perfeitas e delineadas formas.

Era uma nau perfeita. Maravilhosa. Queria pô-la em movimento.

—Há um modo de ligá-lo —disse uma voz de homem atrás dele.

Noah e Nanna se viraram e se encontraram com um ser com topete e mechas coloridas. Vestia-se completamente de negro e carregava um cajado com uma esfera verde de cristal no extremo, entre os dentes de uma serpente. O outro extremo da serpente parecia de madeira e acabava em forma de estaca.

Nanna lhe lançou um raio para afastá-lo deles, mas ele o desviou com o cajado. O raio se chocou contra o gelo ao redor.

—É Loki! —gritou ela, assustada— Noah, é Loki!

CAPÍTULO XXV

Stonehenge

As, Maria, Caleb, Aileen, Cahal e Miz se encontravam reunidos no monumento megalítico mais importante da Inglaterra. Ali, não fazia muito, Cahal abriu um portal com a ponte Bifrost para transferir Heimdal à sua casa.

Ali, dois mil anos atrás, Freyja, Frey e Njord converteram a tribo celta dos casivelanos em vanirios.

Não se tratava de conectar mundos nem de converter espécies. Tratava-se de viajar através do espaço e chegar justo ali onde se encontrasse Noah Thoryn. Tinham que ajudá-lo.

Cahal via os ormes, uma substância etérea, que rodeava todo elemento vivo na natureza. Canalizava essa energia e criava realidades. Sua palavra decretava verdades e fazia aquilo que ele queria.

Esse maná, esse fino pó branco dava lugar a vazios quânticos. Ele podia manipular suas formas a nível atômico, abrindo espaços como buracos de verme através dos quais podia viajar.

Miz, por ser sua companheira e compartilhava seu sangue, tinha seu mesmo dom. Via esses halos ao redor das coisas e como o druida acumulava sua energia através deles, como nesse momento. Mas não os podia manipular.

Isso só o podia fazer o druida do clã keltoi. O *magiker*.

—Miz. —Cahal lhe indicou com o dedo que se aproximasse.

Outros já sabiam o que ia acontecer. O sangue da jovem cientista era o combustível principal de Cahal, e necessitava sustento.

—Sabe o que tem que fazer? —advertiu-o ela— Não se exceda. Não dê mais do que deve. Nos leve até ali e ponto.

Cahal lhe sorriu e a beijou na testa.

—Sim, mamãe.

—Não. Nada de brincar. —Um novo tremor sacudiu a colina onde estava o cerco de pedra.

Todos se olharam, sérios.

—Me alimente, *mo ghraidh* —pediu Cahal com suavidade— Que ninguém olhe —ordenou ao restante.

Miz afastou o pescoço alto da jaqueta. Cahal a colocou a seu torso. Virou-se para mostrar suas costas a outros. O rosto de Miz quando ele bebia dela... Era somente dele, de ninguém mais. Suficiente tinha dado quando a transformou na sala subterrena do Conselho Wicca. Nunca mais voltaria a expô-la desse modo.

Ele cravou suas presas em sua carne e começou a sugar. Ela fez o mesmo com ele.

Uma dentada entre vanirios era algo muito íntimo e sensual; o sangue de seus companheiros outorgava dons. Se Miz tinha seu sangue correndo pelas veias, seria-lhe muito mais fácil retornar a seu estado físico natural, pois suas células leriam sua memória impressa no corpo de Miz.

Cahal passou a língua para fechar as incisões. Ela se estremeceu entre seus braços.

—Está bem, Ossinhos? —perguntou-lhe com os lábios colados a sua têmpora.

Miz assentiu com a cabeça. Abriu os olhos e sorriu.

—É somente que eu adoro beber de você. E eu não gostaria que a estragasse.

Ele levantou uma sobrancelha.

—Está me chamando de incompetente?

—Não. Mas não subestime seu dom, não faça floreios... Aproveite a energia eletromagnética deste lugar, não faça tudo sozinho. Exploda e... volte, entendido?

—Não tem que temer por mim. As runas falaram: dizem que posso fazer isso.

—As runas não têm braços para te abraçar nem coração para sentir sua falta, druidh. Como compreenderá, o que disserem, importa-me menos que nada.

Invadiu-o o amor que sentia por ela. Miz estava muito preocupada, mas tudo sairia bem. Não ia se perder nunca mais. Ela era sua casa.

—Se afaste um pouco. —Deu-lhe um beijo fugaz nos lábios.

Todos os ali reunidos, sob a noite inglesa tão nublada como parecia que estava no resto do mundo, rodearam ao druida.

Cahal abriu os braços e observou toda a luz que continha o mundo que o envolvia. A Terra era um lugar cheio de vida. Até uma moita de grama, o mais feio que podia encontrar, estava vivo. As pedras, as pessoas, o ar...

Um vento leve se levantou no centro de Stonehenge. Miz via perfeitamente como seu cáraid atraía os ormes a seu corpo. Era algo mágico. Como ele. Como o amor que sentiam um pelo outro.

—Sou Cahal McCloud, *druidh* da tribo keltói casivelana. E em meu poder de decretar criarei aquilo que acredito! —gritou, sabendo que sua palavra era lei na natureza. Era um homem de magia, capaz de trocar a composição quântica de todos os átomos que o rodeavam. Pouco a pouco, seu corpo desaparecia e se convertia em luz— Divido meu corpo, minha alma e meu sangue, e tomo o que me rodeia como uma porta a esta Terra, a outro espaço e a outro lugar! Eu sou pó, e como pó viajarei até Noah Thöryn! Ali onde a natureza é fria e gelada, bela e perigosa, ali onde o berserker de olhos amarelos briga! Que assim seja, assim é e assim será!

Cahal se converteu em uma porta luminosa ovalada que conectaria pela primeira vez, e sem aceleradores no meio, espaços separados da Terra.

Noah começou a mudar, disposto a afastar Loki de Nanna.

Equilibrou-se sobre ele com as garras e os dentes expostos. Aquele homem era Loki? Por que não lhe inspirava nem o mais mínimo respeito? E o medo? Onde estava o medo que devia sentir?

Noah o odiava com todas suas forças, queria arrancar sua pele e acabar com ele da forma mais tormentosa possível.

Loki se pôs a rir enquanto esquivava seus golpes.

—Nossa, nossa... É igual a ele —grunhiu mostrando suas presas— Igualzinho. Um merda com presunções de super-herói.

Noah o agarrou pelas lapelas daquele suéter ajustado de pedraria negra.

—Vai a Las Vegas cantar, filho da puta? —grunhiu o berserker, que o sacudiu com um murro— E seus sapatos de plataforma?

Loki riu e tropeçou para trás.

—E tão animal. —Olhou-o de cima abaixo— Ele não era assim.

—Ele? Quem?

Loki se desmaterializou e desapareceu.

O berserker olhou a um lado e ao outro. Tirou *seu* oks das costas. Necessitaria a companhia e a energia do noaiti para enfrentá-lo. Adam o ajudaria a lutar contra Loki.

—Atrás de você! —gritou Nanna, que lançou um raio a Loki, com as asas desdobradas sobre sua cabeça.

Noah se virou para acertá-lo com uma machadada, mas seu braço ficou a meio caminho.

Desta vez, o que fosse que atravessou seu peito doeu de verdade e o deixou sem respiração. Noah desviou o olhar ao pau que penetrava até seu coração. Era o extremo bicudo do cajado de Loki.

O transformista sorriu e encostou seu rosto ao de Noah.

—Sabia que assim sim morreria.

—O que...? Por quê?

—Porque este cajado é feito da única coisa que pode acabar com você. Não adivinha o que é?

A luz que desprendia esse navio foi se apagando pouco a pouco. Nanna caiu contra o chão. Suas asas se apagaram e olhou para Noah com desespero, levando a mão ao peito.

—Noah... —disse ela angustiada— Morro...

—Não! —Noah não podia morrer, atravessado pelo cajado de Loki. Nanna estava morrendo! Como ele! Os dois estavam conectados e perdiam a vida ao mesmo tempo— Nanna!

—Oh... Que terno —sussurrou Loki— Os dois apaixonados unidos de novo. Mortos. —Retorceu a ponta do cajado no peito de Noah, que girou os olhos— Tem seu puto navio, a mesma mulher —olhou a Nanna—, acredito. —deu de ombros— E morre como morre ele. E ainda não tem nem puta ideia de quem era seu pai? Sabia. Soube assim que não pude acabar com você a primeira vez.

Uma lágrima rodou pela bochecha de Noah.

—Eu... não te tinha visto antes.

—Hummus —recordou Loki— Ele era eu —lhe disse ao ouvido, como que contando um segredo— O possuí. Mas sabe o que é o melhor de tudo?

Noah ficava sem ar. Sua energia e seu poder imortal se desvaneciam, como se nunca tivessem existido nele.

—Ele era seu irmão —disse Loki desfrutando do último gesto de horror do berserker.

Quando os corpos de Noah e Nanna por fim ficaram sem vida sobre aquele navio, Loki se pôs a rir com força.

—Tanto tempo para isto? Esta era sua surpresa, Odín? —gritou sabendo que aquele navio se comunicava diretamente com o deus. — Este deus era seu modo de me deter?

As sacudidas da Terra eram cada vez mais fortes. Loki sabia que não deveria perder a oportunidade de concluir sua tarefa. Cumprir seu propósito ia ser mais fácil do que tinha planejado em seu cárcere de cristal.

Ninguém poderia encará-lo ou confrontá-lo.

—Hela, minha filha —disse Loki falando para si mesmo— Encarregue-se das almas destes dois, e desta vez não negocie com ninguém para fazê-los sair.

Ele era o único deus válido para os humanos. Ele tinha conhecido seus medos, suas debilidades, suas ambições, e os tinha manipulado a seu desejo. Era justo, então, que acabasse com eles.

E isso faria.

Cravaria seu *Laeviatann* sobre o ponto eletromagnético mais forte do Midgard. Seu totem também abria portas, como fazia Gungnir.

E uma vez que o fizesse, que se preparasse a Terra.

Odín esperava no lago frente a Yggdrasil, enquanto escutava à manifestação etérea de Hela atrás dele. A deusa do submundo não estava de acordo em que, antes que o berserker e a valquíria ingressassem no Nilfheim, tivesse que visitá-los. Eles já estavam mortos e lhe pertenciam.

—Odín, devolva-os para mim. — pediu Hela atrás dele. Não o podia tocar, sua imagem era como a de um holograma. Não podia machucá-lo.

A jovem era muito bela. De cabelo castanho e comprido, e com os olhos negros. Seu rosto pálido, ressaltava com a túnica negra que cobria seu corpo. Só tinha um problema. Cheirava a putrefação. O deus aesir agradeceu que sua presença fosse só etérea.

Odín seguia com o olhar fixo no lago através do qual viu a pira de madeira, o barquinho que traria Noah e Nanna.

—Hela, vá. Aqui não faz nada.

—Estão mortos! Seus espíritos são meus!

Freyja se materializou na borda do lago. Seus pés nus se molhavam, banhados pela água cristalina daquele lugar sagrado. Vestia-se de vermelho e usava o cabelo solto sobre as costas. A deusa também controlava a pira que se aproximava para eles.

—Hela —disse Freyja—, suas leis falam de morte. Mas estes guerreiros são especiais — argumentou a deusa, estirando os braços para deter a pira cerimoniosa que se aproximava deles—, seu destino é diferente. Não está ligado a você.

—Não me enrole, Freyja! —protestou a filha de Loki— Estou cheia de seus joguinhos de imortais até o Inferno! Esses daí vêm a minha casa, agora! E não poderão fazer nada para me deter!

Odín se virou e encarou Hela, que, até sendo um holograma, retirou-se, temerosa da ira do deus.

—Hela, você já não pode nos fazer nada. Seu mundo está fechado, seu reino está sob chave, como o nosso.

—Não por muito tempo. —Hela sorriu com a mesma soberba de seu pai— Assim que meu pai abrir os mundos, andarei como quiser pelo Midgard. Eu —olhou as unhas— e os meus, claro. Então, os caçarei e os levarei.

—Não poderá. Um espírito vivo não pode entrar em seu castelo —esclareceu Freyja.

—Consequentemente, me dá razão, deusa puta! —gritou Hela, histérica. reyja a olhou por cima do ombro um instante, como se valesse menos que nada. Depois esperou para receber o barquinho funerário de seus guerreiros.

—Estão mortos! Os dê para mim.

—Hela! —gritou Odín, o que fez emudecer o Asgard.

A deusa não se intimidou, mas se calou, elevando o queixo.

—Vê o sol que flanqueia o horizonte do Yggdrasil? —perguntou-lhe.

Hela assentiu, aborrecida.

—Sim, o vejo.

—Se quando se pôr por completo, meus guerreiros continuarem mortos, poderá levá-los.

—Não. Não aceito o trato —se negou, terminante— Certamente que fará algum truque dos seus...

—Não há truque —sentenciou Odín.

Hela olhou para Freyja e o Caolho com aborrecimento. Depois observou o brilhante sol do Asgard.

—Quando se começar a pôr o sol —repetiu Odín falando com calma—, quando devido a sua distância possa tampá-lo com um só dedo, então, se eles continuarem mortos, poderá levá-los. Serão seus.

—De acordo, Ciclope —aceitou Hela— O verei dentro de pouco tempo.

A deusa desapareceu no ato. Odín e Freyja esperaram que o barquinho chegasse à borda. Em silêncio.

—Quanto sabe de tudo o que fiz, vanir? —perguntou Odín, caminhando para ela.

A Resplandecente cruzou os braços e repicou com suas unhas sobre seu cotovelo.

—Sei o suficiente para mover minhas fichas e nos dar um par de oportunidades mais.

O aesir negou com a cabeça e sorriu.

—Não foi nenhuma casualidade que Nanna carregasse esse colar, verdade? Ocultou o Brisingir em sua valquíria, porque sabia que, enquanto ela não se misturasse em nenhuma batalha, o colar nunca se ativaria. E Nanna não brigava, ela somente recolhia a meus guerreiros para me trazê-los.

Freyja o escutou.

—Sim, Odín. Assim era. Mas Nanna era tão importante para ele como ele é para todos nós. Esqueceu-se desse detalhe, de algo óbvio.

—Óbvio?

—Sim. O maior ativador de todos é o amor. Seu encontro era iminente, e ela devia ajudá-lo em sua viagem.

Desta vez, Odín não ousou rir.

—Surpreende-me que fale de amor.

—Acha que não sei o que é? —perguntou ela, vaidosa.

—Não importa. O que fez... foi algo muito inteligente de sua parte —reconheceu o deus, admirado.

Freyja guardou o elogio com zelo. Odín nunca os dava.

—E agora o que? O *Laeviatann* matou Noah. Já não se pode negociar nada com Hela, posto que está do lado de seu pai. Qual é sua carta, Odín? Porque, por muito que penso, já não vejo uma solução coerente a este conflito. Loki cravará seu cajado sobre o portal estelar mais potente do Midgard e isso fará que dele emergam todos os monstros existentes por existir. Será um bunker. Já não poderemos adentrar o Midgard. Os deixaremos sozinhos ante a morte.

Odín lambeu os lábios ressecados e olhou à frente.

—Veremos como vai tudo. Mas confio na palavra de meu homem. Não me falhará.

Noah e Nanna abriram os olhos ao mesmo tempo.

Ela tinha seu rosto apoiado no peito dele, que segurava sua mão contra o coração.

O barquinho de madeira era o suficientemente grande para cobrir aos dois. Tinha flores e moedas a seus pés, como as que ofereciam antigamente aos mortos. Moedas para pagar ao barqueiro que cruzava entre mundos, flores para suportar o perfume a morte.

Noah tomou o rosto de Nanna e se ergueu com ela, olhando a seu redor.

—Onde..., onde estamos? —perguntou, e a beijou, com adoração— Continuamos vivos? E Loki?

Nanna negou com a cabeça, abraçando-o com força, chorando contra seu peito. Recordava perfeitamente a dor que tinha arrasado seu coração. O cajado do jotun o tinha matado, e, como consequência, também acabou com ela.

—Não. Não estamos vivos..., acredito. Eu conheço este lugar... É Yggdrasil —reconheceu ela. Então se levantou e viu Freyja e a Odín a escassos metros deles— Freyja?

Noah cravou o olhar à frente. Pela primeira vez, algo aconteceu em sua alma, uma sensação de lembrança e saudade brutal percorreu sua mente e sua pessoa.

Odín estendeu a mão até ele, com a palma para cima.

Noah viu parte de suas feições refletidas nas desse homem com um tapa-olho. Conhecia-o. Era Odín.

—Bem-vindo à casa —o saudou com um sorriso de carinho em seus lábios—, meu filho.

CAPÍTULO XXVI

Freyja abraçou Nanna com força. A valquíria olhava para Noah como se, de repente, deu-se conta de que nele saíram vinte cabeças.

—Como assim “meu filho”? —perguntou estupefata procurando respostas nos olhos da deusa.

Noah engoliu em seco, franzindo o cenho e negando com a cabeça. Mas aceitou a mão do deus.

—Talvez não entendam nada do que está acontecendo —explicou Odín com tom de desculpa— mas será uma honra que deixem que me explique.

—O Explicar o quê? —Noah olhou a seu redor, tão perdido que até tinha medo. Sentia falta do Midgard, sua Black Country, seus amigos, Noruega— O que tem que explicar! Por que me chama de filho?! Meu pai é As Landin! O único que cuidou de mim!

Nanna tentou tranquilizá-lo.

—Noah, espera... Não pode falar assim com ele. É o deus pai. O Alfather.

—E o que?! —rugiu Noah— Loki me matou! Fracassei! Morri em minha viagem! Importa-me um nada que este pirata me diga que sou seu filho quando estive trezentos anos perdido no Midgard! Isso não muda nada! Outros estão em perigo, preparados para lutar, e eu estou aqui, vivendo uma espécie de capítulo de Guerra dos Tronos! Assim, ou me faz voltar lá para baixo — assinalou a barco—, ou me mata de uma vez por todas, porque não estou interessado em recuperar vínculos familiares.

Freyja meio riu, e depois pigarreou dissimulando. Sem dúvida, tinha o caráter de Odín.

Este levantou uma mão para apaziguá-lo.

—Sempre teve as ideias muito claras. Mas nunca me falou assim. Foi muito consciente e gostava de dialogar. Suponho que o Midgard o forjou.

—Supõe bem. Agora me diga quem diabos sou e acabe com esta pantomima de uma vez.

Nanna abriu os olhos como pratos e desviou o olhar para a Freyja, que parecia entretida e divertida com a situação.

—Tudo bem —aceitou Odín olhando o sol, que se punha no horizonte, depois de Yggdrasil— Não temos muito tempo. —Odín tocou a deusa, que abraçava Nanna, e Noah, e os três se desmaterializaram.

Apareceram de novo no interior da árvore, junto às três nornas.

Os bicho-tesouras dos teares detiveram um momento os fios do destino. Olharam para Noah como se não acreditassem no que viam.

—Era ele! —disse a disir do passado, Urdr.

—É ele! —exclamou Verdandi.

—Será ele! —gritou Skuld apontando com seus dedos. O tear se desamarrou pela metade, assim correu para corrigi-lo.

O interior da árvore possuía um lago com cisnes. As três disir trabalhavam ali, entre as raízes do Yggdrasil. A árvore do destino.

—Urdr —ordenou Odín—, necessito que me mostre o tear do passado, justo no momento em que nasceu meu bem amado filho.

A disir de cabelo vermelho e marcas tribais no rosto assentiu, obediente. Procurou em uma espécie de cofre cheio dos anais da história dos deuses. Teares ordenados por tempo. De repente, tirou um e o lançou a Odín.

Noah pensou que devia pegá-lo, mas o tear se desfez fio por fio. Uma imagem congelada se desenhou ante seus olhos. A imagem adquiria movimento. Odín lhe explicou o que estavam vendo.

—Quando nasceu, todos os deuses sentiram um amor imediato por você. Foi um bebê de cabelo dourado e uns olhos azuis cheios de bondade.

—Noah tem os olhos amarelos —disse Nanna, interrompendo o deus.

—Shhh, valquíria —a interrompeu a deusa.

Odín prosseguiu.

—Todos sabíamos que era especial. Você era o melhor dos deuses, por sua bondade, por sua compaixão, por sua empatia. Em todos os reinos o adoravam. Assim, pensei, que o melhor de meus filhos, o mais especial de todos, devia vincular-se com os humanos para ajudá-los a ser melhores. Devia criar uma estirpe de futuros deuses benévolos que ensinassem ao humano a valorizar o interior e o desenvolvimento espiritual, em vez do material e as posses. Porque a maioria dos deuses de nosso panteão são muito violentos e vingativos...

—Isto é uma loucura. —Noah queria sair dali. Não compreendia o que via.

—Não. —Odín o deteve pela nuca e o obrigou a olhar o tear em movimento— Você fica aqui. Esta é sua história. Assuma-a. Meu filho devia conhecer alguém especial, que amasse a Terra e que respeitasse suas normas. Por isso, a escolhida seria a filha de Nepr. —Olhou para Nanna.

A valquíria empalideceu e piscou.

—Filha de quem?

—Nanna, a filha de Nepr foi escolhida por você. Mas também foi escolhida por Hodr, seu irmão cego.

Nanna e Noah olharam um ao outro, tentando assimilar toda essa informação. Começavam a entender tudo o que tinham sonhado.

—Apaixonaram-se —disse Odín— Em todo o Asgard não havia um casal melhor estabelecido que vocês. Entretanto, Hodr sentia inveja de sua felicidade. Estava com ciúmes de que Nanna se apaixonasse por você e não por ele.

Freyja estreitou os olhos. Ela também desconhecia essa parte da história. O tear seguia mostrando imagens de Hodr e de seu ódio para seu irmão dourado. O ciúmes, a raiva de ser o cego e o simplório acabavam com ele.

Nunca tinha visto Hodr através do prisma imparcial que dava o tear. Aparentemente, não era muito bom.

—Entretanto, você e Nanna se casaram e tiveram uma vida feliz no Asgard. Inclusive conceberam um filho.

Nanna tinha os olhos cheios de lágrimas. Tocava o ventre com as duas mãos, ante o atento e compassivo olhar de Freyja. A deusa lhe acariciou as tranças, mas a valquíria se afastou, arisca.

—Um filho? —repetiu Noah.

—Sim. Tiveram Forseti.

O berserker não podia acreditar. Nanna tampouco. Ambos entrelaçaram os dedos de suas mãos.

—Mas meu filho dourado começou a ter sonhos proféticos onde via sua morte. Exatamente como aconteceu a você agora —resumiu Odín— O contou a minha amada Frigg, sua mãe, e esta, temerosa por que ele morresse, convocou uma reunião de deuses em Gladsheim. Ali, todos os deuses fizeram uma possível lista de todas as coisas que poderiam machucar a seu filho...

—Está narrando a história de... —grunhiu Noah, com os olhos vermelhos e tristes pela emoção— Conheço perfeitamente a história.

—Ah sim? —perguntou Odín— Então, se a conhece... Quem é, Noah? Atreva-se a dizer e a assumir o papel que tem de jogar em nosso destino.

O berserker e o deus mediram um ao outro, mas não disse uma palavra.

—É Balder — respondeu Nanna cobrindo os lábios com os dedos— Noah é Balder. O deus dourado da profecia.

Noah tremia de raiva. Como ele ia ser Balder? Isso era impossível.

—Mente —lhe disse.

—Não. Não minto —respondeu Odín— Sua mãe, Frigg, obrigou a toda criatura vivente dos nove mundos a jurar que jamais p machucariam. Entretanto, Loki, que estava contra você misturar-se com os humanos e compartilhasse sua sabedoria com uma raça inferior, disfarçou-se de Visgo e não fez o juramento.

—E, além disso —particularizou Freyja— sentia certo remorso, pois tínhamos prendido a seus filhos, Hela, Fenrir e Jörmundgander, para que deixassem de nos maltratar e de machucar aos humanos.

—Assim —recordou Odín, com angústia, seguindo as imagens do tear— Loki disse a Hodr que, se quisesse, ele podia o ajudar a que Nanna ficasse livre e se casasse com ele. Para isso tinha que enviivar. Hodr, odiava-o, Balder...

—Não me chame assim! —gritou, e esteve a ponto de se transformar ali mesmo.

—Hodr decidiu obedecer a Loki. Este lhe ofereceu uma flecha criada com o ramo de visgo que não tinha jurado ante Frigg e disparou em você com seu arco, seguindo as diretrizes do Vigarista. Deste modo, a profecia da vólva se cumpria. Balder tinha morrido e nós tínhamos ficado órfãos de deuses puramente bons. Em seu enterro, em sua pira funerária, Nanna, que entrou sem avisar a ninguém, quis tirar a vida junto a você, pois não podia viver se você não estava a seu lado.

—E o que aconteceu com Hödr? —perguntou Nanna, secando as lágrimas com despeito.

Odín deu de ombros.

—Hödr não sabia que você ia se sacrificar, assim que sua alma obscureceu e se tornou uma espécie de ermitão arisco. Eu concebi Vali, que o matou. Se Hodr tinha assassinado seu irmão, ele não tinha nenhum direito de viver.

O tear desapareceu ante seus olhos. Urdr fez gesto de tirar outro e continuar com a história, mas Odín a deteve com um gesto de sua mão.

—Já é suficiente —disse o aesir— O resto eu conto.

—Se morri uma vez junto à Nanna, o que fazemos vivos de novo? —perguntou Noah, olhando de frente a seu pai— Por que temos lembranças de uma vida que não vivemos?

—Depois do que aconteceu, caçamos Loki, pois sabíamos que tinha sido o culpado. Prendi-o para toda a eternidade, mas ele já tinha feito suas próprias manipulações. Através de um feitiço tinha feito reviver ao corpo de Hodr, que já não tinha lembranças de quem era. O levou ao Midgard, onde Loki transferiu seu cárcere, nas vísceras da Terra. Era um cárcere que não podíamos detectar. Um cárcere —disse, com mistério— que só poderia abrir-se se Loki matasse de novo a um de meus filhos —lamentou— Mas pequei de soberba. Não imaginei que Loki conseguisse isso. Hummus era Hodr, e trabalhou para Loki durante muitíssimo tempo. Ensinou-lhe toda sua magia e o adotou como a um filho.

—E eu? E Nanna? O que aconteceu a nós?

—Quando a völvu nos narrou a profecia do crepúsculo dos deuses, eu queria estar seguro de saber o que ia acontecer. Fui à fonte do Mimir, e entreguei meu olho para ver com claridade o que aconteceria com todos os mundos. A água da fonte me falou e decidi mudar esse destino. A völvu falava de que, ao final, o deus dourado retornaria, e eu vi perfeitamente como ia retornar, por que motivo. Assim fiz o que tinha que fazer. Viajei ao passado e, com o sangue de meu filho Balder recém-nascido e a magia seidr que me ensinou Freyja, criei uma réplica dele. A original a levei ao Midgard para que As Landin cuidasse dele, até que chegasse o dia marcado. Depois, voltei a descer ao Midgard e fiz a mesma manipulação com Nanna.

Freyja olhou a sua valquíria de soslaio.

—Eu sou uma réplica da Nanna?

—Não, você é a Nanna original. Fiz uma exceção com você depois que Odín se ajoelhou, e a converti em valquíria. A réplica fez seu papel de filha de Nep e mulher de Balder no Asgard. Você não vinha de mãos alcançadas por trovões nem nada parecido, mas, de algum modo, sabia que era especial. Mantive-a no Valhall com todas minhas guerreiras e fiz que fosse única. Ninguém podia te tocar. Só seu einherjar.

—E não pude tocar Noah até o momento adequado na caverna de Nerthus. Porque, se o fizesse antes de tempo e perdesse meu dom —refletia Nanna a ponto de sofrer um desmaio—, a energia que desprendem uma valquíria e um berserker ao fazer amor não teria aberto o portal de Nerthus e ela não teria podido preparar a seus guerreiros.

—Exato, Trancinhas. —Freyja voltou a lhe acariciar as tranças— Devia ser nesse momento, e não antes.

—E como se presume que eu devia descobrir quem era?! Como se supunha que íamos nos reconhecer?! —gritou Noah com os punhos apertados.

—Nanna o viu no enterro de Gabriel, e você a viu. Ali se apaixonaram. De algum modo, reconheceram-se —explicou Freyja tentando fazê-lo entender a situação.

Noah recordava esse momento. Para ele supôs todo um impacto. Nanna então tinha o cabelo curto e vestia uma capa. Estava muito bonita.

—E meus pesadelos?

—Você devia começar a despertar assim que recebesse a punhalada da arma de Nanna. Uma adaga guddine. Esse foi o catalisador —reconheceu Odín— Eu jamais tinha pensado nisso. Mas Freyja —a olhou de esguelha, contrito— foi mais rápida que eu.

—Imensamente mais inteligente —reconheceu a deusa— Não morrerá por reconhecer isso, Caolho.

—As runas —continuou Odín— comunicaram a As que devia te dizer a verdade para que empreendesse esta viagem. Por isso foi revelado sua origem. Nunca antes. Só no momento justo.

—E se algo de tudo isso tivesse falhado? —perguntou, incrédulo— É como uma fila de fichas de dominó. Se uma falha, tudo acaba. Arriscou-se muito.

—Sei —assentiu Odín— Entretanto, confiava plenamente em vocês e em sua atitude. Sabia que não falhariam comigo.

—Mas falhei com você. —Noah passou as mãos pelo cabelo— Falhei com você Nanna. Estou morto. E, com minha morte, a matei. A ela. —Segurou-a pelo rosto e lamentou sua situação.

—Isso é porque Gebo os uniu. A infusão de minha mãe é muito poderosa —concedeu Freyja— Nanna se sacrificou quando o queimaram. O justo é que Gebo os unisse do mesmo modo. Por exemplo: seus objetos não fariam nada se estavam separados. Pelo contrário, se estiverem juntos, o colar e a chave funcionam. E mais, não podiam abrir a caverna em que se ocultava o navio se não estavam juntos. Mas tudo isto é somente palavrório... Só Odín sabe se de verdade falhou ou não.

—Você não falhou comigo —anunciou o deus— Você não. Fui eu quem se equivocou. Obviamente, tinha-o no Midgard porque estava convencido de que você descobriria era foi muito antes que Loki saísse. E pensava que você o mataria. Mas nunca imaginei que ele saísse muito antes do previsto. Com relação a Hodr me deixou bastante desconcertado, fui um pedante. E me equivoquei.

—E no que isso muda o destino? —Nanna olhou às nornas e a seus teares, mas estas a ignoraram.

—Muda no fato de que Loki poderá abrir as portas de seu reino e estes arrasarão o Midgard. Não deixarão nada em pé. E nós não poderemos sair daqui e os ajudar até que alguém abra nossa porta.

—Mas... —disse Noah— Nós estamos aqui.

—Não. Não estão —explicou Odín, paciente— São suas almas as que vieram a nós, ali onde eu os ordenei. Mas seus corpos físicos permanecem sob o gelo.

—E que cagada nova esperam? O que deve acontecer agora? —Noah estava perdendo a paciência.

—Por agora, você está aqui, junto à Nanna. O navio que viu abaixo é o Hringhorni, a maior nau do Asgard. Foi meu presente.

—E para que serve?

—Para lutar. É um navio invencível, nada o pode demolir. Enquanto continuarem nele, o manterão com vida. Mas só se ativa com isto. —Odín tirou um anel de seu dedo polegar— É meu anel, Draupnir.

—Então... —Noah o tomou entre seus dedos— Se supõe que eu devia morrer para recolher este anel e manipular o navio?

—Não. Você não morre, porque já morreu. A profecia já disse. Balder morreu pelas mãos de Hodr, por culpa de Loki. Por isso se origina todo o Ragnarök. Daí a vingança de Loki no Midgard... Não pode morrer outra vez.

—Mas, Odín..., morri. Se era invencível e só o virgo podia me matar, por que Loki acabou comigo?

—Porque o totem do Loki é o *Laeviatann*: sua ponta é parecida a uma estaca e foi feito com a madeira dos ramos do visgo. O fez assim de propósito. Para recordar-se que ele acabou com meu filho. Para recordar a todos —acrescentou com apatia.

—Maldito visgo —resmungou— Sou um imortal, um berserker... Como é possível que uma planta me mate? E como sabe que vou retornar? Precisam que eu retorne, não? Como?

Aquela era a grande pergunta que Freyja se fazia.

Odín estava convencido de que Balder poderia retornar, mas ela duvidava, porque, de fato, tinha morrido de novo sob a lei de Loki.

Que outra ficha tinha preparado Odín?

—Acredito que meu homem está para chegar. Sei o que fará o que tiver que fazer.

—De quem fala?

—Balder, olhe-me —lhe disse Odín, com um pouco de súplica na voz.

Noah o encarou a contragosto.

Quem era esse homem que tinha ante si com um tapa-olho? De verdade era seu pai? E sua mãe? Onde estava?

—O enviei ao Midgard para que tivesse outro futuro e outro destino. Você é nossa esperança. Em você deposito minha fé na mudança. Loki conta com muita vantagem e eu não poderei lutar a seu lado até que se deem as circunstâncias apropriadas.

—Que circunstâncias? Faz-se chamar o deus dessas pessoas. Diz que eles são seu experimento, e assim luta em seu nome? Eles precisam de sua proteção —atravessou com o olhar amarelado a Freyja e Odín— E estão se refugiando covardemente atrás dos muros destes reino. Não terão oportunidade de salvar-se. Assim não —assegurou apaixonado.

—Ainda há uma oportunidade. Heimdal fechou todos os acessos para que nós não pudéssemos entrar em seu mundo. Do mesmo modo, ninguém pode entrar nem sair do nosso. O destino das nornas, o crepúsculo dos deuses, não chegará enquanto nós permanecemos aqui esperando essa oportunidade.

—Mas o Midgard sucumbirá à destruição. Talvez Loki não consiga acabar com vocês, mas... e a Terra? —perguntou, decepcionado— O que será dela?

—A Terra viverá até o último sopro de vida. E, enquanto houver vida, pode haver salvação. Agora escuta bem o que vou te dizer: em seu navio vive um anão chamado Litr. Ele sabe como se ativam os motores. O fará uma pergunta. E só você saberá a resposta. Se for a mesma que eu o revelei, Litr o ajudará a pôr em movimento o Hringhorni com a ajuda de Hyrrokin.

—Quem é Hyrrokin? —perguntou Nanna.

—Quando o queimaram, necessitamos ajuda de uma gigante para poder mover o navio, pois era muito pesado —explicou Odín. O sol baixava entre as montanhas. Já não ficava quase nada. Se Noah continuasse quando se ocultasse por completo, Hela o levaria ao submundo. Igual à Nanna— Seu nome é Hyrrokin, é uma jotun que está contra Loki.

—É possível?

—Sim. Ela dará o empurrão que o navio necessita para partir. —Odín fechou os olhos e sorriu— Ele já está lá.

—Quem?

—Ele —repetiu Odín— Te ajudará a viver. Aceita seu presente, Balder. E aceite minhas desculpas por tudo o que te oculte até agora.

Um músculo palpitou na mandíbula de Noah.

—Um pai —conveio Odín com humildade— é capaz de fazer de tudo por vingar a morte de seu filho. Continuo querendo que lidere o Midgard. Acredito que continuo tendo muito que aprender deles. Assim retorne, deus dourado. Logo voltaremos a nos ver. Pegue Nanna e volte para lago de Yggdrasil. —A paisagem desapareceu e retornaram ao lago no qual repousava a pira de madeira em que chegavam os mortos— Entrem aí os dois. E nunca, nunca se desesperem, inclusive quando pensarem que chega o fim. Elevem os olhos, olhem para o céu escuro e acharão a única estrela em pé. Ali estaremos. Por lá chegaremos.

Noah não estava disposto a lhe dizer nada mais. Nem abraços nem longos bate-papos sobre como tinha sido sua vida... Não tinha vontade de conversar com Odín, fosse ou não seu pai.

Nanna entrelaçou os dedos com os seus e se deixou guiar até a borda.

—Vamos, Nanni.

—Continuo sendo valquíria?! —gritou ela, que estudou a reação de Freyja. Tivera um filho, foi humana... Freyja a converteu em valquíria porque era o que tinha que fazer. Mas era a esposa de um deus e tinha sido mãe. Onde estava seu filho Farbauti?

—Sim. E isso é o que a salva. Enquanto houver guerra, Nanni, continua sendo minha valquíria.

Ela olhou ao chão e entrou na água com Noah. Avançaram até que se cobriram pela metade. Olharam-se um ao outro.

Eram eternos. Apaixonaram-se em suas outras vistas. E voltaram a apaixonar nesta. Se havia duas almas destinadas a estar juntas, essas eram as suas. Noah a abraçou e ela começou a chorar sobre seu peito. E, subitamente, justo quando o sol ficava entre as montanhas por completo, Noah e Nanna viram aparecer um novo barquinho ao longe.

—Chegam dois novos guerreiros nesse navio —disse Freyja sem compreender— Odín, o que fez?

Ele aspirou pelo nariz. Freyja o olhou de esguelha, consternada. O deus se emocionou por voltar a ver seu querido filho. Já quase não haviam segredos entre eles. Eram os deuses mais fortes e mais poderosos do Asgard, e dependiam do que fizessem suas criações para poder participar da guerra ou ficar ali para sempre. Mas Noah tinha revivido... O que queria dizer aquilo?

—Tenho uma pergunta para você, Odín. Será sincero comigo?

—Meu filho vai reviver. Não tenha nenhuma dúvida.

—Não, não é isso... Embora sinta muita curiosidade a respeito. De fato, não tenho nem ideia de quem ocupa essa nova pira funerária. Sinceramente, não sei o que pôde orquestrar para que Balder retorne, outra vez. —girou os olhos— Minha pergunta não vai por aí.

Odín tomou ar e o soltou pela boca. Parecia tenso e cansado.

—Fale, Freyja.

—Tudo bem. Você — o apontou com o indicador e fez pequenos círculos com ele— entregou seu olho para ver com absoluta clareza o que ia acontecer de verdade, sem interpretações subjetivas da vólva.

—Sim, assim é.

—Entregou seu olho para isso. Mas conheço o funcionamento da fonte de Mimir, assim sei com toda certeza que teve que entregar algo mais em troca para poder modificar o futuro. Mudou a realidade. O que te pediu Mimir em troca?

Odín esfregou os lábios com os dedos e limpou uma lágrima com o antebraço.

—O mais valioso para mim —respondeu. Virou-se para chegar até o Yggdrasil.

Freyja o agarrou pelo pulso e o obrigou a deter-se.

—O que foi, Odín? Tem duas pernas, dois braços, um pênis... Está completo. Se não foi algo físico, o que deu para poder mudar as coisas? Fale para mim.

—Isso ficará para sempre entre o Mimir e eu. Não deve se importar.

—Acha que não posso perguntar a essa cabeça falante? —repreendeu-o— É melhor que me você diga do que eu descobrir.

—Nunca saberá a verdade. —Sorriu— Agora devemos preparar nossos clãs. —soltou-se— Precisamos estar preparados para quando Heimdal tocar sua corneta.

—E como acha que a tocará? —perguntou Freyja. Olhou para o lago e ficou boquiaberta pelo que viu: Noah e Nanna estavam abraçando às duas pessoas que acabavam de chegar do outro lado. Por todos os deuses! —Loki vai abrir o portal. Vai cravar seu maldito cajado e então os seus virão, e... todos os portais da Terra se fecharão. Assim, como demônios Heimdal vai tocar a corneta dos mundos se ninguém poderá abri-los? Alguém tem que vir de fora e fazê-lo! E o druida já não pode! —protestou, nervosa.

Odín deu de ombros.

—Diga-me isso você, vanir. Esteve me dando respostas perfeitamente em tudo o que eu desenvolvia no Midgard. Sem sua ajuda, nada teria saído bem.

Freyja ficou atônita ao escutar que Odín reconhecia seu trabalho.

—E tenho a sensação de que só você tem essa ficha escondida. E não vai me falhar nisso. Em questões de estratégia, nunca o fez. Em outros aspectos —a olhou de cima a baixo, ruborizando-a— sim, porque nunca cumpre o que promete.

—Eu nunca prometo nada. Seus desejos são truques, Odín. —Sorriu sem vontade.

—Deixaram-me muito farta — falou Hela, que estava sentada sobre uma das raízes das árvores dos nove reinos —Me deem as minhas almas. Quero-as. —passou a língua pelos dentes pontiagudos.

—É óbvio que já não estão aqui, Hela. Estão no lago, retornando para casa. —Odín sorriu, abriu os braços e deu uma volta sobre si mesmo, abrangendo tudo a seu redor— E isso o que quer dizer?

—Tirou elas de mim. E por que não posso ver as duas novas que estão entrando? —Estirou o pescoço e estreitou os olhos.

—Porque são almas de morte honorável e exemplar. Nunca poderiam ser suas. Nem estas nem as outras. Os meus não vão a sua casa.

—Os dê para mim. — ordenou, repelente e mandona.

—Não —respondeu com severidade— Olhe ao horizonte, atrás das montanhas do Yggdrasil... O vê? Ainda fica o sol. Perdeu.

—Sim, o vejo melhor que você, Caolho —respondeu Hela.

—Agora —lhe falou como a uma criança. — tente cobri-lo com um dedo.

Hela arqueou as sobrancelhas, pensando que zombava dela.

—Faça, Hela.

A filha de Loki levantou uma de suas magras mãos e cobriu o sol ao longe.

—Ainda ilumina o Asgard, verdade? —perguntou Odín.

Ela deixou cair a mão e assentiu.

—Sabe por quê?

—Me ilumine —respondeu com apatia a guardiã do submundo.

—Por uma simples razão que nem você nem os de sua linhagem compreenderão jamais. Porque não se pode tampar o sol com um só dedo.

CAPÍTULO XXVII

O portal do *magiker* brilhava sobre o navio oculto nas vísceras da geleira do Jostedalsbreen. Primeiro foi Aileen quem caiu na proa, justo ao lado dos cadáveres de Noah e Nanna. Depois dela, Caleb, Miz, Maria e As a precederam; saíram círculo oval de luz com um pequeno salto, como o que salta uma cerca.

Aileen viu Noah e tentou reanimá-lo, mas nem a valquíria nem o berserker respiravam.

—Não reagem! —gritou Aileen, assustada.

Miz, que tinha conhecimentos de medicina, ajoelhou-se diante deles.

—Não respiram? —perguntou a loira aproximando o ouvido a seus narizes. Depois verificou as feridas do peito de Noah. Nanna não tinha nenhuma, mas estava tão morta quanto ele.

—Noah tem o coração destruído —sussurrou Miz.

Aileen negou com a cabeça.

—Caleb! Dê sangue a Noah! Seu sangue é poderoso. —Aileen se sentia desesperada por devolver a vida a seu amigo— Talvez você possa fazer algo.

Caleb se agachou a seu lado, abriu o pulso sem pensar duas vezes e o colocou sobre a boca aberta e seca de Noah. O sangue era o elemento de vida pessoal dos vanirios, quase nunca se compartilhava, mas Caleb sabia que Noah era importante para Aileen e para todos, e necessitava que ele revivesse.

Mas Noah não bebia.

As Landin olhava seu redor. Em seguida soube que aquele navio era o afamado Hringhorni. A nau mais grandiosa jamais construída no Asgard. Tinha ouvido falar dela muitas vezes, entre lendas e palavras divinas. E era propriedade do filho de Odín, Balder.

Estivessem onde estivessem, Noah tinha chegado até ali por um simples motivo. Para encontrar-se e para brigar por e com sua verdadeira identidade.

E tão certo quanto se chamava As e era o líder do clã de Wolverhampton soube que Noah Thoryn era Balder, o deus dourado da profecia. Ele era quem podia salvar a todos do final temido do Ragnarök. Tudo encaixava.

Um estremecimento o percorreu. Todo esse tempo teve a chave mais valiosa dos nove reinos, o deus mais importante com ele.

E Odín lhe pediu que cuidasse dele de corpo e alma, que desse sua vida por ele se precisasse.

Maria, que estava intimamente conectada com seu *mann*, olhou-o e entrelaçou os dedos com ele.

—Me fale, *amore*. O que há com você?

—Noah é Balder —respondeu— E, se é Balder, não pode morrer de novo.

Maria piscou, atônita. Noah? Balder? Não era possível... Balder era considerado um salvador em todas as religiões. As sacerdotisas o adoravam.

Noah e Nanna jaziam mortos no chão metálico desse estranho e magnífico navio... Queria dizer isso que eram...?

Balder e Nanna? Claro. O matrimônio divino.

A sacerdotisa apertou os dedos de seu companheiro, ao compreender. E em seguida soube o que em seguida deviam fazer. Ela não necessitava explicações. Encheu-se de coragem e assentiu com a cabeça.

—De acordo. Chegou o momento?

—Maria... —As a olhou com os olhos cheios de lágrimas. Não sabia nem o que lhe dizer.

Ela o abraçou e chorou com ele. Não podiam permitir que aquilo acabasse assim. Ele devia retornar. Balder tinha que voltar.

—Não te deixarei sozinho, *belo*. Nunca o deixarei sozinho. Prefiro ir com você a ficar aqui.

—Oh, Maria. —As a abraçou com mais força e chorou com ela, ombro com ombro.

Aileen, Caleb e Miz os olharam, assombrados.

—Avô? —Aileen se levantou e caminhou para eles— Maria? O que acontece?

—Noah continua quente — disse Miz— Nanna também. Muito recentemente que morreram.

As tomou a mão de Aileen e a beijou na palma.

—Minha preciosa menina —lhe disse triste—, chegou o momento de nos dizer até sempre.

Os olhos lilás de Aileen se escureceram e negou com a cabeça.

—Do que fala? Não o entendo. Está me assustando.

Maria secou as lágrimas e sorriu para Aileen com integridade.

—Seu avô e eu temos uma missão.

—A mesma que nós — respondeu Aileen, séria.

—Não, princesa guerreira —disse Maria acariciando o belo rosto de Aileen— Não é a mesma. Você deve lutar e nós temos que nos entregar.

—Do que fala?

—Caleb, preciso que segure a minha neta —pediu As, sério.

Caleb desviava o olhar verde para um e outros. Intuíra o que podia acontecer nesse momento.

—Não se aproxime. — o advertiu Aileen— Nem um passo mais, Caleb.

Caleb a olhou com compaixão. Apertou os dentes, desejoso de acalmá-la e apoiá-la.

—Aileen. —As a segurou pelos ombros e a obrigou a olhá-lo— Noah é um deus. É Balder.

Todos ficaram em silêncio ante a esmagante afirmação do líder berserker. O vanirio olhou consternado ao vira-lata loiro.

—Porra —murmurou.

—Sabe o que isso significa? —perguntou As a sua neta.

Os olhos de Aileen se encheram de lágrimas, porque temia que significasse o que podia significar. Balder devia reviver. E qual a influência do seu avô nisso?

—Sim. Que Balder deve retornar.

—Exato. Noah é Balder. O deus dourado da profecia. Minha missão era proteger Noah todo este tempo e, em última instância, entregar minha vida por ele, se fosse necessário. Os berserkers podem entregar nossa energia vital, nosso *chi*, a outra pessoa que escolhemos, se for berserker igual a nós. E Noah continua sendo um berserker em corpo.

—Está me dizendo que vai entregar sua vida por Noah?

—E por Nanna —assegurou Maria, que a olhou com um carinho eterno em seus olhos.

Aileen engoliu em seco, nervosa, olhando para Maria e a As, alternadamente.

—E eu? O que vai acontecer comigo? —disse ela— Heim, Maria? —apontou para ela fazendo biquinho. — Não somos importantes?

As fechou os olhos.

—Precisamente porque a amamos e a todos os que nos acompanhou todo este tempo, Maria e eu vamos deixar lugar aos mais fortes. —Assinalou para Nanna e para Noah— Fui um líder todo este tempo, Aileen —disse, um pouco cansado— Vivi mil vidas diferentes. Perdi a uma mulher e a uma filha. Recuperei a minha neta —segurou Aileen pelo rosto—: a criatura mais bela que jamais vi, a digna herdeira de minha filha Jade —sussurrou— Estou tão orgulhoso de você... E depois conheci o amor de minha vida, que me rejuvenesceu e me deu mais do que eu jamais teria imaginado. Ela é meu verdadeiro presente.

Maria tentou manter a compostura, mas não podia: a tristeza e a emoção a embargavam.

—É meu dever me sacrificar por isso. Estou aqui, neste lugar, por esta razão. Por que acha que as runas nos trouxeram até aqui se não fosse para salvar a vida de Noah? Adam não devia vir, posto que é o noaiti e é importante no clã. Mas eu, até sendo o líder, sou dispensável. E sou o protetor de Noah. É minha missão.

—Não! —gritou Aileen com todas suas forças. Sua voz provocou eco na caverna. — Não vai morrer! Não quero que faça isso! Encontraremos outro modo! E Cahal?! —Aileen olhou para Miz, que parecia consternada— Ele faz algo com os átomos... Pode fazer que Noah reviva. Não, Miz?

—Não posso te garantir uma resposta confiável a isso, Aileen —respondeu Miz— Cahal é druida. Faz muitas coisas, mas não revive aos mortos.

Aileen puxou o cabelo, incrédula.

—Não quero que o faça, avô —disse como uma criança — O quero aqui, comigo. Muito recentemente que estamos juntos —acrescentou entre soluços.

As sorriu com tristeza e abraçou a sua neta.

—Sei, coração. Mas não importa a quantidade, verdade? O que importa é a qualidade. E os momentos que passamos juntos foram determinantes para que apreciasse a vida e a considere algo belo e que ninguém deve perder-se, seja mortal ou imortal. Eu vivi muitos anos, milênios —recordou, assombrado— E acredito que quero te dar a oportunidade de que você e os seus vivam um pouco mais... ou tanto quanto eu. É lei de vida que os mais velhos partam antes que os mais novos.

—Não, avô... Por favor, não...

—O tempo se acaba, Aileen, minha vida. O tempo se acaba —aspirou pelo nariz—, e a Terra está em guerra. Tenho que me apressar. —Maria o abraçou— Vou lhes dar a alguém em quem acreditar, alguém que pode trazer uma mudança. —Olhou o corpo sem vida de Noah— Se ele for Balder, os mostrará o caminho. Caleb, me dê uma mão, rogo-lhe isso.

Caleb se aproximou de Aileen e a separou de seu avô, entre os gritos da jovem. As e Maria se dirigiram aos corpos sem vida de Nanna e Noah, no meio do pranto desconsolado de Aileen.

Caleb a abraçou com força, sussurrando todo tipo de palavras em gaélico.

—Aileen... —O vanirio olhou por cima da cabeça da híbrida para As Landin. Aquele homem era um líder dos pés à cabeça.

As lhe devolveu o olhar esmeralda e disse:

—Não conheço ninguém melhor que você para minha neta, Caleb. Foi uma honra tê-lo na família.

Caleb assentiu, agradecido.

—Foi uma honra que me deixou fazer parte dela, As. *Tá tú ina cheannaire mor*. É um grande líder.

—O mesmo digo, vanirio.

Miz se afastou e deixou espaço para o casal. Estava tão assustada que o queixo não deixava de tremer. Olhava a todos os lados, procurando Cahal. Odiava que as histórias acabassem assim. Necessitava que a abraçasse e que juntos chorassem por esse casal que partia por vontade própria: um casal cheio de amor e de respeito para sua gente.

Era um gesto tão lindo, tão em nome de outros que não podia segurar as lágrimas.

As e Maria se ajoelharam ante Noah e Nanna. Os dois se seguraram pelas mãos, decididos a sacrificar-se pelos jovens que estavam sem vida, no chão.

Ele a olhou e sorriu com os olhos cheios de amor e devoção para sua companheira.

—Está segura, meu amor? —perguntou-lhe As, que juntou sua testa à dela.

Maria piscou para limpar aqueles olhos enormes, cheios de lágrimas. Os feiticeiros olhos de uma bela e amadurecida mulher italiana.

—Não concebo uma vida sem você, As Landin. E se as runas o dizem, e é seu desejo, eu o seguirei. E me sentirei orgulhosa de ter um marido que se sacrificou por outros. Sinto-me orgulhosa de você, e honrada por que me escolheu.

—Deuses, eu te amo. —Beijou-a nos lábios— Sou o homem mais feliz. Obrigado. Escolho a você nesta e em todas as vidas que nos esperam. Este não é o final.

—Não. Não é. E se foi, fiz de tudo a seu lado. Não me arrependo de nada.

Maria e As se beijaram, antes de entregar seu *chi*, sua energia pessoal, sua vida, às pessoas que tinham morrido naquele navio.

—Me olhe, Aileen — pediu Caleb.

A jovem estava agarrada à camiseta negra do guerreiro.

Chorava sem consolo nem forças para manter-se em pé.

Caleb a segurou pelo rosto.

—Não quero que se vão. —Tentou virar-se para ver como As e Maria fechavam os olhos para sempre.

—Não, querida.

—Já terminou? Já... se foram? —perguntou entre soluços.

—Shhhh... —Caleb apoiou o queixo sobre sua cabeça e a balançou, narrando tudo o que acontecia com o berserker e a sacerdotisa—Estão se iluminando.

—Estão bem?

Ele passou a língua pelos lábios.

—Estão se dizendo adeus e sorriem.

Aileen começou a chorar sobre seu peito, mas ele seria seu pilar, não se derrubaria.

—Seus corpos se desintegram e, pouco a pouco, convertem-se em pó. Um pó brilhante e brlo que ilumina toda a proa —disse com cuidado.

Miz abraçava a si mesma, comovida pela luz que desprendiam as almas e as essências de Maria e As.

Jamais tinha presenciado uma morte tão bela como aquela.

—É errado dizer isso mas..., mas é... bonito —soltou Caleb, ao mesmo tempo que Miz.

Ela se aproximou de Aileen e a beijou na bochecha.

—Sinto muito, Aileen. —Sabia que nada poderia ajudá-la a sentir-se melhor.

—Obrigada, Miz.

Caleb beijou o topo da cabeça de Aileen e agradeceu o gesto de Miz.

—Sinta-se orgulhosa de seu avô —recomendou ele— Hoje nos deu uma grande lição.

—Sei —respondeu ela aspirando pelo nariz— Sei. Por isso choro. Pelo muito que tinha que aprender dele. Porque teria gostado que ficasse.

—Oh, minha pequena... —Caleb a abraçou e a tranquilizou, acariciando suas costas, dando o calor que necessitava.

Noah abriu os olhos de repente e se ergueu de um salto, olhando a seu redor. Tinha o olhar de quem recuperou a vida.

Com as mesmas roupas, as mesmas lembranças do Midgard e o mesmo cabelo. Mas era diferente. Diferente depois do que acabava de viver no Midgard.

Nanna estava atrás dele. Sorria, olhando as mãos como se nunca antes as tivesse visto.

—Noah?

—Nanna?

Deuses, vê-la era reviver de novo. Era sua mulher. Sua esposa. Sua valquíria. E precisava assegurar-se de que estavam completamente bem.

—Estamos vivos?

Noah a atraiu até ele e a abraçou, dando um forte beijo nos lábios, que a valquíria devolveu.

—Noah... —lhe disse entre beijos.

—Sim, Nanna?

—Tem outra tatuagem.

—Não me importa.

—Vai do pescoço ao ombro.

—E o que diz? Não me diga isso. É outra adivinhação.

—Sim. Diz: “Ninguém poderá tampar jamais com um só dedo”.

—Ninguém poderá tampar...?

Aileen, Caleb e Miz se aproximaram para saudá-los, eufóricos por vê-los de novo, mas ainda afetados pela despedida de As e da Maria.

Noah não pareceu surpreso ao vê-los, pois já sabia o que tinha acontecido. Encontrou As e Maria no caminho entre mundos do lago do Yggdrasil.

Ao princípio não podia acreditar. Depois chorou como uma criança apoiado em As, lamentando o que o líder tinha feito por ele, mas também agradecido de todo coração. Agora sim que não podia falhar. A vida de As valia todas as guerras existentes e por existir.

Aileen o estudava com o rosto sulcado em lágrimas. Noah se aproximou dela. Tinha uma mensagem para ela da parte de seu avô.

A conversa que tiveram entre mundos, os quatro, Nanna, As, Maria e ele, ficaria sempre em seu coração.

—Sinto muito, Aileen. —Deu o pêsames a sua amiga, sincero— Me sinto culpado. Sei que continuo viva graças a As.

—Oh, Noah... Como sabe? Acaso o viu?

—Sim. Vi-o. Na viagem de volta, ingressei por um lago no Yggdrasil, e me encontrei com ele e com Maria. Saíram da pira funerária os dois, caminhando pela água, de mãos dadas. Foram ver Odín e Freyja. Foram com eles —admitiu, orgulhoso.

—Estavam bem? —Aileen estava devastada pela perda. Entretanto, saber que As e Maria continuavam juntos em outro lugar, em outro espaço, encheu-a de calma e de uma leve alegria.

—Sim, Aileen. Estavam bem —respondeu ele, com muito tato— As me deu uma mensagem. Disse-me que não perdesse a esperança nunca. Que os milagres sempre aconteciam nos momentos mais inesperados. Que, em ocasiões, os desejos mais profundos se fazem realidade.

—E Maria —acrescentou Nanna— nos disse que não perdêssemos o rumo, inclusive quando ficassemos às escuras. Disse: “Sempre vão até o oeste. Sempre sigam esse caminho”.

—E como devemos te chamar? Noah? Balder? Deus? —perguntou Caleb.

—Me chamem de Noah. Continuo sendo o mesmo.

—O mesmo, o mesmo... Não exatamente. Antes não tinha a cara como um livro —esclareceu Aileen.

—Mas seu pai é Odín, não? —perguntou o vanirio.

—Meu pai fisiológico é Odín, mas o que se fez de pai para mim foi As Landin. Eu também perdi a alguém muito importante, Aileen —disse, triste— Perdi a meu pai. Mas não temos tempo para as lágrimas, para chorá-lo. Eles não querariam tal coisa. Temos que nos recuperar. Teremos que colocar este navio em movimento. Assim desejaria As. Assim me mandou Odín.

Aileen assentiu com a cabeça, decidida que a morte de seu avô não fosse em vão.

—Como podemos te ajudar? —perguntou Caleb.

—Merda! Há um gigante aí detrás, congelado...! Acredito que é uma mulher!

Miz abriu os olhos de par em par e se virou para encontrar-se com Cahal. Este abriu os braços com um sorriso de orelha a orelha e recebeu o abraço dela, que saltou às seus braços. Tinha passado realmente mal esperando vê-lo aparecer de um momento a outro.

—Me alegre de que tenha retornado, Brathair —o saudou Caleb.

—E eu —assegurou ele— E digo a sério: na popa do navio há um puto gigante de gelo.

—Sabemos —disse Noah— Agora preciso encontrar um anão chamado Litir —explicou fazendo rodar o Draupnir entre seu dedo polegar.

—Um anão, um vanirio, uma híbrida, um cão e um gigante? —repetiu Cahal assinalando-os um a um— O que é isto? A arca de Noé?

Nanna soltou uma risadinha.

—Não pode falar assim com o filho de Odín —recomendou Miz.

—Oh —fingiu arrependimento—, meus respeitos, filho de Odín.

Noah girou os olhos.

—Este navio é enorme. O anão tem que estar por aqui. Só ele sabe como pôr isto em movimento.

Começaram a procurá-lo, até que Noah e Nanna encontraram a primeira cabine, onde havia na parte dianteira do navio, que parece ser um painel de controle hipermoderno. Era tudo de metal e tinha janelas de um tipo de vidro muito resistente. Centenas de gravuras rúnicas e de bordas cobriam suas paredes internas e externas.

Os controles do navio primavam por sua existência. No painel metálico só viram uma pedra ovalada de cor lilás que brilhava com lampejos. E, um palmo acima desta, uma imensa tela de cristal que ocupava quase tudo o painel.

Atrás do painel, escondido como uma criança que teme que lhe dessem um bofetão na cabeça, encontrava-se Litr.

Congelado.

Litr tinha as orelhas pontudas e os lóbulos alargados. Parecia ter poucos dentes, que se viam através de seu gesto triste. Tinha a pele muito azul, por efeito do congelamento, e um cavanhaque branco e longo.

Suas diminutas mãos cobriam sua cabeça, salpicada com um estranho topete branco.

Noah e Nanna se agacharam ao mesmo tempo, para inspecioná-lo.

—Lance um raio nele, preciosa —ordenou Noah— Terá que despertá-lo.

Nanna esfregou as mãos e ao fim de um décimo de segundo o torrou. O anão voltou para a vida *ipso facto*. Começou a correr de um lado ao outro da cabine de controle, saltando com suas curtas pernas e chocando-se de parede em parede.

—Não! Thor! Não! Deixe-me!

Noah franziu o cenho e cruzou os braços.

—Quieto, anão.

Litr se virou, tremendo. Quando viu o próprio Balder e a sua mulher, ficou aniquilado.

—Balder? —ajoelhou-se ante ele.

—Sim. Sou eu.

—Estavam mortos, senhor! Eles o queimaram nessa pira daí e...!

—É óbvio que estamos vivos. —Nanna se agachou frente a àquele anão, que era mais diminuto que o normal— Precisamos sua ajuda.

—Thor está aqui? —perguntou em voz baixa.

—Não, Thor não está aqui —respondeu Noah. Pensou que Thor, em realidade, agora era seu meio-irmão. Que estranho— Por que o teme?

—Porque ele me lançou ao fogo. Deu-me um chute no traseiro e me deixou aqui para que me queimasse. Foi seu pai — o assinalou meneando o dedo— quem me curou para que guardasse um segredo, e me deixou aqui eterrrrnamente. —Abriu muito os olhos— Oooohhhh... É por isso. Por isso estão aqui? Já chegou o fim do mundo?

Noah assentiu. Aquele anão era muito expressivo.

—Sim. Quero pôr meu navio em movimento.

Litr arqueou uma sobrancelha peluda branca e pôs-se a rir.

—Então deverá me responder a algo que só duas pessoas sabem. O considera o maior dos segredos do norte.

Noah se preparou para a pergunta. Tudo se decidia nesse momento? Era possível que tudo dependesse de uma pergunta?

—Está preparado?

—Acredito que sim.

—Pense que todos os que tentaram resolver o enigma falharam. Odín mesmo sentenciou o Vaprudnir e Heidreker depois erraram a mesma pergunta que vou te fazer.

Nanna deu um chute à mesa de controles.

—Litr! Não temos tempo, assim dispara já!

—Argh! Certo! —gritou, afetado— Só poderá conduzir este navio se me responder o seguinte: o que sussurrou Odín ao ouvido de Balder em seu leito de morte?

Noah recordou todos os pesadelos que teve até então. Depois de queimar-se, quando tudo já era escuridão e a dor desaparecia por completo para mergulhá-lo na mais absoluta solidão, ouvia o sussurro de um homem. Nunca tinha podido entendê-lo. O homem falava profundo e em voz baixa. E ele não conseguia decifrar nada. Entretanto, em seu último pesadelo sim sentiu o tom de interrogação.

Juraria que essas palavras sussurradas eram as que Odín havia dito a Balder em seu leito de morte. Ele nunca viveu esse destino, mas sentiu a experiência através de seu clone como se fosse a sua.

Só tinha que concentrar-se para voltar a escutá-las. Fechou os olhos e apertou os lábios recordando. De repente, abriu os olhos de novo. Não havia nada a recordar.

Não.

Ele mesmo era a resposta. Não tinha margem de erro.

—O que Odín disse a seu filho Balder —respondeu, emocionado— foram três perguntas. A primeira: o que é aquilo que quanto mais se olha menos se vê? A segunda: o que é aquilo que com vida está meio ano e sem vida a outra metade, anda sempre pelo mundo e não se cansa jamais? E, por último...: o que é isso que não se pode tampar com um só dedo? Odín me legou três adivinhações que tinham a ver comigo, pois sabia que haveria um momento no qual eu despertaria.

Litr piscou como se fosse um professor de universidade esperando a resposta de seu aluno.

—Sim. E bem?

—Como que bem? São essas as perguntas?

—Sim. Mas necessito uma resposta.

Noah olhou para todos os lados, nervoso, pensando na resposta. Quando viu o meio sorriso de Nanna e cheio de sua luz, compreendeu tudo.

—É o sol. A resposta é o sol. —Ele era um deus que representava o Sol.

E o que seria se não fosse isso? Ele era o deus dourado, destinado a iluminar o Midgard com seu exemplo e a brilhar por cima da escuridão.

O anão pôs-se a rir com alegria. Nanna correu para dar um beijo em Noah, eufórica e orgulhosa dele.

—Depois de todo este tempo... Suas tatuagens tinham um significado. Falavam de você — lhe sussurrou.

—Sim —disse ele, feliz.

—Agora, Balder, coloca o Draupnir na esfera púrpura. O anel conectará todos os circuitos do navio.

Noah obedeceu às ordens de Litr. A esfera se abrandou como se fosse gelatinosa e absorveu a aliança. Esta deu voltas em seu interior e se iluminou.

—O Hringhorni tomará rotas desconhecidas e só se mostrará quando for o momento.

—Como diz? —perguntou— Não serei eu quem decide onde e como atuar?

—O Hringhorni não funciona assim. Daqui averiguaremos todos os acontecimentos do Midgard e como se recompõe suas terras. — Assinalou a estranha tela etérea do painel de controle, onde se mostrava a terra tal e como era agora, com todos os fronts abertos, os tremores, as rachaduras, as erupções dos vulcões e demais... — O Hringhorni é como um farol, senhor.

—Que tipo de farol? A Guerreira é um farol para as almas perdidas, mas este navio é um casco de navio de guerra.

—Não, senhor Balder —respondeu Litr, aborrecido— O Hringhorni não briga. O Hringhorni esmaga.

Nanna e Noah não entendiam o que queria dizer o anão.

—Isso é justo o que quero que faça este navio. Esmagar.

—Ao que me refiro é que, o Hringhorni só se apresenta no julgamento final. E o faz para decantar a balança, sempre para o bem. Convocará a todos os guerreiros e seres sobrenaturais da Terra a lutar junto a ele. Redobram-se —assegurou Litr— Então, quando for o momento de mostrar-se, o navio sairá à superfície, por ar ou por mar. E o fará através de um portal. E, com você a nosso lado, Loki perderá. —Levantou um de seus diminutos punhos, um pouco contrariado ao ver as imagens da tela— O que não vejo são... portais.

—Portais? —Balder observou o monitor— A Terra estava cheia deles. O maior estava aqui, em Jostedalsbreen. Toda a Terra tinha... emanções energéticas. Onde estão agora?

—Mas isto não é Jostedalsbreen, senhor. Isto dava a um portal dimensional que percorre todo o Midgard, e a entrada se localizava no topo da geleira, mas, uma vez entra, deixa de estar em nenhum ponto físico conhecido deste planeta. É outra dimensão. Por isso se chamam portais dimensionais, senhor.

—Como que não? Como que não estamos na Terra?

—Como que não —respondeu o anão, teimoso— Agora estamos entre dimensões, senhor Balder. Entre mundos que nem sequer eu conheço. Só quando um portal na Terra nos dê a oportunidade de retornar, o Hringhorni o aproveitará. Mas agora —murmurou com tristeza— já não há nenhum. Fecharam-se todos.

—E isso o que quer dizer? —perguntou Nanna.

—Loki —respondeu Noah com o olhar à frente.

—Isso quer dizer que alguém aproveitou o maior de todos e absorveu a energia do resto —interveio Miz, que tinha Cahal, Aileen e Caleb atrás dela. Estavam apoiados na entrada da cabine —Talvez nós não estejamos no Midgard e não o vejamos, mas jogo meus diplomas se Loki não acaba de fundir todos os portais. Criou um super apagão. Fundiu os fusíveis. *Caput*.

Nanna e Noah olharam um ao outro. Sentiram que o anel rodava e que o navio arrancava e desfazia o gelo ao redor.

Não sabiam aonde se dirigiam. Sentiam-se estranhos, ao não poder estar na superfície, brigando com o resto. Mas se supunha que eles saíam se algum outro portal da Terra se abrisse.

—Que possibilidade há, Miz, de que se possa abrir outra porta dimensional?

—Não tenho nem ideia, Noah —respondeu ela, sincera— Agora mesmo me excede estar em uma nave interestelar, que, ao final das contas, é o que é este navio —responder olhando a seu redor.

—Mas todos dizem que este é o casco de navio da esperança. Ao final das contas, você é o deus dourado da profecia. Todos confiamos em você —assegurou Caleb, sorrindo com sinceridade— Me irrita não estar com minha irmã e meu clã neste momento, detesto não poder ajudá-los..., mas, se agora estivermos em outro lugar e por agora não podemos sair, inspecionemos este objeto e deixemos que nos oculte até quando pudermos fazê-lo. Não é uma ideia tão má.

—Esperemos que nossos amigos encontrem um modo de manter-se com vida —desejou Cahal— Quando for o momento de ir recolhê-los e ajudá-los, ali estaremos.

—Estão comigo? —perguntou Noah, emocionado.

—Estamos com você —responderam todos.

Estavam de acordo. As decisões divinas não se podiam violar. As runas lhes tinham pedido que estivessem ali por alguma razão e agora todos eram partícipes daquele descobrimento.

—Então... Para onde devemos nos dirigir? —perguntou Cahal.

—Para o oeste —responderam todos, espectadores e esperançosos ante sua nova aventura. Sim. Para o oeste.

Noah acariciava o cabelo de tranças de Nanna enquanto olhava o céu estrelado daquele mundo parecido a Terra, mas que não era nenhum lugar conhecido.

Os tetos dos camarotes do navio eram transparentes, embora por fora parecessem muros sólidos.

Estavam deitados na cama. O Hringhorni tinha muitas câmaras particulares em seu interior. Os cômodos eram parecidos com os do Valhall. Podia escolher seu cenário, suas vistas. Criava aquilo que desejava em sua mente. Inclusive podia ter mantimentos de todo tipo, se o desejava. Pensava-os e se materializavam imediatamente.

Era um navio criador.

Nanna lhe acariciava o peito com a ponta dos dedos e desenhava círculos sobre o mamilo. No interior da câmara presidia o silêncio e a calma, e as letras de uma canção. Por sorte, a

tecnologia do Valhall também tinha chegado ao Hringhorni. E Balder era um deus adorador da música. Era normal que em seu navio se escutassem todo tipo de melodias.

Noah tinha escolhido *Lovely On My Hand*, de Dorotea Mele.

Acabavam de fazer amor.

Nenhum dos dois ia se enganar. Em realidade, agiam como agentes secretos na guerra. Quando os jotuns, a humanidade e seus guerreiros acreditassem que tudo estava acabado, e se alguém lhes dava a oportunidade de retornar, estariam preparados para torrar e cortar cabeças. Enquanto isso só podiam pensar no que significava estar nesse navio.

Não era nem o Paraíso nem o retiro nem nada parecido. Era um navio que recolheria guerreiros e ampliaria as forças do exército do bem em sua luta contra Loki.

Noah esperava ansioso o reencontro com o Vigarista. Desejava-o como umas boas vindas.

E, mesmo assim, embora fosse filho de Odín e de Frigg, não sabia o que era aquilo que devia ensinar a outros. Desconhecia por que valia tanto para Odín e para os deuses.

Mas se havia algo que gostava de ser quem era, não era ser um deus dourado, mas sim contar com os amigos que tinha, que o ajudavam em sua missão. Adam com seu *oks*; Aileen e Caleb, que aceitaram que As e Maria entregassem sua vida por eles; a As Landin, por lhe querer como um filho e sacrificar-se por ele; a Miz e a Cahal por fazer uma viagem que arriscaria suas vidas e da qual não saberiam se sairiam vivos. Todos tinham pessoas a que proteger. E, entretanto, ali estavam com ele.

E, sobretudo, Noah tinha Nanna. A sua amada Nanna.

Humana. Mulher. Esposa. Mãe. Valquíria.

Tinha-a ali com ele. Cada minuto agradecia por que estava viva. Não sabia o que teria feito se houvesse voltado a perdê-la.

—Nanna.

—Mmm? —Tomou sua mão e juntou seus dedos para comparar tamanhos.

—Obrigado.

—Por que, querido?

Noah engoliu em seco. Pensou em cada momento que tinha vivido com ela. Sua vida alheia como deus. Sua vida como berserker.

—Porque me ensinou muitas coisas.

Nanna se ergueu sobre um cotovelo e esperou que se justificasse com ela.

—O que, Noah?

—Antes vivia preocupado porque não sabia quem era nem de onde eram minhas raízes. Mas, desde que a conheci, aprendi a me dar conta de outras coisas.

Nanna lhe mordeu o queixo docemente.

—Que coisas?

—Que não importa tanto saber de onde vem como descobrir quem é. E isso não o marca quem são seus pais. Marca-o as pessoas que o amam e que vê em você sua melhor versão. As pessoas que o amam pelo que já é, não pelo que poderia chegar a ser. Você me quis sem saber quem era. Foi suficiente para me dar conta de que, seja Noah ou Balder, sou muito mais que isso.

Ela acariciou as runas em seu rosto e o olhou com uns olhos cheios de um amor eterno.

—O que é?

—Sou um berserker, disposto a fazer o bem e a ajudar ao Midgard, não porque isso seja o que deva fazer, mas sim porque é o que gostaria que fizesse à pessoa que me faz que queira ser melhor. Sou um homem apaixonado por Nanna, filha de Nepr, valquíria de Freyja, esposa de Balder e a mulher de minha vida, mortal e eterna. Para sempre. Isso é o que sou.

Nanna o beijou com todo seu amor e um sorriso em seus lábios.

Tinham um rumo fixo. Iriam para o oeste.

Chamariam ao seu exército a quantos guerreiros sobrenaturais encontrassem pelo caminho. E lutariam quando chegasse o momento.

Mas se amariam. Amariam-se sempre. Na paz ou na guerra. Na alegria ou na adversidade.

Deixou que o amor que Noah sentia para ela se unisse com o brilho do amor que ela sentia por ele.

E os dois brilharam com a força do astro do dia.

Porque, nem em um dia claro nem na escuridão total, não havia ninguém que, com um só dedo, pudesse tampar o sol nem o verdadeiro amor.

CAPÍTULO XXVIII

Com o *Laeviatann* fincado no centro daquele lugar da Terra, o portal mais forte e podroso daquele momento, Loki abriu os braços e olhou ao céu, escuro e tormentoso.

O Midgard tremia uma e outra vez. As sacudidas eram terríveis. Balder tinha morrido de novo e não haveria modo de que os deuses nem os humanos abrissem outra porta para livrar-se do que iria atingi-los. Era impossível.

Aquele era o destino da humanidade. E o deus dourado não retornaria, porque ele mesmo o matou com a madeira de seu cajado, feito de ramos de visgo.

Soltou uma gargalhada histérica.

Começou a chover e a trovejar. Criou-se um incrível redemoinho, um tornado, sobre sua cabeça.

—Chamo a meus mundos para que voltem para a vida! —gritou com aqueles olhos escuros fixos no redemoinho— Convoco o Muspelheim e a seus gigantes de fogo! Clamo pelo Jotunheim e seus gigantes de gelo e pedra! Reclamo o Svartalfheim e a seus elfos da escuridão. E peço ao Hel e a minha filha Hela, que alaguem este mundo com seus mortos. Quero que todos meus filhos despertem e retornem para mim. Esta foi, é e será para sempre nossa realidade, nosso mundo. — Sorriu ao ver o que suas palavras provocavam naquele mundo médio, de raças inferiores e soberbas. Para Loki não havia nada pior que valer uma merda e acreditar-se de ouro. E isso eram os humanos— Chegou a hora de nos mostrar! Que todos os que estiveram, estão e estarão do meu lado, unam-se a mim! Venham com papai!

EPÍLOGO

Midgard

Noruega

— Se o que quer é se meter ali dentro minha resposta é não. Um não enorme, tão grande como sua cabeça. — disse Steven, mal-humorado.

Daimhin queria ignorá-lo com todas as suas forças. A ela pouco importava o que se supunha que devia ou não devia fazer.

— Tenho a cabeça pequena, assim que... — ela o desafiou a ponto de saltar.

O berserker do topete ruivo a deteve pelo braço quando viu que ela se enfiava por uma das gretas de Edimburgo. Queria saltar como seu irmão, a grande suicida! Passavam quase meio dia procurando-o.

— Solte-me! — puxou o braço com força. — Quer deixar de me perseguir?! Por que não vai embora!?

— Porque não aceita que seu irmão se jogou ali por vontade própria! — Assinalou a imensa abertura de terra. A luz alaranjada da lava que havia debaixo daquele canal emergia até o exterior e iluminava os olhos amarelos de Steven com força. — Ele se lançou pela chinesa. Foi decisão dele.

Os gases tóxicos irritavam seus olhos. Steven não podia diferenciar se eram lágrimas ou não o que havia nos incríveis olhos de Daimhin. Eram os mais bonitos que já tinha visto.

A loira samurai o odiava. É o que parecia. Mas não tinha nem ideia se era ou não um sentimento comum que tinha a jovem por todos os homens.

— Meu irmão não se suicidou. E Aiko é japonesa. Não chinesa.

— Não disse que se suicidou. Só disse que era um suicídio se deixar cair por uma dessas gretas.

— Carrick é o mais valente de todos os homens que conheço. Talvez você jamais arriscaria a vida pela pessoa que ama, não serei eu que vá seu topete... Mas Carrick sim o faria. É de ideias fixas.

Steven sorriu com desdém.

— Como sua irmã.

Daimhin o olhou de esguelha e colocou o rosto de novo na rachadura.

— As gretas têm caminhos.

— São precipícios. — esclareceu ele. — Escarpados que dão uma vista maravilhosa a um incrível mar de lava. Quer um banho quentinho?

— Quero que se cale. — colocou uma mecha loira atrás da orelha. — Há buracos, como grutas. — Assinalou-as com o dedo. — Os etones e os purs são seres de dentro da terra, não? E se tiverem suas tocas por aqui?

— Saem de ovos, duvido muito que tenham feito casas tão rápido.

— Já os viu agir? São como vermes, levantam a terra, procuram buracos por toda parte. Talvez... — Daimhin se negava a acreditar que Carrick tivesse morrido. Seu irmão não era um

suicida. Sua vida foi tão sombria quanto a dela, mas sentia alguma coisa por Aiko. Disso estava certa. Se Carrick conseguisse se agarrar a um ínfimo raio de luz, por menor que fosse, ele o faria. Porque não queria ceder a sua escuridão e já estava muito perto dela. Por isso pensava que ele vivia. E que estava com Aiko. — Talvez estejam nas cavernas.

Steven estava cansado de escutá-la. Deviam voltar para Wester Ross. Todos os guerreiros que sobreviveram estavam ali. Ele era o líder berserker da Escócia e seu clã precisava dele. Não podia estar cuidando de Daimhin e cedendo a seus desejos. Tinha obrigações.

— Vamos, Daimhin. — pediu e lhe ofereceu a mão com a palma para cima. — Vem comigo.

Ela olhou para outro lado e mordeu o lábio inferior.

— Não penso me mover daqui.

— Vamos. — repetiu. — Não faça que a leve à força.

— Não! Estou te avisando: não me toque.

Steven apertou os dentes com determinação, fingiu que dava a volta e que a deixava pra trás ali sozinha entre os gases, o fogo e a escuridão, mas então, com um movimento veloz agarrou Daimhin rodeando-a com o corpo.

Esta, alarmada ao se sentir presa, puxou sua katana, agarrou-a pelo punho e com um movimento de para frente e para trás a cravou no estômago de Steven, retorcendo a lâmina para que a soltasse.

Estavam muito perto do precipício. O corpo de Steven caía para frente, os dois iam de cabeça se enfiar na greta.

Steven poderia tê-la soltado; ela poderia ter tirado a katana e permitir que se fosse. Mas nenhum dos dois fez nada disso.

Daimhin se assegurou de levá-lo com ela, retorcendo mais a lâmina.

E Steven, sem pensar duas vezes, levantou a cabeça. Cheio de raiva a mordeu no pescoço.

Ambos caíram no precipício entre a terra aberta e o mar de lava, que parecia estar esperando-os.

Bulgária

Caminho de Shipka.

Fazia muito frio. A terra tremia debaixo de seu corpo.

A Escolhida abriu os olhos e levou a mão ao ventre, descoberto e já um pouco volumoso. Aodhan crescia muito rápido. Cobriu a barriga com o pulôver negro para esquentá-lo.

Olhou ao seu redor, mas não reconheceu nada.

Fazia um momento estava no Ragnarök com o resto do Conselho Wicca. Falavam das notícias que haviam trazido Ruth e Adam sobre a viagem do druida, e também sobre o inesperado contato de alguém dos Bálcãs. Diziam que estavam presos e que os matariam de um momento para o outro, que os humanos tinham abandonado as dependências do campo de concentração no qual estavam. O amanhecer chegaria. Com isso, milhares de vanirios morreriam.

Vanirios.

Ela escutava atentamente, surpresa de que houvesse tantos de sua espécie debaixo de uma terra que desconheciam. Seria uma grande ajuda na guerra.

Sabia que estava apoiada sobre o ombro reconfortante do Menw, seu companheiro. Ele brincava com os dedos de sua mão, fazendo cócegas. Aquilo a relaxava, tanto a ela como a seu bebê.

Com ele se sentia tão bem que não pôde evitar dormir.

Isso era a última coisa que recordava.

Daanna levantou e fixou seus olhos verdes nas grades de uma propriedade. Havia algo escrito em cirílico.

Estudou o edifício que se via ao fundo, no alto de uma colina. Amanheceria dentro de algumas horas.

Saltou a grade e correu até chegar às portas metálicas que cercavam a propriedade.

Um enorme estrondo dentro da terra provocou tremores em toda a colina.

Daanna abriu as portas metálicas com seu poder mental e o de Aodhan, que era incrivelmente poderoso. Seu bebê seria um rei entre reis. Teria um papel muito importante para o dia que se aproximava, o Ragnarök final.

A Escolhida não sabia por que, só sabia que lutaria por sua sobrevivência.

Sabia onde estava. Estava no caminho de Shipka. E sabia quem estava debaixo dessas instalações. Eram os vanirios. E um deles se pôs em contato com o fórum.

Como o conheciam? Como entraram em contato?

Daanna entrou no edifício e não soube para onde se dirigir. Pousou suas mãos sobre seu ventre e disse:

— Ajuda a mamãe, bebê. Se sente e sabe onde estão e como pode tirá-los daqui, ajude-os. *Caithfidh siad duit.* (Precisam de você).

Cúrsa, mammaidh, respondeu Aodhan mentalmente: *claro que sim, mamãe.*

Daanna esfregou seu ventre e sorriu.

O som de dobradiças ao ranger, de portas ao se abrir e de diversos artefatos mecânicos ao entrar em movimento encheram a colina. Material oxidado, sem dúvida.

Passados alguns minutos, as luzes das grades e dos arredores se acenderam. Daanna não duvidava de que aquele lugar devia chamar a atenção do povo e de todos os que vivessem nas encostas do misterioso porto da montanha na qual se encontrava.

O ferro das cercas, o chão de terra e todo tipo de instrumentos que havia no exterior, instrumentos de tortura, seguiam manchados de sangue.

Aquilo revolveu o estômago da vaniria. Ali tinham martirizado aos seus sem que eles soubessem. Não puderam ajudá-los, pois desconheciam onde estavam.

De repente, a porta central metálica imensa, robusta e cinza abriu-se de par em par.

Daanna estava apenas a dez metros. Poderia ver quem apareceria por ela.

Só distinguiu a silhueta de um homem de pernas abertas e com os braços tensos a cada lado de seus quadris.

Um homem musculoso e robusto, vestido com uma túnica branca manchada de sangue. Tinha o cabelo negro comprido e liso. Seus olhos... eram lilás.

Ele levantou o olhar para ela e tentou sorrir, mas só lhe saiu uma careta mal feita. Piscou como se estivesse vendo um sonho quando fixou seus olhos no ventre volumoso da vaniria.

Daanna abriu e fechou a boca. Não sabia nem o que dizer.

O impacto foi tal que os olhos encheram de lágrimas. Deu um passo para se aproximar dele e olhá-lo melhor. Não podia acreditar no que estava vendo.

— Olá, Escolhida. — saudou o homem com voz embargada.

Daanna não teve tempo de dizer mais nada. Desmaiou no mesmo instante, ao mesmo tempo em que seus lábios sussurravam um nome desaparecido para os de sua raça. Um nome de culto e respeito entre os vanirios. O nome de um líder desaparecido.

— Thor?

GLOSSÁRIO E EXPRESSÕES DA SAGA VANIR

GLOSSÁRIO E FRASES SAGA VANIR I

Aileen: A que está cheia de luz

Ál: Jovem e adorável

Álainn: Garota bonita

Atalaias: Os 4 guardiões dos elementares. Um para cada ponto cardeal.

Beat: Mordida

Beatha: A que dá vida

Bratháir: Irmão

Cahal: O poderoso na batalha

Caleb: O guerreiro valente

Cáraid: Casal

Carbaidh: Caramelo

Chailin: Dama

Cianoil choin: Cão asqueroso

Comharradh: o sinal (nó perene)

Daanna: A Escolhida e venerada

Doch: Trovão

Duine: Homem

Gall: Intruso

Keltoi: Celta

Leannán: Doce coração

Mada-ruadh: Cadela

Madadh-allaidh: Besta-lobo

Mamaidh: Mãe

Maru: Grande

Menw: O que pode curar

Peanás Follaiseach: Castigo público.

Piuthar: Irmã

Rix: Rei

Wicca: tradição neopagã de magia e bruxaria.

FRASES GAÉLICAS

Cha b· meu éid, athair: Eles não são como eu, pai.

Mo bréagha donn: Minha garota linda.

Carson: por que?

Liuthad, mo álainn: Tudo, minha bela.

Gobha: Mais profundo.

Beat is beat: Mordida a mordida.

Tha mi gu tinn á t-áonais: Porque fico doente sem você.

Mas fheàrr leat xxxx, gabh e, leannán: Se prefere a xxxx, toma-o, meu doce coração.

Guir fuathach leam dou thu: Eu te odeio.

Thagh mi thu: Escolho a você.

Cha dèan: Deixe-me em paz.

Tha thu mo leannán: Você é meu doce coração.

'N deíd thu lium, mo chailin?: Virá comigo, minha dama?

Ó furrain: Pode?

Mo ghraidh: Meu amor.

GLOSSÁRIO E EXPRESSÕES SAGA VANIR II

Asgard: residência dos deuses, em particular dos Aesir.

Barnepike: ama.

Bastão do concílio: bastão que legou Odin ao líder do clã berserker para que o levasse com ele como símbolo da paz entre os clãs.

Bráthair: irmão em gaélico.

Bror: irmão em norueguês.

Canto joik: o canto do noaiti que evoca os espíritos.

Cáraid: casal em gaélico.

Comitatus: um grupo de pessoas que se reconhecem como família entre eles embora não haja vínculo sanguíneo que os una. O comitatus se dá entre os berserkers.

Constantes: sacerdotisas que recebem a imortalidade para combater o mal eternamente.

Druht: dom de profecia e adivinhação.

Hallsbånd: o colar que se usa no pacto de escravidão e que submete ao que o põe.

Jotunheim: residência dos gigantes, considerado a origem de todo mal.

Juramento piuthar: juramento que se pronuncia entre as irmãs sacerdotisas.

Katt: gata.

Kompis: companheiro.

Kone: como os berserkers chamam a suas companheiras, significa “mulher esposa”.

Leder: líder.

Matronae: nome que se dá às sacerdotisas que apóiam as constantes.

Midgard: o nome que os deuses nórdicos dão à Terra.

Noaiti: o xamã do clã berserker, também conhecido como “o Senhor dos animais”.

Nonne: apelido carinhoso que se dá às irmãs, vem a ser como “irmãzinha”.

Nornas: as três parcas nórdicas que tecem o destino.

Od: Um dos dons que outorga Odin aos berserkers. Trata-se da fúria animal.

Pactuo slavery: pacto de escravidão que se dá no clã berserker quando um homem insulta uma mulher.

Ragnarök: Batalha final em que perecem deuses, jotuns e humanos.

Reflekt: apelido carinhoso dos berserkers a suas companheiras. Significa “reflexo”.

Seidr: magia enfeitiçante muito poderosa.

Seidrman: bruxo da magia negra seidr.

Slave: escravo em norueguês.

Soster: irmã.

Spädom e Drom: livros de profecias e sonhos do noaiti.

Valhalla: residência das valquírias e de Freyja.

Vanenheim: residência dos Vanir.

Velge: A ungida.

Voluspä: a profecia da vidente. Fala do ragnarök.

Völva: vidente.

GLOSSÁRIO E EXPRESSÕES SAGA VANIR III

Allaidh: Significa “Pai” em gaélico.

Asynjur: Grito de guerra das valquírias.

Chakra: Casas circulares dos celtas.

Comharradh: É o sinal, em forma de nó perene, que sai as companheiras vanírias que foram vinculadas e seladas pelos deuses Vanir. Significa “Sinal” em gaélico.

Cruithni: Significa “Picto” em gaélico.

Guddine: Significa “Dos deuses” em norueguês.

Keltoi: Significa “Celta” em gaélico.

Piuthar: Significa “Irmã” em gaélico.

Priumsa: Significa “Príncipe” em gaélico.

Sitíchean: Nome pelo qual são conhecidas as fadas entre os celtas.

Víngolf: É a casa em que residem as valquírias em Valhalla.

Zan Mey: Significa “Bênção” em japonês.

FRASES EM GAÉLICO

A ghiall, no toir não shollas rhuam: Por favor, não me deixe sem luz.

An de ana tu sin air moshon: Faria por mim?

Byth eto: Nunca mais.

Cac: Merda.

Dè' n gonadh a th' ann: Isso dói um montão.

Faoín: Tolo.

Ghon e mi gu doa: Dói muito em mim.

Is caoumh lium glu the mor: Eu te quero muito.

Is caoumh lium the: Eu te quero.

Mae: para sempre.

Mae, mo ghràidh: para sempre, meu amor.

Mo duine: Meu homem.

Mo leanabh: Minha menina.

Omhailt: Idiota.

Sin a tha' gam gonadh: Isso é o que mais mal me faz.

Tha mi' gona h-iarradh: Vou em sua busca.

GLOSSÁRIO E EXPRESSÕES SAGA VANIR IV

Álfheim: Reino dos elfos.

Asgard: Reino que compõe Vanenheim, Alfheim e Nidavellir.

Bue: Faixas largas de metal que levam as valquírias nos pulsos. Delas saem os arcos e as flechas.

Dísir: Deusas menores.

Druht: Dom que outorga Odin aos einherjars.

Dvelgar: Anão.

Folkvang: As terras de Freyja.

Furie: Fúria das valquírias.

Hanbun: “Metade” em japonês.

Hildskalf: Trono de Odin através do qual aparece a todos os reinos.

Hjelp: Remédio dos anões que supre a cura das valquírias.

Helbredelse: A cura das valquírias. Funciona com seus einherjars.

Hrmithur: Raça de gigantes.

Kompromiss: É o vínculo que se cria entre a valquíria e seu einherjar.

Muspellheim: Reino dos gigantes de fogo.

Nidavellir: reino anões.

Niflheim: Reino dos infernos.

Seirdrman: É o bruxo que utiliza a magia seidr para objetivos sombrios.

Sessrúmnir: Palácio da Freyja.

Svartalfheim: Reino dos elfos escuros.

Víngolf: Palácio de quinhentas e quarenta portas no qual residem as valquírias e seus einherjars.

GLOSSÁRIO E EXPRESSÕES DO SAGA VANIR V

Gjallarhorn: Chifre que anuncia o Ragnarök.

Heimdall: Guardião do Asgard.

Konfrontasjon: duelo entre valquírias. Enfrentamento.

Nig: Magia negra necromante.

Saechrinner: porco imortal do Asgard.

Seiridr: Magia negra.

PALAVRAS E INSULTOS EM JAPONÊS

Achike: Foda-se.

Ama: Cadela, puta.

Arigatô gozaimasu: Muito obrigado.

Baka: Tolo.

Baka yaro: Bastardo estúpido.

Bebi: Bebê.

Chijo: Ninfomaníaca.

Futago: Gêmeos.

Gomenasai: Sinto muito.

Hai: Sim.

Hanbun: Metade.

Hanii: Querido.

Heiban: Má.

Hoseki: Joia.

Iie: Não.

Kusu a taberu na!: Come merda!

Okama: Puto.

Onara atama: Cabeça de peido.

Onegai: Por favor.

Oni: Demônio.

Suteki: Lindo.

Yogen: Profecia.

